



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E  
ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

**CAMILA MIRANDA DE AMORIM RESENDE**

**REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA:  
um olhar sobre o cuidado**

Rio de Janeiro  
2015

CAMILA MIRANDA DE AMORIM RESENDE

REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA:  
um olhar sobre o cuidado

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Szapiro

Rio de Janeiro  
2015

R433 Resende, Camila Miranda de Amorim  
Reflexões sobre a família contemporânea : um olhar sobre o  
cuidado/ Camila Miranda de Amorim Resende. 2015.  
216 p. ; 30 cm

Orientador: Ana Maria Szapiro

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social - EICOS

1. Pais e filhos. 2. Cuidados. 3. Educação de crianças –  
Participação dos pais. I. Szapiro, Ana Maria. II. Universidade  
Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD – 649.1

## FOLHA DE APROVAÇÃO

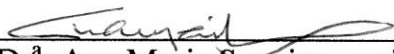
Camila Miranda de Amorim Resende


REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA:  
um olhar sobre o cuidado

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

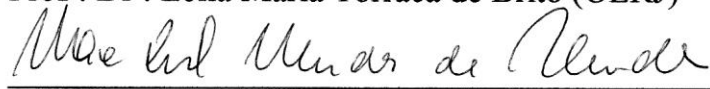
Aprovada em 28 de outubro de 2015

Banca Examinadora:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Szapiro – orientadora (UFRJ)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lila Lejarraga (UFRJ)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Maria Torraca de Brito (UERJ)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Mendes de Almeida (PUC-Rio)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro (UFRJ)

Suplente:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diva Lúcia Gautério Conde (UFRJ)

**Para meu filho Eduardo,  
com quem o cuidado  
ganhou um lugar ainda  
mais especial na minha vida.**

## AGRADECIMENTOS

À Ana Szapiro, minha grande mestre, a quem devo praticamente toda minha trajetória acadêmica e grande parte da profissional que hoje sou. Para sempre, meu “muito obrigada”!

Ao Cassio, meu amor... companheiro de todas as horas sem o qual não sei como seria possível a conclusão desta tese. Não há palavras suficientes para agradecer a força, o colo, o carinho, as noites mal dormidas, as milhares de viagens, as saídas com o Eduardo para me deixar sozinha... todo o suporte prático e emocional que me possibilitaram chegar até aqui.

À minha mãe, revisora, babá, quebra-galho para assuntos gerais... quem, apesar de não ter estado ao meu lado diariamente, não deixou de viver igualmente cada momento de angústia e de alegria proporcionado por este trabalho. Sua fé e seu colo darão sempre segurança à minha vida.

Ao meu pai, revisor, conselheiro... grande incentivador e apoiador não só desta importante caminhada, como de toda minha vida.

Às minhas avós, Tereza (*in memoriam*) e Mira, pela preocupação com tantas idas e vindas em prol desta tese, pelo carinho e pelas orações de sempre.

Às minhas tias, ao meu tio, à Lia e ao meu avô, por torcerem e vibrarem sempre com as minhas conquistas.

Aos meus sogros, que me deram grande apoio para a conclusão desta tese, em especial ajudando-me com o Eduardo.

Aos meus irmãos, cunhada, primos e amigos, que sempre me deram força e acreditaram no meu potencial. Destaco meu agradecimento especial à minha grande amiga e futura comadre, Lídia Negrís, por tanto acolher minhas angústias e me dar uma forcinha especial nas traduções.

Aos meus alunos e ex-alunos, que me deram a certeza de estar “no lugar certo”.

À Sônia Batista (*in memorian*), pela importância que teve em minha formação profissional.

Às professoras Rosa Pedro e Leila Torraca de Brito, por terem aceito integrar a banca e, principalmente, por tanto terem contribuído para este trabalho e para minha vida profissional como um todo.

Às professoras Ana Lila Lejarraga e Maria Isabel Mendes de Almeida, por terem aceito integrar a banca desta tese.

Aos queridos Paula e Ricardo, pela paciência e apoio nesses muitos anos de EICOS.

Aos pais e mães entrevistados, que abriram as portas de suas casas, de seus locais de trabalho, e, essencialmente, de suas histórias para contribuírem com a minha pesquisa.

Ao CNPq, por financiar esta pesquisa ao longo de todo o curso de doutorado.

## RESUMO

RESENDE, Camila Miranda de Amorim. **Reflexões sobre a família contemporânea: um olhar sobre o cuidado.** Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

Em um cenário de importantes transformações nas subjetividades, com destaque para mudanças na família, esta tese procurou investigar o sentido que adquire o cuidado dos filhos na contemporaneidade. Além da pesquisa bibliográfica sobre o tema, foram entrevistados oito pais e oito mães com o objetivo de compreender como entendiam o cuidar dos filhos. Observou-se que, próximo do sentido do educar, o cuidar na atualidade encontra-se intimamente perpassado pelo discurso da ciência, tal como propõe Lebrun (2004), tendo este se tornado um ponto de amparo para os pais. O discurso da ciência traz à cena do cuidar os enunciados dele derivados, cujos porta-vozes são os especialistas. Estes se tornam orientadores dos pais em detrimento dos discursos geracionais constituídos na experiência acumulada pelas gerações precedentes que já não são mais tomados como referências importantes, como transmissores das crenças, dos hábitos e dos modos de viver de uma dada cultura. Surge, assim, um novo “culto”, o “culto” aos especialistas, profissionais a quem os pais recorrem frequentemente para serem orientados sobre os mais diferentes aspectos ligados aos cuidados com os filhos. Deste modo, o sentido do cuidar na pós-modernidade se caracteriza por uma gestão, pelos pais, das ações de cuidado que se apoiam em enunciados científicos que se tornam, por sua vez, dispositivos regulamentadores da vida cotidiana. Caberia aos pais, assim, gerir ações de cuidado na direção de proporcionar aos filhos um desenvolvimento saudável, pleno de suas potencialidades.

Palavras-chave: Cuidado. Família. Transmissão. Pós-modernidade.



## ABSTRACT

RESENDE, Camila Miranda de Amorim. **Reflexões sobre a família contemporânea: um olhar sobre o cuidado.** Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

Considering a backdrop of major changes in subjectivities, highlighting changes in the family, this thesis aimed to investigate the new meaning of children care in the contemporaneity. In addition to the literature research on the topic, eight parents and eight mothers were interviewed in order to understand how they perceive the care of their children. It was observed that, closer to the sense of educating, taking care today is intimately permeated by the science discourse, as proposed by Lebrun (2004), which became a point of support for parents. The science speech brings to the scene of caring new premises, in which their spokespersons are the experts. They become parents guiders replacing the generational speeches made on the experience accumulated by previous generations that are no longer taken as important references, as beliefs, habits and ways of living transmitters of a given culture. Thus arose a new "cult", the "cult" to experts, professionals whom parents often turn to be informed about the different aspects related to child care. Thus, the meaning of caring in post-modernity is characterized by a parent management, acting on a care model that relies on scientific statements that become, in turn, regulatory devices of everyday life. It would be up to parents, thus, managing care actions toward providing children a healthy development, full of potentialities.

Keywords: Care. Family. Transmission. Post-modernity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 10
<b>SOBRE O ESTUDO DE CAMPO</b> .....	p. 13
<b>Entrevistados</b> .....	p. 16
<b>Análise dos discursos</b> .....	p. 16
<b>1 OS DISCURSOS SOBRE O CUIDADO</b> .....	p. 19
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CUIDADO EM HEIDDEGER .....	p. 20
1.2 “O CUIDADO DE SI” NA OBRA DE MICHAEL FOUCAULT .....	p. 21
1.3 A PSICANÁLISE E A QUESTÃO DO CUIDADO .....	p. 23
<b>1.3.1 A questão do sujeito em Psicanálise</b> .....	p. 23
<b>1.3.2 A teoria de Winnicott sobre o cuidado e a “mãe suficientemente boa”</b> .....	p. 29
1.4 O CUIDADO NA CONTEMPORANEIDADE .....	p. 39
<b>1.4.1 Cuidado no campo da saúde</b> .....	p. 39
1.4.1.1 Transformações na ideia de cuidado: a emergência do cuidador .....	p. 43
<b>1.4.2 O cuidado no campo jurídico</b> .....	p. 44
<b>1.4.3 Cuidado e família</b> .....	p. 47
<b>2 SUJEITO, CONTEMPORANEIDADE E CUIDADO</b> .....	p. 52
2.1 A PÓS-MODERNIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA .....	p. 53
<b>2.1.1 O sujeito na condição pós-moderna</b> .....	p. 55
2.1.1.1 Sob um cenário de mutações no laço social... ..	p. 55
2.1.1.2 Um “sujeito de direitos” ... ..	p. 57
2.1.1.3 Um sujeito autofundado? .....	p. 59
2.1.1.4 Um sujeito “conexionista”, flexível, desfilado... ..	p. 60
2.1.1.5 Um sujeito voltado à satisfação de suas vontades.....	p. 65
2.1.1.6 Qual o sentido do cuidado para o sujeito contemporâneo? .....	p. 66
<b>3 FAMÍLIA HOJE</b> .....	p. 69
3.1 BREVE INCURSÃO NA HISTÓRIA DA FAMÍLIA .....	p. 69
3.2 A EDUCAÇÃO DOS “RECÉM-CHEGADOS” .....	p. 70

3.3 UMA NOVA COMPREENSÃO SOBRE A INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O EDUCAR NA PÓS-MODERNIDADE .....	p. 72
3.4 UMA FAMÍLIA PÓS-MODERNA? .....	p. 78
3.4.1 Conversando a gente se entende... ..	p. 83
3.4.2 A centralidade dos filhos na atualidade .....	p. 88
3.4.3 Família pós-moderna: investimento nos filhos sob um princípio de não interferência? .....	p. 91
<b>4 UMA PROFUSÃO DE CUIDADOS .....</b>	<b>p. 93</b>
4.1 EDUCAR E CUIDAR: EM BUSCA DE NOVAS DEFINIÇÕES .....	p. 93
4.2 A FAMÍLIA COMO AGENTE DE MEDICALIZAÇÃO .....	p. 96
4.3 A REVOLUÇÃO “PSICO-HIGIÊNICA” E SEUS EFEITOS PARA O CUIDADO NA FAMÍLIA .....	p. 98
4.4 O DISCURSO DA CIÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO .....	p. 103
4.5. UMA PROFUSÃO DE ESPECIALISTAS .....	p. 106
4.6. COMO CUIDAR DE FILHOS? “MODOS DE PROCEDER” .....	p. 110
4.6.1 Algumas publicações voltadas ao cuidado de filhos .....	p. 112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>p. 117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>p. 124</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>p. 135</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ....</b>	<b>p. 136</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS-PILOTO .....</b>	<b>p. 138</b>
<b>ANEXO A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS .....</b>	<b>p. 139</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, desenvolvida no curso de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve como objetivo investigar o sentido que adquire o cuidado de filhos na contemporaneidade. Mais especificamente, interroga-se sobre a concepção de cuidado que hoje se delinea, considerando as transformações que assistimos no interior da família nos dias atuais.

A tese faz parte de uma trajetória de estudo pautada em indagações a respeito do mundo pós-moderno, como denominou Lyotard (2006) em “A condição pós-moderna”. Na discussão sobre as transformações no contexto da pós-modernidade, tomamos como referência principal as análises desenvolvidas por autores que chamam a atenção para mudanças da forma sujeito e das sociabilidades, consequências do desdobramento do processo de individuação moderno.

O advento da modernidade instaurou novas formas de ser e de estar no mundo. As ideias de Descartes conduziram a uma grande ênfase na interioridade do homem, o que abriu espaço para, ao longo da modernidade, se desenvolver o que Dumont (1985) analisou como uma ideologia individualista. Novas formas de viver instauraram-se a partir dessas transformações que privilegiaram a interioridade do sujeito, bem como sua razão.

A partir da segunda metade do século passado, novas transformações marcantes sucederam-se em todas as esferas da vida. Trata-se de mudanças que aqui entendemos como ligadas ao advento da pós-modernidade e que remetem a um desdobramento do processo de individuação moderno. Enquanto a modernidade se caracterizava pelo questionamento sobre as formas de submissão, a atualidade vem trazendo transformações oriundas de tais críticas.

Delineia-se, deste modo, um cenário social permeado por subjetividades e modos de relação pautados em características como a liberdade e a flexibilidade. Concebidas como marcas do capitalismo contemporâneo, como apontam Boltansky e Chiapello (2009), tais características passam a se constituir como valor em um cenário no qual emerge um sujeito que interroga a submissão a qualquer figura, inclusive às figuras de transcendência que historicamente eram instituidoras dos valores que regiam a vida social. Na família, alguns autores identificam um declínio da autoridade dos pais, o que teria implicado transformações profundas sobre a instituição familiar, com destaque para a emergência de relações preponderantemente horizontais, bem distintas das relações verticais típicas da família moderna.

Instaura-se um novo momento em que a autonomia e a liberdade individual ganham lugar de destaque. A vida é cada vez mais compreendida de forma individualizada na qual cabe a cada um deliberar livremente sobre ela. Desonerado das dívidas que marcavam e angustiavam o sujeito moderno este novo sujeito se concebe como livre para fazer as escolhas que desejar.

Este cenário vem colocando novas questões para as famílias, questões que podem ser observadas na vida cotidiana e que ganham ainda mais destaque quando analisadas a partir da experiência clínica em Psicologia. Pais são aqueles que historicamente respondem socialmente pelos filhos, aqueles que, no momento em que se tornam pais, passam a ocupar um outro lugar social marcado por inúmeras obrigações e responsabilidades, ainda que variáveis de acordo com o período histórico e a sociedade em que se vive. Articular as responsabilidades inerentes ao papel paterno/materno com as transformações em curso na atualidade, com destaque para a afirmação do igualitarismo e do exercício da liberdade individual, nos coloca diante de uma questão que demanda análise. Como, a partir dessas transformações, vem se constituindo o exercício da paternidade/maternidade?

Esta foi uma importante questão que nos conduziu a investigar o que hoje se compreende como cuidar de filhos. Elegemos o cuidado como objeto central da investigação, dado o destaque que têm recebido as ações de cuidado nas mais diversas áreas, como na saúde, na justiça e na família. Etimologicamente concebido como uma atitude de desvelo, preocupação, atenção (BOFF, 2011), o vocábulo cuidado aparece em muitos trabalhos como algo fundamental à vida, no sentido de o ser humano não poder prescindir do cuidado de outro ser humano para viver, como observa Winnicott (1977), entre tantos outros autores que se dedicaram ao tema do cuidar.

Observamos uma preocupação antiga sobre o cuidado de filhos associando-o a questões da saúde. Desde a emergência do “sentimento de infância” (ARIÈS, 1986), cuidar de filhos adquiriu um viés higiênico, o que fez com que a família, responsável por garantir a sobrevivência dos mesmos, passasse a ocupar um lugar central no exercício da biopolítica (FOUCAULT, 1979) que hoje é marcado por novos contornos e por diferentes e variados discursos.

Os saberes “psi” têm produzido grande influência sobre a família contemporânea. Mídias, profissionais, livros... são muitos os meios através dos quais os pais recebem diariamente informações sobre a melhor forma de cuidar. Por que tanta informação sobre como cuidar dos filhos na atualidade? Em meio aos questionamentos aqui levantados surge a

indagação central que norteia esta tese: Qual o sentido que vem adquirindo o cuidar de filhos na contemporaneidade?

A tese se divide em quatro capítulos. No primeiro capítulo dedicamo-nos a um levantamento das referências de estudos sobre a questão do cuidado. Grande parte deles se inicia com a fábula-mito de Higino, que concebe o cuidado como central à formação humana. Foram três os principais enfoques teóricos encontrados sobre o cuidado na pesquisa bibliográfica realizada: a concepção heideggeriana para a qual o cuidado é parte do ser humano e assume, assim, um sentido ontológico; as considerações foucaultianas sobre as transformações por ele observadas acerca do “cuidado de si”; e, finalmente, mais próximo da temática deste estudo, o trabalho de Winnicott sobre o cuidado na família. Enfatizamos ainda, neste capítulo, como o cuidado tem sido concebido em três diferentes campos que compreendemos como intimamente articulados: saúde, justiça e família. Todos três estão, a nosso ver, voltados direta ou indiretamente para uma discussão sobre a vida saudável, sobre o bem-estar dos sujeitos, algo que pode ser observado a partir de documentos e decisões judiciais, bem como de “modos de proceder” voltados a como cuidar dos filhos.

Considerações sobre as transformações na experiência subjetiva em curso na pós-modernidade se fazem necessárias para a análise das mudanças na concepção do cuidado de filhos. Por isso iniciamos o segundo capítulo introduzindo as mudanças características da pós-modernidade e suas implicações para a constituição subjetiva e, em seguida, passamos à análise do sujeito na atualidade, o sujeito que tomamos como pós-moderno. Partimos da compreensão de que este sujeito se constitui em um contexto de importantes transformações no laço social, onde emerge um novo modo de organização social pautado na “gestão das relações”. Surge, nesse cenário, um sujeito “pronto”, “completo” (SUPIOT, 2005). Um sujeito não mais definido por sua submissão a um Terceiro, mas por uma característica autorreferencial. Um sujeito “conexcionista”, flexível, que busca viver a experiência coletiva “sem amarras”, podendo “conectar-se” e “desconectar-se” a todo momento, em busca da satisfação de suas vontades.

Transformações maiores em curso conduziram a mudanças importantes na família, com destaque para as que dizem respeito à diferença de lugares entre pais e filhos. Sobre elas nos debruçamos no terceiro capítulo, no qual, após fazermos uma breve incursão sobre a história da família, nos dedicamos à compreensão do projeto moderno de educação de crianças para, em seguida, buscarmos entender o que tem sido concebido como infância na atualidade e suas implicações para o educar na pós-modernidade. Por fim, passamos a uma análise da família contemporânea, na qual observamos uma grande referência ao diálogo com

os filhos, bem como uma enorme valorização e conseqüente centralidade dos mesmos junto às famílias.

O quarto e último capítulo trata diretamente do que tem sido delineado como cuidado de filhos na pós-modernidade. Cada vez mais próximo do sentido de educar, o cuidar na atualidade encontra-se amplamente perpassado pelo discurso da ciência, com destaque para o psicológico. Cresce, assim, o número de especialistas solicitados pelos pais para cuidar, direta ou indiretamente, de seus filhos no sentido de uma busca por “modos de proceder” que garantam um desenvolvimento saudável e um futuro promissor para eles.

Para investigação de tal temática, além da pesquisa bibliográfica teórica sobre o tema, entrevistamos oito pais e oito mães, interrogando-os sobre as questões centrais ligadas ao cuidar de filhos na atualidade<sup>1</sup>. Vale salientar que a primeira etapa não se esgotou antes de se iniciar a segunda. A pesquisa teórico-conceitual voltada à busca e à reflexão sobre o material bibliográfico relacionado à referida temática, bem como a análise das entrevistas, foram procedimentos que coexistiram no decorrer da pesquisa.

## SOBRE O ESTUDO DE CAMPO

Com Amorim (1999) compreendemos que o encontro entre o pesquisador e “seu outro” nada tem de espontâneo, fácil ou idealizado; e que os métodos contêm estratégias de como encontrar o outro, mas que, para tal, precisam estar prontos para serem alterados, caso seja necessário. Realizamos, assim, entrevistas semiestruturadas, uma vez que estas permitem ao entrevistado discorrer livremente sobre o tema que lhe é solicitado. Este tipo de entrevista, também denominado por Minayo (2004) de “conversa com finalidade”, apresenta o roteiro apenas como elemento orientador. A ordem dos assuntos abordados é determinada frequentemente pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos temas e, desta forma, não obedece a uma sequência rígida (MINAYO, 2004).

As entrevistas foram realizadas com oito pais e oito mães acessados de forma aleatória a partir da indicação de conhecidos e se basearam em um roteiro<sup>2</sup> prévio de perguntas marcado pela flexibilidade, o que permitiu a adição de outras questões e/ou complementação das mesmas visando o aprofundamento de algum tema ou observação. O roteiro, produzido a partir da análise da pesquisa bibliográfica, funcionou, portanto, como um balizador para a condução da entrevista.

---

<sup>1</sup> A transcrição completa de todas as entrevistas realizadas encontra-se no “ANEXO A”.

<sup>2</sup> Ver “APÊNDICE A”.

Como a busca pelos participantes foi feita por meio da indicação de terceiros, a pessoa que fez a intermediação entre o possível entrevistado e a entrevistadora procurou se assegurar que o possível participante de fato desejava colaborar com a investigação. Após o aceite do mesmo, a pesquisadora entrou em contato pelo telefone com o possível entrevistado para agendar a entrevista, bem como para verificar se o indicado atendia às exigências estabelecidas para a amostra e informar sobre o compromisso com o sigilo dos dados fornecidos. Feito isso, agendou um encontro em local reservado escolhido pelo entrevistado, ocasião em que a entrevistadora discorreu brevemente sobre o trabalho para o entrevistado, destacando sua contribuição para o mesmo e mencionando a garantia do anonimato e do sigilo que envolve a pesquisa. Após uma conversa inicial objetivando “quebrar o gelo”, deu-se início à entrevista que foi gravada, com a autorização do entrevistado, e posteriormente transcrita, pela própria pesquisadora, para análise. A pesquisadora iniciou as entrevistas apenas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, sob o parecer número 294.362, e realizou as mesmas somente depois dos entrevistados assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>3</sup> no qual se estabelecia sua participação voluntária.

Foram previamente realizadas duas entrevistas-piloto, a fim de averiguar a funcionalidade do roteiro no que tange à obtenção de dados condizentes com os propósitos estabelecidos na pesquisa, já que, muitas vezes, como no caso em questão, na aplicação de tais entrevistas notam-se aspectos que demandam reformulação do roteiro. As entrevistas-piloto apontaram para a necessidade de deixar algumas questões mais abertas, proporcionando que os entrevistados falassem mais livremente sobre a temática do cuidado de filhos. A realização de tais entrevistas marcou também a necessidade de se acrescentar no roteiro questões diretamente associadas à temática geracional e à importância de outras pessoas e/ou instituições no cuidado de crianças, uma vez que são questões relevantes para a pesquisa e que poderiam não aparecer caso o roteiro usado nas entrevistas-piloto<sup>4</sup> não fosse modificado. Diante de importantes mudanças realizadas no roteiro, as entrevistas-piloto foram excluídas da pesquisa, pois muito se distanciaram das outras entrevistas realizadas.

Foram feitas dezesseis entrevistas, com oito pais e oito mães adultos, residentes na cidade do Rio de Janeiro ou nas cidades pertencentes ao Grande Rio, que conviviam, na época da entrevista, em relacionamentos heterossexuais e que tinham ao menos um filho com idade

---

<sup>3</sup> Ver “APÊNDICE B”.

<sup>4</sup> Ver “APÊNDICE C”.



entre seis e doze anos. Foi usado ainda como recorte o fato destes pais e mães morarem com seus filhos, sendo que os entrevistados não podiam ser casados/amigados entre si.

O recorte geográfico deu-se pela facilidade de contato da entrevistadora com moradores de tal região e, em especial, pela busca de uma visão característica de pais e mães moradores de cidades de grande porte, locais que geralmente são os primeiros a sentirem os efeitos das transformações em curso, com destaque aqui para as mudanças na família e suas implicações para um novo desenho do cuidado.

A escolha por pais e mães adultos justifica-se pelo desejo de aprofundamento da temática em questão sem que se tenha que tecer considerações sobre as especificidades associadas ao fato de ser pai ou mãe na adolescência. A idade dos filhos também funcionou como um importante recorte, uma vez que se buscou afastar o discurso de pais sobre o cuidado de filhos muito pequenos, bem como sobre o cuidado com filhos adolescentes, já que compreendemos que ambas as fases impõem questões específicas para o cuidado sobre as quais também não pretendemos nos aprofundar.

Além de atenderem aos recortes citados, buscamos entrevistar pais e mães, homens e mulheres, de diferentes classes sociais, sem, no entanto, voltarmos para uma análise sobre as questões de gênero e classe social. O que pretendemos com tal abertura foi possibilitar a emergência de discursos sobre o cuidado de filhos que não estejam associados a uma classe social ou gênero específico.

Tomando como hipótese o fato de que um novo sentido do cuidar tem se configurado a partir das transformações em curso na pós-modernidade, fomos em busca do que pais e mães compreendem hoje como cuidar. Contrariando as expectativas iniciais no que diz respeito a um tema com tantos possíveis entrevistados, não foi fácil encontrarmos dezesseis pessoas que atendessem às condições que selecionamos como recorte da pesquisa.

Cabe destacar que, subjacente ao desenho do caminho metodológico utilizado para investigar o sentido que adquire hoje o cuidado de filhos, está a compreensão adotada por esta tese sobre família. A concepção de família que tomamos aqui não diz respeito a nenhum arranjo familiar específico, apesar de termos feito um recorte para as entrevistas, qual seja, o de pais e mães que vivem juntos com seus cônjuges e seus filhos. Englobamos, com isso, pais de famílias nucleares, bem como de famílias recompostas ou reconstituídas. Fizemos a opção de não englobarmos famílias monoparentais por acreditarmos que a percepção do cuidado para um pai ou uma mãe que vive sozinho com seu filho é diferente de quem tem com quem dividir a responsabilidade por esse cuidado. Do mesmo modo, a exclusão de famílias monoparentais e reconstituídas que não tivessem ao menos um filho da união atual buscou

garantir a presença de ambos os pais na família de convivência. As chamadas famílias homoparentais, bem como outros arranjos possíveis de família, também não foram por nós englobadas, por entendermos que demandaria uma atenção especial a outras temáticas como, no caso da família homoparental, a questão da homossexualidade, o que não é de interesse desta pesquisa. A presente investigação buscou, então, evitar interferências de questões específicas destes últimos tipos de família para se aprofundar na questão do cuidado de filhos no cenário contemporâneo.

### **Entrevistados**

Entre junho e agosto de 2013 foram realizadas as dezesseis entrevistas com pais e mães que, na época, atendiam aos recortes por nós definidos. Sem a intenção de se estabelecer uma amostra representativa da população, fomos em busca de uma compreensão aprofundada do sentido do cuidado de filhos na atualidade.

Fábio, Débora, Sílvia, Sandra, Cláudia, Paulo, Alberto, Cristina, André, Jorge, Mauro, Rogério, Mônica, Tatiana, Renata e Ricardo foram os nomes fictícios escolhidos para representar os dezesseis homens e mulheres entrevistados. A faixa etária dos entrevistados foi de trinta e dois a quarenta anos entre as mulheres e de trinta e quatro a cinquenta e sete anos entre os homens. Sobre o número de filhos, observa-se que seis dos entrevistados tinham, na época da entrevista, apenas um(a) filho(a). Outros seis, tinham dois filhos(as), restando quatro entrevistados, sendo dois com três filhos(as) e os outros dois com cinco. Havia filhos de uniões anteriores o que, no entanto, não foi destacado na análise. A respeito do local de realização das entrevistas, nove entrevistados optaram por realizá-la em sua própria casa e outros sete no seu local de trabalho. Não foram feitas perguntas específicas sobre a situação socioeconômica de cada entrevistado, mas buscou-se uma seleção heterogênea de pais e mães a esse respeito feita a partir da atividade profissional dos mesmos. Dentre os entrevistados, três atuavam como faxineiros, dois como comerciários, dois disseram ser “do lar” e o restante, ao ser indagado sobre a profissão, declarou o seguinte: professor, empresário, babá, analista de sistemas, psicanalista, enfermeira, analista de vendas, jornalista e engenheiro eletrônico. As entrevistas tiveram entre meia hora e quarenta e cinco minutos de duração.

### **Análise dos discursos**

A partir das entrevistas, procedemos à análise dos discursos dos entrevistados buscando apreender o processo de produção de diferentes sentidos que os mesmos atribuíam ao cuidar de filhos. O objetivo da análise foi a exploração do conjunto de opiniões e representações sobre o cuidar de filhos que teve importantes pontos em comum entre os entrevistados. Além destes, foram destacados também discursos que divergiam da maioria e, deste modo, buscamos ressaltar tanto o que foi recorrente como o que se distanciou da concepção dos outros, algo que, segundo Gomes (2012), é essencial em um processo de análise de entrevistas.

A "análise do discurso", na perspectiva semiológica de Bakhtin (1995), foi a escolhida para a análise das entrevistas. Consideramos, pois, o discurso na sua polifonia, estando, assim, intimamente relacionado à situação social em que se insere. O dialogismo de Bakhtin (1995) considera o discurso como portador de uma multiplicidade de vozes, envolvendo necessariamente múltiplos sujeitos – falantes e ouvintes, locutores e interlocutores, escritores e leitores – que orientam e definem os rumos da produção discursiva. Utilizar uma abordagem dialógica é, como ressalta Amorim (2004), incluir a questão da alteridade, fundamental na pesquisa em ciências humanas.

O conceito de alteridade, observa Amorim (2004, p. 22), refere-se ao interlocutor do pesquisador: “Aquele *a quem* se dirige em situação de campo e *de quem* ele fala em seu texto”. É em torno da alteridade que se tece o trabalho do pesquisador. A análise e o manejo das relações com o outro constituem um dos eixos em torno dos quais se produz o saber em ciências humanas.

Assim como um sentido é efeito da relação entre os enunciados de quem fala e de quem compreende, a produção de conhecimentos em uma pesquisa se dá no encontro do pesquisador com o “seu outro”. É preciso considerar que, além do pesquisador, há um outro sujeito, expressivo, que fala, inesgotável em seu sentido e significado.

O pesquisador deve compreender, portanto, que o que ele procura só pode se dar como efeito de sua presença no jogo enunciativo.

Ele é locutor, posto que fala, e o que fala interfere necessariamente no sentido e na sequência do que diz o *outro*; *ele* é destinatário, posto que sua presença é necessariamente levada em conta por aquele que fala, o que o torna portanto coautor do que é dito; finalmente, o pesquisador é, também, objeto do discurso do outro, o que faz com que ninguém possa saber sobre o que sealaria caso ele ali não estivesse. Porém, mesmo perdido nesse emaranhado vertiginoso de perspectivas, ele não deixa de ser pesquisador. (AMORIM, 1999, p. 137)

No dialogismo, o texto se estrutura tendo como forma principal o diálogo. Nesta investigação, estamos colocados, portanto, diante de um imenso e movimentado diálogo do qual participam múltiplos personagens: a autora, os pais e mães entrevistados, assim como os teóricos citados. Estes últimos são igualmente personagens, uma vez que comparecem como sujeitos de um discurso. Assim, e deixando-nos conduzir pela problemática em questão, escolhemos as partes que poderiam ser agrupadas e construímos importantes eixos de pesquisa que aqui chamamos de dimensões temáticas. Seleccionamos cinco dimensões temáticas que consideramos importantes para os objetivos da pesquisa. Foram elas: “Cuidar e educar: em busca de uma definição”; “O que se transmite?”; “Limites”; “Ênfase em um discurso psicologizado”; “Família hoje”.

Vale destacar que o propósito da análise de “ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas” (GOMES, 2012, p. 80) uniu-se ao da interpretação que, segundo Gomes (2012), é onde se buscam os sentidos das falas para se chegar a uma compreensão da temática em questão. A análise feita nesta tese já reflete, portanto, uma interpretação, sendo apresentada ao longo de todo o processo de escrita da mesma. Deste modo, as falas dos entrevistados, bem como a análise e a interpretação das mesmas, se encontram entremeadas às questões teóricas que envolvem o tema central da tese, qual seja, interrogar o sentido que adquire o cuidado de filhos na contemporaneidade.

## 1 OS DISCURSOS SOBRE O CUIDADO

Cuidado, nos clássicos dicionários de filologia, era usado em um contexto de relações de amor e de amizade; expressava a atitude de desvelo, de preocupação e de inquietação por pessoas ou por objetos estimados (BOFF, 2011). Ainda de acordo com Boff (2011), a origem da palavra cuidado pode ser remetida ao “cogitare-cogitatus” e às suas derivações, como “coyedar, coidar, cuidar”. “Cogitare-cogitatus” tem como significado “cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação” (BOFF, 2011, p. 91).

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILAR, 2009, p. 581), o vocábulo cuidado tem os seguintes significados:

1 submetido à rigorosa análise; meditado, pensado [...] 2 aprimorado, bem feito [...] 3 que foi ou é objeto de tratamento especial, zelo, bom trato; tratado [...] 4 propositado, premeditado, previsto, calculado [...] 5 atenção especial [...] 6 inquietação, preocupação [...] 7 zelo, desvelo que se dedica a alguém ou algo [...] 8 objeto ou pessoa desse desvelo 9 encargo, incumbência, responsabilidade [...] 10 lida, trabalho, ocupação [...] 11 exprime advertência, necessidade de atenção, de cautela.

De acordo com o dicionário de sinônimos e antônimos (HOUAISS, 2013), associa-se aos vocábulos “cautela” (atenção, precaução, prudência), “cortesia” (atenção, delicadeza, gentileza), “responsabilidade” (conta, encargo, incumbência) e “zelo” (aplicação, atenção, dedicação, desvelo, diligência, empenho, esforço). Há, portanto, uma reiterada associação da ideia de cuidado às concepções de desvelo, preocupação e atenção para com uma pessoa ou um objeto.

A fábula-mito de Higino tem influenciado a ideia de cuidado em diferentes áreas do conhecimento ao longo dos últimos séculos. Higino foi um poeta grego levado para Roma entre os prisioneiros da guerra logo após a conquista de Alexandria, no ano quarenta e sete a.C. Libertado pelo imperador Augusto e nomeado diretor da Biblioteca Palatina, Higino escreveu várias obras, dentre as quais se destacam as “Fábulas ou Genealogias” (ROCHA, 2011).

A obra “Fábulas ou Genealogias” consiste em uma recopilação de trezentas lendas, histórias e mitos da tradição grega e latina (BOFF, 2011). Dentre estas, ganhou grande destaque a fábula-mito sobre o tema do cuidado, designado na língua latina pela palavra “cura”. Esta fábula-mito, de origem grega, teria sido reelaborada por Higino nos termos da

cultura romana, passando a ser mais difundida depois de utilizada por Heidegger em sua obra “Ser e tempo”.

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus”. (HEIDEGGER, 2012, p. 266)

Nesta fábula-mito, Higino trata da íntima relação entre o cuidado e a vida humana através de figuras mitológicas. Para explicar o sentido do cuidado, Higino se apoia na concepção de criação do ser humano a partir do barro da terra, muito difundida em culturas de todo o mundo. É porque a Cura é a responsável por dar forma a um pedaço de húmus, que o cuidado é concebido como essencial à formação do homem. Ainda que a origem do homem dependa também de outros elementos, como o espírito e a terra, sua formação é delegada prioritariamente ao cuidado. O cuidado adquire, na fábula-mito, um sentido de centralidade na formação do ser humano.

### 1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CUIDADO EM HEIDEGGER

Na revisão bibliográfica realizada, encontramos a temática sobre o cuidado tratada em três enfoques principais: a análise filosófica à luz da teoria de Heidegger; o cuidado na obra foucaultiana; e no campo da Psicanálise, principalmente na perspectiva de Winnicott.

Heidegger, em “Ser e Tempo” (2012), utilizou-se da concepção de cuidado exposta na fábula-mito de Higino para destacar a “cura” como elemento próprio e essencial do humano. Ressaltou a indistinção entre cuidado e vida humana e afirmou que “[...] a cura se acha, do ponto de vista existencial-*a priori*, ‘antes’ de toda ‘atitude’ e ‘situação’ da presença, o que sempre significa dizer que ela se acha *em* toda atitude e situação fática” (HEIDEGGER, 2012, p. 260-261, grifo do autor). É neste sentido que Costa (2009, p. 30) argumenta que ambos, vida e cuidado, “entrelaçam-se, confundem-se em uma só unidade: o homem, vivendo, cuida; cuidando, vive”. O cuidado seria, então, ainda segundo este autor, um “estado de ânimo” anterior às escolhas que podemos fazer. Todos, a todo tempo, cuidamos.

Heidegger (2012) não pensava o cuidado em termos psicológicos, o que importava para ele eram os fundamentos que estavam na base da compreensão do sentido de ser. Ele utilizava o termo “cura” “[...] do ponto de vista puramente ontológico-existencial” (HEIDEGGER, 2012, p. 260). Em sua obra “Ser e Tempo” (HEIDEGGER, 2012), elaborou uma reflexão do homem como “ser-no-mundo”, destacando que o “ser-no-mundo” é cuidado. Há, a partir desta perspectiva, sempre uma manifestação de um tipo de cuidado em tudo o que fazemos.

Na concepção heideggeriana, o cuidado é parte do ser humano, é um modo de ser que se encontra atuante em todo e qualquer comportamento humano, e não uma escolha consciente de cada um. O cuidado em Heidegger assume, assim, um sentido ontológico. Sem cuidado, para Heidegger, deixaríamos de ser humanos.

## 1.2 “O CUIDADO DE SI” NA OBRA DE MICHAEL FOUCAULT

Ao tematizar a problemática da sexualidade, Foucault (2014) se volta ao tema do “cuidado de si” e busca compreender como, nas sociedades ocidentais modernas, foi possível aos indivíduos se reconhecerem como sujeitos de uma sexualidade. Destacando que seria difícil analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do século XVIII, sem empreender uma genealogia do tema, ele considerou ser fundamental fazer uma análise das práticas através das quais os indivíduos foram levados a voltarem sua atenção a si mesmos e a se assumirem como sujeitos de desejo.

De início, dedicou-se a analisar de que modo a atividade sexual havia sido problematizada na cultura grega clássica no século IV a.C., objeto do segundo volume da “História da sexualidade” (FOUCAULT, 2007). Ali ele descreve as reflexões morais na antiguidade grega ou greco-romana como um conjunto de recomendações, sublinhando que, para os antigos, estavam ausentes questões que na sociedade moderna ocidental ganharam grande importância, como a natureza do ato sexual como pecado, a fidelidade monogâmica, as relações homossexuais, a castidade, dentre outras.

Na antiguidade grega, afirma Foucault (2014), a atividade e os prazeres sexuais eram problematizados através de práticas chamadas de “artes da existência” ou “técnicas de si” que consistiam em:

[...] práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em

seu singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 2014, p. 193)

A noção de “cuidado de si”, ressalta Foucault (2010), surgiu de forma mais clara em Sócrates que concebia o cuidado como algo que devia ser, nas palavras de Foucault (2010, p. 9), “cravado” na existência do homem. O “cuidado de si” era então concebido como uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo (FOUCAULT, 2010). Do mesmo modo, era também entendido como uma forma de atenção, de olhar, ou seja, para “cuidar de si” era preciso que se convertesse o olhar para “si mesmo”; ação que, na antiguidade clássica, pretendia purificar e conduzir os homens a se transformarem e consistia em técnicas de meditação e em exame de consciência. O “cuidar de si” era sinônimo de “conhecer-se a si mesmo” e, por isso, compreendido na sua positividade até o advento do Cristianismo.

Foucault (2010) destaca que o “cuidado de si” tinha estreita relação com o exercício de poder. Compreendia-se que não era possível governar os outros (bem governar os outros), se não se estivesse ocupado consigo mesmo. O “cuidado de si” voltava-se àqueles jovens aristocratas destinados a exercer o poder. Além desta determinação etária, o “cuidado de si” era concebido como tendo uma justificação precisa, qual seja, ocupar-se consigo mesmo visando exercer o poder ao qual se está destinado de forma virtuosa.

No terceiro volume da “História da Sexualidade”, Foucault (2002) observa que, a partir dos séculos I-II de nossa era, “cuidar de si” se tornou um princípio geral e incondicional, ou seja, passou a se impor a todos, durante todo o tempo e sem condição de *status*. A finalidade do “cuidado de si” desviou-se do sentido de exercer o poder para um fim em si mesmo. Com isso, passou a ser uma obrigação permanente de todos e deveria durar a vida toda. “Ocupar-se de si” tornou-se uma prática intimamente relacionada à liberdade. “Cuidava-se de si” para conhecer-se a si mesmo.

O aumento da austeridade sexual na reflexão moral toma forma de uma intensificação da relação consigo. O contexto das exigências de austeridade sexual é caracterizado pelo desenvolvimento da “cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo. Foucault (2002) destaca que, no entanto, aquilo que à primeira vista pode ser considerado uma severidade mais marcada, não deve ser interpretado como um estreitamento das interdições, mas como o modo pelo qual o indivíduo deve se constituir como sujeito moral.

Com o Cristianismo, emergiu uma nova concepção do “cuidado de si”, agora voltada para uma atitude de conhecimento de si mesmo, através da qual se impuseram novas



obrigações de verdade. Não se trata mais de um indivíduo na Pólis, como na Grécia Antiga. As regras austeras advindas do princípio “ocupa-te contigo mesmo” foram retomadas no Cristianismo de forma distinta. Ocupar-se de si poderia tornar-se uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou interesse individual, em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo.

Na narrativa cristã, o “cuidado de si” emerge através de uma atitude de vigilância sobre si que deve ser permanente. O homem cristão deve “cuidar de si” buscando vigiar suas tentações e descobrir seus pecados. No contexto da pastoral cristã, o “cuidar de si” volta-se a um “renunciar a si”, “corrigir” a si mesmo, sentido este distinto daquele da antiguidade, quando o “cuidado de si” estava associado à busca de uma “verdade de si” (FOUCAULT, 2014).

Identificamos, assim, com a obra de Foucault, transformações de sentido do “cuidado de si”. Diferente da antiguidade, quando a prática do “cuidado de si” era um processo necessário ao exercício na vida coletiva e associava-se a um indivíduo na Pólis no sentido de bem governar, o “cuidado de si” se volta, com o advento do Cristianismo, para um “corrigir-se a si mesmo”, com o objetivo de alcançar a salvação. A inflexão necessária sobre si mesmo demandada pelo Cristianismo, ocorrida através do sacramento da confissão, corresponde a um olhar para si no sentido de busca dos erros e pecados, dirigindo o indivíduo à salvação, em lugar de uma busca de aperfeiçoamento da relação consigo que caracterizava o homem grego na Pólis.

### 1.3 A PSICANÁLISE E A QUESTÃO DO CUIDADO

A partir da revisão bibliográfica realizada, a obra de Winnicott é a que apresenta um sentido do cuidado mais próximo ao que investigamos, uma vez que trata do cuidado na família, mais especificamente, do cuidado de filhos. Compreender e analisar tal obra demanda, inicialmente, que tenhamos algumas considerações sobre o campo da Psicanálise, onde tal autor se insere.

#### 1.3.1 A questão do sujeito em Psicanálise

O sujeito da Psicanálise é o sujeito do Inconsciente o que, a partir de Freud, deixa de ser uma forma adjetiva para designar o que não é consciente. Em sua primeira concepção sobre o aparelho psíquico, conhecida como primeira tópica, Freud toma o Inconsciente como

instância psíquica. Esta concepção implicou a modificação da ideia de sujeito como concebida até então, o sujeito do conhecimento. Como disse Freud (1917/1996, p. 153): “o eu não é o senhor da sua própria casa”.

Em “Inibições, sintomas e ansiedade”, Freud (1926[1925]/1996) destaca o estado de desamparo e dependência prolongada da criança que vem ao mundo inacabada. A reduzida vida intrauterina do homem lhe confere um despreparo para a vida ao nascer e, conseqüentemente, uma total dependência da mãe ou de alguém que ocupe sua função. Para Freud (1926[1925]/1996), o estado de desamparo/despreparo inicial do ser humano promove uma intensificação da influência do mundo externo sobre ele, ou seja, os perigos do mundo externo ganham para o homem uma importância maior, uma vez que sozinho não tem condição de sobreviver.

Esta condição humana de despreparo Bolk (1961) denominou neotenia humana. Neóteno é aquele ser que retém ou estende sua juventude, sua prematuridade, por longos anos, inclusive na sua forma madura. No ser humano, certas características juvenis, normalmente transitórias, ao invés de desaparecerem, perduram e se instalam como características definitivas. É neste sentido que, destaca Bolk (1961), o estado de prematuridade humana tem como consequência, dentre outras, o alongamento considerável do período de maternagem. A condição de neotenia diz respeito, portanto, à dependência do ser humano quando chega ao mundo devido à sua extrema prematuridade. É este estado de inacabamento do homem ao nascer, chamado por Freud de despreparo, que conduz o homem à necessidade de ser cuidado.

A dependência de uma outra pessoa se impõe, pois, desde o início da existência do ser humano. O aparelho psíquico busca se livrar dos estímulos, o que só é possível através da descarga de excitação que recebe. Como não é capaz de executar por si mesmo a ação específica necessária para aliviar a tensão decorrente do acúmulo de excitação, como a fome, só o faz através do auxílio de um outro (FREUD, 1950[1895]/1996). A ação específica para reduzir a tensão se realiza, então, com a ajuda de um outro que fornece ao bebê, no caso da fome, o alimento, aliviando, assim, a tensão.

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 370, grifo do autor)

A partir da eliminação da tensão interna, diz Freud, a experiência de satisfação fica associada à imagem do objeto que lhe proporcionou a satisfação, bem como à imagem do movimento que permitiu a descarga. Devido a essas associações, quando surge novamente o

mesmo estado de tensão produzido pela mesma necessidade, emerge um impulso psíquico que procurará repetir a experiência de satisfação, reinvestindo a imagem do objeto e revocando a própria percepção, reproduzindo a situação de satisfação original. É este impulso que Freud (1900-1901/1996) chama de desejo.

A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de “desejo”; afirmando que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. (FREUD, 1900-1901/1996, p. 624-625)

O desejo é, assim, um impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a algo que já não é mais. É agora um objeto perdido cuja presença anterior será marcada pela experiência da falta (GARCIA-ROZA, 2001), o que faz com que o desejo jamais possa ser satisfeito. Diferente da necessidade que implica satisfação, o desejo pode realizar-se em objetos, mas não se satisfazer com eles. A estrutura do desejo implica essencialmente a inacessibilidade do objeto e é precisamente isso que o torna indestrutível (GARCIA-ROZA, 2001). Toda realização obtida coloca imediatamente uma nova insatisfação, o que mantém o deslizamento constante do desejo em uma rede sem fim de significantes. O objeto perdido continua presente, como falta, procurando realizar-se através de uma série de substitutos que formam uma rede contingente, mantendo a permanência da falta.

No ser humano, a figura da mãe ou sua representante é a que, através dos cuidados iniciais, torna possível ao bebê alcançar um estado de prazer. A mãe se constitui como a primeira a promover satisfação para o bebê, o que a faz ser concebida como primeiro objeto de amor do mesmo. Os cuidados maternos, ao mesmo tempo que buscam satisfazer as necessidades do bebê, fornecem também o prazer associado à satisfação das necessidades. Por geralmente incluir carícias, beijos, aconchegos, promovem uma excitação que contempla a criança com os sentimentos derivados da vida sexual do adulto (FREUD, 1905/1996). Erotizam, deste modo, o corpo da criança, aspecto fundamental a ser considerado no desenvolvimento do bebê.

Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se em um ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. (FREUD, 1905/1996, p. 211)

Para Lacan (1999), é o desejo do outro, no caso da mãe ou da sua representante, que tira o bebê da condição de “pedaço de carne”, como ele denominou o estado inicial do neóteno humano, e propicia que ele se constitua como sujeito. Em “Sobre o Narcisismo”, Freud (1914/1996) descreve este processo destacando que é necessário um investimento do outro para que haja um investimento do eu. O bebê advém, diz Freud, como uma idealização das figuras parentais, uma espécie de utopia redentora de suas decepções e feridas narcísicas. O filho seria aquele que, na fantasia dos pais, realizaria tudo aquilo que foi impossível a eles. É, por isso, “sua majestade o bebê” (FREUD, 1914/1996, p.98).

Por ser quem inicialmente nomeia, interpreta e, assim, dá existência ao bebê, a mãe ou sua representante é, para Lacan (1999), um Outro primordial. É a mãe, portanto, a primeira a ocupar, para o bebê, o lugar do Outro<sup>5</sup>. A criança depende do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal. Para Lacan (1999), o que o bebê deseja não diz respeito à simples atenção, contato ou presença da mãe, mas sim ao desejo da mãe. O desejo da criança “é o desejo do desejo da mãe” (LACAN, 1999, p. 188).

Tendo a mãe como primeira simbolização, a criança está submetida à lei<sup>6</sup>, a lei da mãe. Como primeiro representante do Outro, a mãe fornece significantes ao bebê, “etiqueta-o” com suas “primeiras palavras”. É ela quem diz por ele coisas como “ele está com sono”, “ele não gostou desta comida” etc. O fato da mãe ser falante basta para legitimar a expressão “lei da mãe” (LACAN, 1999). Essa lei é, no entanto, não controlada, lembra o autor.

Reside simplesmente, ao menos para o sujeito, no fato de que alguma coisa em seu desejo é completamente dependente de alguma outra coisa, que sem dúvida já se articula como tal, e que é realmente da ordem da lei, só que essa lei está, toda ela, no sujeito que a sustenta, isto é, no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má. (LACAN, 1999, p. 195)

Lacan (1999) chama a criança neste primeiro momento de “assujeito”, uma vez que, a princípio, ela se experimenta e se sente profundamente “assujeitada” ao capricho de quem depende. Nas palavras de Lebrun (2004, p. 27), “a mãe é esse outro mesmo de que será preciso que a criança se separe para se tornar sujeito e, nesse trajeto, é atribuído ao pai, esse outro outro, vir fazer contrapeso”. Nunca tendo sido um parceiro simbiótico pleno da criança,

---

<sup>5</sup> Outro é um “termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558). Esse Outro, vale notar, é a ordem inconsciente, a ordem simbólica, que se distingue do outro (com “o” minúsculo) que é o semelhante, o outro sujeito (GARCIA-ROZA, 2001).

<sup>6</sup> “Aqui chamamos de *lei* aquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei” (LACAN, 1999, p.152, grifo do autor).

o pai<sup>7</sup> é quem melhor pode auxiliar o filho a ultrapassar seu período de onipotência originária, no qual o narcisismo infantil investe na identificação primária com a mãe onipotente. Isto corresponde ao que, a partir de Freud, foi identificado como Complexo de Édipo.

O Complexo de Édipo é uma questão central na Psicanálise freudiana. Trata-se de afirmar o caráter inconsciente da representação pela qual se exprime o desejo da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade pelo genitor do mesmo sexo. Freud (1940[1938]/1996) observa que a dissolução deste Complexo só se dá a partir do Complexo de Castração, através do qual o filho reconhece na figura paterna um representante do terceiro interditor que faz obstáculo à realização dos seus desejos. O pai aparece, então, como um terceiro elemento, essencial na mediação entre mãe e filho. Ao oferecer à mãe outras formas de satisfação que não o bebê, o pai faz com que a intensidade pulsional da mãe não seja totalmente descarregada na criança. Este terceiro interditor, portanto, trabalha no sentido de limitar a “loucura”, o excesso materno. Ele intervém para separar e limitar o perigo de apassivação que ameaça a individuação da criança. Após a entrada deste terceiro, o filho terá que abandonar o investimento de amor feito na mãe em prol de uma identificação com o pai, o que lhe garantirá, futuramente, outra escolha de objeto e novas identificações (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Assim como Freud, Lacan destaca o Complexo de Édipo como algo essencial à constituição subjetiva. Lacan (1999) concebe o Complexo de Édipo em três tempos. No primeiro tempo, o que a criança busca é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, ser o desejo do desejo da mãe. Para tal, se identifica specularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe e, assim, se constitui como seu falo. Para agradá-la, nas palavras de Lacan (1999, p. 198), “é necessário e suficiente ser o falo”. Neste sentido, a criança não pode ainda ser vista como um sujeito, mas como o complemento da falta da mãe. Vale lembrar que Freud, em “Sobre o narcisismo” (1914/1996), já ressaltava que a relação entre mãe e filho é um caso específico em que a criança, por ter sido parte do corpo da mulher, pode dar lugar a um amor objetual completo, apesar de, uma vez gerada, passar a constituir um objeto externo.

No primeiro tempo do Édipo, a instância paterna se introduz de uma forma velada. O pai aqui geralmente funciona da mesma forma que a mãe: como aquele que protege, alimenta, acaricia. Deste modo, não existe, neste momento, três elementos, mas apenas dois: a mãe e o falo.

---

<sup>7</sup> Vale salientar que quando falamos “pai” nos referimos à função paterna em Psicanálise, e não à existência de um pai encarnado. Como destaca Dor (2011, p. 17), “o papel simbólico do pai é sustentado, antes de mais nada, pela atribuição imaginária do objeto fálico. Nessas condições, basta que um terceiro, mediador do desejo da mãe e do filho, dê argumentos a esta função para que seja significada sua incidência legalizadora e estruturante.”

O segundo tempo do Édipo é caracterizado pela intervenção do pai como privador, tanto da criança, como da mãe (GARCIA-ROZA, 2001). O pai aparece como um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno (LACAN, 1999). O pai deste momento é duplamente privador: priva a criança do objeto de seu desejo; e a mãe de seu objeto fálico. É essa dupla privação que vai permitir à criança superar o momento fusional anterior e ter acesso à lei do pai. É na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna apenas objeto do desejo da mãe (LACAN, 1999).

O pai é concebido, neste momento, como a própria lei, como aquele que interdita e desloca o desejo da mãe. Limita, assim, o poder da mãe, produzindo a disjunção mãe-fálica/criança-falo. A criança deixa de ser o falo e a mãe deixa de ser a lei. É possível, deste modo, produzir um afastamento da criança com relação ao que vivenciou até então, substituindo o registro do ser (ser o falo) pelo registro do ter, ou seja, ter um desejo não mais onipotente, mas limitado.

O pai entra neste jogo como um terceiro portador da lei, como interditor. Essa entrada do pai, é importante destacar, se faz através do discurso da mãe, que o reconhece como representante da lei. É mediado pelo discurso da mãe que o pai exerce sua dupla proibição, qual seja, “não te deitarás com tua mãe” (LACAN, 1999, p.209), ao filho, e “não reintegrarás teu produto”, à mãe (LACAN, 1999, p.209). É essa função paterna que Lacan denomina de “Nome do Pai”.

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, como fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai. (LACAN, 1999, p. 199)

“Nome do Pai” é aquilo que, segundo Lacan (1999, p. 152), “subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro”.

No terceiro tempo do Édipo, o pai deixa de ser visto como a lei para ser concebido como o representante dela. O pai passa a intervir como aquele que tem o falo e não como o que é o falo. É por intervir desta forma que o pai pode, a partir de então, reinstaurar a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar (LACAN, 1999).

Diferentemente do pai onipotente do segundo tempo do Édipo, que priva a mãe e a criança, o pai no terceiro tempo é o que pode dar à mãe o que ela deseja e pode dar porque o possui, lembra Lacan (1999). O pai intervém como potente e é por isso que é internalizado como “ideal do eu” (LACAN, 1999). Ocorre, neste momento, a substituição da identificação da criança com o “eu ideal” para uma identificação com o “ideal do eu”. Enquanto identificada com o “eu ideal”, a criança identificava-se com o falo. Ao ser produzida a disjunção criança-falo, o pai passa a ser o representante do ideal com o qual a criança vai, então, se identificar. Através da interdição paterna, a criança promove, pois, o processo de deslocamento de si mesma como ideal, onde reina a onipotência originária, para tomar como ideal algo que lhe transcende.

A identificação não é, portanto, propriamente com o pai, mas com o que o mesmo representa. Dá-se, então, a interiorização da lei que possibilita à criança se constituir como sujeito. É o momento em que a criança toma consciência de si mesma como uma entidade distinta e como sujeito e é introduzida na ordem da Cultura.

A realidade psíquica do sujeito se organiza, assim, a partir da confrontação com a assimetria de base da conjuntura familiar. Primeiramente, o Outro, como lugar da linguagem, é representado pela mãe. O pai, por sua vez, surge como agente da operação que possibilita ao futuro sujeito sustentar seu desejo singular (LEBRUN, 2004). O pai tem, deste modo, o encargo de deter um possível engolfamento materno, bem como de permitir uma relativa confrontação do filho com o vazio, de tornar possível para ele a convivência com sua existência (LEBRUN, 2004).

Ao longo do Complexo de Édipo ocorre, então, um processo de “desfalicização” que conduz o sujeito para a alteridade. Esse é o processo que implica o descentramento do sujeito do “eu ideal” e a perda da arrogância fálica do mesmo. Só assim é possível para o sujeito caminhar no sentido de dar lugar para o outro na sua existência, reconhecendo o outro como tal e não como simulacro de si mesmo. Passa a ser possível o exercício da alteridade e o reconhecimento da diferença. Enfim, a interdição paterna impõe ao sujeito a sua inscrição em um sistema de filiação e de reconhecimento do outro, o que mais uma vez reforça a importância da entrada do terceiro diante da relação fusional mãe-filho.

### **1.3.2 A teoria de Winnicott sobre o cuidado e a “mãe suficientemente boa”**

Winnicott pensou a constituição psíquica do sujeito a partir de um estado de vulnerabilidade e de dependência. É com base neste pressuposto que Winnicott (1977, p. 99)

enuncia: “[...] não existe tal coisa chamada bebê”. Ele destaca, com este enunciado, a impossibilidade de descrevermos um bebê como unidade fechada em si mesma, ou seja, é preciso sempre considerá-lo em uma relação. No momento inicial da vida, o bebê não tem existência própria, autônoma. Como ser neóteno (BOLK, 1961) traz uma extrema dependência do meio ambiente.

Para Winnicott (1977), existe em todo ser humano uma “tendência inata para a vida”. O ímpeto do bebê para a vida, para o crescimento e para o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo inato, segundo o autor. A dependência do bebê em relação ao ambiente não altera a tendência inata do bebê para a vida e para o desenvolvimento (WINNICOTT, 1977).

Sem a provisão ambiental humana o bebê não é capaz de atingir as gradações de desenvolvimento que herdou como tendência (WINNICOTT, 2011). O processo maturacional por si só não é, pois, suficiente. O meio ambiente, inicialmente representado pela mãe ou seus substitutos, tem um papel fundamental no desenvolvimento psíquico do ser humano. São seus cuidados que permitem o desenvolvimento da tendência inata do bebê.

Segundo Winnicott (2007), as mães se identificam com o bebê desde a gravidez, o que as possibilita atingir uma percepção muito sensível do que necessita seu filho. É o que o autor denomina “preocupação materna primária”, descrita como uma identificação projetiva que dura algum tempo depois do parto e que diz respeito a uma grande capacidade que a mãe desenvolve para conhecer as necessidades de seu bebê. O estado de “preocupação materna primária” remete ao amor narcísico, sendo uma associação de sensações, afetos e pensamentos transferidos do amor da mãe por si mesma para o seu bebê.

Assim como Freud, Winnicott (2007) descreve o bebê inicialmente como parte da mãe, ressaltando a enorme importância da dedicação da mãe ao filho desde a gravidez. Na indistinção – mãe/bebê – a mãe usa suas próprias experiências como bebê colocando-se também em um estado de grande dependência e vulnerabilidade.

A concepção de Winnicott sobre a constituição subjetiva ressalta a importância de uma mãe “suficientemente boa”. Ele diz:

a mãe suficientemente boa é aquela capaz de satisfazer as necessidades do nenê no início, e satisfazê-las tão bem que a criança, na sua saída da matriz do relacionamento mãe-filho, é capaz de ter uma breve experiência de onipotência. (WINNICOTT, 2007, p. 56)

Após destacar a habilidade da mãe para conhecer as necessidades do bebê através de sua capacidade de se identificar com ele, Winnicott (2007) salienta que, com o tempo, de modo gradual, esta habilidade se transforma. A “mãe suficientemente boa” efetua uma



adaptação ativa às necessidades do bebê. Uma adaptação que diminui gradativamente segundo a crescente capacidade do bebê em tolerar os resultados da frustração. A “mãe suficientemente boa” seria aquela que, inicialmente, se adapta quase totalmente às necessidades do bebê. Com o tempo, entretanto, vai tomando certa distância, adequando-se à crescente capacidade do bebê em lidar com frustrações. Em geral, as mães conseguem se desprender de sua identificação com o bebê à medida que este tolera ficar separado dela, comenta Winnicott (2007).

Assim, no começo da vida do bebê, através de uma adaptação quase completa, a mãe propicia ao mesmo a oportunidade para a ilusão, uma vez que se comporta como se estivesse sob o controle mágico do bebê. O bebê desenvolve a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à própria capacidade de criar, ou seja, que ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que ele, bebê, pode conceber (WINNICOTT, 1975).

Depois de uma fase em que teve a ilusão de ser onipotente, de criar os objetos de suas necessidades, de ser um só com a mãe, o bebê descobre, pouco a pouco, que ele e sua mãe são separados, que ele depende da mãe para a satisfação de suas necessidades e que a fantasia não corresponde à realidade. Uma vez que a própria mãe deu ao bebê a ilusão de que o mundo pode ser criado a partir da sua necessidade e imaginação, a mãe terá agora que conduzir a criança em um processo de “desilusão”, o que diz respeito a um aspecto mais vasto do desmame e está associado com a experiência de frustração (WINNICOTT, 1977). O autor ressalta que a mãe não pode, no entanto, privar o filho dela própria (promover o desmame, o “desilusão”), se anteriormente não tiver significado tudo para a criança.

Essa relação inicial de unicidade com a mãe nos remete ao período pré-edípico que, segundo Freud (1931/1996), representa o período anterior ao Complexo de Édipo no qual todas as crianças passam por uma fase de ligação exclusiva à mãe bastante intensa e apaixonada. Sobre esse amor, Freud (1931/1996) diz que ele é ilimitado e exige a posse exclusiva da mãe, não se contentando com falhas ou menos do que a totalidade da sua dedicação. A insatisfação infantil surge da impossibilidade da mãe proporcionar essa totalidade da realização dos desejos dos filhos. A queixa das crianças de que elas não foram suficientemente amamentadas seria a expressão da insatisfação geral dos filhos, como se permanecessem para sempre insaciados, “como se nunca tivessem sugado por tempo suficiente o seio de sua mãe” (FREUD, 1931/1996, p. 242).

Após a primeira experiência de satisfação, o bebê, ao sentir fome uma segunda vez, resgata, de forma inconsciente, os traços de memória de sua primeira experiência. Instala-se, a partir de então, a falta, fundamental à vida humana, uma vez que possibilita a emergência do

desejo. A adaptação incompleta à necessidade torna os objetos reais, o que equivale a dizer que os mesmos passam a ser tão odiados quanto amados. Winnicott (1977) ressalta que a adaptação exata se assemelha à magia e o objeto que se comporta perfeitamente de acordo com a ilusão não se torna melhor do que uma alucinação.

A capacidade da “mãe suficientemente boa” promover a ilusão e o consequente sentimento de onipotência no bebê está associada aos cuidados maternos que, segundo Winnicott (2013), podem ser resumidos essencialmente na função de *holding*. O *holding* é amparo e sustentação o que, para ser bem desempenhado, precisa da capacidade da mãe de identificar-se com o filho. Revela-se essencial no processo de interação com a criança pequena, objetivando criar para ela uma relação de segurança. Deste modo, o ato de segurar o bebê com firmeza, passando a ele tanto o amor como a confiança de ser alimentado e acalentado é, para Winnicott (1990), um bom exemplo do amparo e da sustentação necessários ao início do desenvolvimento humano.

A mãe protege o bebê dos perigos físicos, leva em conta sua sensibilidade e fragilidade. Através dos cuidados cotidianos, ela instaura uma rotina. É deste modo que o *holding* deve ser compreendido como uma sustentação voltada tanto a aspectos físicos como psicológicos. A sustentação psicológica diz respeito a permitir que o bebê encontre pontos de referência simples e estáveis, necessários para que alcance sua integração no tempo e espaço. O *holding* gera, deste modo, um contexto de confiança. A partir desta prática, a mãe comunica ao filho que é confiável e devotada. O contrário conduziria o bebê às quebras de adaptação que levam a uma incessante interrupção dos processos de maturação.

Em Winnicott (2011), o cuidado pode ser compreendido como uma extensão do conceito de *holding*. Ele destaca que “[...] muito do cuidado com a criança corresponde a uma interpretação cada vez mais ampla da palavra ‘segurar’” (WINNICOTT, 2011, p. 99-100). Começa com o bebê no útero e segue com o mesmo no colo, como destaca o autor. Sua atuação está ligada ao processo maturacional do bebê.

No dicionário (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1722), “segurar” encontra-se associado à concepção de confiabilidade de que tratamos aqui. É essa confiabilidade, nos lembra Winnicott (1975), proporcionada pela continuidade da provisão ambiental, ou dos cuidados da “mãe suficientemente boa”, que possibilita ao bebê o desenvolvimento da confiança. A experiência que o bebê tem dessa fidedignidade durante certo período de tempo origina nele o sentimento de confiança. Onde há confiança e fidedignidade há também, diz o autor, um espaço potencial, espaço este que se constitui em uma área de separação. A criança preenche

este espaço criativamente com o brincar que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural.

O cuidado da “mãe suficientemente boa” é capaz não só de promover o desenvolvimento da confiança do bebê no ambiente que o cerca, como também de deixar espaço para a falta e, assim, para o desenvolvimento de sua capacidade criativa. Para tal, alerta Winnicott (1990), a mãe deve se interessar pelas pequenas evidências da vida psíquica de seu bebê, procurando, no entanto, não fazer delas um assunto todo seu. Só assim ela possibilita ao bebê o desenvolvimento da capacidade de esperar pela satisfação. Se o bebê não experimentar os cuidados desta forma, quer seja por privação da entrega da mãe, ou pelo excesso de cuidados da mesma que não conseguiu deixar “faltar”, ocorre o que o autor chamou de desconsideração do movimento espontâneo do bebê o que, para ele, compromete o seu desenvolvimento.

Winnicott concebe o *holding* como o resumo da grande função materna, mas destaca também outras importantes funções da mãe, como o *handling* e a apresentação de objetos, ainda que dando destaque ao fato destes estarem associados ao *holding*.

O *handling*, composto pelos diversos comportamentos e atitudes do outro, como embalar, tocar, falar, tem com objetivo regar e estabilizar as necessidades fisiológicas e emocionais da criança (WINNICOTT, 1994). É necessário para o bem-estar físico do bebê que, aos poucos, se experimenta como vivendo dentro de um corpo e, com isso, realiza uma união entre sua vida psíquica e seu corpo. Winnicott (1994) o aponta como uma espécie de evolução do *holding* e acrescenta que ambos contribuem para a instalação psicológica da confiança na criança.

A apresentação de objetos, por sua vez, quando feita de modo simplificado e gradativo, propicia à criança a capacidade de se relacionar com os mesmos obtendo uma confiança crescente no ambiente. Apresentando ao bebê os objetos que ele está pronto para procurar, a mãe permite ao mesmo a ilusão de estar criando o mundo dos objetos, tornando real seu impulso criativo. Ao oferecer o seio ou a mamadeira no momento mais ou menos certo, ela dá ao bebê a ilusão de que ele mesmo criou o objeto do qual sente confusamente necessidade. Ao lhe dar a ilusão desta criação, a mãe permite que o bebê tenha uma experiência de onipotência, isto é, que o objeto adquira existência real no momento em que é esperado. Caso esta apresentação não ocorra de forma satisfatória, pode bloquear mais tarde o caminho rumo ao desenvolvimento da capacidade da criança para sentir-se real ao relacionar-se com o mundo de objetos e fenômenos reais (WINNICOTT, 1980).

Winnicott (1977) destaca ainda a importância da mãe enquanto pessoa viva. O bebê deve poder sentir o calor da sua pele e seu alento. Deve existir para o bebê completo acesso ao corpo vivo da mãe, lembra o autor. Além disso, a existência da mãe enquanto pessoa viva proporciona ao bebê a experiência de olhar e ser visto para poder existir e construir sua identidade. O bebê tem, portanto, a necessidade da vivacidade e da confiabilidade do olhar materno para se sentir vivo e espontâneo (WINNICOTT, 1980) o que, novamente, se aproxima da concepção freudiana do investimento narcísico da mãe sobre o bebê.

Winnicott ressalta três diferentes etapas da dependência entre a mãe e o bebê. Através dessas etapas, o autor alerta para o fato de ser possível prover um cuidado inicial bom, mas fracassar em completar o processo pela incapacidade de deixá-lo terminar, de modo que a mãe tenderia a permanecer fundida com seu bebê e a adiar a separação entre eles.

No início de sua vida, o bebê se encontra na fase de “dependência absoluta”, na qual o mesmo não tem meios de perceber os cuidados maternos que, por sua vez, são em grande parte uma questão de profilaxia, de cuidados físicos (WINNICOTT, 1977). Neste momento, estes são os cuidados que o bebê pode apreciar. Por mais que pareçam associados apenas com necessidades físicas, preenchem suas necessidades psicológicas e emocionais. Este momento corresponde ao estágio em que o bebê é completamente dependente da provisão física pela mãe, inicialmente dependente de seu útero e depois dos cuidados a ele direcionados no início de sua vida (WINNICOTT, 2007).

Em seguida, Winnicott (2007) destaca o período de “dependência relativa” no qual o bebê passa a se dar conta da necessidade de detalhes do cuidado materno e pode, de modo crescente, relacioná-los ao seu impulso pessoal. É o estágio em que se inicia uma falha gradual na relação com a mãe. É o período de começar a prover uma desadaptação gradativa (WINNICOTT, 2007). O bebê tolera melhor as falhas de adaptação da mãe e é capaz de tirar proveito delas para se desenvolver.

Em um terceiro momento, chamado por Winnicott (2007) de “rumo à independência”, a criança desenvolve meios para viver sem um cuidado real do outro. Isto é conseguido através do acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, como o desenvolvimento da confiança no meio. Cabe destacar que, em Winnicott (1975), a independência nunca se torna absoluta e, assim, o sujeito nunca é, de fato, totalmente independente do meio ambiente. O sujeito não se constitui isolado, mas relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer que sujeito e ambiente são sempre interdependentes.

Vemos, portanto, que, enquanto em Freud e também em Lacan, através do conceito de Complexo de Édipo, a entrada do pai no processo de constituição subjetiva tem papel destacado, para Winnicott seria a própria mãe a responsável pela separação entre ela e seu filho. A concepção winnicottiana, em especial sobre o papel do pai, é, pois, distinta daquela elaborada por esses dois outros autores.

Em “A criança e o seu mundo”, Winnicott (1977) ressalta o valor do pai em três aspectos. Inicialmente, o aponta como precioso para a tarefa de ajudar a mãe a sentir-se bem e feliz e destaca o quanto a criança é sensível à relação de seus pais. O segundo ponto enfatizado por Winnicott (1977), diz respeito a um pai como figura necessária para dar à mãe apoio moral, para ser um apoio à sua autoridade, alguém que sustente a lei e a ordem que a mãe introduz na vida da criança. Por último, Winnicott (1977, p. 130) salienta que “a criança precisa do pai por causa das suas qualidades positivas e das coisas que o distinguem de outros homens, bem como da vivacidade de que se reveste sua personalidade”.

Em “Tudo começa em casa”, Winnicott (2011) reforça essa concepção do pai enfatizando as duas primeiras funções paternas por ele descritas em “A criança e seu mundo” (1977). Destaca a função de “duplicação” do materno o que, segundo ele, vem crescendo de forma considerável nos últimos anos, bem como uma segunda função:

a de entrar na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma em um ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (WINNICOTT, 2011, p. 127)

Percebemos, assim, que a maior importância dada à função do pai no texto de Freud e Lacan, a função de interdição, não aparece do mesmo modo na teoria winnicottiana. Mesmo que este autor fale sobre a questão do pai como aquele que sustenta a lei e a ordem para a criança, como o que representa o aspecto “duro” da mãe, ainda assim, a formulação de Winnicott fica distante daquela de Freud e Lacan quanto à figura paterna. Para estes, o pai enquanto terceiro interditor, é a figura fundamental para a constituição do sujeito, uma vez que sem a intervenção paterna o bebê se perderia no desejo da mãe. Winnicott ressalta a figura materna. É ela, a mãe ou a sua representante, quem tem papel prioritário no desenvolvimento da criança, inclusive no sentido de auxiliá-la na passagem do seu estágio inicial de dependência absoluta à independência (WINNICOTT, 1977).

Enquanto Winnicott destaca a introjeção de detalhes do cuidado como essencial à independência da criança, Freud fala sobre a interiorização da lei que conduz à constituição de

um sujeito submetido à Cultura. Em Freud (1914/1996), é através da interdição paterna que a criança promove o processo de deslocamento de si mesma como ideal, para tomar como ideal algo que a transcende.

Para Freud (1914/1996), inicialmente as crianças se encontram aprisionadas no narcisismo primário. Este seria o estado em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. Apenas com a saída deste estágio de narcisismo primário a criança será capaz de abrir-se à alteridade. Essa saída, no entanto, não pode ser realizada pela própria criança. De acordo com a tese freudiana, é através da contenção do desejo incestuoso, da agressividade, e da raiva infantil, que a criança percebe o limite à sua onipotência e à sua destrutividade tendo, então, que entregar-se ao trabalho de sublimação. Ou seja, face à interdição e à contenção que ela se tornará capaz de sublimar, capaz de construir caminhos de expressão na cultura para a energia ligada aos sentimentos contidos em nome do viver junto.

O processo de deslocamento da onipotência originária em direção à construção de um ideal de algo que a transcende aponta para um processo de “desfalicização”. Este implica o descentramento do sujeito do “eu ideal” e na perda da arrogância fálica, o que tornará possível ao sujeito caminhar no sentido de dar lugar ao outro, reconhecendo-o como tal – fundamentalmente diferente – e não como simulacro de si mesmo. Assim, através da experiência de interdição, o sujeito é inscrito em um sistema de filiação e de reconhecimento do outro.

Com Freud, Lacan e Winnicott, encontramos, portanto, diante de duas visões distintas sobre a constituição do sujeito: uma que destaca a função paterna de interdição como essencial à constituição subjetiva e outra que enfatiza a importância da função materna para o desenvolvimento emocional da criança.

A existência de visões distintas dentro de um mesmo campo teórico, a Psicanálise, não é fato raro. Ao analisarmos o que diz Freud sobre educação e compararmos à compreensão winnicottiana do cuidado, vemos que, para Freud (1933[1932]/1996), a tarefa primeira da educação consiste em conduzir as crianças a controlar suas pulsões. Para isso, “a educação tem de escolher seu caminho entre o Sila da não-interferência e o Caríbdis da frustração” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 147).

Segundo a perspectiva freudiana, não é possível educar sem constrangimentos, sem repressão, o que conduz à formação das neuroses (FREUD, 1933[1932]/1996). É importante, pois, descobrir um ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano o que, no entanto, não se constitui de modo único, uma vez que “é quase impossível que o mesmo método educativo possa ser uniformemente bom para todas as crianças”, diz Freud

(1933[1932]/1996, p. 147). Diante de sua concepção sobre a educação, Freud (1925/1996, p. 307) a declara como uma das “três profissões impossíveis – educar, curar e governar”.

O autor salienta que pouco se dedicou em sua obra à educação de crianças, mas destaca que observa um interesse crescente do campo da educação pela Psicanálise. Tal interesse, segundo Freud (1933[1932]/1996), é facilmente compreensível, uma vez que a Psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância.

No campo do cuidado, é principalmente a obra de Winnicott que tem sido foco de grande interesse. Como exemplo, encontramos um artigo chamado “O cuidado de enfermagem e a abordagem winnicottiana” que visa identificar contribuições da abordagem teórica winnicottiana ao cuidado de enfermagem. O estudo destacou o cuidado como tomado na perspectiva de práticas suficientemente boas concebidas como aquelas voltadas à adaptação dinâmica, assim como ocorre, segundo a teoria winnicottiana, na relação mãe-bebê (MELLO; LIMA, 2010).

Tomar o cuidado de enfermagem como um processo vivo e suficientemente bom implica lidar com diferentes condições de orientação, aceitação, conflito e frustração, que necessitam tolerância, compreensão, adaptação dinâmica, suporte e mediação. (MELLO; LIMA, 2010, p. 567)

Vemos aqui uma referência ao conceito de “mãe suficientemente boa” voltada ao profissional de enfermagem. É este que, no referido artigo, precisa estar atento para as diferentes condições de cada um e, conseqüentemente, desenvolver características como tolerância, compreensão e adaptação dinâmica para efetuar um trabalho “suficientemente bom”. Trata-se, pois, de uma espécie de exportação da teoria winnicottiana para a reflexão no campo da saúde. O profissional da enfermagem precisaria, deste modo, ser como uma “mãe suficientemente boa” e, assim, segundo os autores, ser capaz de promover uma adaptação ativa aos seus pacientes, bem como ser tolerante, compreensivo e se portar como um mediador. Mello e Lima (2010) apropriam-se, pois, da teoria winnicottiana e a ela acrescentam a discussão sobre questões da contemporaneidade como a importância de se mediar, gerir conflitos, como discutiremos nos próximos capítulos.

Também com base na teoria de Winnicott, o artigo “Análise do cuidado ao bebê hospitalizado segundo a perspectiva winnicottiana” buscou, através de um estudo qualitativo, “verificar o *holding* proporcionado pelas auxiliares de enfermagem, enfermeiras, mães e pais aos bebês internados em uma unidade neonatal de médio risco de um hospital-escola do

Município de São Paulo” (REGIS; KAKEHASHI; PINHEIRO, 2005, p. 39). Nos seus resultados, o artigo afirma que há profissionais que “falham” no fornecimento do *holding*, enquanto outras proporcionam um “*holding* satisfatório”. Quanto aos pais, embora a maioria proporcione um “*holding* adequado”, também falham ocasionalmente nesta provisão. O artigo destaca a importância de todos desenvolverem um “*holding* adequado” em prol de um bom desenvolvimento do bebê.

O *holding*, conceito importante da teoria winnicottiana, é neste artigo apropriado como uma técnica a ser colocada em prática. Objetivando verificar o *holding* proporcionado pelas profissionais, bem como pelos pais e mães de bebês internados, os autores analisaram imagens dos cuidados prestados aos recém-nascidos selecionando as mais pertinentes ao que concebem como *holding* (REGIS; KAKEHASHI; PINHEIRO, 2005). A partir desta análise concluem que algumas profissionais não “acolheram” ou “manejaram adequadamente” os recém-nascidos, “proporcionando o banho ou trocando uma fralda de maneira mecânica [...] sem estabelecer qualquer tipo de comunicação com a criança” (REGIS; KAKEHASHI; PINHEIRO, 2005, p. 41) o que, segundo os autores do artigo, pode levar os recém-nascidos a uma “ruptura no seu desenvolvimento emocional” (REGIS; KAKEHASHI; PINHEIRO, 2005, p. 41).

Em estudo de Veludo e Viana (2012) sobre a parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança encontramos uma definição, apoiada em Winnicott, de “parentalidade suficientemente boa”. Esta seria aquela capaz de auxiliar a criança na consolidação do princípio da realidade. Os autores destacam ainda o que chamam de estreita ligação entre o desempenho das funções parentais e a emergência de problemas futuros nos filhos.

Pessoas responsáveis pelo cuidado precisam “estabelecer uma comunicação com a criança”, “acolhê-la e manejá-la adequadamente”, promover uma “adaptação dinâmica”, “manejar conflitos”... A teoria winnicottiana aparece nestes estudos, portanto, enfatizando um cuidado que deveria ser “suficientemente bom”, fundamental para um desenvolvimento saudável do sujeito. Há, deste modo, uma responsabilização das figuras que ocupam o lugar de cuidar diante de possíveis desvios ou problemas que possam surgir.

Amparados na teoria winnicottiana, esses e alguns outros estudos trazem um conjunto de representações normativas associadas ao cuidado nos moldes de orientações elaboradas no sentido de garantir um desenvolvimento saudável às crianças. Deste modo, a teoria winnicottiana aparece capturada sob a forma de “modos de proceder” quanto ao cuidado de filhos.



Vale salientar que, para Winnicott (1975, p.25), “[...] o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de ‘jeito’ ou esclarecimento intelectual”. Winnicott (2013, p. 14) destaca que a mãe deve valorizar o que ele chama de “conhecimento intuitivo”, já que, para o mesmo, o aprendizado da mãe não vem através de livros ou profissionais de saúde.

Quero incentivá-las a conservar e defender este conhecimento especializado, que não pode ser ensinado. A partir dele, e só então, vocês podem aprender outras coisas, com outros tipos de especialistas. Vocês só conseguirão aprender com segurança as coisas que os médicos e as enfermeiras podem lhes ensinar se forem capazes de conservar, em si mesmas, aquilo que lhes é natural. (WINNICOTT, 2013, p. 18)

Winnicott (2013) enfatiza que o “conhecimento intuitivo” não pode ser ensinado, posição distinta da que aparece em trabalhos recentes sobre o tema, como os artigos que citamos. Muitos teóricos partem da teoria winnicottiana e a desdobram em “modos de proceder”, como sublinham Mello e Lima (2010) ao pensarem na prática de um cuidado de enfermagem “suficientemente bom”. Trabalhos como este apontam para a existência de uma “pedagogização” do cuidado, como se houvesse “modos de proceder” específicos em prol de um cuidado ideal.

## 1.4 O CUIDADO NA CONTEMPORANEIDADE

De modo a analisar os discursos sobre o cuidado na atualidade voltaremos agora para as concepções contemporâneas do tema, com destaque para seu uso nos campos da saúde, da justiça e da família. Entendemos que estes três campos estão intimamente articulados e que apreender o que concebem como cuidado nos auxiliará a examiná-lo no contexto da relação contemporânea entre pais e filhos.

### 1.4.1 Cuidado no campo da saúde

Buscando compreender o sentido do cuidado na atualidade, procuramos artigos voltados ao tema na biblioteca eletrônica de selecionados periódicos científicos brasileiros – base *Scielo* – e pudemos perceber que estes, em sua maioria, se referem à importância do cuidado nas práticas de saúde. Destacamos alguns dos trabalhos citados neste capítulo como “Análise do cuidado ao bebê hospitalizado segundo a perspectiva winnicottiana” (REGIS; KAKEHASHI; PINHEIRO, 2005) e “Cuidado familiar das crianças com necessidades

especiais de saúde: um processo (sobre)natural e de (super)proteção” (SILVEIRA; NEVES; PAULA, 2013). Chama atenção o fato de muitos artigos usarem o vocábulo cuidado em seus títulos, resumos e, principalmente, no corpo do texto, mas poucos se dedicarem a defini-lo.

Em estudo sobre o cuidado visando discutir o tema na construção de práticas eficazes de integralidade em saúde, Roseni Pinheiro (2009) percorreu a literatura existente no campo da saúde sobre o cuidado e concluiu que o mesmo aparece em especial sob três eixos temáticos. No primeiro eixo, voltado à formulação de políticas públicas de saúde, há uma recorrente atribuição de sentidos ao cuidado como sendo: “a) a designação de um nível ou âmbito de atenção do sistema de saúde; b) como um procedimento técnico específico; ou c) uma conduta assistencial simplificada” (PINHEIRO, 2009, p. 17). O segundo eixo diz respeito aos conhecimentos utilizados na política de saúde que definem o cuidado como um constructo teórico-prático pautado pelos conhecimentos da anatomoclínica, da fisiopatologia e da genética médica, destaca a autora. Por fim, o terceiro eixo refere-se ao cuidado como elemento constitutivo das rotinas institucionais. Pinheiro (2009) propõe um cuidado que ultrapasse esse conjunto de sentidos, um “cuidado como valor” que remeta a uma ação integral com significados e sentidos voltados para a compreensão de saúde como o direito de ser diferente e de ser respeitado nessas diferenças.

Ayres (2009) destaca que normalmente os trabalhos desenvolvidos na área de saúde sobre essa temática referem-se ao cuidado como um termo já consagrado no senso comum – talvez, por isso, muitas vezes sequer conceituado – dando a ele o sentido de um “conjunto de procedimentos tecnicamente orientados para o bom êxito de um certo tratamento” (AYRES, 2009, p. 42).

Alguns autores, como o próprio Ayres, no entanto, acham importante uma revisão desta definição. O autor atribui ao cuidado o estatuto de uma categoria reconstrutiva. Acredita existir uma potencialidade reconciliadora entre as práticas assistenciais e a vida, ou seja, uma possibilidade de diálogo entre a tecnociência médica e a construção livre e solidária de uma vida. Para o autor, o cuidar remete a um saber que se distingue da universalidade da técnica e da ciência, bem como se diferencia do livre exercício de subjetividade. Segundo Ayres (2009), a ação assistencial se reveste de cuidado quando não pode prescindir da ausculta do que o outro deseja e, para esse fim, pode lançar mão do que está disponível, o que inclui os saberes técnicos.

Apesar da existência de concepções críticas, o que percebemos é que a ideia de cuidado veiculada nos dias de hoje, em especial no campo da saúde, é predominantemente

tratada a partir de perspectivas médico-psicológicas. Tais perspectivas, como destaca Castel (1987, p. 133):

não se esgotam mais notando disfuncionamentos patológicos ou institucionais, nem mesmo prevenindo riscos de doenças, mas se põem a trabalhar o estatuto do homem normal e o tecido da sociabilidade comum.

A ampliação do conceito de saúde, antes compreendido como ausência de doenças ou enfermidades, parece ter contribuído diretamente para a profusão de cuidados que assistimos atualmente. Em meados do século passado, a Organização Mundial de Saúde (WHO, 1946) já enunciava a saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. No mesmo sentido, foi formulado no Brasil, em 1986, um conceito de saúde conhecido como “conceito ampliado”, fruto de uma intensa mobilização de diversos países da América Latina durante as décadas de setenta e oitenta, como resposta aos regimes autoritários e à crise dos sistemas públicos de saúde. Assim, passou-se a considerar que:

Em sentido amplo, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (BRASIL, 1986, p.4)

A partir dessa perspectiva, amplia-se, e muito, o campo do cuidado. Há uma crescente ênfase no cuidado que passa a se vincular não só a tradicionais práticas de saúde, como também a intervenções em outros âmbitos, como na habitação, na educação e no lazer, hoje igualmente associados à saúde. Deste modo, estudos sobre o cuidado nos mais diversos campos, como na área jurídica ou na família, se voltam para a importância de se garantir um bem-estar aos sujeitos o que se refere, direta ou indiretamente, à saúde.

Vemos nestas novas modalidades de definição sobre o que é saúde a emergência de uma biopolítica contemporânea, baseada na mudança operada ao longo do século XVIII, e consolidada no século XIX, caracterizada por uma nova forma de governo marcada por uma política sobre a vida (FOUCAULT, 1999).

Biopolítica, diz Foucault (1999), corresponde à importante mudança ocorrida no decorrer do século XVIII a partir da qual o Estado passou a intervir sobre a população estabelecendo políticas de saúde. Desde então, a medicina se configurou como um poderoso complexo de saberes e poderes – especialmente nas sociedades ocidentais – capaz de incidir

ao mesmo tempo sobre os corpos individuais e sobre as populações, disciplinando e regulamentando a vida (FOUCAULT, 1999). Age, como diz o próprio Foucault (1999), de modo que se obtenham estados globais de regularidade. O médico se tornou, assim, o grande conselheiro e perito no sentido da manutenção de um estado de saúde (FOUCAULT, 1979).

Neste cenário, cuidar de filhos buscando garantir sua saúde ganhou destaque. Para tal, profissionais de saúde passaram a intervir nas famílias por meio de mecanismos regulamentadores que se distanciavam das proibições características dos mecanismos disciplinares e, deste modo, sutilmente promoveram a construção de padrões de normalidade aceitáveis.

A saúde e o bem-estar físico da população em geral passaram a se destacar como a grande intenção normativa da sociedade a partir da emergência da biopolítica, o que pode ser atualizado na contemporaneidade por uma busca de uma vida plenamente saudável e sem riscos, como diz Sibilia (2002).

[...] as estratégias de biopoder que apontam para a prevenção de riscos envolvem todos os sujeitos ao longo de toda a vida, com seu **imperativo da saúde** e seu amplo menu de medidas preventivas: alimentação, esporte, psicofármacos, vitaminas, terapias etc. (SIBILIA, 2002, p. 194, grifo da autora)

Ter uma vida saudável é hoje muito mais do que não estar doente e sua garantia deixou de ser concebida como tarefa exclusiva do médico. Manter-se saudável é missão de todos. A crença subjacente é a de que as nossas decisões sobre como viver e nossas escolhas sobre que riscos correr estão sob o domínio da razão. Sendo assim, o inesperado da doença dá lugar a um estado de preparação para um possível adoecimento. Prevenir passou a ser tarefa de cada um em um cenário no qual o discurso médico dedica-se à produção de um estado de auscultação de si mesmo, das mínimas intenções, de modo a pretensamente nos conduzir a uma vida sem doenças e sem sofrimento (AMORIM; SZAPIRO, 2008).

Em consonância com essa ideia de saúde no mundo contemporâneo, Lefève (2006) chama atenção para a emergência de uma nova categoria de paciente, o autocuidador. Ela ressalta que se até a segunda metade do século XX a doença era o objeto de cuidado de um corpo médico, hoje o paciente tornou-se o gestor de sua doença. Ao paciente são dadas todas as informações que se supõem necessárias para que ele decida, junto com o médico, a respeito do cuidado com sua saúde. Com isso, a vontade e a autonomia de cada um seriam “o outro lado da moeda” do dever de se cuidar. Funda-se o que Lefève (2006) chama de

individualização dos cuidados, que nos impõe a levar uma vida normalizada, racionalmente gerida, socialmente adaptada e economicamente produtiva.

Esse cuidado de que fala Lefève, bem como aquele tomado no campo da saúde em geral, se refere a um sujeito do conhecimento, racional e autônomo, capaz de cuidar de si mesmo. Ideia que é estranha ao “cuidado de si” na antiguidade clássica, como vimos em Foucault. O “cuidado de si”, até o advento do Cristianismo, era um cuidado voltado a “conhecer-se a si mesmo”, objetivando a vida na Pólis. Era, assim, concebido como uma atitude para consigo, para com o outro e para com o mundo. O sujeito contemporâneo, gestor de sua saúde, diferentemente, deve autocuidar-se objetivando seu próprio bem-estar. Constitui-se, assim, segundo Szapiro (2003), em um “indivíduo fora da Cidade”, através de um progressivo afastamento de sua relação com o coletivo, onde o “cuidado de si” se volta a um projeto de “gestão de si”.

#### 1.4.1.1 Transformações na ideia de cuidado: a emergência do cuidador

Auxiliando no cuidado, tal como se coloca para este sujeito capaz de gerir a si mesmo, vemos surgir a figura do cuidador, figura esta em destaque na atualidade, como ressaltam trabalhos contemporâneos sobre o tema.

Em “Percepções e práticas de cuidadoras comunitárias no cuidado de crianças menores de três anos” (MONTRONE et al, 2013), o termo cuidadora se refere a mulheres adultas, sem formação específica, que cuidam de crianças que não são seus filhos. Em outro artigo sobre cuidado, este denominado “Cuidado familiar das crianças com necessidades especiais de saúde: um processo (sobre)natural e de (super)proteção”, o termo cuidador é apresentado associado ao termo “familiar” – familiar/cuidador – e definido como aquele que convive com a criança, mantém vínculo afetivo e realiza cuidados no domicílio (SILVEIRA; NEVES; PAULA, 2013). Já no artigo “Concepções e práticas de cuidado na visão de homens”, os cuidadores são os homens, uma vez que Silva, Budo e Silva (2013) propõem descrever as percepções e as práticas do cuidado a partir da visão dos mesmos.

O termo cuidador aparece na Classificação Brasileira de Ocupações instituída pela Portaria Ministerial nº 397, de 9 de outubro de 2002, que tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Sob o título de “cuidadores de crianças, jovens, adultos e idosos”, encontramos a seguinte descrição:

Cuidam de bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002)

A ampliação da ideia de cuidado e, conseqüentemente, das atribuições dos chamados cuidadores alcançou tamanho destaque que no livro “Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do *care*” Hirata e Guimarães (2012) ressaltam o trabalho de cuidado como uma atividade profissional em plena expansão internacional na economia de serviços. As autoras destacam a fronteira tênue entre o cuidado remunerado e o cuidado não remunerado. Consideram que o amor e o afeto associado ao cuidado não são do domínio exclusivo das famílias, bem como o fazer e a técnica não são exclusividade dos cuidadores remunerados. O trabalho do cuidado “é ao mesmo tempo trabalho emocional e trabalho material, técnico” (HIRATA; GUIMARÃES, 2012, p. 3).

A partir desta concepção, Zelizer (2012) entende por cuidado qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa que busque o bem-estar de quem está sendo cuidado. Há, assim, em uma extremidade, o cuidado da manicure em um salão de beleza e, na outra, os fortes laços entre mãe e filho ou ainda o devotamento de um velho empregado, completa a autora. Também partindo da concepção ampliada do conceito de cuidado, Parreñas (2012) destaca que o trabalho do cuidado vai além de um serviço a alguém com quem se está em contato pessoal ou a um atendimento de uma necessidade ou desejo expresso pelo “beneficiário” do cuidado (PARREÑAS, 2012, p. 202). Propõe expandir as formulações do trabalho do cuidado de modo a considerar todas as atividades que desenvolvam as capacidades humanas daquele que delas se beneficia. Neste sentido, descreve o trabalho das acompanhantes filipinas em Tóquio, algo que chama de “flerte comercial”, como uma atividade de cuidado (PARREÑAS, 2012).

A existência da figura do cuidador aponta para uma transformação no sentido do cuidado articulada a uma crescente profusão de especialistas. Sendo a normalidade hoje considerada como uma situação sobre a qual se pode sempre intervir (CASTEL, 1987), seja para reparar, prevenir ou mesmo potencializar, há intervenções possíveis de serem efetuadas por um número crescente de especialistas, tema sobre o qual nos debruçaremos no quarto capítulo.

#### **1.4.2 O cuidado no campo jurídico**

A extensão da ideia de cuidado fez com que a mesma esteja presente em todos os campos da sociedade. Chama a atenção que, juntamente com a ampliação da ideia de cuidado, proliferaram também categorias psicológicas sobre o tema, o que fica evidente quando falamos sobre o cuidado no campo jurídico.

O livro “O cuidado como valor jurídico” é uma importante publicação nesta área, uma vez que é uma das poucas obras que associa cuidado a questões jurídicas. Coordenado por dois importantes professores de Direito, Tânia da Silva Pereira e Guilherme de Oliveira, reúne vinte e dois artigos que, em sua maioria, versam sobre questões tratadas no Direito de Família como adoção, direito de visitação, acolhimento familiar, entre outros (PEREIRA; OLIVEIRA, 2008).

No prefácio escrito pela coordenadora do mesmo, Tânia Pereira, o cuidado é concebido no âmbito das relações conjugais como uma atitude de respeito, atenção, apoio, compreensão, afeto, solidariedade e proteção. Em se tratando das crianças, a concepção de cuidado ali exposta destaca o aconchego, o carinho, a delicadeza, o afeto e as responsabilidades pessoais e institucionais. A autora ressalta que no processo educacional o cuidar deve envolver ainda o desenvolvimento integral de crianças e jovens, levando-se em consideração o respeito e o efetivo conhecimento das dificuldades alheias e dos direitos e deveres que envolvem a vida em sociedade. Por fim, a autora sublinha que o cuidado é a base dos direitos fundamentais do artigo 227<sup>8</sup> da Constituição Brasileira e que sua ausência repercute em negligência, opressão, entre outros (PEREIRA; OLIVEIRA, 2008).

A tomada do cuidado pelo campo jurídico ilustra a grande extensão que o discurso sobre o cuidado adquiriu em todo o domínio social a partir dos desdobramentos da biopolítica, com destaque para a ampliação do conceito de saúde de que falamos anteriormente. Ilustra também a difusão de uma cultura psicológica na sociedade, igualmente regida sob os preceitos da biopolítica, a que Castel (1987) se refere em “A gestão dos riscos”. Ali Castel sustenta que a integração da Psicanálise, ou da Psicologia em geral, à formação de numerosas profissões impôs certa banalização do seu conteúdo. É o que podemos encontrar nos argumentos de algumas decisões judiciais como, por exemplo, aquela sobre abandono afetivo que se apoia na teoria winnicottiana sobre o cuidado.

Em 2012, uma decisão judicial chamou atenção do país determinando uma indenização à filha por ter sido “abandonada afetivamente” pelo pai. Esta, já adulta, entrou

---

<sup>8</sup> “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 2010).

com uma ação contra o pai alegando abandono material e afetivo durante toda a infância e a adolescência. O caso foi julgado inicialmente como improcedente pelo Tribunal de Justiça de São Paulo. Em apelação posterior, o próprio Tribunal de Justiça de São Paulo reformou a decisão e obrigou o pai a pagar à filha uma indenização por danos morais. O pai recorreu e, em 2012, o Superior Tribunal de Justiça decidiu manter a decisão anterior, apenas reduzindo o valor da indenização (BRASIL, 2012).

Chama a atenção o discurso dos ministros que julgaram esta ação, em especial o discurso da ministra Nancy Andriahi. Segundo a ministra, o cuidado “não é apenas um fator importante, mas essencial à criação e formação de um adulto respeitando seus limites, buscando seus direitos, exercendo plenamente sua cidadania” (BRASIL, 2012, p. 9-10). Para embasar sua fala, cita Winnicott em trecho relativo à formação da criança.

[...] do lado psicológico, um bebê privado de algumas coisas correntes, mas necessárias, como um contato afetivo, está voltado, até certo ponto, a perturbações no seu desenvolvimento emocional que se revelarão através de dificuldades pessoais, à medida que crescer. Por outras palavras: à medida que a criança cresce e transita de fase para fase do complexo desenvolvimento interno, até seguir finalmente uma capacidade de relação, os pais poderão verificar que a sua boa assistência constitui um ingrediente essencial. (WINNICOTT, 1977, p. 95-96)

Baseada em tal teoria, Nancy Andriahi coloca o cuidado como uma obrigação legal, justificando que sua ausência implicaria em negligência. Segundo ela, o cuidar é um dever dos pais que pode ser verificado e comprovado através da observação de ações concretas como “presença; contatos, mesmo que não presenciais; ações voluntárias em favor da prole; comparações entre o tratamento dado aos demais filhos [...]” (BRASIL, 2012, p. 11).

O cuidado aqui se sustenta em noções psicológicas sobre o desenvolvimento da criança. Neste mesmo sentido, deparamo-nos com uma extensa integração dos saberes da Psicologia na elaboração de materiais, como cartilhas, produzidas por instâncias do judiciário. Estas, como materiais públicos, possuem grande relevância no cenário contemporâneo e, por isso, destacaremos alguns trechos das mesmas ao longo deste estudo.

A produção de cartilhas pelas instâncias judiciárias assinala o que Mozdzenski (2004, p. 91) analisa como a “desconstrução da linguagem jurídica”. Segundo o autor, a produção de cartilhas no domínio discursivo do judiciário é um movimento recente que procura tornar a lei mais acessível ao cidadão comum. Observa-se, assim, uma busca por “desconstruir” o *juridiquês*, traduzindo-o para a linguagem cotidiana [...]” (MOZDZENSKI, 2004, p. 93, grifo do autor). Neste movimento, encontramos a produção de inúmeras cartilhas, dentre as quais



chamam a atenção para a tese em questão as que abrangem o tema do cuidado em família, com destaque para a “Cartilha do divórcio para os pais” (ENAM, 2013).

A “Cartilha do divórcio para os pais”, produzida pela Escola Nacional de Mediação e Conciliação em 2013, foi fruto das oficinas de divórcio para pais consideradas pelo Conselho Nacional de Justiça como uma experiência de sucesso advinda de diversos projetos-piloto desenvolvidos pelos Tribunais de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (MOURA, 2013). Tais oficinas, segundo Moura (2013), têm sido adotadas como meio de prevenção de conflitos no que diz respeito ao divórcio há quase dez anos. Nestas, desde 2013, passou a ser distribuída a cartilha que objetiva transmitir aos pais algumas informações relevantes ao divórcio.

[...] busca-se debater sobre os efeitos negativos dos conflitos nos filhos, quando estes são mal resolvidos, e o que se pode fazer para estabelecer boa parceria parental para que suas crianças e adolescentes vivam em um ambiente tranquilo e se tornem pessoas emocionalmente saudáveis. (ENAM, 2013, p. 7)

Nesta cartilha, o vocábulo cuidado aparece muitas vezes, mas sem nenhuma definição. Encontra-se presente na cartilha também a noção de cuidador, igualmente sem definição, às vezes tomada como sinônimo de babá, outras vezes em referência aos pais.

A nosso ver, a cartilha reflete uma concepção de “pedagogização” do cuidado que retomaremos especialmente no quarto capítulo. Como o próprio nome sugere, cartilha é um instrumento de aprendizado. Neste caso, a “Cartilha do divórcio para os pais” define como objetivo transmitir aos pais informações importantes no sentido de provocá-los a se engajarem em uma “cultura da paz” duradoura para eles mesmos e para seus filhos (ENAM, 2013, p. 7).

Tais cartilhas surgem, portanto, como uma orientação de cuidados elaborada no campo jurídico voltada, direta ou indiretamente, à saúde. Concebem que, dependendo de como o cuidado for exercido, há importantes consequências para a saúde das crianças. Trata-se, deste modo, de um dispositivo de regulamentação da vida que institui normas sobre o cuidado de filhos.

### **1.4.3 Cuidado e família**

Assim como a ideia de cuidado vem se modificando na contemporaneidade, a concepção de família também vem sofrendo importantes transformações. Ao analisar o surgimento da ideia de família, Ariès (1986), em “História social da criança e da família”, salienta que o “sentimento de família” era desconhecido na idade média. Nasceu nos séculos

XV-XVI, mas só passou a se exprimir como um valor definitivo a partir do século XVII. Segundo o autor, até a idade média, os laços de sangue constituíam dois grupos distintos: a *mesnie* e a linhagem. A *mesnie* compreendia os membros que residiam juntos, independente de pertencerem ao que hoje conhecemos como família, e a linhagem, por sua vez, dizia respeito a todos os descendentes de um mesmo ancestral. Ariès (1986) destaca que o sentimento de linhagem estendia-se aos laços de sangue sem levar em conta questões de coabitação e de intimidade. O que importava era assegurar a transmissão da vida, dos bens e do nome. Diferentemente deste, o “sentimento de família” passou a ligar-se à casa, à vida na casa e ao governo da casa.

Na passagem para a família conjugal moderna, também conhecida por família nuclear por ser composta apenas por pais e filhos, Ariès (1986) destaca que os laços de linhagem se enfraqueceram. A família “[...] se torna a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder monárquico” (ARIÈS, 1986, p. 214).

Segundo Ariès (1986), estas transformações foram visíveis primeiramente em uma parcela muito pequena da população. O autor destaca que, ainda no século XIX, grande parcela da população vivia como as famílias medievais, o que, a nosso ver, pode ser ampliado ainda mais se considerarmos a realidade brasileira. Foi de forma lenta e gradativa que a vivência do que Ariès (1986) denominou de “sentimento de família” ganhou espaço cada vez maior.

Neste processo de constituição em direção à família moderna, cresceu o contraste entre uma intimidade da vida privada da família em detrimento das relações de vizinhança e de amizade. A família moderna se volta para um espaço interior que se constituiu como espaço de intimidade, no qual as crianças passaram a ocupar um lugar afetivo (ARIÈS, 1986). Foi o cuidado dispensado às crianças que inspirou o sentimento moderno de família (ARIÈS, 1986), cabendo aos pais não mais apenas “pôr filhos no mundo”, como destaca o autor, mas prepará-los para a vida, educá-los. Em “Entre o passado e o futuro”, Arendt (2009), analisando o que ela nomeia de “crise na educação”, sustenta que a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da vida humana exatamente porque, sendo a criança um ser humano em formação, cabe educá-la.

A construção da família nuclear acompanhou o processo de modernização de todos os países, a partir do qual as famílias passaram a se encontrar no centro do exercício da biopolítica. Deste modo, ao problema da natalidade-mortalidade se acrescentou o da sobrevivência das crianças até a idade adulta, das condições físicas e econômicas dessa sobrevivência etc., ou seja, uma preocupação sobre a gestão conveniente desta época da vida

(FOUCAULT, 1979). Para tal, segundo o autor, as relações entre pais e filhos precisariam ser estabelecidas sob novas regras. Emergiu, assim, um conjunto de obrigações impostas tanto aos filhos como aos pais, com destaque para obrigações de ordem física (higiene, amamentação etc). A saúde, em especial a saúde das crianças, torna-se um dos objetivos maiores da família.

Costa (1999) em “Ordem médica e norma familiar” destaca que, no Brasil, essas mudanças começaram a ser mais significativas a partir do século XIX, quando a administração portuguesa começou a controlar mais de perto as cidades e a população em função de seus interesses. A tradição familiar da época, salienta o autor, dificultava a subordinação das pessoas aos objetivos do Governo, o que fez com que a família fosse considerada o maior alvo de suas políticas específicas.

A grande estratégia para o controle da família, ocorrida ao longo do século XIX no Brasil, foi a propagação de táticas médico-higienistas que procuraram modificar as condutas dos membros da família. Os higienistas, destacam Rizzini e Pilotti (2011), eram políticos legitimados pelo discurso médico que tinham como proposta intervir no ambiente em que viviam as crianças, ou seja, nas casas e nas instituições que elas moravam. As crianças tornaram-se, assim, não só objetos de cuidados, no sentido de garantia de sua saúde, mas o canal de acesso e controle por meio do qual foi possível penetrar nas famílias e conferir a elas o padrão higiênico.

Os movimentos libertários das décadas de sessenta e setenta do século passado promoveram também importantes transformações na família. As conquistas do movimento feminista proporcionaram à mulher a liberdade de ter filhos no momento em que quisesse, bem como uma importante independência econômica em relação ao homem. O número de separações e divórcios aumentou vertiginosamente. Paralelamente, surgiu uma enormidade de novas configurações familiares, como as famílias monoparentais, compostas apenas por um dos pais – costumeiramente a mãe – e seus filhos, bem como famílias recompostas ou reconstruídas nas quais convivem filhos de relacionamentos anteriores com aqueles de novas uniões. Surge, igualmente, uma nova problemática ligada às famílias homoparentais, assim como diversos outros arranjos familiares. A pluralidade dos arranjos familiares conduz a uma constante reflexão sobre o papel de cada um dos membros da família no cuidado com as crianças e os adolescentes.

Winnicott (2011) já falava sobre ser perceptível o crescimento de pais com uma função de “duplicação” do materno. Os artigos “O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea” (GOMES; RESENDE, 2004) e “Pais que cuidam de filhos: a

vivência masculina na paternidade participativa” (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008) são alguns dos trabalhos que se referem a essa mudança na atualidade. Encontramos, no entanto, outros estudos, como os desenvolvidos pelo projeto “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos” do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – Bahia, que destacam que a participação dos homens/pais no cuidado com os filhos ainda não pode ser comparada com a da mãe. Moreira et al (2012, p. 178) afirmam a “prevalência da mãe como cuidadora em praticamente todas as tarefas de cuidado” e também a “participação complementar ou periférica do pai, ainda que com alguns indícios de mudança” (MOREIRA et al, 2012, p, 178). Neste sentido, concluem Carvalho et al (2012, p. 102): “Quaisquer que sejam os fatores subjacentes [...] o cuidar, e, particularmente, o cuidar de crianças pequenas, parece estar de alguma forma associado às mulheres”.

Carvalho et al (2012), em seu trabalho sobre rede de cuidadores envolvidos no cuidado de crianças pequenas, identificam uma pequena rede de cuidadores composta predominantemente por mulheres e familiares. Observam que há mais compartilhamento de tarefas no que chamam de lazer/convivência (onde há maior participação de cuidadores do sexo masculino) e de cuidado físico (compartilhamento predominantemente da mãe com outras mulheres). No entanto, a mãe, mesmo trabalhando fora, aparece, segundo estes autores, como “maestrina na orquestração do cuidado” (CARVALHO et al, 2012, p. 99). Castro e Souza (2012), por outro lado, afirmam ser temerário concluir que não houve mudança no campo do imaginário e das práticas quanto aos cuidados dos filhos em termos de partilhas e responsabilidades por gêneros. Destacam que o horizonte de representações dos próprios entrevistados aponta para tênues mudanças de uma rígida divisão sexual do trabalho quanto ao cuidado com filhos pequenos.

Sem dúvida, estamos diante de importantes mudanças na prática do cuidado. Antes delegado prioritariamente às mães, hoje o cuidado com os filhos é cada vez mais partilhado com outras figuras importantes, como babás, avós, pais, entre outras. Apesar de alguns estudos ainda apontarem para uma participação restrita dos homens no cuidado dos filhos, esta participação já anuncia importantes mudanças do papel do pai que, até pouco tempo, restringia-se à função de provedor. Paralelamente, portanto, ao surgimento de novos arranjos familiares é possível observar uma crescente transformação na divisão de tarefas associadas ao cuidado com os filhos.

Vale salientar que nesta investigação não objetivamos destacar arranjos familiares ou recortes de classe específicos e sim debruçarmo-nos sobre a concepção de família na

contemporaneidade como Gauchet (2009) a toma. Segundo o autor, na atualidade podemos observar uma “privatização” da família. Para Gauchet (2009), a família hoje não cumpre mais a função de instituição na sociedade da qual faz parte; não se encontra mais no lugar de “célula base” do funcionamento da sociedade. A instituição familiar que, na modernidade, assumiu como função a preparação das crianças para a vida em sociedade, encontra-se hoje voltada para si mesma, tornando-se fundamentalmente privada, praticamente em posição antagônica à sociedade. Esta família, segue o autor, não tem outra razão de ser que não a afetividade de seus membros. Lebrun (2008), no mesmo sentido de Gauchet (2009), analisa tais mudanças na família remetendo-as a uma crise inédita de legitimidade do lugar de autoridade. Ele ressalta que não há rastros na história de uma geração de pais que não reconheça para si a legitimidade de poder – e de dever – transmitir interdições aos filhos.

É sobre esta família contemporânea, sobre a qual nos debruçamos mais demoradamente no terceiro capítulo, que nos voltamos nesta investigação. Partindo desta concepção de família perpassada por importantes transformações, em especial no que diz respeito à problemática da autoridade, interrogamos o sentido que adquire hoje a ideia de cuidado com os filhos.

## 2 SUJEITO, CONTEMPORANEIDADE E CUIDADO

Transformações contemporâneas a que assistimos na ideia de cuidado referem-se a um sujeito supostamente capaz de se autocuidar. Um sujeito autônomo, muito distinto do sujeito desamparado descrito por Freud (1925-1926/1974); por Bolk (1961), em sua teoria sobre a neotenia humana; ou mesmo por Winnicott (1975) que, ao longo de toda sua obra, destacou a condição de dependência do sujeito com relação ao meio ambiente.

Neste capítulo, vamos nos dedicar a discutir a emergência e as características deste sujeito. Para tal, analisaremos as transformações em curso nos processos de subjetivação, bem como o período que assinala seu surgimento, o que tomamos como “pós-modernidade”.

A compreensão sobre o que denominamos como “pós-modernidade” acompanha a análise que Lyotard (2006) faz da crise da modernidade. Outros autores, como Lipovetsky (2005), Giddens (2002) e Bauman (2001), tratam desta questão a partir de outros olhares que não serão aqui discutidos.

Para Jean-François Lyotard (2006), desde a metade do século passado passamos a viver em um momento distinto da modernidade, um momento que ele intitulou “pós-moderno”. A pós-modernidade é marcada por transformações advindas do que o autor denominou como uma crise dos grandes relatos, dentre os quais podemos citar o relato da emancipação, a partir da Revolução Francesa, o discurso do pensamento alemão sobre a realização da razão, e ainda o relato da riqueza, a partir da economia política do capitalismo (LYOTARD, 2006). Relato, grande relato e metarelato correspondem, na visão de Lyotard (2006), aos discursos legitimadores a nível ideológico, social, político e científico.

Destacando Lyotard quanto ao que conceituou como “pós-modernidade”, Dufour (2005) sublinha esta época como o período em que assistimos a dissolução das forças nas quais a modernidade se apoiava. Juntamente ao descrédito dos grandes relatos, de acordo com Dufour (2005, p.25), a pós-modernidade se caracteriza pela emergência de outros elementos significativos como “[...] a supremacia progressiva da mercadoria em relação a qualquer outra consideração, o reinado do dinheiro, [...] a massificação dos modos de vida combinando com a individualização e a exibição da aparência [...]”, entre tantos outros, dos quais chamam atenção especificamente para esta tese as transformações no âmbito familiar destacadas por Gauchet (2009) no sentido de uma “privatização” da família.

Partimos, então, desta perspectiva teórica que se pauta em mudanças fundamentais no que diz respeito ao que se podia identificar na modernidade, para pensar sobre o cuidado na

relação entre pais e filhos. Precisamos nos aprofundar nesse novo campo de discontinuidades, uma vez que nele está inserido o sentido do cuidado do qual estamos em busca.

## 2.1 A PÓS-MODERNIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Dufour (2005) sustenta que a pós-modernidade se caracteriza pela ausência de um enunciador coletivo com legitimidade. Para o autor, esta condição tem produzido mudanças importantes em especial na condição subjetiva, uma vez que os homens historicamente construíram diferentes figuras que funcionavam como princípios unificadores em torno dos quais se organizavam. Sem eles, transformações no processo de constituição subjetiva se impõem e é sobre elas que nos propomos a refletir agora.

Dufour (2005) denomina “Grandes Outros” os enunciadores coletivos, tomando emprestado de Lacan o termo “Outro” de modo a distingui-lo de qualquer aspecto meramente especulativo. Estes “Grandes Outros”, segundo o autor, sustentam “grandes relatos” (LYOTARD, 2006) “em nome dos quais” se legitimam no lugar de autoridade. São enunciadores coletivos ou princípios unificadores que funcionam como um ponto de apoio, um “em nome de”, uma exterioridade, uma figura de exceção que se estabelece como anterioridade fundadora e, assim, permite ao homem a constituição de sua interioridade. Ocupando o lugar do Terceiro, da figura de exceção que nos funda, o “Grande Outro” é responsável por amparar a desproteção e o desamparo próprios à nossa característica de seres neótenos. O “Grande Outro” corresponderia, pois, a um grande mestre em um mundo de sujeitos inacabados.

Representante de uma posição de exterioridade, “tira sua pertinência por já estar ali antes de cada um dos outros atores e parceiros do sistema [...]” (LEBRUN, 2008, p. 170). Caracteriza-se, portanto, de sua asseidade, ou seja, do caráter do ser que é por si, cuja existência não vem do outro (DUFOUR, 2009). É, pois, um ser autofundado, “causa de si mesmo”. Não está, deste modo, no mesmo lugar que os outros. Trata-se de uma ficção coletiva, o que lhe garante uma inacessibilidade, destaca Dufour (2005). “É desse lugar diferente que este organiza a vida coletiva, dando a cada um o lugar que lhe cabe, assim fazendo para o bem de toda a comunidade que ele dirige” (LEBRUN, 2004, p. 89).

São os “Grandes Outros”, portanto, as figuras que “asseguram para o sujeito uma permanência, uma origem, um fim, uma ordem” (DUFOUR, 2005, p. 38). Correspondem a

um princípio unificador em torno do qual se organiza o sujeito. É o que lhe dá um ponto de apoio, um fundamento, mesmo que fictício.

Ao longo de diferentes épocas e sociedades, diversas figuras ocuparam o lugar deste “Grande Outro”. Há, segundo Dufour (2005), uma sequência de “assujeitamentos” a grandes figuras instaladas no centro das configurações simbólicas.

[...] o sujeito foi submetido às forças da *Physis* no mundo grego, ao Cosmos ou aos Espíritos em outros mundos, ao Deus no monoteísmo, ao Rei na monarquia, ao Povo na República, à Raça no nazismo e algumas outras ideologias raciais, à Nação nos nacionalismos, ao Proletariado no comunismo... (DUFOUR, 2005, p. 39)

Segundo a modalidade do “Grande Outro”, toda a vida econômica, política, intelectual etc., bem como os modos de coerção e de estar junto se transformam (DUFOUR, 2005).

A modernidade assinala uma mudança no que diz respeito à submissão a um “Grande Outro” iniciada, em especial, a partir do efeito do *cogito* cartesiano. As ideias de Descartes conduziram ao deslocamento para o centro do homem. O “penso, logo existo” dizia respeito não a algo externo ao homem, mas à sua interioridade. Na tentativa de provar que seria possível atingir a verdade por meio da dúvida, chegando ao domínio de si graças ao exercício radical da racionalidade, Descartes localizou na razão o fundamento do sujeito. Desaparecendo a confiança no que pode ser percebido, o conceito de verdade tornou-se duvidoso e, igualmente, a fé incondicional em um Deus. “Deus continuava a ser a condição de possibilidade do homem, mas as fontes morais do eu foram retiradas dos terrenos divinos e conduzidas para o interior de cada sujeito” (SIBILIA, 2008, p. 94).

O sujeito moderno se constituiu, pois, na experiência crítica sobre as formas anteriormente consagradas de submissão dos homens aos deuses, aos reis, entre outros. Em resumo, o sujeito moderno caracteriza-se por ser um sujeito eminentemente crítico, uma vez que lida com a razão ante as diversas e diferentes referências que entram em concorrência e até mesmo em conflito. A razão aparece, desta forma, como uma abertura à discussão de todos os desacordos possíveis quanto aos “Grandes Outros”.

Já na pós-modernidade, argumenta Dufour (2005), nenhuma figura parece dispor de legitimidade e prestígio suficientes para se impor como um “Grande Outro”. A vida coletiva organizada, implícita e explicitamente, a partir de um lugar de exceção, hoje parece se caracterizar por uma emancipação quanto a qualquer referência a uma posição de exterioridade (LEBRUN, 2008). Não está mais evidente que existam figuras de exceção que estejam para além do alcance do homem. Mesmo na modernidade, quando a crítica e a razão



abriram espaço para o questionamento da submissão às figuras de exceção, estas ainda eram reconhecidas.

Diferente disso, a pós-modernidade não reconhece mais nenhum lugar de exceção. Sob a perspectiva de Lyotard (2006), na pós-modernidade há um desencanto com as grandes narrativas produzidas ao longo da modernidade, uma incredulidade em relação aos metarrelatos que o autor situa como tendo início por volta do final da década de cinquenta do último século.

A descrença nos “metarrelatos” é associada, por Lyotard (2006), a uma modificação na natureza da ciência provocada pelo impacto das transformações tecnológicas sobre o saber. Esse cenário tornou ineficaz “o quadro teórico proporcionado pelo filósofo (leia-se: metafísico) moderno que, como sabemos, elegeu como sua questão a problemática do conhecimento [...]” (LYOTARD, 2006, p. vii).

Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna vem ocorrendo, segundo Lyotard (2006), não só a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, como razão, sujeito, verdade, progresso, mas também a busca de novos enquadramentos teóricos, como o aumento da potência, da eficácia, da otimização das performances dos sistemas etc. Seriam estes últimos, segundo o autor, os legitimadores da produção científico-tecnológica em uma era que se concebe como pós-industrial. O pós-moderno, característica da cultura desta época, corresponde à incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico com suas pretensões atemporais e universalizantes.

### **2.1.1 O sujeito na condição pós-moderna**

Pensar sobre o sujeito na condição pós-moderna implica inicialmente interrogar o que entendemos por “sujeito”. No primeiro capítulo, apoiamo-nos na concepção de sujeito do Inconsciente, como concebido pela Psicanálise, para pensar a questão do cuidado neste campo teórico. Referimo-nos aqui, diferentemente, à concepção de sujeito como tomada pela filosofia ocidental desde a modernidade, qual seja, a concepção do “próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 742). Partiremos, assim, da concepção do sujeito cartesiano para buscar interrogar sobre a visão do sujeito a partir da pós-modernidade.

#### **2.1.1.1 Sob um cenário de mutações no laço social...**

Diante das transformações em curso, a “vida coletiva” não se constitui mais do mesmo modo. Lebrun (2008, p.119) ressalta que vivenciamos uma “mutação do laço social”, no sentido de assistirmos ao desaparecimento do modo de formação que imperava até a modernidade. Este que era reconhecidamente organizado pela presença de um Terceiro, de um “Grande Outro”, ao qual todos deveriam se submeter, hoje é concebido como possível de ser organizado pelos próprios sujeitos.

Passamos, assim, a um funcionamento coletivo diferenciado no qual a referência à norma, ao ideal partilhado, bem como à hierarquia e à tradição encontram-se em questão. Diferente do sujeito que se submetia às regras e limites próprios ao viver em sociedade, emerge na atualidade um sujeito que se reivindica liberado. Levado pela possibilidade de silenciar uma autoridade que muitas vezes fora usada abusivamente, este sujeito se considera liberado de qualquer coerção vinda de fora, salienta Lebrun (2010).

Para Gauchet (2009), há, como efeito dessa liberação, um deslocamento ou uma desagregação da dimensão de precedência do laço social. O sujeito contemporâneo parece não se compreender mais organizado por tal precedência, nem pelo sentimento de obrigação e de dívida às gerações anteriores, algo que institui importantes mudanças no âmbito familiar, com destaque para os sistemas de transmissão intergeracional.

Sem a referência a um Terceiro que imponha regras para a vida em conjunto e, assim, legitime a subtração do gozo individual em proveito do coletivo, a própria constituição do laço social passa a ser vista como uma resultante, “como um efeito global de agregação de ações onde cada qual tem em vista apenas suas vantagens e seus interesses” (GAUCHET, 2009, p. 245). Passamos “de um sistema hierárquico de governo da sociedade a um sistema de regulação e gestão dos diversos interesses dos atores dessa sociedade” (LEBRUN, 2008, p. 148-149).

Na família, tal cenário é hoje ilustrado pela necessidade de administração dos interesses de seus membros, o que se dá, em especial, através da negociação. Em busca de uma conciliação de interesses, na qual crianças e adultos não ocupam mais lugares hierarquicamente demarcados, a negociação aparece como fundamental em uma instituição historicamente marcada pela autoridade dos pais em relação aos filhos.

Estas mutações no laço social conduziram a uma desvalorização da heteronomia. A emergência da ideia de autonomia segundo a qual todos, inclusive crianças, são considerados criadores de regras de conduta individuais e sociais conduz a práticas de discussão, negociação e contratos no intuito de desenvolver regras que parecem ser mais fáceis de seguir, uma vez que não se impõe de fora, do exterior, mas aparecem como resultantes de um acordo.

A concepção de autonomia na pós-modernidade se difere da ideia de autonomia do sujeito moderno que remete à concepção kantiana voltada à imposição legítima de regras de conduta. Sob esta perspectiva, a autonomia consistiria em impor a aplicação de princípios coletivos aos interesses pessoais (KANT, 1923/2011). Seria, pois, uma capacidade de independência só alcançada após um período de construção no qual o sujeito disciplinado aprenderia a controlar suas vontades, suas paixões e poderia gozar de sua liberdade no futuro. O sujeito assim constituído poderia se tornar um cidadão da democracia, pois teria condições de exercer sua responsabilidade em um cenário coletivo.

Na pós-modernidade, a autonomia passa a ser concebida como “garantia obrigatória” (LEBRUN, 2008) em um cenário no qual o sujeito quer o tempo todo ser reconhecido em sua singularidade por um coletivo ao qual acredita não dever mais nada. Segundo Melman (2009), autonomia, neste cenário, se torna sinônimo de autossatisfação, o que conduz a uma valorização dos próprios desejos em detrimento do outro, da sociedade como um todo.

Sem figuras de autoridade com legitimidade, cada um deve assumir-se como agente de uma regulação de conjunto que, no entanto, passa a não ser verdadeiramente determinada por ninguém. A legitimidade de uma decisão que outrora era reconhecida por ter sido enunciada por uma figura que representasse o lugar de exceção, hoje é reconhecida apenas se tiver sido resultado de um acordo de todas as partes, destaca Lebrun (2008). Emerge, assim, um modo de organização social caracterizado pela necessidade de um reconhecimento unânime de todos os envolvidos, uma vez que não conta mais com uma figura que decida pelo grupo como um todo.

Encontramo-nos, portanto, diante do que Lebrun (2008) assinalou como uma mutação no laço social que deu lugar à dominância de um modelo de gestão nas relações sociais. Um modelo que se apoia na horizontalidade das relações e só considera legítima uma decisão quando há acordo de todas as partes. Declinam-se, assim, as possibilidades de aceitação de regras e decisões impostas por uma figura antes concebida como figura de autoridade, figura esta que hoje não se destaca das demais. Em um regime horizontal, todos são pares e têm, pois, os mesmos direitos.

#### 2.1.1.2 Um “sujeito de direitos”...

A ênfase moderna na igualdade e na liberdade conduziu à concepção de que todos os homens, independente de sua condição, são detentores de direitos. As barbaridades cometidas no século passado, em especial na Segunda Grande Guerra, reforçaram e impulsionaram a

emergência de direitos que dessem garantias a todas as pessoas. Desde então, importantes tratados de proteção dos direitos humanos foram assinados e esta temática vem se desdobrando em uma série de debates sobre os direitos voltados a todos os homens e também a grupos específicos, como crianças, adolescentes, negros, homossexuais, entre outros.

Supiot (2005), em uma análise sobre a função antropológica do Direito, salienta que o discurso jurídico se apropriou dos direitos humanos e fez emergir um “sujeito de direitos”. Este, segundo o autor, tem a imagem de Deus, pois é concebido como uma partícula elementar da sociedade, incomparável e completo. É visto ainda como um sujeito soberano, uma vez que nasce livre, dotado de razão e titular de seus direitos. É, portanto, como reforça o autor, um sujeito ao respeito da lei e protegido por ela, bem como um sujeito atuante capaz de fixar suas próprias leis e responder pelos seus atos.

Vemos surgir, assim, um sujeito intimamente articulado com as questões jurídicas. Não exatamente, no entanto, no sentido de submissão à lei, mas de ser protegido por ela para fazer valer seus direitos. Uma visão do Direito, portanto, já diferenciada de seu entendimento como instância reguladora comum a todos.

Diferente de quando se compreendia que para que todos usufruam de seus direitos individuais é necessário que estes se inscrevam “num Direito maiúsculo, isto é, num quadro comum e reconhecido por todos” (SUPIOT, 2005, p. 21), hoje vivemos o declínio do Direito como referência coletiva. “Seguindo essa vertente, a justiça se transforma em mero campo de confronto das relações de força entre o individualismo de uns e o individualismo de outros” (THÉRY, 2007, p. 159). Promove-se, então, uma espécie de pulverização do Direito o que conduz, por sua vez, ao ajustamento mútuo das pessoas que se julgam, todas, possuidoras de direitos.

No mesmo sentido, Supiot (2005) diz que não estaríamos mais nos apoiando no Direito para sermos titular de direitos. O Direito tem sido deslocado, deste modo, de sua dimensão de preexistência e organização do social para ser pensado como uma resultante dos direitos individuais, do mesmo modo que a formação do laço social característica da pós-modernidade. É sob esta nova concepção do Direito que vemos multiplicar a produção de materiais jurídicos, como as cartilhas, que visam tornar a lei mais próxima de todos para que, assim, possam, mais facilmente, reivindicar seus direitos.

Trata-se do que Supiot (2010) analisou como uma transformação da concepção do Direito e que reflete uma tendência de abandono da Lei como lugar universal em favor da proliferação de “leis” de cada caso, segundo a ideia de que legislar individualmente deve tomar o lugar da Lei que, dado seu caráter universal, não atende ao direito individual. Deste

modo, observamos que a cada momento, e pautando-se nas escolhas individuais, surgem demandas por “novos direitos” que têm resultado em uma proliferação de leis e regulamentações onde a Justiça é chamada a responder legislando caso a caso, em nome da liberdade individual. Emerge, portanto, um “law shopping”, ou “mercado de direitos”, como define o autor. “Distribuem-se os direitos como se distribuíssem armas e depois, que ganhe o melhor! Assim debitado em direitos individuais, o Direito desaparece como bem comum” (SUPIOT, 2005, p.21). Tal concepção do Direito não só torna qualquer reivindicação possível de ser satisfeita como vai além, já que é capaz de legitimar juridicamente as diversas reivindicações individuais.

Constitui-se, assim, um “sujeito de direitos” que se caracteriza como um sujeito “pronto”, “completo”, como frisou Supiot (2005), uma vez que não lhe é demandado nenhum tipo de preparação para usufruir de seus direitos, tampouco de sua liberdade. Instituída pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, a garantia de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos transforma-se em uma espécie de fim em si mesma.

As crianças passam igualmente a serem consideradas “sujeitos de direitos”. Segundo Théry (2007), as legislações apontam para dois sentidos, não somente diferentes, mas contraditórios, dos “direitos da criança”. O primeiro diz respeito ao direito de seres humanos vulneráveis, não autônomos, que reconhecidamente necessitam e por isto têm como direito assegurado a proteção do Estado. Há, no entanto, outro sentido, cada vez mais afirmado hoje que, para a autora, consiste em “libertar” as crianças de uma “dominação adulta”. Nesta perspectiva, Gauchet (2009) destaca que assistimos a consagração do pertencimento político das crianças, bem como a emergência de leis que objetivam garantir sua independência e interesses próprios, inclusive contra seus pais, caso haja necessidade.

### 2.1.1.3 Um sujeito autofundado?

Submetido a uma formação de laço social concebida como preexistente a ele, o homem devia obediência ao que pregava a sociedade em que vivia. Hoje, diferentemente, nos acreditamos submetidos apenas aos limites que nós próprios fixamos. Deste modo, em um cenário no qual não concebemos mais nenhuma figura de “Grande Outro” com legitimidade para se impor, uma nova concepção de sujeito parece se delinear. Não necessariamente diferente no que diz respeito à ênfase à razão, mas sim aos modos de submissão, ou melhor, ao não reconhecimento da necessidade de submissão a algo que o transcenda.

Com Dufour (2005) vimos que historicamente os homens construíaam ficções que, funcionando como princípios unificadores, possibilitavam a eles se constituírem. Era, portanto, esse ponto de apoio, essa figura de exceção que, como uma anterioridade fundadora, possibilitava a constituição subjetiva.

O que marca a pós-modernidade, a partir da concepção teórica com a qual dialogamos, é o declínio da legitimidade do que Dufour (2005) denomina de “Grandes Outros”. A pós-modernidade corresponde, assim, a época em que nos propusemos a definir o sujeito não mais por sua dependência e submissão a um “Grande Outro”, mas essencialmente por uma definição autorreferencial: “o novo sujeito não é mais o sujeito de Deus, do Rei ou sujeito à República, mas sujeito dele mesmo” (DUFOUR, 2005, p. 71).

Diferentemente do mundo de ontem que dava lugar à existência de uma figura de exceção, o mundo de hoje, ao contrário, pretende demonstrar que é possível viver sem a figura deste Terceiro. Cabe ao sujeito promover seu próprio acesso à condição subjetiva, encontrando-se na difícil posição de necessitar postular algo que, por si mesmo, o produza como sujeito.

Dufour (2005) destaca que a autonomia jurídica e a liberdade econômica características da pós-modernidade são consonantes à definição autorreferencial do sujeito. A emergência de um “sujeito de direitos” desde o nascimento, bem como a ênfase no mecanismo de autorregulação do mercado, se encontram intimamente articuladas à crença pós-moderna na capacidade de um sujeito “causa de si mesmo”, de um sujeito capaz de se autoconstituir.

As grandes economias humanas, como a economia de mercado, a economia política, a economia simbólica, a economia semiótica e a economia psíquica se articulam, por transdução<sup>9</sup>, nas suas transformações e nos seus efeitos (DUFOUR, 2009). Ou seja, transformações relacionadas a uma delas produzem efeitos nas outras. A associação, por transdução, das mudanças subjetivas e das mutações observadas do mercado transformaria, assim, algo considerado impossível em uma espécie de possibilidade inerente ao sujeito contemporâneo: se constituir sem o apoio de um Terceiro.

#### 2.1.1.4 Um sujeito “conexionista”, flexível, desfilado...

---

<sup>9</sup> Para Simondon (1964), a transdução se constitui em uma operação na qual há uma propagação progressiva de uma atividade de um domínio para outro domínio. Uma região estruturante serve à região seguinte de princípio e modelo e, assim, uma modificação se estende pouco a pouco às outras regiões.

Refletir sobre os efeitos que o modo de desregulamentação necessário à sociedade de mercado produz nos processos subjetivos remete ao grande trabalho de descrição de Boltansky e Chiapello (2009) sobre as mudanças subjetivas que acompanharam as recentes transformações do capitalismo. Os autores identificaram três “espíritos” distintos na história do capitalismo que podem nos ajudar a compreender as mudanças operadas na concepção de sujeito de acordo com as diferentes épocas.

O primeiro “espírito” do capitalismo dominou o século XIX e o primeiro terço do século XX e estava associado a formas do capitalismo essencialmente familiar. O destino das empresas estava fortemente atrelado aos destinos das famílias consideradas, neste período, instituições sólidas (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009). Conhecia-se e julgava-se as pessoas pelas instituições das quais elas faziam parte, como a família à qual pertenciam, e não tanto pelas suas características de personalidade. Os sujeitos, perpassados pela ideologia de poupança dominante na época, eram marcados pelo comedimento, restrição, labor, regularidade, perseverança e estabilidade e consideravam estes valores como ideais (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009).

Um segundo “espírito” do capitalismo, destacam os autores, surge a partir do momento em que emergem novos e importantes personagens: a figura do diretor e dos executivos. Ligado a um capitalismo de empresas já bastante considerável, nasce o capitalismo industrial. Neste período, houve a ascensão da valorização da competência no trabalho, o que fez com que as empresas se voltassem para as características pessoais dos sujeitos e, gradativamente, deixassem de lado sua afiliação institucional. Mais anônima, esta forma de capitalismo desvinculou-se do nome e do destino de determinadas famílias que presidiram o período anterior. A vinculação às instituições, a partir deste momento, passou a se encontrar em processo de fragilização. As pessoas passaram a se preocupar mais com as histórias de suas próprias vidas e com suas próprias emoções. Sennett (1988) descreve a sociedade desta época como uma sociedade que valoriza a intimidade, a decomposição das formas de sociabilidade e convivência próprias dos séculos XVII e XVIII e enfatiza o psicologismo das relações.

Neste novo contexto, o sujeito já não percebia na afiliação às instituições a estabilidade e a segurança de antes. O seu pertencimento a esta ou aquela instituição já não garantia mais a mesma segurança se ele mesmo, como sujeito, não apresentasse características individuais que merecessem valorização, como a competência no trabalho. Emergem novos processos de subjetivação que corresponderiam ao que poderíamos denominar de discurso do “investimento em si mesmo”.

O desenvolvimento da Psicologia como ciência muito contribuiu para esta transformação, uma vez que fez emergir a concepção de “potencial humano” como uma espécie de capital que deve ser cuidado, desenvolvido e aprimorado em cada sujeito (CASTEL, 1987). A tarefa do desenvolvimento das habilidades e das capacidades de cada um conduziu a um discurso que privilegia um olhar voltado para si mesmo e para a plena realização de seu potencial.

O terceiro e atual “espírito do capitalismo”, como destacam Boltansky e Chiapello (2009), é marcado por uma mudança tanto da relação com o dinheiro, quanto da relação com o trabalho. Diz respeito a um capitalismo globalizado que emerge com ênfase nas novas tecnologias, destacando a flexibilização do trabalho e a emergência de novas tecnologias de comunicação. É este o grande perfil do capitalismo dos dias atuais, caracterizado pela exigência de uma competência individual ligada à flexibilidade, à facilidade de comunicação e de relacionamento, à mudança e à capacidade de adaptação ao novo. O sujeito, que desde o momento anterior já se voltava para si de forma crescente, agora precisa cultivar habilidades relacionadas à flexibilidade, à mudança e à adaptação. Dedicar-se, principalmente, à melhora de sua performance (LYOTARD, 2006) que se encontra intimamente associada aos investimentos feitos no seu “capital humano” (FOUCAULT, 2008).

Tal conceito, segundo Foucault (2008), é concebido como tudo que pode, de alguma maneira, ser fonte de renda futura. Foucault (2008) traz, portanto, a ideia de um capital como competência, indissociável de quem o detém, composto tanto de elementos inatos quanto de elementos adquiridos que não dizem respeito à força de trabalho, salienta Foucault (2008). Demanda investimentos educacionais concebidos de forma muito mais ampla do que o aprendizado escolar ou profissional. Inclui, por exemplo, o tempo que os pais se dedicam aos filhos, a relação de afeto com os mesmos, a vigilância com que acompanham seu desenvolvimento, o modo como cuidam da sua alimentação, o nível de cultura dos pais, os estímulos culturais recebidos pelos filhos, os cuidados médicos, bem como todas as atividades relativas à saúde... Tudo isso é concebido como um investimento mensurável em tempo que vai constituir o “capital humano” das crianças (FOUCAULT, 2008).

A partir da análise das mudanças subjetivas que acompanharam as recentes transformações do capitalismo é possível compreender o sentido do sujeito na pós-modernidade. As mudanças trazidas pelo segundo e, especialmente, pelo terceiro “espírito” do capitalismo (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009) promoveram importantes rupturas em relação à concepção de sujeito na modernidade. A afiliação do sujeito às instituições gradativamente se enfraqueceu, fazendo surgir o sujeito “conexionista” (BOLTANSKY;



CHIAPELLO, 2009). A construção de vínculos e afiliações sólidas e estáveis deixou de ser valorizada, passando a ser considerada como um obstáculo à flexibilidade que requer o novo capitalismo (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009).

O sujeito na condição pós-moderna experimenta, assim, uma espécie de viver junto “sem amarras”. Liberado da precedência, da obrigação e da dívida com o outro, emerge uma nova compreensão de sujeito no que diz respeito ao viver em coletividade. Algo que parece ser possibilitado por um cenário de relações baseadas em “conexões”, como destacam Boltansky e Chiapello (2009).

Em um mundo desenhado em um formato horizontalizado ou em rede, as relações passam a se constituir de encontros e “conexões” temporárias. Vale salientar, como fazem Boltansky e Chiapello (2009), que o termo rede até pouco tempo atrás se associava às redes técnicas de distribuição, como a rede de água e luz, ou às organizações de caráter oculto, como redes de traficantes. A recuperação deste termo foi favorecida, lembram os autores, pelo desenvolvimento das redes informacionais, bem como pela busca, nas ciências sociais, de conceitos que identificassem uma estrutura pouco ou nada hierárquica, flexível e não limitada.

Bauman (2004) reforça esse argumento de transformação das relações sociais destacando que a vida em rede proporciona uma grande facilidade de desengajamento e de rompimento, ou seja, serve de matriz tanto para “conectar” quanto para “desconectar”. A vida em rede possibilita ao sujeito uma relação com o outro e com o coletivo mais liberada, sem dívidas ou obrigações, uma vez que a possibilidade de se “desconectar” existe e não demanda grandes esforços, algo muito próximo dos ideais pós-modernos.

Tal possibilidade de “conectar-se” e “desconectar-se” deixa o sujeito mais próximo da flexibilidade e da adaptabilidade tão caras à pós-modernidade. É neste sentido que há uma ênfase crescente dada aos projetos que demandam uma afiliação menor do que o pertencimento às instituições tradicionais modernas e duradouras. Cada projeto é considerado como uma nova possibilidade de conhecer pessoas, de ser apreciado e de ser, assim, chamado para novos projetos. O projeto é o que reúne pessoas e se apresenta como um “segmento de rede” fortemente ativado durante um período relativamente curto. “O projeto é precisamente um amontoado de conexões ativas capazes de dar origem a formas, ou seja, dar existência a objetos e sujeitos” (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009, p. 135).

Neste contexto, afiliações de longa durabilidade, tanto profissionais como pessoais, que historicamente deram ao sujeito o sentimento de estabilidade são desprestigiadas. Empregos de longa duração, relações sólidas e estáveis, permanência em uma mesma cidade ao longo de toda vida, dentre tantas outras características e experiências antes valorizadas,

passam a ser vistas agora como perdas. Perdas de outras possibilidades, de vivência de outras experiências...

O ideal do sujeito contemporâneo diz respeito ao que Bauman (2011) chama de “liberdade de experimentação”, já que cada vez mais nos é oferecida a oportunidade de viver uma série de “novos começos” que, por sua vez, articulam-se à possibilidade de eliminar os anteriores, ou seja, de se considerar que aquele que se foi ontem não mais barraria a chance de se tornar alguém totalmente diferente hoje. A infelicidade corresponderia a não ter esta liberdade, a ser privado do direito da livre escolha.

Num mundo que não oferece mais planos de carreira e empregos estáveis, assinar um contrato de hipoteca com prestações de valor desconhecido, a serem pagas por um tempo indefinido, significa, para pessoas que saem de um projeto para outro e ganham a vida nessas mudanças, expor-se a um nível de risco atipicamente elevado e uma fonte prolífica de ansiedade e medo. (BAUMAN, 2004, p. 60)

Neste contexto, formar uma família, ressalta Bauman (2004, p. 60), seria “pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade insondável”. Implicaria, ainda, cancelar ou adiar outras possíveis alegrias que, em geral, aparecem como muito mais sedutoras. Formar uma família, deste modo, poderia comprometer a autonomia e provocar uma sensação de obrigação e de dependência, o que se choca com a liberdade do sujeito na condição pós-moderna. O discurso de Cristina, uma das mães entrevistadas, sobre o exercício da maternidade parece tratar desta questão.

“Eu sempre quis ser mãe, eu sempre quis ser mãe, mas eu não achava que era tão difícil... [...] Porque você não é mãe só agora. Desde que você se torna mãe, você é mãe pra sempre. [...] Desde que você se torna mãe, você vai ficar preocupada pra sempre... é tudo pra sempre. Esse pra sempre é difícil, mas é prazeroso.” (Cristina)

“Desde que você se torna mãe, você é mãe pra sempre” é uma frase que aparece, a nosso ver, como uma manifestação do mal-estar produzido pelo enraizamento que, segundo Cristina, ter filhos impõe. Ela, como mãe, se sente obrigada a lidar com o “pra sempre”, o que nos leva a refletir que, ainda que os filhos sejam desejados e tenham, inclusive, sido planejados, como um projeto, as demandas associadas à sua existência produzem uma tensão sentida por muitos como incômoda em um contexto que valoriza a liberdade de experimentação do sujeito. Isto, pois, a maternidade/paternidade corresponde a uma lógica da indissolubilidade (THÉRY, 2002) e não possibilita, assim, uma espécie de “experimentação sem compromisso”, algo que costuma ser muito bem visto na atualidade.

O vínculo entre pais e filhos não é da mesma ordem que os vínculos conjugais. Não revelam um contrato entre companheiros iguais e que tem a possibilidade de rompê-lo de comum acordo. Há uma inscrição do “para sempre” apenas no vínculo da filiação. (THÉRY, 2002, p. 56, tradução livre da autora)

A fala de Cristina ilustra, a nosso ver, a dificuldade de lidar com algo – a maternidade – que tradicionalmente remete a uma responsabilidade com o outro. Abre, portanto, espaço para refletirmos que outros modos de ser mãe e ser pai, mais afins às características dos sujeitos na pós-modernidade, podem estar surgindo na atualidade.

#### 2.1.1.5 Um sujeito voltado à satisfação de suas vontades...

O sujeito hoje tem se constituído bem diferente de como concebido na modernidade. Pretensamente capaz de se autoconstituir, liberado do compromisso com o outro e com as instituições, voltado essencialmente para si mesmo... um sujeito, sem dúvida, distinto do sujeito moderno.

Ainda que a ênfase na razão típica do sujeito cartesiano permaneça, deparamo-nos com uma concepção de sujeito largamente diferenciada do sujeito do imperativo categórico kantiano e mesmo do sujeito neurótico freudiano. Isto, pois, o “imperativo categórico” kantiano dizia respeito a um “dever” incondicional. Embasava-se em uma universalização da lei moral pautada na racionalidade, ou seja, livre de tudo o que dissesse respeito às vontades individuais, às paixões. A ética kantiana se voltava, sobretudo, ao recalçamento, à submissão do prazer à universalidade. O sujeito crítico kantiano foi, por sua vez, claramente retomado por Freud, já que o sujeito freudiano, neurótico, nasce da experiência subjetiva ligada à impossibilidade. A lei moral kantiana foi, portanto, sofisticada na elaboração freudiana do Superego que corresponde a uma instância psíquica resultante da internalização da lei moral (FREUD, 1930[1929]/1996).

Na contemporaneidade, em oposição, impossibilidade e recalçamento representam barreiras e estas, como vimos, são rechaçadas. É deste modo que as vontades individuais, bem como os prazeres de cada um, passam a ser valorizados em detrimento da renúncia em prol do coletivo. O sujeito deve voltar-se para si não só objetivando o desenvolvimento de sua capacidade individual, como também buscando dar livre curso às suas vontades, às suas paixões.

Neste contexto, a renúncia das vontades individuais em prol do coletivo perde o sentido de necessidade. A referência a Freud se faz aqui indispensável. Em “O mal-estar na

civilização”, Freud (1930[1929]/1996) enunciou que a vida coletiva impõe um controle dos impulsos e, portanto, salientou a necessidade de se fazer restrições à liberdade individual em prol da coesão do grupo social. Só assim, segundo ele, seria possível viver em sociedade. Elias (1994), do mesmo modo, considerava que a construção da civilização implicava um gradativo processo de autocontrole pulsional. Este autor salientou igualmente o conflito inerente entre as necessidades e inclinações pessoais e as exigências da vida social, conflito este que, ao longo do “processo civilizador” (ELIAS, 1994), deve se definir em favor das exigências da vida social.

Na pós-modernidade, diferentemente, os sujeitos usufruem do que Dufour (2008) chama de um “incentivo tácito” para a realização de suas vontades. O autor, em sua obra “O divino mercado”, esclarece que essa liberação das paixões emerge, na verdade, como uma imposição ao sujeito. Segundo o autor, dar livre curso às paixões trata-se de um mandato, ainda que sutil e imperceptível, encontrado pelo capitalismo com o objetivo de dar conta do excesso de sua produção. Manipula-se a energia libidinal do sujeito, em especial no que diz respeito à sua permanente insatisfação. Nesse sentido, nada mais deve barrar a livre expressão e a satisfação dos desejos capturados e transformados em necessidade de consumir sempre mais.

O mercado contribui para a formação de um sujeito que acredita poder e dever ser sempre satisfeito. Seja na escola, na família ou até mesmo nos tribunais, este sujeito reivindica satisfação. Amplia-se, assim, para os mais diversos campos de sua vida, seu comportamento de consumidor, de cliente. Brito (2012, p. 568) destaca que os sujeitos vão sendo formados com a compreensão de que, se existe um anseio de qualquer ordem, esse é legítimo e deve encontrar rápida satisfação.

Este cenário voltado a uma busca de satisfação constante faz da realidade do desprazer uma experiência negativa. Como diz Bruckner (2010), vivemos em uma sociedade voltada para o hedonismo na qual a felicidade se transformou em um “verdadeiro entorpecente coletivo ao qual todos devem se entregar” (BRUCKNER, 2010, p. 17). Trata-se, no cenário pós-moderno, da busca de uma felicidade privada, voltada à satisfação pessoal, através do livre curso a todas as inclinações e vontades.

#### 2.1.1.6 Qual o sentido do cuidado para o sujeito contemporâneo?

Em um cenário de importantes discontinuidades, como o pós-moderno, faz-se necessário interrogarmos que sentido adquire o cuidado. A partir do que vimos no capítulo

anterior, percebemos que o cuidado adquire diferentes sentidos referentes especialmente ao período histórico em que se encontra. Entre os gregos, “cuidar de si” remetia a “conhecer a si mesmo”, uma atitude voltada para consigo, para com o outro e para com o mundo. O sentido do cuidado naquela época era, pois, perpassado pela intensa relação do homem grego com a Pólis.

Marcado pela ideologia individualista das sociedades ocidentais (DUMONT, 1985), o sentido do cuidado na modernidade passou a valorizar o sujeito, com destaque para seu desenvolvimento, o que pode ser ilustrado pela teoria de Winnicott. Voltado para uma preocupação com a saúde e a educação das crianças, o cuidado com as mesmas destinava-se, neste época, preponderantemente a promover uma preparação delas para a vida em sociedade (ARIÈS, 1986).

A compreensão sobre o advento de uma era pós-moderna marca a emergência de uma nova ideia de cuidado, no sentido de um afastamento de sua relação com o viver coletivo. Há uma transformação na concepção de cuidado, efeito das transformações maiores em curso na sociedade, que acompanha as mudanças que aqui analisamos na ideia de sujeito. Na pós-modernidade, deparamo-nos com um sujeito liberado, marcado por relações em redes e, principalmente, concebido como um ser “completo”, capaz de se autoconstituir. Não se trata mais, pois, de sujeitos desamparados, demandantes de cuidados para se desenvolverem.

Neste cenário, Doron, Lefève e Masquelet (2011) afirmam que nos encontramos diante de uma nova filosofia do cuidado, na qual o cuidar passou a ser voltado a um sujeito momentaneamente frágil que busca, através do cuidado, restituir sua capacidade e para o qual se produz técnicas de cuidado que visam torná-lo capaz de se autocuidar.

Na família, acreditamos assistir a um efeito análogo. O cuidado não tem mais se apresentado como algo essencial para a formação dos sujeitos, tampouco tem sido associado a uma preparação das crianças para a vida em sociedade. Aos pais caberia, portanto, uma espécie de “auxílio pontual” aos filhos. Os próprios pais deixam implícita essa ideia quando enunciam frases como as de Alberto, um dos pais entrevistados:

“[...] eu trato meus filhos assim: ‘oh, agora somos amigos, então o que eu puder colaborar, eu vou colaborar, mas sem interferência.’ Eu odeio dar opinião na vida dos outros. Não gosto, nem na do M. [filho caçula com 9 anos], ‘ah, pai, eu não vou fazer isso, não, vou fazer aquilo’, ‘ah, não? Então arque com as consequências’”.  
(Alberto)

No cenário atual, ser pai parece ganhar, portanto, o *status* de um colaborador, algo próximo da concepção de cuidador que vimos no capítulo anterior. Desenvolve-se uma ideia

de que os filhos demandam apenas um auxílio temporário de um outro que, por sua vez, precisa cuidar para não cercear a liberdade dos mesmos. O cuidado precisa, assim, ser exercido “sem interferência”, como reforçou Alberto. O projeto de cuidado na relação entre pais e filhos parece apontar, deste modo, para algo pontual que preserve a autonomia de todos os envolvidos.

Diferentemente da modernidade quando o cuidado se voltava a um sujeito desamparado, hoje nos vemos diante de um cuidado voltado a um sujeito autônomo. Esta concepção guarda um compromisso com uma visão de sujeito caracterizada pela ficção de superação dos limites que a condição de mortalidade lhe impõe. Saímos, assim, de um quadro de compreensão de um sujeito como um ser frágil, inacabado, que, exatamente por isto, demanda cuidados de um outro, para um quadro onde o sujeito é capaz de cuidar-se, no sentido de empreender uma “gestão de si”. Deste modo, o cuidar tem como objetivo tornar alguém capaz de gerir-se em busca de um bem-estar e de uma felicidade privada.

### 3 FAMÍLIA HOJE

“Ah, ser mãe, assim, é tudo. [...] então, assim, é você viver por eles.” (Mônica)

“Eu acho que o pior pros filhos, mesmo, são os pais. Os pais têm que deixar, um pouco, eles acontecerem no mundo... sem interferência [...] ‘Vai viver! Vai descobrir você por si só!’ [...] Então, meu princípio é de não interferência.” (Alberto)

Mônica, uma das mães entrevistadas, se refere à maternidade como uma totalidade, como algo que “toma” a vida dos pais. Já Alberto, argumenta sobre a não interferência na relação com os filhos. Encontramo-nos, assim, diante de diferentes facetas da família na atualidade sobre as quais nos debruçaremos agora.

Deparamo-nos hoje com mudanças importantes na família, ressonâncias de transformações maiores em curso na atualidade, dentre as quais destacamos as que dizem respeito ao lugar da autoridade. Os pais que já foram a “encarnação familiar de Deus” (ROUDINESCO, 2003, p. 21) hoje são constantemente concebidos como “pares” de seus filhos.

As transformações são tantas que não é fácil sequer definirmos o que se compreende hoje por família. O que fica claro é a existência de diversas possibilidades de arranjos familiares, como mencionamos no primeiro capítulo. Famílias monoparentais, reconstruídas, alargadas, binucleares, homoparentais, entre outras, são apenas algumas das inúmeras possibilidades com as quais hoje convivemos. Independente do arranjo, encontramos-nos diante de um processo de “privatização” que tem perpassado a instituição familiar (GAUCHET, 2009). Vivemos, de acordo com Gauchet (2009), uma mudança em relação à concepção de família moderna, esta que tinha como principal função preparar os filhos para a sociedade.

#### 3.1 BREVE INCURSÃO NA HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Segundo Ariès (1986), o “sentimento de família” surgiu como efeito de transformações decorrentes da passagem da idade média para a modernidade. A grande mudança foi, segundo o autor, a emergência de uma preocupação da família com a educação das crianças. “Passou a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena *antes* de deixá-la unir-se aos adultos” (ARIÈS, 1986, p. 277, grifo do autor).

Tal mudança fez surgir o “sentimento de infância” que, de acordo com Ariès (1986), estava ausente nas sociedades tradicionais. Nestas, as crianças não eram compreendidas como

tais, eram tão somente adultos em tamanho reduzido. Assim, tão logo esses pequenos seres não necessitassem mais de cuidados intensos, ingressavam no mundo dos adultos e não mais se distinguiam deste. Não havia um olhar para a infância como uma etapa da vida nem, tampouco, um rito de passagem da infância para a idade adulta. A família repousava sob uma ordem de mundo imutável e de organização patriarcal. Cabia ao pai a responsabilidade pela ação de todos os outros membros da família junto à sociedade. Ele precisava garantir a fidelidade à ordem pública dos membros de sua família e, em contrapartida, possuía sobre ela um poder que Donzelot (1986, p. 50) descreve como “quase discricionário”. Era, por isso, considerado “o senhor das famílias”.

A família nuclear moderna se constrói sobre outras bases. As ideias iluministas que defendiam os valores de igualdade e de liberdade impulsionaram a uma verdadeira revolução das mentalidades com repercussões em todos os campos da vida humana. De “grande corpo sócio-econômico”, como diz Costa (1999), a família se converteu em “célula da sociedade” (ARIÈS, 1986), o que aponta para a responsabilização que recaiu sobre as famílias no que diz respeito à ordem e ao desenvolvimento do Estado.

Como efeito, abriu-se espaço para a constituição de um novo modelo de família que se volta para seu núcleo – pai, mãe e filhos – e passou a ser concebida como local exclusivo de proteção e cuidados da infância (COSTA, 1999). A criança tornou-se um personagem bem consistente, embora nesta época ainda não ocupasse o lugar de “pivô de todo o sistema” (ARIÈS, 1986, p. 270) que passou a ocupar mais adiante.

A ideia de infância, segundo a qual as crianças não estavam prontas, maduras para a vida, e que era preciso submetê-las a um regime especial de educação antes de deixá-las se unir aos adultos, a caracterizava como uma fase da vida diferenciada da idade adulta que, por isso, demandava tutela da geração anterior.

### 3.2 A EDUCAÇÃO DOS “RECÉM-CHEGADOS”

Em “Sobre a Pedagogia”, Kant (1923/ 2011) afirma que o homem é a única criatura que precisa ser educada, algo que não se faz sem constrangimentos. Kant (1923/2011) entendia por educação a imposição de disciplina, de instrução e de cuidado.

Como cuidado, Kant (1923/2011) compreendia o trato com as crianças associado às tarefas mais básicas como alimentação, higiene e proteção. A disciplina, por sua vez, era para Kant (1923/2011, p. 13) aquilo que “submete o homem às leis da humanidade”. Ele salientava que tal submissão deveria acontecer desde a mais tenra idade, sublinhando a importância da



escola em tal processo. Cobia à escola, em sua opinião, disciplinar as crianças juntamente com a família para que estas, no futuro, não se deixassem guiar por suas vontades e aprendessem a aceitar os limites que a vida impõe. Considerava, portanto, o constrangimento como necessário à educação, uma vez que teria por finalidade ensinar as crianças a usar bem sua liberdade quando se tornassem adultas. Deste modo, a educação objetivaria proporcionar aos homens a capacidade de gozar de sua liberdade e independência no futuro, podendo então dispensar os cuidados de outrem após o período de maturação em que eram dependentes. Tratava-se, como destacamos no capítulo anterior, de uma **conquista** da autonomia.

A concepção de educação em Kant toma a criança como um ser diferenciado e inferior ao adulto, demandando cuidados destes para se desenvolver e atingir a idade adulta. Sobressai, nesta concepção, a importância da criança ser preparada para alcançar futuramente um estágio em que possa usufruir do exercício pleno de sua liberdade.

Sob a perspectiva kantiana, os homens são educados por outros homens que, por sua vez, receberam a educação de outros, processo que institui a cadeia de transmissão genealógica. Pierre Legendre (1996), em “El inestimable objeto de la transmisión”, observa, a este respeito, que a criança ao nascer passa a compor um elo de uma cadeia transgeracional anterior e muito maior do que ela. Inscreve-se em um sistema de transmissão genealógica que aponta para o conjunto dos sistemas institucionais fabricados pela humanidade para sobreviver e difundir-se (LEGENDRE, 1996). Através da sucessão de gerações, se transmitem os nomes, os valores, as representações simbólicas, bem como o saber-fazer específico de um grupo cultural. Os mais novos têm, assim, a possibilidade de conhecer aspectos importantes do mundo ao qual acabam de chegar para, então, começarem a construir seu próprio caminho o que, no entanto, geralmente não ocorre sem conflitos com a geração precedente. Os mais novos são, deste modo, parte de uma cadeia transgeracional, representando o mais jovem elo da mesma. Ao se tornarem adultos passarão, eles próprios, a transmitir às próximas gerações os códigos necessários à constituição da vida em sociedade.

Encontramos em Hannah Arendt, igualmente, a concepção relativa à transmissão geracional segundo a qual é da geração anterior, em geral representada pelos pais, a responsabilidade de “apresentar” aos “recém-chegados” as regras do mundo a eles preexistentes (ARENDDT, 2009). Ao transmitir aos filhos as regras e os valores do mundo, os pais os educam possibilitando-lhes compreender de que modo se vive em sociedade. Caberia à família a responsabilidade de educar suas crianças segundo os valores de cada sociedade. Ainda segundo Arendt (2009), a criança, concebida como um “vir a ser” (ARENDDT, 2009), precisa ser tutelada com vistas à sua formação, compreendida como um processo de

transmissão de conhecimentos e normalização de condutas. Transmite-se um saber entre “aquele que sabe” e outro que “não sabe”, estabelecendo-se uma clara distinção de papéis entre pais e filhos.

A educação é [...] onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDETT, 2009, p. 247)

Ecossistemas da pedagogia kantiana podem, portanto, serem percebidos na teoria arendtiana e são encontrados até a atualidade. Referem-se a um olhar sobre a infância como ser em desenvolvimento, rumo a um estágio diferenciado: a idade adulta. Visto como um ser frágil, desamparado, dependente de outrem para seu desenvolvimento, o “recém-chegado” estaria assim concebido em consonância com a tese sobre a neotenia humana de Bolk (1961).

### 3.3 UMA NOVA COMPREENSÃO SOBRE A INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O EDUCAR NA PÓS-MODERNIDADE

“Como a gente valoriza a inteligência infantil! Ao contrário de outras épocas em que a gente menosprezava, hoje em dia a gente se maravilha e percebe que eles “sacam” muito mais que a gente. A gente fica... a gente vai fechando a visão numa reprodução de atos, princípios, valores e até ideias, né? A gente fica menos criativo... E a criança vê o mundo de outra forma. Ela questiona o mundo. Então, a gente tenta incentivar isso. Em muitos sentidos, eu aprendo mais com eles [os filhos]... ou melhor, não é verdade! Porque eles também têm que aprender muito com a gente. Mas eu aprendo mais o libertário com eles e eles aprendem mais o social, as regras do jogo.” (Fábio)

O discurso deste pai entrevistado nos remete ao cenário contemporâneo caracterizado pela valorização da juventude. Fábio procura destacar o quanto os adultos hoje aprendem com os filhos. Do mesmo modo, encontramos na mídia manchetes nas quais o aprendizado dos adultos se destaca: “Crianças ensinam pais a descartar corretamente o óleo de cozinha”; “Crianças ensinam pais a respeitar o meio ambiente”; “Crianças surpreendem adultos e os ensinam a lidar com a tecnologia”. Brito (2005), em seu artigo com o sugestivo título “De ‘papai sabe tudo’ a ‘como educar seus pais’”, relata uma pesquisa feita sobre a programação infantil-juvenil veiculada na televisão onde diferentemente de um “papai sabe tudo” de ontem, hoje, ao contrário, as crianças são concebidas como capazes de ensinar seus pais.

Este cenário ilustrado pelo discurso de Fábio, pelas manchetes veiculadas na mídia e reforçado pelo estudo de Brito (2005) trata da existência de um saber apropriado pelas

crianças e jovens e desconhecido dos pais/adultos. Delineia-se aí uma compreensão do saber que não corresponde a experiências acumuladas ao longo da vida e transmitidas pelos mais velhos aos mais jovens. Este fenômeno, como aponta Lyotard (2006), diz respeito a uma mudança no estatuto do saber a que assistimos hoje. O autor destaca a incidência das informações tecnológicas sobre o saber, questão que precisa ser considerada na era pós-moderna, uma vez que afeta o saber em suas principais funções, dentre elas a transmissão.

É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (*media*) o fez. (LYOTARD, 2006, p. 4, grifo do autor)

Considerando a influência da tecnologia, não é possível que o sentido do saber tenha permanecido intacto. Lyotard (2006) salienta que, na condição pós-moderna, o antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável do processo de formação, entra em desuso. Segundo o autor, na pós-modernidade o conhecimento se separa do sujeito cognoscente e assim é modificado o princípio da formação moderna que coloca o saber como algo constitutivo do sujeito. Tal mudança merece ser tratada com atenção, uma vez que implica importantes transformações no processo de transmissão geracional e, como consequência, na concepção de educação.

Sob a perspectiva de uma educação moderna, adultos e crianças eram considerados hierarquicamente diferenciados, pois as crianças precisavam se apropriar de múltiplos saberes para passar à condição de adultos. Demandavam, pois, que os mais velhos fossem capazes de formá-las para, então, deixarem de ocupar o lugar dos que “não sabem”. Hoje, diferentemente, observa-se a emergência de uma nova concepção sobre o saber articulada ao declínio do lugar de autoridade dos pais.

A centralidade dos ideais de liberdade e igualdade teve grande repercussão em todos os âmbitos da vida humana. A absorção desses ideais pela instituição familiar levou a um gradativo questionamento do patriarcado e à emergência da família nuclear burguesa que, vale sublinhar, seguiu reconhecendo o homem/pai como uma figura de autoridade. Ainda que o patriarcado deixasse, pouco a pouco, de ser o sustentáculo de toda uma estrutura social, a figura de autoridade centrada no homem seguia como um dos três fundamentos sobre os quais repousava a família nuclear burguesa, sendo os outros dois, a subordinação da mulher e a dependência dos filhos (ROUDINESCO, 2003). O poder do homem neste modelo de família

se apresentava como superior ao da mulher; os adultos, por sua vez, distinguiam-se das crianças por se encontrarem na posição do exercício da educação e da função disciplinar.

Não mais assegurada pelo patriarcado, a autoridade dos pais foi, ao longo da modernidade, sofrendo importantes abalos rumo à horizontalização das relações familiares. Os anos sessenta e setenta do último século, marcados por lutas contra as formas de repressão e de discriminação, e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, consolidaram a ideia de que o princípio organizador das sociedades deveria se sustentar, sobretudo, nos valores de autonomia e de liberdade. Na família, a antiga relação verticalizada que marcava a diferença entre as gerações deu lugar progressivamente a uma relação cada vez mais horizontalizada, com impactos para o exercício da autoridade dos pais. Segundo Arendt (2009), tais transformações repercutiram fortemente na educação, onde a autoridade passou a ser contestada em nome desses novos valores. Por se sustentar e se ancorar na legitimidade da hierarquia que perpassava a relação entre pais e filhos, a autoridade passa a ser problematizada.

A relação autoritária entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder do que manda; o que eles possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos têm seu lugar estável predeterminado. (ARENDR, 2009, p. 129)

Para Arendt (2009), o exercício da autoridade demanda uma demarcação hierárquica e estável de lugares. Como efeito da ideologia igualitarista, a dessimetria de lugares que marcava a instituição familiar e garantia a diferença entre os “recém-chegados” e a geração precedente passou a ser tomada como inferioridade dos filhos em relação aos pais.

A modernidade, rompendo com o mundo tradicional unificado, abriu espaço às filiações plurais e, assim, proporcionou também um grande golpe ao patriarcado. No entanto, mesmo diante de filiações plurais, o sujeito moderno ainda mantinha a montagem simbólica que Dufour (2005) refere como necessária para o exercício da autoridade. É esta montagem simbólica, sobre a qual o exercício da autoridade se apoiava, que está hoje em questão. Como, neste contexto, transmitir valores, regras e limites aos mais jovens?

“Antigamente, não, os mais velhos falavam e a gente obedecia. Hoje é difícil. É difícil educar uma criança hoje.” (Sandra)

“As minhas filhas fazem coisas que eu jamais faria... responder pai e mãe. [...] Eu tento passar isso, mas é tão complicado!” (Sandra)

“Antigamente, eu achava que a criação era mais rígida, né? Era mais rígida. Não é igual hoje em dia. Os filhos hoje em dia... não sei... não deve ser nem por criação, mas acho que o tempo vai mudando e... não sei o quê atrapalha, mas não é a mesma

coisa. [...] Pai fala com filhos, os filhos, oh... fuma, bebe na frente de mãe e pai, fala palavrão. Na minha época não tinha nada disso.” (Cláudia)

“O adulto tá conversando, a criança entra. Na minha época não entrava. Minha mãe olhava pra minha cara, eu já sabia que era pra sair de perto, não precisava nem mandar sair. Hoje em dia eles entram e querem participar da conversa de adulto que não tem nada a ver com eles, a gente chama atenção e aí sai batendo pé ‘ai, mãe é chata, mãe é isso’.” (Cláudia)

Estes relatos de duas mães entrevistadas nos falam de mudanças e sugerem que o exercício da autoridade está comprometido. Pais e mães tentam impor limites aos filhos, mas observam que “não é a mesma coisa”. Ainda que não identifiquem o que mudou, reconhecem que “está complicado”. Como observa Hurstel (2006), na atualidade os pais parecem estar conscientes da sua falta de autoridade. Sem legitimidade para se impor como figuras de autoridade, encontram dificuldade na educação de seus filhos, como destacou Sandra.

Não mais concebidos como representantes de um lugar de exceção, os pais não ocupam lugar de destaque no que diz respeito a possuírem um saber acumulado. Em um cenário de horizontalização, de igualdade em todas as relações, o sentido da experiência acumulada parece se perder. Szapiro (2003) salienta que há hoje um não reconhecimento, um estranhamento por parte dos mais jovens sobre o que as gerações anteriores teriam a lhes transmitir. Não surpreende que os filhos tenham dificuldade de aceitar as regras transmitidas pelos pais...

Esfumaça-se, assim, o valor da experiência acumulada no passado, algo que Varenne (1986) ressalta referindo-se à desvalorização, na contemporaneidade, da experiência dos avós. Segundo o autor, os avós tornam-se representantes de uma geração cuja experiência não tem hoje valor prático, o que a torna desprestigiada. Do mesmo modo, em pesquisa sobre a “nova maternidade” na década de oitenta no Brasil, Almeida (1987) destaca que a relação das mães da década de cinquenta com a família de origem era a de um modelo significativo de aprendizado, de experiências e saberes sobre a maternidade. Mães, avós, tias, irmãs mais velhas apareciam como fontes de aconselhamento e exemplo a ser seguido. O aprendizado materno era, portanto, entendido como ligado à transmissão de experiências já vividas pelas mulheres da família. Esta atmosfera em muito se difere da encontrada entre as gestantes da década de oitenta e suas famílias de origem (ALMEIDA, 1987). Estas últimas, segundo a autora, chegam mesmo a apresentar a transmissão do saber de suas mães como um obstáculo e uma interferência negativa à “vivência genuína” da gravidez e da maternidade. As mães da década de cinquenta passaram, assim, a serem ignoradas em relação aos saberes que poderiam transmitir sobre a maternidade (ALMEIDA, 1987).

Há uma desvalorização do passado acompanhada de uma ênfase crescente no futuro, nos inúmeros produtos – sempre atualizados – voltados a como melhor cuidar de filhos, como livros, cartilhas etc. Como diz Gauchet (2009), vivemos em uma sociedade que se separa do passado da tradição e se volta para o futuro da produção. É o futuro a orientação temporal obrigatória de uma sociedade que supostamente tem seu princípio organizador em si mesma.

Neste cenário de desvalorização do passado e da experiência acumulada, os pais se tornam os “velhos de um mundo ultrapassado” (SZAPIRO; RESENDE, 2010). Sob um ideal contemporâneo voltado a estar jovem, “aberto” a tudo que está por vir, todos devem buscar ser jovens, jovens como modo de existir. São, os próprios pais, levados a adotar a juventude como um “estilo de vida” (SZAPIRO; RESENDE, 2010), para não se “perderem” diante das velozes transformações em curso. A criança, por sua vez, se torna “[...] o representante vivo do futuro no cerne do presente, a prova de seu possível, a encarnação de suas promessas”. (GAUCHET, 2009, p. 142). É, pois, a portadora de um futuro que esperamos que seja diferente e melhor que o presente.

Importantes transformações no que diz respeito à concepção de infância estão presentes. Gauchet (2009) destaca que a infância é atualmente carregada de uma tensão constitutiva uma vez que, por um lado, é tomada a partir de uma noção “privativa”, haja vista o estatuto da maioridade. Por outro lado, salienta-se a instalação da autonomia subjetiva como algo acessível a todos, inclusive às crianças. Ou seja, a criança tendo que ser protegida uma vez que não alcançou a maioridade é, ao mesmo tempo, concebida como ser autônomo, o que não a diferencia, nesse aspecto, do adulto. Tal concepção torna problemática a ideia de construção da independência como concebida no projeto moderno de educação.

A afirmação da diferença da criança e o reconhecimento de sua qualidade de sujeito de direito, após ter se desenvolvido solidariamente e se ajustado conjuntamente, chegaram a um grau de maturação que os fez atuar cada qual por si de maneira incontrolável e tornar sua articulação no cerne de uma prática regrada altamente problemática. (GAUCHET, 2009, p. 144-145)

Somos, assim, solicitados a tutelar a criança, como legalmente estabelecido pelo artigo 227 da Constituição Brasileira, considerando, entretanto, sua autonomia e liberdade como “sujeito de direitos”. Lebrun (2008) salienta que este cenário de valorização da garantia dos “direitos da criança” é muitas vezes apropriado no sentido de afirmar que a criança possui as mesmas capacidades que um adulto. É neste sentido que Gauchet (2009) afirma que a criança é hoje concebida como “pessoa inteira”.

“[...] Eu falei que você viesse pro quarto, pra você pensar no que me respondeu. Desliga a televisão. Fica sentado pensando. Quando você chegar a uma conclusão e você achar que tem que me pedir desculpa, você me procura.” (Paulo)

Paulo, um dos pais entrevistados, espera que seu filho pense no que fez e, sozinho, chegue a uma conclusão. Há, no discurso de Paulo, uma grande expectativa e credibilidade na capacidade do filho de refletir, concluir e tomar uma atitude. Como um adulto que, por si mesmo, pode pôr fim a seus excessos. A criança é, deste modo, compreendida como uma “pessoa à parte, inteira e socialmente integrada como indivíduo” (GAUCHET, 2009, p. 145), não como um “vir a ser”.

Neste cenário, destaca-se a ideia de autoconstituição do sujeito, da qual tratamos no capítulo anterior, a partir da qual compreende-se crianças como sujeitos prontos, integrados, inteiros. Neste caso, como observa Dufour (2005), é a ausência de barreiras e a aposta em uma liberdade irrestrita, grosso modo, que marcam o projeto de educação.

A criança, antes concebida como um ser frágil, dependente, concepção segundo a qual a aquisição do saber é indissociável do processo de formação, dá lugar à compreensão hoje crescente que as crianças, garantidos seus direitos, podem construir o saber por si mesmas, a partir de seu próprio desenvolvimento interno e de suas interações com o meio (OTTAVI, 2011). Destaca-se, deste modo, uma ênfase na espontaneidade infantil, uma crença na potência da criação veiculada pela atividade livre do sujeito. Trata-se aí de se considerar que há uma capacidade instauradora no sujeito quando liberado dos modelos passados, um sujeito que se autoconstitui.

A educação ganha, assim, novos contornos a partir do momento em que se coloca a liberdade como ponto de partida, como se fosse algo inerente ao sujeito, e não como uma conquista, como compreendida no contexto da educação moderna. Esfumaça-se, portanto, o sentido de uma concepção de educação que colocava a cultura e os saberes na dimensão de precedência e que tinha como função formar a criança de modo a possibilitá-la futuramente exercer sua liberdade.

Voltada à “revelação da potência do universal no homem, e não mais simplesmente o acesso ao domínio da ordem dada” (GAUCHET, 2009, p. 133), a educação na pós-modernidade privilegia a construção do saber como algo possível de ser realizado pela criança no presente. Não há, portanto, boas razões para que uma criança aceite ser formada pela geração anterior. “Ele me formaria em quê, uma vez que, formado, já estou?” (DUFUR, 2009, p. 138).

No cenário no qual “[...] fabricam-se dependentes com pretensões de independência”, como salienta Gauchet (2009, p. 25-26), a educação passa a ter dois grandes princípios: a valorização da individualidade e a exaltação da preparação social para o futuro. Trata-se, segundo Gauchet (2009), de nomear uma capacidade instauradora bastante livre em relação ao passado, visando preparar o indivíduo para o que está por vir; o que, não por acaso, encontra-se em consonância com o desprestígio da transmissão genealógica (LEGENDRE, 1996). A ideia é conduzir as crianças para o futuro sem, contudo, constrangê-las com as referências do passado. Diferente do projeto moderno que se remetia a experiências do passado para guiar o presente, onde os pais buscavam formar os filhos para a sociedade com todos os ônus para a liberdade individual que isso exigia, na atualidade busca-se conduzir as crianças para o futuro a ser construído pela iniciativa autônoma de cada um.

O que se enfatiza no que poderíamos chamar de um projeto pós-moderno de educação é o desenvolvimento de habilidades e competências diante de um mundo em transformação. Investe-se, pois, na formação do “capital humano” das crianças (FOUCAULT, 2008). Não por acaso os currículos escolares visam preparar os mais jovens de modo a serem flexíveis e abertos à comunicação, à inovação...

Ocorre, assim, um “reviramento copernicano” (GAUCHET, 2009, p.147) que, no que diz respeito à escola, consiste em colocar o aluno, suas necessidades momentâneas e suas capacidades atuais no centro do dispositivo escolar. O aluno deve estar em condição de aprender para seu desenvolvimento pessoal. Neste contexto, a pedagogia tradicional é criticada por:

[...] desconhecer e refrear a espontaneidade criadora da criança, por não se preocupar suficientemente com o que é realmente suscetível de se ensinar e, finalmente, por exercer uma intolerável violência em relação aos indivíduos, sob pretexto de fazer prevalecer pretensas normas universais. (GAUCHET, 2009, p. 147)

Professores se tornam, assim, “colaboradores” – termo, inclusive, hoje já utilizado em algumas instituições de ensino. O professor deve ter como tarefa ajudar, auxiliar, apoiar o desenvolvimento das capacidades humanas dos alunos. Deve, assim, contribuir para o “capital humano” dos mesmos sem, no entanto, cercear sua capacidade criativa, nem tampouco lhes impor constrangimentos.

### 3.4 UMA FAMÍLIA PÓS-MODERNA?



Seguindo Ariès (1986), uma nova compreensão sobre a infância implica um remodelamento na família, assim como ocorreu na passagem da idade média para a modernidade. Gauchet (2009) ampara este argumento ao destacar um processo de “privatização” em curso nas famílias.

A família hoje, afirma Gauchet (2009), não cumpre mais a função de instituição na sociedade da qual faz parte; não se encontra mais no lugar de “célula base” do funcionamento da sociedade. Voltada para si mesma, torna-se fundamentalmente privada. Estaríamos diante de uma mutação na função social da família, fechada agora apenas em torno de si mesma (GAUCHET, 2009).

Ariès (1986), em “História social da criança e da família”, já mencionava um processo de “fechamento” da família que, segundo ele, ocorreu paralelamente a um distanciamento entre família e sociedade quando da consolidação da família nuclear. Estaríamos hoje assistindo ao apogeu de tal fechamento acompanhado da “privatização” da família de que fala Gauchet (2009). De um grupo estruturado por pólos e papéis, a família passa a ser um agrupamento funcional de interesses econômico-afetivos. Deixa de ser regida como uma instituição e abre espaço para um ordenamento próprio, como um pacto privado. Relações que antes se constituíam atravessadas por coerções externas, obrigatórias e vitalícias para muitos agora se destacam por um caráter de união voluntária e revogável. A família hoje deixou de ser uma “engrenagem da ordem social” (GAUCHET, 2009, p. 239).

A família concebida como instituição obrigava seus membros a “saírem deles mesmos e de seu pequeno mundo para ir em direção ao outro e seu mundo, ligar-se a ele, fazer aliança com ele” (GAUCHET, 2009, p. 240). Repousava em um reconhecimento simbolizado e institucionalizado da copresença do outro, o que dava sentido à regra da reciprocidade. Inseria-se, assim, em uma cadeia de transmissão genealógica que demandava trocas simbólicas, onde se deveria retribuir o que se havia recebido. Os mais jovens contraíam uma dívida que deveria ser transmitida à próxima geração.

Ser pai cria, então, uma dívida. E é em nome dessa dívida, a ser reembolsada, que se faz a transmissão. Mas não se reembolsa essa dívida a seus pais. Ela é obrigatória em relação a seus próprios filhos, já que o eixo é vetorizado: é isso que significa “honrar seus pais”, transmitir a dívida de geração a geração. (HURSTEL, 2006, p. 168)

A família “privatizada” apresenta um novo modo de constituição. Modo este que está em consonância com a concepção pós-moderna de sujeito, pois que este se caracteriza por ser

um sujeito que não se compreende organizado pela precedência do laço social e não reconhece a dívida para com as gerações precedentes.

Um sujeito “conexionista” (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009) que não tem seu lugar assegurado pela filiação. Constrói sua vida a partir de projetos que começam e terminam e esquiva-se de viver situações que demandam uma afiliação de longa durabilidade, como o casamento tal como compreendido até a modernidade. Em “Amor líquido”, Bauman (2004) analisa tais transformações destacando o aumento da flexibilidade nas relações amorosas.

As relações entre os membros desta nova família se constituem no âmbito privado e psicológico distanciando-se, assim, das questões referentes à ordem social que tinham grande importância para a família institucionalizada. Acreditamos que esteja aí a chave para a compreensão do discurso de Cristina, citado no capítulo anterior – “Desde que você se torna mãe, você é mãe pra sempre”. Além da manifestação do mal-estar pelo enraizamento que ter filhos impõe, abre-se outra possibilidade de análise deste discurso se compreendermos o comprometimento com um filho hoje como associado a questões de ordem privada e não social.

Diante de uma escolha “privatizada” e muitas vezes planejada sobre o nascimento das crianças, possibilitada pelos avanços das tecnologias de reprodução que permitem desde o controle da natalidade até a procriação em um período da vida antes considerado infértil, ter filhos deixa de ser parte de um processo de perpetuação da existência coletiva e passa a ser resultado de uma vontade pessoal (GAUCHET, 2008).

Decorre daí uma outra concepção de responsabilidade pelos filhos, uma vez que estes são concebidos a partir da vontade dos pais. A vida da criança passa a ser dependente de pais que pessoalmente a “quiseram”, como destaca Lebrun (2008). Ainda que não tenham sido exatamente planejados, a existência dos filhos impõe aos pais uma espécie de “responsabilidade privatizada”, uma vez que estes últimos tinham ao seu alcance todas as formas de evitar uma gravidez e não recorreram a elas. Uma responsabilidade que se reveste de uma autonomia que não estava presente anteriormente e não se compromete com a transmissão da experiência valorizada por dada cultura.

Responsabilidade agora significa, do começo ao fim, responsabilidade para consigo mesmo [...] ao passo que ‘escolhas responsáveis’ são, também de ponta a ponta, ações com um feitio tal que servem bem aos interesses e satisfazem os desejos do ator, além de evitar a necessidade de compromisso. (BAUMAN, 2011, p. 59)

Emerge, portanto, uma relação entre pais e filhos diferente daquela concebida dentro de uma cadeia de transmissão genealógica. Não se trata de um reconhecimento dos pais como

elo de uma cadeia transgeracional que deve transmitir aos filhos o aprendizado necessário a se ver “como um entre os outros” (GAUCHET, 2009). Emerge um enraizamento fruto de um ideal de responsabilização pelas próprias escolhas autônomas quanto a planejar ter filhos ou mesmo não evitá-los.

Neste contexto, podemos compreender a maternidade/paternidade como algo que “toma” a vida dos pais o que, no entanto, não pode ser entendido como uma unanimidade. Sabemos que há muitos pais e mães que abandonam seus filhos, seja de modo real e/ou simbólico. Nas entrevistas realizadas, no entanto, deparamo-nos com situações bem distintas:

“Acho que até me dedico muito, sabe? Eu deixo de fazer... Eu vivo pra eles, não faço mais nada. Não faço mais nada... É difícil eu sair...” (Sílvia)

“[...] minhas filhas são tudo na minha vida. [...] Elas são a maior parte de mim.” (Sandra)

Os entrevistados, em sua maioria, com destaque para as mães acima citadas, relatam que “vivem” para os filhos, que estes são “tudo” em suas vidas. Este é o discurso do enraizamento de que fala Cristina. Responsáveis por seus filhos porque escolheram que os mesmos “viessem ao mundo”, os pais entrevistados parecem se dedicar a eles a ponto de fazer com que os mesmos se tornem o centro e a maior parte de suas vidas. Dedicção esta que assumiu diferentes nuances nos discursos: uns mais romantizados, como o de Sandra, e outros mais queixosos, como o de Sílvia. Referem-se, de toda forma, a uma grande responsabilidade em relação aos filhos, como também destacou Fábio, outro pai entrevistado.

“[...] a gente se sente muito responsável pela vida deles e até pela personalidade deles. A gente fica muito atento de que sejam pessoas felizes, inteligentes, sensíveis, generosas.” (Fábio)

Fábio salienta a atenção que acredita que os pais precisam ter ao desenvolvimento de características da personalidade dos filhos algo que, segundo Badinter (1985), encontrou seu apogeu com a difusão de um discurso social baseado em conceitos psicanalíticos, a partir da segunda metade do século passado. É neste sentido que muitos pais se sentem cada vez mais responsáveis pelo desenvolvimento da personalidade dos filhos e tendem a investir em tudo que se acredita associado ao melhor desenvolvimento das crianças. Dentre os diversos aspectos que podem ser citados neste sentido destaca-se, segundo Lebrun (2008, p. 27), o “clima de amor necessário à maturação da criança” que hoje é concebido como fundamental para o desenvolvimento saudável do sujeito. Sandra e Mauro, pais entrevistados, falam sobre

a necessidade desse “clima de amor” ao salientarem a importância de dar amor e carinho aos filhos para bem educá-los.

“Tem que ter sabedoria pra colocar o filho no caminho certo e... [...] Tem que ter amor, muito. Paciência, muita paciência e muito amor.” (Sandra)

“Tem que educar com carinho... acho que o carinho é o melhor a dar a uma criança.” (Mauro)

O amor pelos filhos que começou a se destacar quando da formulação da família nuclear moderna, ganha sentido de centralidade na família contemporânea. Com o esfumaçamento da dimensão institucional, a família privada emerge como um “reservatório de afetos”, como o lugar da felicidade privada de seus membros. Não surpreende, pois, a decisão favorável à filha na situação de “abandono afetivo” de que tratamos no primeiro capítulo.

Nesse cenário, ter um filho parece implicar uma responsabilidade voltada essencialmente a duas grandes questões: assegurar a ele o acesso a tudo que o possibilite se constituir da melhor forma possível, com destaque para as questões afetivas, e ainda colocá-lo a salvo de situações como violência, crueldade, opressão etc. A família se concebe, assim, como devendo proteger os filhos dos traumatismos engendrados pela vida coletiva, como destaca Lebrun (2008). Algo que, segundo o autor, seria consequência do dever da família de fornecer o “clima de amor” necessário ao desenvolvimento da criança.

“Porque A. e D. têm mais um ano de creche só, depois vão ter que ir pra escola. Vão ficar mais tempo em casa. Então, pra você deixar na mão de uma pessoa que você não conhece, só um emprego muito bom [risos]. Que compense isso. Mas quando tiverem mais independentes eu pretendo voltar, porque não dá, né? Eu não vou ficar por conta de casa, mesmo porque eu não sei fazer nada. E eu também sinto muita falta do trabalho, das pessoas. A gente tinha aquele relacionamento bom de tomar um choppinho uma vez por semana. Eu sinto muita falta... No início eu sofri muito, sofri bastante, tinha dias até que eu chorava, mas... não tem o que fazer.” (Sílvia)

“Aí ele [marido] falou assim: ‘não, você não vai voltar a trabalhar, você espera as crianças crescerem’. Esses dias mesmo eu estava falando que eu não aguento mais ficar dentro de casa. Quero ter meu dinheiro de novo [risos]. [...] Só parei depois que meu segundo nasceu. Logo depois eu engravidei dela [a filha caçula] e aí ‘agora não tem jeito, agora tem que parar de trabalhar’. Eu ficava com medo de deixar com qualquer um.” (Cláudia)

Através dos discursos destas duas mães entrevistadas, percebemos que elas, por considerarem que devem aos filhos uma grande dedicação e que é a família, como um “reservatório de afetos” e segurança, o melhor lugar para crescerem, deixam de lado outras

vivências que lhes davam prazer. Não o fazem, no entanto, sem conflitos, como vemos com Sílvia que acredita que se dedica muito e que “não faz mais nada”.

Em um cenário de estímulo constante à realização de satisfações pessoais, deixá-las de lado não parece fácil. Ainda que ter filhos tenha sido uma escolha dos pais, a sua existência faz emergir sentimentos de diversas ordens, positivos e negativos. O prazer pela realização da escolha de ter um filho dá lugar, no dia a dia, a uma multiplicidade de sentimentos complexos e paradoxais.

### **3.4.1 Conversando a gente se entende...**

Nessa nova configuração familiar, Lebrun (2008) aponta para uma dificuldade inédita encontrada nos pais na atualidade: dizer “não” a seus filhos. Tal papel se tornou difícil não apenas em razão da sua pouca atratividade em uma época em que a juventude se apresenta como um “modo de vida” (SZAPIRO; RESENDE, 2010), mas, sobretudo, porque a forma de dizer “não” só pode se exercer em nome de princípios sobre os quais o mundo repousa. Tal dificuldade seria, portanto, consequência de uma crise da legitimidade dos pais que se articula ao declínio dos “Grandes Outros” de que fala Dufour (2005).

Soma-se a tal dificuldade um novo imperativo que, segundo Lebrun (2008), recai sobre os pais na pós-modernidade: conquistar o amor de seus filhos. Ainda que a ênfase nos afetos esteja presente desde a emergência da família nuclear burguesa, na contemporaneidade há uma leitura diferenciada desta questão que, segundo Lebrun (2008), remete a uma necessidade dos pais de conquistar o amor de seus filhos.

É neste cenário que Mônica, uma das mães entrevistadas, entende que tem “tarefas” a cumprir para conquistar o amor dos filhos e, assim, ser vista como amiga dos mesmos. Ou que faz Paulo e Rogério, pais entrevistados, acreditarem que sua relação com seus filhos está progredindo bem porque é pautada na amizade.

“Tem que conversar, tem que brincar muito [...] Porque se a gente não der atenção, não ouvir, não permitir ouvir deles, eles vão acabar, assim, crescendo e não sendo nossos amigos, porque a gente vai deixar de ouvir e eles vão contar pros amigos.” (Mônica)

“E a gente tem uma relação até, assim, de amizade. [...] Hoje é muito bate-papo. [...] é uma relação muito de amizade mesmo. [...] A gente tá progredindo bem. Conversando... a gente conversa muito.” (Paulo)

“[...] eu sou um bom pai, eu sento e converso com eles.” (Rogério)

Na busca pela conquista do amor dos filhos, os pais parecem dispostos a cumprir uma série de orientações, como dar atenção, brincar, dentre as quais se destaca a importância do diálogo com os filhos. Tal importância é crescente na família contemporânea que se delinea como lugar de troca recíproca e simétrica, como salienta Lebrun (2008). “É por isso que os pais apelam para a negociação, às vezes até para contratos, a fim de se sustentarem nesse lugar que, mesmo assim, continua sendo deles” (LEBRUN, 2008, p. 27).

““Oh, a gente tem que conversar com seu filho, porque ele deu um chute na porta do banheiro... ficou correndo, brincando com as crianças lá dentro do restaurante [risos]...”” (Paulo)

Buscando manter o diálogo como base de sua relação com o filho, Paulo, um dos pais entrevistados, opta por evitar a imposição de castigos. Acredita que, através do diálogo, seu filho possa refletir sobre o que fez, algo que se encontra intimamente associado ao novo modo de se conceber a infância na atualidade.

Especificamente neste ponto em que examinamos os efeitos da centralidade do diálogo na família pós-moderna, cabe destacar que tal centralidade é consonante com as transformações em curso nessa família. Os conflitos, quando surgem, precisam ser geridos no sentido de dar voz a todos os envolvidos e, deste modo, não oprimi-los, sejam os envolvidos adultos ou crianças.

A aposta maior seria a de que, dando voz a todos os membros da família, os conflitos poderiam ser evitados, uma vez que no modelo de gestão só é legítima uma decisão quando há acordo entre as partes. Instaura-se, pois, uma configuração familiar diferenciada daquela moderna, na qual conflitos estavam colocados na relação entre pais e filhos, com destaque para o momento de enfrentamentos entre as gerações – enfrentamento que se traduzia no esforço psíquico dos “recém-chegados” de “provarem” aos mais velhos que finalmente estariam prontos para participar do mundo adulto trazendo seus novos olhares sobre o mundo (SZAPIRO, 2003). Com o desaparecimento da formação hierárquica que caracterizava a relação entre as diferentes gerações, o enfrentamento típico da passagem de uma geração à outra tende a desaparecer.

Tais mudanças na família fazem parte de uma transformação maior no corpo social que aponta no sentido da constituição de um “mundo sem limite”, como destaca Lebrun (2004). Vivemos um deslocamento de limites cada vez mais rápido e generalizado que, muitas vezes, se confunde com a supressão de todo e qualquer limite (LEBRUN, 2008). Imersos em um “mundo sem limite” os pais se deparam com a dificuldade de dizer “não” e buscam,

através da construção de vínculos de amizade com os filhos, o apoio que lhes foi retirado como autoridade, sugere Lebrun (2010).

“Aí normalmente a gente vai lá depois para conversar. ‘Você entendeu por que que a gente achou ruim?’ Aí conversa e resolve ali.” (Fábio)

O discurso deste pai entrevistado traz o diálogo com os filhos como o solucionador de problemas. Basta conversar que se “resolve ali”, como diz Fábio. Sílvia, por sua vez, destaca o diálogo como uma espécie de investimento na relação com os filhos, já que espera um retorno no futuro.

“Eu tento ter um diálogo muito aberto, porque eu acho que isso pra frente é muito importante”. (Sílvia)

Relacionar-se com os filhos essencialmente através do diálogo é um posicionamento bem diferente do citado pelos entrevistados no que diz respeito à relação deles com seus próprios pais.

“Minha mãe era um pouco mais rígida. [...] eu tento ir com o mundo de hoje, né? A gente vai conforme a música [risos]. Minha mãe era um pouco mais rígida, não podia muita coisa. Hoje eu já tento falar com minha filha de uma forma que pode muita coisa, mas dentro dos limites. Minha mãe era aquela coisa de ‘não pode’ e não quer explicar o porquê que não pode.” (Renata)

“Antigamente os pais mandavam, determinavam... ‘é porque é. Faça isso porque eu quero’. E hoje tem o questionamento: ‘por que que eu vou fazer?’ Hoje a criança não aceita mais fazer uma coisa só porque é determinada. Ela questiona e questiona muito.” (Ricardo)

Destaca-se nestes discursos dos pais entrevistados a afirmação de que a criança hoje não aceita mais uma imposição de regras sem explicações, sem diálogo, em um cenário contemporâneo de valorização da liberdade. Ao explicar, busca-se não promover uma interdição no sentido de que “é porque é”. Acredita-se, assim, possibilitar o entendimento, um posicionamento democrático característico do ideal de horizontalização das relações familiares onde a imposição de ordens não seria mais considerada legítima. Não são mais os pais, outorgados de autoridade, que dizem “não”. Busca-se, para tal, uma racionalidade baseada na explicação do “não”.

A imposição de limites parece deixar espaço, pois, para uma transmissão de informações que, em última instância, coloca os filhos também como responsáveis por cuidarem de si mesmos. Por serem considerados capazes de entender o que os pais têm a explicar, caberia também a eles analisar a informação transmitida e tomar uma atitude.

Tal é a situação apresentada por Paulo, um dos entrevistados, quando relata que sua esposa disse que eles teriam que conversar com o filho porque o mesmo chutou a porta do banheiro. Muito provavelmente, após apresentarem ao filho os motivos pelos quais tal comportamento não deve se repetir, apostam na compreensão, na avaliação dos riscos feita pelo filho, e na conseqüente não repetição do ato.

Cabe salientar que esta análise não se posiciona contra o diálogo entre pais e filhos. O que buscamos aqui é apenas compreender as implicações de tal modo de relação e o contexto que a proporcionou. Assim como Sibilia (2012, p. 122), entendemos que “dialogar é muito diferente de educar, ainda que em seu seio se produzam ensinamentos e aprendizagens”.

O diálogo, como modo privilegiado de relação entre pais e filhos, não é, no entanto, uma unanimidade entre os entrevistados.

“Lá em casa é assim: se eu chegar e falar pra elas: ‘oh, não vai fazer isso’. Não vai, acabou.” (Mauro)

Tal fala nos remete ao que diz Figueira (1987) sobre a coexistência de modelos diferentes de família. Ele destaca que o tipo de família que prevalecia nos setores médios da sociedade brasileira na década de cinquenta era definido como “hierárquico” e foi percebido na década de oitenta – época da elaboração de seu livro – como “tradicional” e “arcaico”. Em oposição, o modelo familiar da década de oitenta, marcado por uma estrutura igualitária, era concebido como “moderno”.

O autor chama atenção para a ausência de linearidade do processo de modernização que teria conduzido a passagem de um modelo de família para o outro. Enfatiza que nem tudo do passado pode ser deixado completamente para trás e que o processo de modernização da família é resultante de um jogo complexo de fatores. Afirma, deste modo, que o arcaico e o moderno coexistem nas famílias brasileiras na década de oitenta do último século (FIGUEIRA, 1987).

Partindo desta leitura, entendemos que hoje coexistem modelos de família que podemos conceber como moderno, como pós-moderno e ainda como arcaico. No entanto, mesmo que este estudo não diga respeito a uma pesquisa amostral, vale salientar que o discurso de Mauro é exceção entre os entrevistados.

“Mas talvez uma coisa que na nossa educação pra eles não seja tão boa é a coisa do castigo, da punição, por causa dessa dificuldade de limites, assim, nossos.” (Fábio)



Não encontrando mais o “Não!” inscrito no social, na ordem da geração anterior, o sujeito contemporâneo não pode mais se legitimar nela para, por seu próprio turno, transmiti-la, e, obrigado a fazer o trabalho que a geração precedente deveria fazer, mas não fez, se considera no direito, ele também, de recusar a tarefa, seja acertando as contas com ela com grande dificuldade, seja dobrado sob seu peso e acabando por pura e simplesmente se demitir. É assim que podemos hoje ler esse sintoma que se tornou demasiadamente banal, segundo o qual os pais não sabem mais dizer “Não!” às suas crianças e isso, nós o constatamos, cada vez mais precocemente. (LEBRUN, 2010, p. 66)

Fábio se refere a algo que já discutimos anteriormente sobre o sujeito na condição pós-moderna. Livre, liberado, flexível, inserido em um contexto social que se apresenta “sem limite” encontra dificuldade ao se tornar pai e mãe e precisar dizer “não” aos filhos. Deste modo, os pais e mães entrevistados buscam que tudo se resolva no diálogo, conversando com seus filhos. Quando isso não ocorre, ou seja, o diálogo não basta, os pais entrevistados propõem um castigo de uma forma “não negativa” ou buscam acalantar os filhos após o castigo para que os mesmos não o associem a uma falta de afeto, algo que remete novamente à compreensão da família como lugar de afetos, o que se articula à “privatização” da família de que fala Gauchet (2009).

“É pai porque sustenta, tá ali perto, dá carinho, eu dou um tapa ele vai lá e dá beijinho, mas não tem aquela disciplina de ‘não, não vai’ [...]”. (Cláudia)

“E o castigo... a gente procura fazer uma coisa que não seja, assim, negativa, pra que ela não ligue a uma coisa de falta de carinho.” (Ricardo)

Outra possibilidade citada por uma entrevistada para lidar com a dificuldade de imposição de limites parece ser a de restringir a si mesma. Sílvia relata que seus filhos “tocam o terror” e, deste modo, “não pode ir pra casa de ninguém”.

“Eu falo: ‘eu não posso ir pra casa de ninguém porque os meus [filhos] tocam o terror e eu fico morrendo...’. Assim, quebram as coisas, mexem em tudo, aí eu não relaxo. Na minha casa eu relaxo, que aí eles fazem o que querem, né? Tem os brinquedos... Não têm que mexer nas coisas de ninguém. Então, eu prefiro ficar aqui [em casa].” (Sílvia)

Parece, pois, que a solução encontrada por Sílvia ante a dificuldade de imposição de limites aos filhos é limitar a si mesma. Ficar em casa, nesse cenário, deixa de ser uma opção e passa a ser a solução encontrada para não precisar lidar com os constrangimentos que a exposição da falta de limites dos filhos pode gerar.

A análise das entrevistas chama atenção também para o fato do castigo aplicado pelos pais entrevistados a seus filhos mais se aproximar de uma reação emocional dos mesmos do que de uma transmissão sobre o certo e o errado. A “explosão” ou a “irritação” dos pais se

destaca como detonadores do castigo, o que reforça o processo de fechamento da família sobre si mesma e seu conseqüente distanciamento da função social de reprodução de valores e normas de uma determinada cultura.

“[...] tem horas que a gente explode, bota um de castigo, bota outro.” (Cláudia)

“Se me irritar, quem vai pagar a conta são eles. Eu aviso pra eles: ‘não me irrita, porque se me irritar, eu vou pra cima de vocês’. Não tô nem aí.” (Alberto)

“Ele afronta. ‘Eu não quero, eu não vou, já falei pra você que eu não vou’. Aí começa a gritar. ‘Você vai me bater?’ Eu nem cheguei perto. Aí aquilo vai me irritando, vai me irritando de uma forma... Aí eu tenho que fazer um show, um carnaval, uma gritaria pra ele poder sentar e fazer. Aí depois que eu grito, berro e dou uns tapas nele, aí ele senta e faz tudo e pede pra fazer mais.” (Cristina)

### 3.4.2 A centralidade dos filhos na atualidade

“[...] os filhos são muito centrais na vida, né? Muito importantes. Precisam muito da nossa disponibilidade, do nosso tempo livre [...]”. (Fábio)

“[...] o tempo livre é pensado em função das crianças. [...] A gente passa a viver, compartilhar, mais em função de como eles vão se divertir, do programa que eles vão curtir, do que do que a gente gostava de fazer antes de ter filho: sair à noite, dormir até altas horas...” (Fábio)

“Mas, assim, no geral, a gente... tanto eu quanto ela [esposa], a gente fica muito em função dele. Dando atenção tanto na educação, tanto na parte de entretenimento [...]”. (Paulo)

A fragilização do papel paterno que assistimos ao longo da modernidade veio acompanhada de um maior destaque da figura da mãe e, em especial, das crianças no seio das famílias. Tal destaque parece ter alcançado seu apogeu na contemporaneidade, onde as crianças passaram a ocupar o lugar de “pivô” de suas famílias (ARIÈS, 1986).

A difusão social de teorias sobre o desenvolvimento infantil, com destaque para as psicológicas, muito contribuíram para as crianças terem alcançado a centralidade que têm hoje. A dedicação dos pais foi tema de muitas dessas teorias que acabaram por responsabilizá-los quanto a um certo desenvolvimento ideal dos filhos.

Na pós-modernidade, tal centralidade ganha força a partir da concepção de filhos como investimento dos pais, como vimos a partir da análise de Foucault (2008). Muitos pais investem nos filhos tempo, dinheiro, cuidados, entre outros. Dedicam-se a eles deixando-se, muitas vezes, de lado. Não mais exatamente por ser esta sua função na instituição familiar, mas porque escolheram ter filhos como um projeto pessoal. Precisam, por isso, executar seu projeto da forma mais eficaz, assim como fazem com outros tantos projetos em suas vidas.

Vale lembrar que criança é, na contemporaneidade, concebida como um “ator social exemplar” (GAUCHET, 2005) exatamente por ser considerada como uma promessa para o futuro. As crianças são, assim, elevadas ao lugar de plenitude legítima e passam a ser vistas como a “encarnação” do valor por excelência e o objeto privilegiado do compromisso afetivo. Demandam, portanto, uma grande responsabilidade dos adultos no sentido de aprimoramento de seu “capital humano”.

Os pais entrevistados, dentre tantos outros, vivem, assim, muito em função das crianças que são colocadas no centro do sistema familiar, deixando-os em posição secundária. Algo que pode ser bem ilustrado por alguns desenhos animados em destaque na contemporaneidade como “Peppa Pig”. Todos da família são reconhecidos em função da Peppa, personagem principal, e do seu irmão, George, ambos crianças. “Papai Pig”, “Mamãe Pig”, “Vovô Pig” e “Vovó Pig” são reconhecidos por seu parentesco com Peppa e George e não por seus nomes próprios. Do mesmo modo, vemos um movimento crescente de homens e mulheres que se apresentam como “pai de fulana”, “mãe de beltrana”, algo que ilustra a centralidade dos filhos na família pós-moderna.

São eles que escolhem, opinam e, principalmente, têm suas opiniões e escolhas respeitadas pelos adultos. Como protagonistas das famílias, passam a ter uma importante influência sobre as decisões familiares. Um estudo de um grupo de mídia americano denominado “O poder da influência da criança nas decisões de compra da família”, realizado em onze países no ano de 2011, apontou que 51% dos pais tomam decisões de compra ouvindo seus filhos e os outros 49% afirmam que decidem junto com as crianças. Mesmo quando o produto é para os pais, a opinião dos filhos é considerada por 60% dos entrevistados, como na compra de um automóvel (MURAD, 2011).

No âmbito jurídico, vivenciamos igualmente um momento de crescente valorização da palavra da criança. Brito, Ayres e Amendola (2006) ressaltam que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, de 1989, foi bastante original em afirmar que crianças e adolescentes não devem ser vistos apenas como objeto de proteção, mas também como portadores de direitos e que, neste sentido, devem se expressar e serem ouvidos. É sob esta perspectiva que atualmente cresce o que se convencionou chamar de “depoimento sem dano” – uma audiência realizada com uma criança ou adolescente em sala privada, onde a inquirição é realizada por um psicólogo ou assistente social e o juiz vê e ouve o depoimento através de um aparelho de televisão – a partir do qual se abre a possibilidade de fazer perguntas e solicitar esclarecimentos em tempo real à criança ou ao adolescente através do profissional que está conduzindo o depoimento (CONTE, 2008). Tal dispositivo, usado principalmente em

situações de violência contra criança e adolescentes nas quais há dificuldade de provas, ilustra, a nosso ver, o movimento de valorização da palavra da criança.

Ainda que o caso da escuta de crianças no âmbito judicial não diga respeito a um cumprimento da vontade da criança, muitas vezes é essa a repercussão social que apresenta. Nesse sentido, em diversos contextos, observamos as vontades das crianças colocadas no centro da família, como destacam as entrevistadas Sílvia e Cristina.

“Às vezes eu dou palmadinha e ele ri, sabe? Ele chega de madrugada no meu quarto e fala assim: ‘mãe, sai daí que eu vou dormir com meu pai’. Ele é assim. Ele é muito engraçado. Chega a ser até engraçado pela idade, mais pra frente eu não sei o que vai ser.” (Sílvia)

“Lá [casa dos avós maternos]... ele controla tudo. Assim, na verdade, só tem ele de criança... Tudo ele controla, manda mesmo em todo mundo.” (Cristina)

Outros pais entrevistados, por sua vez, destacam a força da opinião dos filhos, chegando Mônica a ressaltar uma inversão entre pais e filhos no sentido da imposição da fala da filha em detrimento da dela e do marido.

“Ela é mais difícil de lidar um pouco, porque ela tem um temperamento muito forte mesmo. Apesar de ter 9 anos, tem um temperamento bem forte mesmo. A opinião é dela, é assim, é assado.” (Débora)

“Ela tem um temperamento, assim, muito forte. Então, ela acha... às vezes ela quer se achar um pouco mais os pais, e nós, os filhos.” (Mônica)

“[...] ele tem resposta pra tudo, então é difícil [...] desde pequenininho sempre teve opinião, tá entendendo? É de uma opinião que eu não sei de onde que ele tirou.” (Jorge)

“Olha, a professora tá de cabelo em pé. Ela disse que nunca viu uma turma tão... assim, tão autêntica, sabe? A professora não tá aguentando.” (Jorge)

Jorge associa a força da opinião de seu filho, bem como de seus colegas de classe, a uma autenticidade, algo que, segundo Gauchet (2009), se impõe como uma exigência contemporânea. O autor esclarece que tal exigência se opõe à inscrição em um coletivo, uma vez que “para ‘ser você mesmo’ [...] é preciso se conservar em si mesmo” (GAUCHET, 2009, p. 245). Diferente de quando ao sujeito era imposto sair de seu mundo para ir em direção aos outros, na pós-modernidade, quanto mais o sujeito conseguir se conservar em si mesmo, quanto menos contato com o coletivo no sentido de sujeição ao mesmo, melhor. Há, neste sentido, uma crescente valorização do sujeito desfilado, liberado, característico da pós-modernidade. “Be yourself” ou “Seja você mesmo” funciona, portanto, como uma espécie de

lema de vida para muitos. Ricardo, um dos pais entrevistados, conta orgulhoso que a filha, aos seis anos, já falava sobre essa questão ao se referir ao Shrek<sup>10</sup>.

“[...] ‘legal é a pessoa ser feliz do jeito que a pessoa é’. Pô, pequenininha... ela devia ter uns 6 anos quando ela falou isso. ‘A pessoa é feliz do jeito que ela é e do jeito que ela gosta de ser’. ‘É isso aí, filha!’”.

Em um cenário descrito por Gauchet (2009, p. 133) como perpassado por “uma nova centralização copernicana sobre as vontades e as capacidades, a expressão e o desabrochar de sujeitos singulares”, aos pais e professores cabe compreender tal autenticidade como característica da personalidade das crianças e, mais que respeitá-las, valorizá-las. Reafirma-se, portanto, as transformações em curso na concepção de infância no sentido da criança deixar de ser concebida como um “vir a ser” (ARENDETT, 2009) e passar a ser tomada como um sujeito “pronto”, cuja autenticidade precisa ser respeitada e, inclusive, admirada. Não surpreende, pois, que os pais entrevistados se refiram à opinião e ao que chamam de “temperamento forte” dos filhos, sorrindo.

### **3.4.3 Família pós-moderna: investimento nos filhos sob um princípio de não interferência?**

A partir do que foi discutido neste capítulo, percebemos que a família apresenta hoje traços marcantes distintos da família nuclear moderna. Trata-se de uma família entendida como um projeto privado onde os filhos são concebidos como responsabilidade pessoal dos pais, uma vez que estes “escolheram” que “viessem ao mundo” o que demanda, por sua vez, uma espécie de investimento privado dos mesmos.

A educação volta-se hoje para o “capital humano” (FOUCAULT, 2008) das crianças, no sentido de possibilitar um desenvolvimento saudável e um futuro promissor para as mesmas. Pais debruçam-se, assim, sobre tudo que lhes prometa desenvolver tal capital, com destaque para os afetos na relação com os filhos.

Sabe-se perfeitamente que o número de horas que uma mãe de família passa ao lado do filho, quando ele ainda está no berço, vai ser importantíssimo para a constituição de uma competência-máquina, ou se vocês quiserem para a constituição de um capital humano, e que a criança será muito mais adaptável se, efetivamente, seus pais ou sua mãe lhe consagraram tantas horas do que se lhe consagraram muito menos horas. (FOUCAULT, 2008, p. 315)

---

<sup>10</sup> Ogro grande, verde, aparentemente feio e assustador personagem principal da série de livros, filmes e outros itens de mesmo nome: Shrek.

Aposta-se que esse investimento no “capital humano” da criança garantirá a saúde, com destaque para o bem-estar, o sucesso dos filhos no futuro e, ao mesmo tempo, uma “renda psíquica” para os pais que aí investiram. “Haverá a satisfação que a mãe tem de cuidar do filho e de ver que seus cuidados tiveram sucesso”, afirma Foucault (2008, p. 335).

Partindo desta perspectiva, os pais parecem mais “gestores” do que “formadores”. Atentos para interferirem o mínimo possível na autenticidade de seus filhos, se voltam cada vez mais para o que acreditam garantir o desenvolvimento dos filhos em toda sua plenitude.

## 4 UMA PROFUSÃO DE CUIDADOS

Transformações contemporâneas na concepção de sujeito e de família abriram um novo cenário sobre o sentido do cuidado de filhos. Mais articulado a um projeto pessoal dos pais, o cuidado na atualidade prioriza a ideia de autonomia e parece se caracterizar pela primazia de uma visão de gestão de ações de cuidado emergentes de um discurso de especialistas. Aos pais caberia gerir uma enormidade de informações recebidas almejando alcançar o desenvolvimento saudável dos filhos, de modo a conquistar êxito em um projeto idealizado por eles próprios.

### 4.1 EDUCAR E CUIDAR: EM BUSCA DE NOVAS DEFINIÇÕES

Buscando compreender o sentido que adquire hoje o cuidar de filhos, indagamos aos pais e às mães entrevistados o que eles compreendiam por cuidar e educar. Suas considerações sobre o educar ilustram, a nosso ver, o movimento de transformação do sentido deste termo.

Fábio, Cristina e Renata, pais entrevistados, trouxeram em seus discursos uma concepção de educação voltada à transmissão de valores.

“Educar são os valores, são os exemplos, são os assuntos, é a cultura...” (Fábio)

“Educar... você direciona mais para o lado pedagógico, mesmo. De educar... de direcionar ele pra ser uma boa criança. Ter uma boa educação, ser educado, não fazer isso... Mostrar o que está certo e o que está errado perante a sociedade.” (Cristina)

“E educar é essa forma de ensinar. Ensinar a ela, mesmo, como se comportar na rua, na casa dos outros, na escola... e dando educação, né? Respeitando as pessoas, como eu já tinha falado.” (Renata)

Cláudia e Tatiana, por sua vez, também destacaram, em suas entrevistas, a concepção moderna de educação, mas trouxeram igualmente uma preocupação com a formação da personalidade dos filhos, no sentido de que sejam pessoas felizes, responsáveis...

“Porque educação é você formar um cidadão, é você... tem que tentar orientar para que ele siga o melhor caminho, para que ele cresça sem vícios, sabe? ‘Do bem’... não seja uma pessoa mesquinha. [...] você tá educando, você tá criando um cidadão, fazendo que ele seja um adulto feliz, responsável, né?” (Cláudia)

“O educar acho que é você ter uma relação bacana, tentar que seu filho seja uma pessoa... ajudar pra que ele seja uma pessoa legal [...]” (Tatiana)

Os discursos destas mães entrevistadas se apresentam permeados de uma exaltação do futuro (GAUCHET, 2009). Nos colocam diante das transformações nos processos de educação, como analisamos no capítulo anterior. Ilustram também uma possibilidade de coexistência de diferentes concepções sobre a educação, do mesmo modo que, segundo Figueira (1987), convivemos com modelos de família distintos. Em transformação, o sentido da educação nas famílias contemporâneas ora diz respeito à transmissão de valores, marca da educação moderna, ora remete a um modelo de orientação e “capacitação” dos filhos, visando sua preparação para o futuro (GAUCHET, 2009).

Renata, uma mãe entrevistada, se destaca por apresentar um posicionamento de educação que aqui denominamos, por oposição ao entendimento contemporâneo neste campo, de “ainda moderno”, uma vez que sublinha a importância da transmissão da experiência geracional, enfatizando que tal experiência não pode ser substituída por informações obtidas, por exemplo, no *Google*.

“Ela vai lá e já sabe, descobre sozinha. E quebra a cara muitas vezes, né? E eu tento falar isso com a minha filha. “L., oh, a internet tá aí. Realmente você bota ‘Tio *Google*’, ele te responde tudo, mas só que ele não te dá a base, a experiência que a gente tem. Você tem que confiar em quem? Em mim. Eu e seu pai. Somos a sua referência.” (Renata)

Fábio e Cristina, por sua vez, ainda que em alguns momentos na entrevista tenham se referido à educação no sentido próximo de como concebida na modernidade – como transmissão de valores – não sustentam tal posicionamento ao longo de seus discursos. No capítulo anterior, destacamos fragmentos do discurso de Fábio que apontam para uma dificuldade de imposição de limites e também para a responsabilidade que sente quanto ao desenvolvimento da personalidade de seus filhos, algo que associamos ao sentido contemporâneo da educação. Do mesmo modo, ressaltamos fragmentos do discurso de Cristina no qual ela destaca que seu filho é quem controla tudo e declara que na sua família não há uma diferença hierárquica de lugares estabelecida entre ela, seu marido e seu filho.

“[...] Na verdade, a gente se relaciona com ele como uma pessoa comum. Não como uma criança. [...] então a conversa minha com o pai dele é conversa de três. Na verdade, tudo que acontece aqui em casa é de três.” (Cristina)

Um novo modo de educação se faz presente, ainda que muitas vezes de forma implícita, no discurso dos entrevistados. Uma educação que, como chama atenção Gauchet (2009), quer valorizar a individualidade e preparar para o futuro, pautando-se, para isso, em



uma busca do bem-estar dos filhos. Bem-estar hoje intimamente articulado à concepção de uma vida saudável e sem riscos, o que requer, para tanto, o investimento dos pais.

No que diz respeito às considerações dos pais e mães entrevistados sobre o cuidar, a preocupação com o desenvolvimento saudável dos filhos apareceu de forma clara.

“[...] definiria o cuidar como o básico para a sobrevivência: alimento, limpeza, sono, saúde, doença e tal.” (Fábio)

“O cuidar, é o cuidar, o dia a dia, ver as coisinhas, ver se está limpinho, unha, essas coisas, né?” (Sílvia)

“[...] acho que a gente acaba usando o cuidado pra essa coisa que eu comentei... ‘ah, eu cuido. Eu cuido muito da minha filha. Vejo se ela está com a orelha limpa, se ela tomou banho, se ela almoçou, se ela jantou’.” (Tatiana)

“Cuidar é aquela coisa, você cuida para que a criança não se machuque, pra que tenha cuidado com si mesmo...” (Cláudia)

Tais considerações nos levam a interrogar se, diante das transformações em curso atualmente, em especial no que diz respeito à transmissão intergeracional, os sentidos de cuidar e de educar não caminham cada vez mais próximos, voltando-se ambos, essencialmente, para um desenvolvimento saudável da personalidade, compreendendo aqui a personalidade como um conceito amplo e complexo construído no âmbito do dispositivo psicológico. Cuidar e educar se confundem, assim, quando caminham em direção ao mesmo objetivo, qual seja, almejar o bom desenvolvimento do potencial do qual a criança é, em si, portadora.

“[...] eu entendo que cuidar é educar...” (Ricardo)

Kant (1923/2011) pensava o cuidar como parte da educação, como parte do processo de aquisição da autonomia. Via nas crianças a necessidade de maturação, enfatizando a importância da educação destas pelas gerações precedentes. Apenas sendo educadas, o que significava um processo de incontornável imposição de constrangimentos e de disciplina, seria possível às crianças conquistar sua autonomia.

Considerando aqui as transformações em curso na concepção de infância, elaboramos nossa tese de que os sentidos do cuidar e do educar têm se aproximado na atualidade. Sob a ótica da compreensão moderna destes conceitos, nos parece que hoje a tarefa de educar se restringe a de um cuidar que, por sua vez, se faz também diferente, pois se exerce numa subjetividade que tem como valores centrais o pressuposto do livre arbítrio e da exigência de

liberdade. Assim, nos distanciamos do educar que tomava como referência valores transmitidos geracionalmente.

Educar e cuidar parecem se referir hoje, igualmente, a um olhar que se dirige ao futuro e que, sublinha Gauchet (2009), caracteriza uma sociedade que se separa da tradição. Deste modo, educar e cuidar tornam-se processos que compreendem um sujeito que deve se desenvolver plenamente em todas as suas capacidades e que, para tal, não deve sofrer constrangimentos. O investimento dos pais centra-se, assim, em proporcionar um desenvolvimento saudável dos filhos em direção ao pleno exercício de suas potencialidades e, conseqüentemente, a uma boa performance no futuro.

#### 4.2 A FAMÍLIA COMO AGENTE DE MEDICALIZAÇÃO

Cuidar como tarefa da família tem como grande marco a revolução higiênica do século XVIII. Ariès (1986) destaca que a emergência do “sentimento de infância” veio acompanhada de mudanças quanto a paradigmas de higiene e princípios de educação das crianças. A saúde e a educação tornaram-se as duas maiores preocupações das famílias marcadas pelo olhar higiênico. Cuidar dos filhos colocou a família no lugar central do exercício da biopolítica (FOUCAULT, 1979).

Delinea-se, a partir de então, nos países da Europa do século XVIII, o que Foucault (1979) denominou como uma “polícia médica”, cujo reflexo foi a organização da família como instância primeira e imediata de medicalização. A saúde, com destaque para a saúde das crianças, passa a se constituir em um dos maiores objetivos da família.

A família não deve mais ser apenas uma teia de relações que se inscreve em um estatuto social [...]. Adquire, então, uma figura material, organiza-se como o meio mais próximo da criança; tende a se tornar, para ela, um espaço imediato de sobrevivência e de evolução. [...] o jogo do ‘cuidadoso’ e do ‘cuidado’, constituem algumas das leis morais essenciais da família. (FOUCAULT, 1979, p. 199)

A construção desta família acompanhou o processo de modernização em todos os países do mundo ocidental. No Brasil colônia, essas mudanças passaram a ser mais significativas a partir do aumento do controle exercido pela administração portuguesa. A estrutura que a família tinha até então dificultava o controle da metrópole, o que fez com que a família se constituísse no principal alvo de intervenção de Portugal, no sentido de conferir a ela o padrão desejado para o controle da colônia (COSTA, 1999).

Tal intervenção portuguesa instaurou um impasse no interior das famílias: ou elas modificavam seus hábitos para acompanhar as novas regras da competição social e econômica instituídas a partir do processo de modernização, ou persistiam atadas ao seu modo usual de viver, correndo o risco de morrer economicamente. Esse impasse favoreceu a intervenção higiênica, uma vez que a partir desta se formulou uma ética compatível com a sobrevivência econômica e a solidez do que futuramente veio a ser conhecido como núcleo familiar burguês (COSTA, 1999).

Deste modo, foi possível articular uma ética privada voltada à saúde, como o dever dos pais junto aos filhos, com um controle coletivo da higiene e uma técnica científica da cura proporcionada por médicos qualificados e recomendados pelo Estado (FOUCAULT, 1979). Foi assim que a medicina passou a intervir na vida das famílias conferindo a elas, com destaque para o cuidado de filhos, o padrão higiênico da época.

[...] Felipe Neri Collaço, em sua “enciclopédia de conhecimentos indispensáveis na vida prática”, mostrava até onde ia essa intervenção. O autor pretendia ensinar qual a maneira higiênica de organizar: *a habitação* [...]; *os vestidos e a roupa da casa* [...]; *a alimentação*; *a higiene em geral*; *a educação de crianças*; *os usos e deveres da sociedade* [...]. (COSTA, 1999, p. 114, grifo do autor)

A emergência do discurso higiênico aproximou, portanto, o cuidado e a saúde e foi igualmente responsável pela intervenção médica sobre a família, no intuito de garantir que o cuidado, em especial o das crianças, se desse de forma satisfatória. Uma vez que as crianças passaram a ser consideradas pelo Estado como sua futura riqueza, sua sobrevivência surge como um imperativo, o que conduz a um novo olhar dos pais sobre as mesmas (BADINTER, 1985). Emerge, assim, uma compreensão de que as crianças precisavam se transformar em adultos úteis e produtivos e não poderiam estar sujeitas à negligência dos pais.

Para mudar o quadro de mortalidade infantil, era preciso que os pais, em especial as mães, se aplicassem aos cuidados relativos aos filhos, dentre os quais se destacava a amamentação. Foi assim, através do reforço dado à importância dos cuidados maternos para a sobrevivência e para o desenvolvimento das crianças, que a maternidade alcançou um lugar de importância na sociedade moderna (BADINTER, 1985).

Cabe assinalar que o sucesso da implantação das normas higiênicas junto às famílias garantiu às mulheres/mães uma maior autonomia frente à autoridade patriarcal. Embora a condição da mulher não tenha mudado muito nessa época, a da esposa-mãe mudou. Ainda que não tenha validado juridicamente a igualdade real entre o homem e a mulher, o século XVIII

aproximou consideravelmente a esposa do marido, uma vez que esta passou a ter importância crescente para a sociedade, salienta Badinter (1985).

Tornar os pais, com destaque para as mães, responsáveis pelo corpo dos filhos, pela vida e pela morte dos mesmos, foi algo fundamental para o surgimento da família conjugal moderna, no contexto de emergência da biopolítica.

Idealmente, a família projetada pelos higienistas deixar-se-ia manipular acreditando-se respeitada; abandonaria antigos privilégios em troca de novos benefícios, autorregular-se-ia, tornando cada um dos seus membros num agente da saúde individual e estatal. (COSTA, 1999, p. 63)

Neste modelo de família, cresceu a valorização do convívio íntimo e exclusivo entre pais e filhos e ainda o interesse dos pais pelo desenvolvimento físico e emocional dos filhos, o que os fez passar a tratá-los de forma mais individualizada, conduzindo-os, em consequência, a terem maior consciência de suas individualidades. A própria atenção focalizada na vigilância de cada um, promovida pelo discurso higiênico, fez crescer o valor do sujeito e de sua história (COSTA, 1999). Do mesmo modo, auxiliou cada um a se desprender de suas raízes familiares extensas e voltarem-se às suas famílias nucleares, espaço “saturado de cuidados físicos e sentimentais” (COSTA, 1999, p. 151). Consolidou-se o interesse pela infância na compreensão de que esta determinaria o futuro do sujeito, compreensão esta para a qual a Psicanálise contribuiu decisivamente. “Uma criança bem cuidada [...] tornar-se-ia o perfeito adulto higiênico” (COSTA, 1999, p. 144).

A produção subjetiva moderna tem, portanto, a marca do biopoder que, desde meados do século passado, teve seu alcance ampliado “por todos os espaços e todos os tempos, todas as vidas, a vida toda” (SIBILIA, 2002, p.168), extrapolando instituições e áreas específicas. Deste modo, a tradição higiênica, se desprendendo do modelo clínico, passa a promover um trabalho sobre a “normalidade” (CASTEL, 1987).

#### 4.3 A REVOLUÇÃO “PSICO-HIGIÊNICA” E SEUS EFEITOS PARA O CUIDADO NA FAMÍLIA

Ao longo do último século, novos saberes passaram a incorporar e ampliar o discurso da biopolítica. Damos destaque especial aos discursos “psis”, advindos da Psicologia, da Psicanálise e da Psiquiatria. Estes discursos passaram, também eles, a incidir sobre o sujeito e, assim, a produzirem novos modos de ser e de estar no mundo. Tais disciplinas, como destaca

Foucault (1999), definem um código pautado na normalização que tem como “sua jurisprudência” a existência de um saber clínico. Este saber se estrutura em discursos produtores de “verdades” que determinarão novos modos de viver e novas sociabilidades.

Passamos a viver, diz Castel (1987), a “promoção do psicológico por si mesmo”. Relações familiares, conjugais, de autoridade, sofreram forte influência de conceitos e práticas “psis”, determinando uma mudança decisiva do estatuto das técnicas médico-psicológicas que passaram a trabalhar o estado do “homem normal” (CASTEL, 1987, p. 133) que, deste modo, vai muito além das intenções iniciais da biopolítica; integra-se ao centro de um governo da vida em todas as suas dimensões.

Segundo Roudinesco (2003), ao longo do século XX, mudanças como o aumento no número de divórcios, a dissociação do prazer do sexo da procriação, entre outras tantas transformações de igual relevância, impulsionaram pesquisadores de todas as disciplinas a atuar junto à família, intensificando-se, assim, todas as formas de vigilância e de observação da vida privada. Passou-se a buscar um controle sobre a banalidade da vida cotidiana decretando-se regras próprias para distinguir as boas maneiras de viver a relação conjugal, bem como de cuidar dos filhos.

Neste cenário, difundiu-se intensamente o discurso dos especialistas. Profissionais de diversas áreas, como saúde e educação, passaram a participar da dinâmica familiar, regulamentando-a na forma de educar e de cuidar dos filhos (COSTA, 1999). O profissional das ciências humanas ou sociais, como o psicólogo, passou a ser fortemente requisitado, em especial por sua competência científica. Como diz Roudinesco (2003), foi demandado às ciências humanas o que antes se esperava das ciências da natureza: uma certeza oriunda de resultados, de cálculos, de medidas etc.

Concentrada em si mesma, mais atenta do que anteriormente aos menores detalhes da educação das crianças, a família torna-se consumidora ávida de tudo o que pode ajudá-la a “realizar-se”. (DONZELOT, 1986, p. 200-201)

Houve, segundo Castel (1987), uma clara difusão, para além dos meios profissionais especializados, de um postulado, fundador do pensamento psicológico dominante, segundo o qual as relações estabelecidas na infância, sobretudo se não forem satisfatórias, determinariam a formação futura do sujeito. A difusão deste postulado, segundo o autor, propagou a necessidade de uma harmonia na relação familiar. Instaurou-se aí a preocupação, hoje tão característica das famílias, com o bem-estar dos filhos e do núcleo familiar.

A ampliação do conceito de saúde contribuiu ainda mais para a consolidação de uma concepção de cuidado que vise garantir o bem-estar das crianças. Neste sentido, a família passou a ser concebida como um “reservatório de afetos” que deve buscar garantir o “clima de amor” visto como necessário ao desenvolvimento infantil (LEBRUN, 2008). A família caracteriza-se, na contemporaneidade, pela ideia de que deve ser o lugar da felicidade privada de seus membros, com destaque para as crianças – supervalorizadas em um contexto que as concebe como a “encarnação” das promessas do futuro (GAUCHET, 2009). Incomoda, pois, ter dúvidas sobre a felicidade ou segurança dos filhos, como diz Fábio, um pai entrevistado.

“[...] momentos em que a gente fica na dúvida se eles estão infelizes ou se estão inseguros, a gente começa a se perguntar o que está errado.” (Fábio)

Constitui-se, assim, um cuidar voltado a questões essencialmente afetivas.

“Dar amor, né? Ensinar... muito carinho eu acho que é importante. [...] Cuidar...” (Sílvia)

“Cuidar é o cuidado que você presta à criança, é a relação que você tem com ela. É todo aquele lado mais afetivo, mesmo. Você estar junto. O que você está transmitindo... é o amor... é o estar junto, mesmo... é o cuidar, é o acolher”. (Cristina)

“Do mesmo jeito que sou libertário, dou muito carinho. Carinho físico que eu não recebi tanto. Então... colo, cheiro, beijo... o que é tão importante. Eu sinto como preenche a emoção da criança.” (Fábio)

Este cuidar se aproxima do que sublinha Winnicott quando destaca o acolhimento. Segundo o autor, os cuidados maternos podem ser resumidos essencialmente na função de *holding* que se articula ao acolhimento no sentido do amparo, da sustentação, considerados como necessários ao desenvolvimento do sujeito. Ressaltamos também o pensamento de Winnicott (1977) quando salienta a importância de que o bebê sinta o calor da pele da “mãe suficientemente boa”, algo que vemos no discurso de Fábio quando este fala sobre a importância do “carinho físico” que, diz ele, “preenche a emoção da criança”.

Tal menção à importância da afetividade para o desenvolvimento dos filhos é visível nas recomendações da já citada “Cartilha do divórcio para os pais”. No item “Fazer seu filho se sentir especial todos os dias”, há uma lista de “modos de proceder” voltados à questão dos afetos, tais como: “Faça uma lista das qualidades especiais de seu filho em um papel e pendure-o ou emoldure-o”; “Se o seu filho costuma chegar em casa antes de você, deixe um recado ‘bem-vindo em casa’ ou uma mensagem para ser tocada no dvd”; “Deixe uma nota ‘eu

amo você’ na lancheira de seu filho”]; “Abraçe e beije seu filho diariamente” (ENAM, 2013, p. 63). Nesta mesma cartilha, na sessão sobre “direitos e responsabilidades dos filhos”, destaca-se a afirmação de que crianças e adolescentes de todas as idades têm o direito de amar e serem amados pelo pai e pela mãe (ENAM, 2013).

O cuidar deve, pois, corresponder a demonstrações de afeto, como recomenda a cartilha. A partir de fragmentos desta e do discurso de pais entrevistados encontramos representações normativas do cuidar que, provenientes de diferentes teorias “psis”, são tomadas como “manuais de conduta” e não como um ponto de apoio para reflexão. É deste modo que a concepção de cuidado que se delineia atualmente se aproxima de uma gestão de ações preponderantemente técnicas.

Associada ao bem-estar das crianças, a importância da afetividade nas relações se destaca não só no que diz respeito ao cuidado direto dos pais, mas também passa a ser um critério de seleção dos diferentes especialistas que os pais escolhem para os filhos, como podemos ver através do discurso de um dos pais entrevistados.

“Quando sai da família é onde [na escola] ele constrói suas histórias, suas relações. Ele é muito feliz.” (Fábio)

“Tinha uma empregada que mais se virava como babá por causa da importância que a gente dava a ela. A gente teve algumas experiências de contratar uma e não vai com a cara e não dá certo porque tinha que ter confiança absoluta que ela estava não só cuidando [risos], mas cuidando com afeto e atenta e aí deu certo.” (Fábio)

O discurso de Fábio sobre a escola e sobre a empregada valoriza a afetividade. Para Fábio foi importante destacar que seu filho é “muito feliz” na escola e ainda reforçar a importância de uma empregada que cuide “com afeto”. No mesmo sentido, Almeida (1987) ressalta, em sua pesquisa sobre a “nova maternidade” na década de oitenta no Brasil, que a relação das gestantes com os profissionais na década de oitenta diferia bastante da relação entre o médico e a gestante na década de cinquenta. Nos anos cinquenta, havia um caráter de impessoalidade. Para as gestantes dos anos oitenta, no entanto, a escolha do médico não se dava unicamente em função da sua competência técnica e do reconhecimento de sua autoridade. Critérios como afetividade, simpatia, informalidade etc. passaram a ser também valorizados (ALMEIDA, 1987). A consideração de uma dimensão do afeto integra, portanto, daí em diante, a noção de cuidado, com destaque para o cuidado nas relações entre pais e filhos.

Não surpreende, neste sentido, discursos como os dos seguintes entrevistados nos quais a própria concepção de ser pai, ou ser mãe, encontra-se intimamente perpassada pelo campo dos afetos.

“Ser mãe é bom, ser mãe é maravilhoso. [...] no momento que eu tô triste, eles são carinhosos. Às vezes eu tinha um pouco de depressão e eles se achegavam bastante a mim, cuidavam bastante de mim.” (Débora)

“[...] ser pai é uma coisa... eu acho muito bacana principalmente na interação que a gente tem com a criança e o convívio que você vai tendo... [...] É uma experiência que eu não tinha... [...] é uma experiência muito boa, muito emocionante... Chega a ser, assim, indescritível, entendeu? E a relação de amor, com a esposa, com o filho... é diferente... é um negócio, assim... até a esposa também sente uma diferença em relação ao nascimento da criança, em ter um filho. É muito bom. Não sei nem explicar direito... Mas é show, é show, é muito legal.” (Paulo)

Deste modo, se a atenção inicial dos pais na modernidade voltava-se, sobretudo, para a educação dos filhos, reconhecendo aí seu papel de educadores e as tensões a ele inerentes devido às posições assimétricas entre quem educa e aquele que é objeto do ato educativo, a intervenção do discurso “psi” conduz os pais a preocupações bem mais amplas no que diz respeito ao bem-estar da criança, pois inclui uma visão afetiva que contempla inúmeros aspectos, até mesmo uma redefinição do que significa ser pai ou ser mãe. Em busca do bem-estar das crianças, as intervenções médico-psicológicas, bem como todas as outras intervenções promovidas pelos inúmeros especialistas, dedicam-se a toda a complexidade da vida cotidiana.

“Eu sou assinante da ‘Crescer’, fico lendo muitas matérias sobre crianças, assim, e o pediatra dela já tinha me alertado. [...] Ela realmente tem uma personalidade muito forte e então eu pensei ‘vou pra terapia, pra eu conseguir lidar com o jeito dela’.” (Mônica)

Neste pequeno trecho, Mônica, uma mãe entrevistada, nos fala da influência do discurso da ciência, tal como examinado por Lebrun (2004). O autor salienta que é este o discurso que organiza hoje o laço social, na medida em que se apresenta como portador de uma verdade comprovada e destitui as verdades enunciadas e legitimadas porque fundadas na autoridade do enunciador. Trata-se, pois, da emergência de uma nova modalidade de sociabilidade e de laço social inaugurado pelo reconhecimento de um conhecimento – científico – incontestável, como reforça Lebrun (2004).

Mônica, através de seu relato, deixa clara a existência de um modo de organização social marcado pelo discurso da ciência, discurso este que ela busca junto às revistas, ao



médico e à psicóloga. Ela se torna assinante de uma revista voltada à criação de filhos, assim como procura orientação do pediatra e da terapeuta para conseguir um melhor “jeito” de lidar com sua filha. Vale destacar que não se trata de uma busca especializada sobre questões pontuais, como no caso de uma enfermidade, mas de saber como intervir em situações cotidianas da vida. Sua demanda como mãe é conseguir “lidar com o jeito” da filha. Mônica credita aos profissionais especializados uma competência nesse sentido. É neste cenário que Castel (1987) destaca que a família que conhecemos como normal é hoje a maior consumidora de Psicologia. Não se volta ao discurso psicológico em busca de paliativos para disfunções patológicas, mas para garantir uma vida familiar afetiva e harmoniosa, “normal”...

#### 4.4 O DISCURSO DA CIÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO

A condição pós-moderna, como a consideramos, se caracteriza por um conjunto de mudanças substantivas, dentre as quais merece destaque a questão apontada por Dufour (2005) sobre a ausência de um enunciador coletivo com suficiente legitimidade e suas consequências para o laço social. Estas transformações, características da contemporaneidade, são fruto de mudanças já em germen na modernidade, através da crítica presente nesta época sobre a submissão dos homens às figuras que Dufour (2005) nomeou “Grandes Outros”; crítica em que Descartes e seu cogito cartesiano contribuíram de modo paradigmático.

A identificação da ciência como lugar da verdade produziu o declínio da legitimidade de uma verdade enunciada desde o lugar ocupado pelas figuras de autoridade. Ao sublinhar que o conhecimento do real demanda um processo de renúncia aos sentidos de modo a alcançar a verdade das coisas através da razão, Descartes afirmava que apenas o conhecimento que se constitui de enunciados passíveis de serem submetidos à prova é verdadeiro. Efeito de tal transformação pode ser percebido quando destacamos a ênfase dada pelos pais e mães entrevistados aos enunciados do discurso da ciência, algo que vem acompanhado de um declínio do valor atribuído às verdades afirmadas, por exemplo, através da transmissão geracional.

O estatuto de verdade dos enunciados científicos abalou, assim, a legitimidade do enunciador coletivo. Deste modo, o laço social está hoje pautado nos valores de verdade transmitidos pelo discurso da ciência, pelo saber dos seus enunciados (LEBRUN, 2004). Este discurso, argumenta Lebrun (2004), tornou-se parte integrante do discurso social.

O procedimento da ciência, reunindo saber e verdade, faz emergir uma nova concepção da verdade legitimada pela sua demonstração e verificação, afastando-a da sua sustentação pela relação com um “Grande Outro”.

É por esse mesmo duplo movimento que procede o homem da ciência moderna: enunciar o que afirma para logo esquecer que houve enunciação e reter apenas os enunciados que produziu. Em outras palavras, apagar o dizer para só guardar os ditos suscetíveis de serem transmitidos; é a partir dessa possibilidade que eles se verificam acumuláveis, ao ponto de novos enunciados tornarem caducos os precedentes. (LEBRUN, 2004, p. 60)

A expansão e o predomínio do discurso da ciência promoveram importantes abalos em todas as esferas da vida que, no entanto, não se mantiveram estáticos, uma vez que a ciência vivencia novas e importantes mudanças a todo momento. O profundo pessimismo resultante da frustração quanto aos ideais humanistas no pós-guerra foi oportuno para o surgimento de uma nova concepção sobre o conhecimento científico que propunha criar máquinas inteligentes capazes de governar uma sociedade mais racional (LAFONTAINE, 2004). Esta ciência, que se voltaria para superar as fragilidades do ser humano, anunciava sua busca em criar uma máquina capaz de prever, controlar e governar, expandindo e afirmando um otimismo tecnocientífico característico do pós-guerra (LAFONTAINE, 2007). Como processo informacional, a razão poderia encarnar-se em uma máquina que não oferecia nenhum limite passível de entravá-la.

Uma vez que neste período a ideia de progresso se desvinculou da concepção de ciência, o modelo informacional era “a resposta perfeita ao vazio ideológico do pós-guerra, fornecendo um modelo científico apolítico e globalizante”, como destacou Lafontaine (2004, p. 83). A informação passou a ser, assim, a grande fonte desta nova ciência concebida como um certo modo de organizar, estocar e distribuir informações (LYOTARD, 2006). Deste modo, a atividade científica deixa de ser vista como uma atividade nobre, desinteressada, tendo como função primordial romper com o mundo das “trevas”, contribuindo, assim, para o desenvolvimento moral e espiritual dos homens. A partir da segunda metade do século XX, segue o autor, o que vemos se impor é a concepção de ciência como tecnologia intelectual, como valor de troca e, por isso mesmo, desvinculada do produtor (cientista) e do consumidor.

O desencanto com os valores da modernidade encontrou sua saída na concepção pragmática sobre o mundo e sobre o viver, na qual o lugar do saber reduz-se ao seu aspecto meramente informacional, distanciando-se do lugar do saber do projeto moderno associado à emancipação homem para um mundo melhor (SZAPIRO, 2013). Encontramo-nos, deste

modo, diante de um novo paradigma para o conhecimento intimamente atrelado à noção de informação.

Instaura-se o que Lebrun (2004) chama de um novo momento da ciência, no qual suas descobertas passaram a ser de tal grandeza que nos permitem “abandonar os parâmetros de nossa vida habitual” (LEBRUN, 2004, p. 63). A viagem do homem à lua seria considerada um marco deste novo momento da ciência, no qual o que até ali era pensado como impossível, passou a ser concebido como possível (LEBRUN, 2004). Nesse sentido, segundo o autor, a própria categoria do impossível parece poder ser expulsa.

Assim, se a ciência moderna se constituiu no momento em que foi possível

[...] apagar a dimensão da enunciação em proveito da produção apenas de enunciados [...] na geração seguinte, foi o vestígio desse apagamento que desapareceu, deixando aberta a via para a proliferação de enunciados que não mais testemunham, em seu seio, que a dimensão da enunciação esteve presente. (LEBRUN, 2004, p. 65)

É neste novo cenário, no qual lidamos apenas com enunciados científicos e que se encontram apagados os vestígios da dimensão da enunciação, que emerge uma nova concepção de ciência marcada pela proeminência da técnica que supervaloriza a eficácia e faz com que a funcionalidade se torne critério de validade e de valor (LEBRUN, 2004). Do mesmo modo, Lyotard (2006) destaca que, na pós-modernidade, a legitimação das ciências passou a se dar através de parâmetros quanto ao desempenho. Obedece-se, assim, ao princípio da otimização das performances em que se vislumbra um aumento de informações ou modificações obtidas e uma diminuição da energia despendida para obtê-las. “São esses, pois, os jogos cuja pertinência não é nem o verdadeiro, nem o justo, nem o belo, etc., mas o eficiente” (LYOTARD, 2006, p. 80). Na medida em que o objetivo é aumentar a eficácia, o importante passa a ser localizar o erro no sentido de otimizar as performances do sistema, melhorar a potência. O jogo técnico centra-se, assim, na relação eficiente/ineficiente. Critério este que, gradativamente, se generaliza para todos os campos da vida. Neste sentido, Amorim (2009) argumenta que o saber da sociedade pós-moderna é um saber prático ou pragmático.

O discurso da ciência, pautado por uma forma de saber pragmático, submete todo o sentido da experiência humana ao imperativo da utilidade, trazendo importantes mudanças para o laço social, como salientou Szapiro (2009). No âmbito da família, tais transformações parecem ter contribuído para a desvalorização do saber da experiência transmitida geracionalmente, uma vez que esta experiência é considerada desapropriada e ultrapassada na realidade atual e, por isso, pouco eficaz. É o saber técnico do discurso da ciência que tem espaço neste cenário, como ilustra a fala de uma das mães entrevistadas.

“O que eu posso fazer pra ser uma mãe melhor? Eu procuro... eu compro tudo quanto é livro pra eu ler, assino a “Crescer”. [...] Compro livro demais, assim, de autoajuda, compro no site da Saraiva, empresto.” (Mônica)

Mônica busca tudo que possa lhe auxiliar a ser “uma mãe melhor”, como diz. Para tal, se apoia no discurso da ciência ao qual atribui credibilidade.

Amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobre-humano, mais precisamente, ‘científico’. [...] os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. Os especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno. (COSTA, 1999, p. 15)

O desprestígio do conhecimento das gerações anteriores e da própria experiência aparece no discurso dos pais entrevistados que parecem acreditar que são os especialistas que detêm a chave do que pode ser um bom exercício da paternidade/maternidade. Explica-se, deste modo, a intensa busca dos pais por “modos de proceder” quanto ao cuidado de seus filhos.

Há, pois, uma valorização da transmissão de um conhecimento científico que deve ser útil ou, nas palavras de Szapiro (2013, p. 11), transmissão de um conhecimento como “um meio de atingir um fim prático”. Foi este o terreno que, a nosso ver, propiciou a multiplicação de especialistas, uma vez que são estes que dominam o conhecimento válido e as técnicas deste derivadas. Seja atuando diretamente, com as crianças ou seus pais, ou mesmo através da produção de insumos, como livros e manuais, os especialistas crescem em importância e presença na família pós-moderna.

#### 4.5 UMA PROFUSÃO DE ESPECIALISTAS

Em um cenário de importantes mudanças no laço social, em especial no que diz respeito à ausência de um enunciador coletivo com legitimidade e, como efeito, ao questionamento da autoridade dos pais, o discurso da ciência se apresenta como a possibilidade de amparo para os pais quanto ao cuidado de filhos. Tal amparo ganha ainda mais valor em um contexto social no qual se busca um conhecimento que leve a um fim prático.

São os especialistas – médicos, psicólogos, professores, cuidadores, *coaches*<sup>11</sup>, “consultores do sono”, dentre outros – os transmissores deste discurso. São eles que possuem as informações advindas da ciência e as transmitem ao grande público, muitas vezes sob a forma de “modos de proceder”. Detentores de um saber científico, os especialistas ocupam o lugar de “transmissores da verdade”. Em um cenário de crítica e, principalmente, de deslegitimação dos grandes enunciadores que, por falarem de um lugar de exceção, enunciavam verdades concebidas como incontestáveis, o legítimo passa a ser representado apenas pelo que pode ser comprovado e, ainda, pelo que é útil e eficaz.

Neste contexto, o saber dos antepassados se encontra desprestigiado, uma vez que corresponde a um tipo de saber que, para ser legítimo, demanda que seu detentor seja concebido como uma figura de autoridade. Transformações no sentido da legitimidade dos diferentes saberes iniciaram, pois, um movimento no qual os pais passaram a acreditar que apenas apoiando-se no discurso da ciência conseguirão cuidar de seus filhos. Ouvem, assim, a opinião dos especialistas “como se se tratasse de vozes acima de qualquer suspeita”, como destacam Sayão e Aquino (2011, p. 74). Apoiam-se em orientações médicas, psicológicas, de profissionais da área jurídica, ou mesmo de reportagens veiculadas pela mídia contendo recomendações sobre a melhor forma de agir com os filhos. Cabe destacar o lugar da Psicologia que em algumas de suas vertentes ajuda a refletir sobre este cenário e, em outras, contribui para esta transformação produzida pelo impacto do discurso da ciência, uma vez que se apresenta como um importante agente do saber.

Apesar de sabermos que as certezas da ciência são sempre provisórias, precárias, que se tratam de hipóteses que podem ser questionadas, somos levados a crer que tais certezas remetem a uma “verdade verdadeira”, a partir da qual não há mais nada a ser discutido (LEBRUN, 2008). No que tange ao cuidado de filhos, é facilmente observável a força que exerce nas famílias a “verdade” do discurso da ciência:

“[...] você não pode simplesmente estabelecer regras, tem que explicar o porquê da regra.” (Fábio)

“Aí com essas coisas de violência, bater não é muito bom, né? A criança se torna também meio violenta. A gente batendo, ensina eles a bater.” (Débora)

“Eu tento ser o mais presente possível nos momentos que a gente está junto no sentido de ‘ah, estou com meu filho, passei o dia com meu filho’, mas, na verdade, não sentou com seu filho nem um minuto, você não ouviu o que seu filho tinha para dizer. [...]” (Tatiana)

---

<sup>11</sup> No sentido de “treinadores”, como apresentado no Dicionário prático inglês (MICHAELIS, 2009).

A necessidade de explicar o porquê das regras aos filhos, a orientação quanto aos castigos e ainda a ideia de que filhos demandam um tempo com qualidade advêm de discursos que se propõem a melhor orientar os pais no que diz respeito ao cuidado de filhos. Trata-se, a nosso ver, de uma “pedagogização” do cuidado.

Atualmente, uma família que se preza está cercada por especialistas em tudo. [...] E os pais consomem imediatamente as ideias e condutas sugeridas. Esse é o tipo de abordagem da questão familiar que oferece aos pais exatamente o que eles pedem: receitas de como educar [...]. (SAYÃO; AQUINO, 2011, p. 76)

A intervenção do discurso da ciência no seio familiar se faz presente desde o movimento higienista. A novidade é que atualmente os pais depositam neste discurso o lugar da verdade, um lugar incontestável e acima de qualquer outro discurso no qual possam se apoiar, tal como os valores que se sustentam na tradição. Se, no movimento higienista, os médicos buscavam as famílias para nelas intervirem, na pós-modernidade a situação se inverteu. Os pais buscam os especialistas solicitando-lhes “modos de proceder” que os norteiem no cuidado de seus filhos.

A entrada na paternidade/maternidade, ao prescindir do saber acumulado pelas gerações anteriores, busca legitimidade para suas ações no discurso da ciência. Para muito além da doença, os pais buscam orientações sobre a **melhor** forma de cuidarem dos seus filhos. Concebem, pois, o discurso da ciência como o único que pode legitimar suas ações e, ainda, lhes garantir um melhor desempenho. Não querem falhar, como nos diz Mônica, uma das mães entrevistadas:

“[...] eu falo: ‘não, filha, não precisa tirar 100, não, mas 75, 85, 90’. Só pra também não ficar focada na nota 100. Porque a minha filha mais velha tinha medo. Quando vinha com nota baixa, ela rasgava a prova. Então, como eu já passei por essa experiência, eu não quero repetir. Ficava falando: ‘eu só quero nota acima de 8,5, 9’. Quando tirava menos, ela escondia. Então, assim, eu não quero falhar agora com M.C. ‘Não, filha, 70, 75 tá bonitinho, mas é bom ser um pouquinho mais. Não precisa ser 100, não’. Pra não ficar focada e acabar ficando nervosa.” (Mônica)

“A Psicologia representa aqui um papel homólogo ao da cirurgia estética, cuja finalidade é menos reparar os corpos do que lhes proporcionar uma mais-valia de harmonia e beleza” (CASTEL, 1987, p. 159). Os discursos “psis” voltam-se, neste cenário, para o trabalho do potencial e da boa performance. Autonomizados do solo das teorias que os constituíram, tornam-se justificadores de uma grande abrangência de questões sociais. Produzem, assim, orientações sobre o mais comum da vida, voltados fortemente para a

contribuição da intensificação das potências que, segundo Castel (1987, p. 161), “muda as regras do jogo social”. Não se trata apenas de reparar, mas de prevenir deficiências.

“Assim, ela mudou de escola esse ano, ela sentia muito, ela tava fazendo xixi nas calças, mas aí a professora conversou comigo... Mas era tudo porque eu estava impondo limite nela e ela não aceitava, né?” (Mônica)

“Volta e meia vêm umas curiosidades e eu tento fazer mais ou menos umas coisas que eu já li e que até uma amiga minha que é psicóloga deu as dicas e tal... quando for responder... às vezes a gente quer também ser muito explicadinho e acaba falando demais pra criança, né? O que ela nem estava tão curiosa. Eu tento ir até aonde... perguntou aquilo, eu respondo aquilo. Se perguntar mais, eu vou um pouco mais.” (Tatiana)

“Pensamos em tirar ela da escola, mas a fono falou pra não tirar porque poderia ser um pouco traumático pra ela, poderia ser difícil e as consequências poderiam ser até o contrário do que a gente tá querendo [...]” (Ricardo)

Mônica, Tatiana e Ricardo, pais entrevistados, se apoiam no discurso dos especialistas como modo de orientar as suas ações, bem como de torná-las o mais eficaz possível. A professora, a psicóloga e a fonoaudióloga são aqui representantes de um discurso que não só ampara os pais no exercício de suas funções, mas também, muitas das vezes, faz com que estes mudem suas ações em prol de um melhor desenvolvimento de seus filhos, de uma melhor performance quanto à construção do “capital humano” deles (FOUCAULT, 2008).

Os pais investem, assim, em orientações baseadas nos discursos dos especialistas amplamente veiculados nas mídias ou em outros meios de comunicação. Há uma demanda intensa dirigida a tais profissionais que ganham grande visibilidade e multiplicam-se a cada dia. Vale lembrar que a lógica do discurso destes especialistas é a lógica de um tempo futuro, daquilo que está por vir. O especialista é aquele que transmite um saber, um “modo de proceder”, como suposta garantia de que, assim, os pais evitarão problemas no futuro.

Surge, deste modo, na atualidade, um “culto aos especialistas”. Como exemplo, lembramos os profissionais denominados “Baby Planner” que desenvolvem técnicas para auxiliar os pais nos preparativos para a chegada do bebê. São os “Planejadores de Gravidez” que oferecem desde a organização do chá de bebê até a indicação, contratação e treinamento de babás (BABY PLANNERS, 2010). Outros profissionais, também para pais de bebês, voltam-se à rotina dos mesmos. No site “Mommy in Bloom” é possível conhecer mais seus serviços que compreendem orientação para a amamentação, para introdução de comida sólida, dicas para estimular o desenvolvimento do bebê, entre outros. Os “Consultores do Sono”, por sua vez, visam introduzir e manter práticas de sono saudáveis para os bebês e chegam a custar, de acordo com reportagem do G1 (FORMIGA, 2014), cinco mil reais ao mês. O

especialista ganha espaço, portanto, diante da angústia dos pais, angústia esta, como salientam Sayão e Aquino (2011), intensificada pelos próprios especialistas através de seus inúmeros, e muitas vezes controversos, “modos de proceder” dedicados a como cuidar dos filhos.

Neste cenário de “culto aos especialistas” emerge a categoria de cuidador como profissão. Cuidadores se aproximam do lugar de especialistas, uma vez que se apropriam de informações necessárias a um cuidar eficaz. De acordo com Hirata e Guimarães (2012), o trabalho do cuidador destaca-se na atualidade como uma atividade profissional em plena expansão que se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, emocional e técnica. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002), o cuidador seria o profissional, difundido em todas as esferas e etapas da vida, destinado a “zelar pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida”. Compreendido deste modo bastante ampliado encontramos um número cada vez maior de cuidadores, bem como uma referência crescente ao cuidado em todo o corpo social.

Podemos considerar como cuidadores de crianças, seguindo os artigos que analisamos no primeiro capítulo, os pais, os avós, as babás, dentre outros. A nosso ver, o que os caracteriza na contemporaneidade, sejam eles profissionais ou não, é o fato de ampararem suas ações de cuidado nas orientações dos especialistas.

#### 4.6 COMO CUIDAR DE FILHOS? “MODOS DE PROCEDER”

Observamos uma “pedagogização” de cuidados que encontra terreno fértil para se multiplicar junto aos pais que, por sua vez, demandam crescentemente a existência de especialistas e técnicas que possam aplacar suas angústias e inseguranças no que diz respeito ao cuidado de filhos.

Neste cenário, teorias oriundas da Psicanálise, como a de Winnicott, são apropriadas e transformadas em “modos de proceder”. Ainda que Winnicott (2013) enfatize a importância do “conhecimento intuitivo” no que diz respeito ao cuidar de filhos – em detrimento do aprendizado através de livros ou profissionais de saúde – sua teoria sobre o cuidado é hoje objeto das mais diferentes leituras. É, muitas vezes, transformada em uma espécie de “pedagogia” do cuidado de filhos.

Vemos surgir, então, “mercadorias psicológicas” (CASTEL, 1987) que buscam regulamentar a vida cotidiana. Tais “mercadorias”, sob a forma de “modos de proceder”, se constituem em dispositivos regulamentadores (FOUCAULT, 1999) tomados como um



exercício racional, uma “escolha” dos pais que, deste modo, se impõem de forma sutil e quase imperceptível. Instaure-se, assim, um movimento de “consumo” de saberes para cuidar dos filhos. É neste sentido que Sayão e Aquino (2011) ressaltam que a família vem se tornando um filão mercadológico importante nos últimos tempos.

“Isso tudo eu vou vivendo, vou anotando, aí quando chega na terça-feira, na terapia, eu vou passando a limpo, aí eu falo com a Dra. R. e ela: ‘então é isso, o caminho é esse’”. (Mônica)

É a partir do que é dito pela terapeuta que Mônica, uma das entrevistadas, se autoriza a tomar atitudes em relação às filhas. Nota-se que, a todo momento, os pais buscam “manuais” para cuidar de seus filhos. Cabe ressaltar que a existência de “manuais” voltados ao cuidado com os filhos não é recente, mas o valor que tais “manuais” adquirem nos dias de hoje é algo característico da pós-modernidade. A interrogação dos pais sobre o cuidar de filhos se dirige aos especialistas na medida em que o lugar de autoridade dos mesmos entra em declínio, momento em que se destitui de sentido as experiências geracionais antes orientadoras. Perdemos o “fio” que nos conduzia à “[...] cadeia à qual cada nova geração, intencionalmente ou não, ligava-se em sua compreensão do mundo e em sua própria experiência” (ARENDDT, 2009, p. 53).

A gestão de ações de cuidado transmitidas pelos especialistas seria hoje a garantia para melhores resultados quanto ao cuidado de filhos. Os pais não devem, portanto, se deixar levar por seus impulsos, sejam eles quais forem. Em caso de divórcio, segundo a “Cartilha do divórcio para os pais” (ENAM, 2013), o antigo casal precisa conter sua raiva, sua decepção, sua frustração e cuidar para “estabelecer uma boa parceria parental e proteger os filhos dos efeitos danosos do conflito e ajudá-los a superar essa difícil fase de transição” (ENAM, 2013, p. 9). Esta cartilha encontra-se recheada de “modos de proceder” voltados a desempenhar um cuidado adequado após o divórcio, tais como: “não coloque seu filho na posição de substituto do seu/sua ex”; “viva as suas próprias emoções sem sobrecarregar ou prejudicar seu filho”; “mantenha as rotinas e os hábitos”; “converse com seu filho sobre o divórcio (mas sem culpar nenhum dos pais)”... Estes são alguns dos inúmeros “modos de proceder” apresentados nesta publicação e que podemos tomar como ilustração do que estamos analisando.

O cuidado de filhos aparece, portanto, como um conjunto de ações a gerir de modo a garantir para os filhos uma vida marcada pela supressão máxima de riscos. Deste modo, o “consumo” de técnicas voltadas ao cuidado baseadas em estudos científicos garantiria um cuidar liberado das paixões, normatizado, e que, cabe destacar, parece paradoxalmente

caminhar na contracorrente do cenário contemporâneo de incentivo pleno das vontades, como analisamos no segundo capítulo.

Com Dufour (2009) podemos fazer uma releitura deste aparente paradoxo tomando este incentivo como um novo mecanismo de controle. Ou seja, acreditando-se liberado para fazer suas escolhas livremente, o sujeito é conduzido a buscar em diferentes discursos, principalmente os amparados pelas teorias psicológicas, o modo de cuidar de seus filhos, o que o faz se colocar no lugar da normalidade como concebida na contemporaneidade. Como destaca Szapiro (2012, p. 191), os novos dispositivos de normalização

[...] atendem aos anseios de um sujeito que se quer livre e soberano nas suas escolhas. Tais dispositivos agem de modo a oferecer ao sujeito um cardápio ilusório de possibilidades de escolhas, pois que, na distribuição de normalidades, o jogo de umas contra outras resulta numa reificação dos comportamentos, estabelece padrões de normalidade que todos almejam alcançar.

#### **4.6.1 Algumas publicações voltadas ao cuidado de filhos**

Baseadas no discurso da ciência, várias são as publicações que hoje se destacam no que diz respeito ao cuidado de filhos. São tantas que fica difícil citarmos algumas sem um critério de seleção específico. Em uma busca rápida no site da Livraria Saraiva, importante rede de livrarias no Brasil, encontramos vários títulos à venda ao lançarmos os vocábulos cuidado e filhos. Dentre estes, os seguintes títulos nos chamaram atenção: “Por que as crianças não vêm com manual de instrução?”, “Cuidar dos filhos e manter o casamento hoje”, “The new basics: o que você precisa saber para cuidar bem do seu filho, de A a Z”, “Quem cuidará das crianças? A difícil tarefa de educar os filhos hoje”, “Cuidado, afeto e limites: uma combinação possível”, “A Bíblia do bebê – seu guia completo para os cuidados com o bebê do nascimento aos três anos de idade”, “Filhos, amor e cuidados: reflexões de pediatras”.

Uma análise apenas a partir destes títulos nos permite sustentar a tese sobre a valorização atual dos “modos de proceder” no que diz respeito ao cuidado de filhos. “Por que as crianças não vêm com manual de instrução?” é um título característico de uma época em que os pais se veem deslegitimados para cuidar de seus filhos, buscando apoio em teorias e técnicas voltadas ao cuidado. “The new basics: o que você precisa saber para cuidar bem do seu filho, de A a Z”, bem como “A Bíblia do bebê – seu guia completo para os cuidados com o bebê do nascimento aos três anos de idade”, sugerem tratar do cuidado como uma “receita”, uma vez que aparecem como “guia” e garantem que contêm tudo que é preciso saber sobre o cuidado, “de A a Z”. Alguns títulos se referem às dificuldades do cuidar, uns mais

diretamente, falando sobre esta dificuldade no título, outros voltados a aspectos como cuidar e manter o casamento, ou ainda os que apresentam uma orientação sobre o que chamam de uma possível associação entre cuidar, afetos e limites. Por último, salientamos as “reflexões de pediatras” voltadas para o tema “filhos, amor e cuidados”, livro no qual a voz dos especialistas certamente se destaca.

Além de livros, é importante ressaltarmos também a enorme profusão de publicações tipicamente contemporâneas sobre o tema: os blogues<sup>12</sup>. Estes, em geral, são de autoria de homens e mulheres, principalmente mulheres, que os criam após se tornarem pais/mães. O blogue “Dicas Pais e Filhos”, por exemplo, tem como autora uma mulher, mãe de dois filhos, que declara ter como objetivo “levar as melhores informações para a saúde, educação, entretenimento e bem-estar das crianças” (BRANDÃO, 2012). O “Conexão pais e filhos” é de autoria de um homem, pai de dois filhos, que diz que quando o seu segundo filho fez um ano percebeu que “não estava lidando bem com as brigas entre os dois [filhos] e com as eventuais birras”. Começou, então, a fazer cursos e participar de grupos “com o intuito de ser um melhor pai”. Criou o blogue para “levar esses conhecimentos ao maior número possível de pessoas e apoiar os pais [...]” (MICHELSON, 2012). Ambos blogues citados destacam a importância da informação das mais diversas áreas para bem cuidar de filhos na atualidade. Reforçam, assim, que a transmissão de informação é parte essencial do cuidado, no sentido de garantir um desenvolvimento saudável aos filhos. Tal compreensão, que associa informar a cuidar, considera que o maior número de informações garante também mais autonomia ao sujeito. Credita-se, deste modo, um enorme valor às orientações voltadas ao cuidado dos filhos, uma vez que imposições não são bem-vindas em um cenário de evitação de constrangimentos e informar supõe relações igualitárias e desierarquizadas.

No mesmo sentido, “Super mãe” é um blogue em que se encontram dicas de “como cuidar do seu filho (desde o nascimento até a adolescência); matérias produzidas por profissionais de diversas áreas sobre educação, saúde, bem-estar e comportamento [...]” (MARIA, 2012). Este blogue deixa clara a fonte das tão valorizadas informações: profissionais de diversas áreas. São eles, como vimos, os transmissores do discurso hoje concebido como legítimo – o científico. Deste modo, por mais que os blogues sejam criados pelos pais, neles prepondera a “voz” dos profissionais. Observações pessoais oriundas da vivência da paternidade/maternidade dos criadores dos blogues, bem como de outros pais e

---

<sup>12</sup> Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILAR, 2009, p. 300), o vocábulo “blogue” significa “página pessoal, atualizada periodicamente, em que os usuários podem trocar experiências, comentários etc., ger. relacionados com uma determinada área de interesse”.

mães que destes participam, só costumam aparecer nestes dispositivos na forma de demandas colocadas aos especialistas.

Chamou-nos muita atenção ainda um blogue intitulado “Como educar seus filhos” que na página de “boas vindas” afirma que através do mesmo o leitor será colocado “[...] de uma vez por todas, num caminho seguro com relação à educação de seus filhos”. Diz que imagina que o leitor faça parte “[...] de um grupo enorme de pessoas ávidas por informações relacionadas a pedagogias eficazes e principalmente por um GUIAMENTO PRÁTICO”. Declara ser exatamente este o objetivo do blogue e ainda reforça: “Você vai aprender **AQUILO QUE FUNCIONA** de verdade” (NADALIM, 2013, grifo do autor). Tais considerações ilustram com primor a valorização atual dos “modos de proceder” quanto aos cuidados de filhos de que tratamos nesta tese. Destacam também a ênfase na eficácia voltada aos cuidados de filhos, bem como valorizam a lógica de um tempo futuro, supostamente garantido a partir do “guiamento prático” proposto no blogue. Seguindo-o, há a promessa de que o “caminho será seguro”, sem riscos.

Ainda dedicados ao destaque de algumas publicações voltadas ao cuidado de filhos, ressaltamos a emergência de materiais jurídicos sobre o tema, como a “Cartilha do divórcio para os pais” entregue aos mesmos em processo de divórcio com o objetivo de “estabelecer boa parceria parental para que suas crianças e seus adolescentes vivam em um ambiente tranquilo e se tornem pessoas emocionalmente saudáveis” (ENAM, 2013, p. 7). Destacamos tal publicação, pois chama atenção que os “modos de proceder” quanto ao cuidado com os filhos se apresente hoje como uma ação preventiva no âmbito do poder judiciário.

Segundo a “Cartilha do divórcio para os pais”, a reação dos filhos ao divórcio dos pais depende muito de como estes últimos lidam com as mudanças na família e priorizam cuidar deles próprios e dos filhos. “Ver ou ouvir os pais brigando, trocando insultos e talvez até se agredindo fisicamente deixa os filhos extremamente estressados e pode prejudicar o desenvolvimento saudável deles” (ENAM, 2013, p. 16). Tal declaração, perpassada pela afirmação quanto à responsabilidade dos pais pelo desenvolvimento saudável dos filhos, é o centro do material da cartilha que objetiva um melhor “ajustamento” de todos, pais e filhos, ao divórcio. No item “o que os pais podem fazer para ajudar seus filhos” destacamos a orientação sobre “ler livros de autoajuda” (ENAM, 2013, p. 30), o que reforça a tendência atual de que os pais devem buscar “consumir” um saber – científico – de modo a se tornarem capacitados a cuidar. Os avós são orientados da mesma forma. No caso de filhos divorciados, a eles é igualmente recomendada a leitura da cartilha.

Ainda segundo a “Cartilha do divórcio para os pais”, o conflito dos pais aumenta o comportamento agressivo dos filhos, “ensinando-lhes de forma equivocada que esta é a forma de lidar com a raiva” (ENAM, 2013, p. 49). Neste sentido, chama atenção que o conflito seja tomado como negativo, destacando-se a importância da boa gestão nas relações.

Considerando que a justiça, em geral, legisla sobre algum aspecto que, saindo de seu curso normal, demanda uma intervenção, a emergência de publicações como esta se associa a uma tentativa da justiça de reduzir os casos – e os custos – de negligência, concebida por Pereira e Oliveira (2008) como a ausência de cuidados adequados, com base no artigo 227 da Constituição Brasileira. Judiscializar o cuidado com os filhos através de cartilhas e outros materiais elaborados pelo poder judiciário tem sido, deste modo, a tendência que observamos tomar atualmente o tom da discussão sobre o cuidado no campo jurídico. As normatizações sobre o cuidado de filhos ganham, deste modo, um estatuto de regulamentação jurídica e, assim, produzem ainda mais impacto sobre o corpo social.

Liberados de experiências geracionais anteriores, os pais podem exercer livremente suas escolhas quanto ao cuidar de filhos. São múltiplas as possibilidades de escolhas no que diz respeito ao cuidado, algumas inclusive contraditórias. Como diz Donzelot (1986), ora se enfatiza o perigo do desaparecimento da iniciativa familiar, ora o destaque recai sobre os perigos da função inibidora de seus excessos. Independente do “modo de proceder” escolhido, não é possível, no entanto, deixar de escolher. Deste modo, podemos fazer uma analogia desta questão com o que diz Clavreul (1983) sobre o dispositivo do ordenamento médico:

[...] deixa-se a cada um a ‘liberdade’ de recusar a medicina e o médico, mas com o risco de cometer um suicídio ou um crime. Decisão da fórmula: ‘a liberdade ou a morte’. Quem manteria sua provocação perante a Ordem médica? Seria loucura. E a loucura, ela também, está confiada aos médicos e voltada para ser “curada”. (CLAVREUL, 1983, p. 31)

Diante das mais variadas orientações sobre o cuidado de filhos, aos pais é vedado “apenas” deixar de escolher. Deslegitimados em sua autoridade simbólica e desacreditados sobre o valor do saber tradicional demandam orientações advindas do discurso da ciência como suporte necessário para o cuidado de filhos. Deste modo, paralelamente ao descrédito do saber das figuras historicamente concebidas como autoridade, como pais, avós etc., encontra-se a emergência de um saber científico que surge como o amparo necessário aos pais. A complexidade dos mecanismos acionados por esse novo amparo consiste exatamente em transformar o que antes era considerado como seguir a disciplina e as normas em uma “escolha” do sujeito.

A possibilidade de escolha individual aparece como uma liberação dos pais no que diz respeito a que orientações se amparar para cuidar dos filhos. Trata-se, na verdade, de uma espécie de “aprisionamento” a novos mecanismos de controle voltados, por sua vez, a questões de ordem “psico-higiênica” e que demandam o consumo incessante de novas publicações, bem como de novas consultas a especialistas, da contratação de cuidadores amparados por um saber técnico, assim como da escolha de escolas e de atividades extraclasse especializadas, entre outros. Constituem-se, deste modo, meios mais sofisticados e ampliados de uma regulamentação da vida, aqui, especialmente, de uma regulamentação do cuidado de filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender o sentido do cuidar de filhos na atualidade, debruçamo-nos sobre o cenário atual caracterizado por um importante desdobramento do processo de individuação moderno. Entendemos que estamos diante de significativas mudanças dentre as quais se destacam, nesta tese, as que dizem respeito à família.

Consideramos que a família contemporânea, assim como a família nuclear moderna, caracteriza-se pela grande ênfase dada ao desenvolvimento dos filhos, bem como pela dimensão do afeto na relação entre pais e filhos, o que adquiriu lugar de centralidade nas famílias atuais. Estas se distanciam da família nuclear ao autonomizarem-se em relação à experiência coletiva deixando de ser uma “célula da sociedade” (ARIÈS, 1986, p. 214). Hoje, psicologizada, desieraquizada, autônoma, a família “privatizou-se”, como sublinha Gauchet (2009). Voltada para si, a família atual apresenta um ordenamento próprio, crescentemente desarticulado do social.

Na família contemporânea, “privatizada”, a ênfase no desenvolvimento dos filhos não mais privilegia a formação destes no sentido de sua preparação para o viver junto. Tal desenvolvimento, marcado pelos inúmeros constrangimentos considerados como necessários para que, no futuro, os “recém-chegados” possam fazer parte do mundo adulto, não tem mais lugar de destaque nas famílias atuais. Estas caracterizam-se, sobretudo, por uma ênfase no melhor desenvolvimento dos filhos.

Tal capital possibilitaria aos filhos atingir no futuro a plenitude de suas potencialidades e, assim, serem cada vez mais bem vistos em um cenário de valorização da eficácia e da performance. Neste sentido, identificamos uma aproximação das ideias de educação e de cuidado no cenário contemporâneo. Ambas parecem se referir a uma preparação dos filhos para o que está por vir, sendo que esta preparação deve respeitar a autonomia e a individualidade de todos, inclusive das crianças. Capacitando seus filhos para obterem sucesso no futuro, bem como para que sejam pessoas felizes, realizadas, aos pais recai uma espécie de responsabilidade “privatizada” sobre os filhos.

Uma importante alteração no sentido do cuidado começa aí a se delinear, em especial se tomamos por referência a fábula-mito de Hígino, muito difundida nos estudos sobre o cuidado até a atualidade. Na fábula-mito em questão há uma referência ao cuidado como algo vital à existência humana, concepção que remete ao sujeito que Freud (1925-1926/1974) concebeu como desamparado e Bolk (1961) chamou de neóteno. Winnicott, no mesmo sentido, considera o cuidado como essencial para a formação do sujeito. Sem um cuidado

“suficientemente bom”, como ele diz, a criança não seria capaz de se desenvolver adequadamente. O cuidado, segundo este autor, estaria associado ao processo maturacional da criança.

Na atualidade, partilha-se uma outra visão de sujeito, como vimos ao longo da tese. Concebemos a capacidade do sujeito se autoconstituir, a partir da qual não faz sentido uma concepção de cuidado dirigida à formação. Deste modo, não raramente cuidar passou a ser associado a um tipo de atenção pessoal que busca alcançar o bem-estar de quem está sendo cuidado, como diz Zelizer (2012). Distancia-se do lugar que ocupava na formação dos sujeitos e aproxima-se da ideia de aprimoramento. É nesse sentido que o cuidado de filhos se articula ao desenvolvimento das potencialidades de cada um que, se bem cuidado, constituirá seu “capital humano” da melhor forma possível. Não se trata mais de um cuidar voltado à ideia de um amparo para um sujeito que chega ao mundo despreparado, mas da emergência de um novo sentido para o cuidado que acompanha uma nova concepção de sujeito. Um sujeito “causa de si mesmo” concebido em um cenário em que se enfatiza um mecanismo de autorregulação subjetiva, bem como a emergência de “sujeitos de direitos” desde o nascimento.

Como “sujeitos de direitos”, as crianças ganham destaque também no campo dos direitos humanos, uma vez que nas famílias contemporâneas já ocupam lugar central. Em especial a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, passou a ser possível às crianças ascender juridicamente às mais diversas reivindicações individuais. Dentre elas chamamos atenção para o direito de serem cuidadas – o que conduziu à decisão favorável no caso sobre o abandono afetivo que citamos nesta tese. Tal garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes é muitas vezes apropriada socialmente no sentido de se conceber que estes possuem as mesmas capacidades que um adulto. Alguns discursos de pais entrevistados remetem a esta ideia quando apostam que, após uma conversa, os filhos são capazes de pensar no que fizeram, chegar a uma conclusão e, a partir das informações recebidas pelo diálogo com os pais, pôr fim aos seus excessos.

Essa concepção de um sujeito capaz de se autoconstituir, voltado para o futuro e liberado dos eventuais constrangimentos relativos à vida coletiva, conduz a nova compreensão do que se transmite intergeracionalmente. A ênfase do cuidado não mais está em uma transmissão de valores, nomes ou práticas típicas de um grupo cultural, mas na transmissão de informações. Diante do ideal igualitário das sociedades atuais, a transmissão de informações se apresenta como uma das poucas – ou mesmo a única – possibilidade de não



impor constrangimentos e de preservar a autonomia de todos. Delineia-se, assim, um novo modo de transmissão cuja ênfase não está mais no saber acumulado pelas gerações anteriores.

Tal ênfase do cuidado na transmissão de informações emerge em um cenário que sublinha um modo de conviver com o outro cada vez mais caracterizado por uma “gestão de relações”, o que demanda uma constante negociação entre pares. O sujeito, considerado liberado de qualquer coerção vinda de fora, não mais se concebe organizado pela precedência do laço social, nem pelo sentimento de obrigação e dívida às gerações anteriores. O laço social, a partir do ideal de gestão, passa a ser tecido pelos próprios sujeitos, a partir da negociação entre as demandas de todas as partes. Todos os envolvidos precisam, assim, ter voz neste novo modo de conviver com o outro. No que diz respeito ao cuidado, o dialogar ganha destaque como a grande característica do convívio entre pais e filhos, de modo a atender ao anseio de preservação da individualidade de todos. Em alguns momentos, no entanto, o diálogo não basta, como apontam os pais entrevistados. Estes momentos parecem deixar escapar a dificuldade dos filhos se autorregularem a partir das informações a eles transmitidas pelos pais...

Nesse cenário de “gestão das relações”, aos pais volta-se a tarefa de auxiliar os filhos em seu desenvolvimento, algo que assume atualmente um caráter de gestão de ações de cuidado voltado à melhor performance do desenvolvimento dos filhos. Tal sentido do cuidado remete a um conjunto de procedimentos – em grande parte técnicos – orientados para o êxito do desenvolvimento dos filhos. Cabe aos pais, portanto, se colocarem como gestores do cuidado, atentos para exercerem o mínimo de interferência possível, uma vez que estão inseridos em um cenário de intensa valorização da autonomia de todos.

Em um contexto social no qual a construção de vínculos sólidos e estáveis passou a ser concebida como um entrave à flexibilidade demandada pelo “novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKY; CHIAPELLO, 2009), modos de cuidar baseados na gestão de ações de cuidado, na colaboração, aparecem como mais afins ao tempo presente. Tal compreensão da tarefa dos pais na atualidade melhor se aproxima também de uma possibilidade de conciliação entre o ideal contemporâneo de satisfação das vontades individuais e as obrigações impostas pela maternidade/paternidade, uma vez que os pais se encontram liberados dos valores ligados à tradição e podem, assim, escolher como cuidarão de seus filhos.

Por outro lado, os filhos são hoje uma escolha, um projeto individual de cada um, o que demanda, segundo o discurso dos pais entrevistados, um grande investimento em relação aos filhos. Mesmo que sob uma outra perspectiva do cuidado, que não diga mais respeito à formação, é difícil encontrar a perfeita conciliação entre a satisfação das vontades pessoais –

dos pais – e o exercício do cuidado de filhos. A satisfação pelo êxito de um projeto bem-realizado aparece como o retorno do investimento feito nos filhos, como observamos nos discursos de muitos pais na atualidade sobre as inúmeras habilidades de seus filhos. Os entrevistados, em especial, dão grande ênfase à forte opinião dos filhos, do mesmo modo que à sua capacidade de controle e à sua autenticidade. Freud (1914/1996) já sublinhava o fato do investimento dos pais nos filhos remeter a uma fantasia dos pais de que os filhos realizariam tudo o que a eles foi impossível. Não se trata, pois, de um investimento altruísta, mas da possibilidade de satisfação a partir de um retorno de tal investimento.

A transformação da lógica da transmissão geracional, assim como o declínio da autoridade dos pais, os conduz a privilegiar as informações enunciadas pelo discurso da ciência como possibilidade de amparo para o cuidado. É este o discurso, como ressalta Lebrun (2004), que ocupa o espaço deixado vago pela deslegitimação das figuras de exceção de que tratamos.

Desconhecendo como legítimos os discursos enunciados por tradicionais figuras de autoridade, os pais vão buscar apoio nos enunciados científicos, “verdadeiros” porque comprováveis. Valorizando sua capacidade de escolha, querem decidir sobre os enunciados que podem ajudá-los a bem cuidar. Trata-se de um novo tipo de amparo que se articula essencialmente ao saber produzido pela ciência. A valorização do médico, bem como de outros profissionais que aqui chamamos de especialistas, é garantida, deste modo, pelo lugar do discurso que enunciam. As figuras de autoridade, como os pais e professores de outrora, são substituídas pelas descobertas tecnocientíficas.

O valor dos especialistas reside no que os mesmos têm a dizer. O que importa é o discurso que transmitem. É neste sentido que constantemente trocamos de especialista em busca de ouvirmos novas opiniões sobre determinada situação. Não é na autoridade daquela figura específica de médico ou de qualquer outro especialista que nos amparamos, mas nos discursos que os mesmos transmitem, uma vez que estes são enunciados pela ciência e obedecem, assim, aos critérios de validade por ela impostos.

Como os grandes porta-vozes de um discurso garantido pelos achados tecnocientíficos, os especialistas são constantemente demandados pelos pais para os ampararem no cuidado de seus filhos, o que apareceu de forma marcante nos relatos dos entrevistados. Há, nestes relatos, um “culto” aos especialistas, bem como às produções (livros de orientação, cartilhas, blogues etc.) que contêm orientações de como cuidar.

Deste modo, no lugar antes ocupado prioritariamente pelos médicos, hoje encontramos inúmeros especialistas. Trata-se de uma mudança que remete à ampliação das intenções da

biopolítica que, na contemporaneidade, visa incidir cada vez mais na “normalidade” e na vida comum. Não mais diz respeito apenas ao “fazer viver” que inicialmente a caracterizou (FOUCAULT, 1999), mas se amplia para o ideal de uma vida saudável e sem riscos. Chama a atenção que, diferente da época de sua emergência, quando os médicos precisavam persuadir as famílias para nelas intervirem, hoje são as famílias que solicitam os especialistas e que, deste modo, conscientemente ou não, demandam regulamentações impostas por um discurso biopolítico em prol do que é hoje considerado normal.

Estabelece-se, assim, uma “pedagogização” do cuidado a partir da qual as condutas são regulamentadas por um dispositivo biopolítico. Nas famílias, a ênfase de tal “pedagogização” é colocada sobre a importância dos afetos de modo a se afirmar e garantir o amor entre todos em seu interior. Situações de conflito, típicas da vida cotidiana, são consideradas como potenciais situações de risco, uma vez que se entende que podem, por exemplo, “bloquear” o desenvolvimento de certas habilidades dos filhos.

Tal compreensão de uma “pedagogização” presente na esfera do cuidado de filhos é facilmente ilustrada pelo grande número de materiais e dispositivos constituídos com esse intuito, como blogues, livros, programas de televisão etc. Chamou-nos atenção, neste contexto, as cartilhas produzidas pelas instâncias jurídicas, uma vez que, como materiais jurídicos, passam a ocupar um lugar diferenciado. O discurso apresentado em materiais como a “Cartilha do divórcio para os pais” ganha um peso ainda maior no que diz respeito ao que Foucault, no “Nascimento da biopolítica” (2008), assinalava como a regulamentação das condutas da vida cotidiana. Trata-se de um discurso que, se apoiando em enunciados psicológicos, surge agora legitimado pela justiça, o que dá a ele um caráter de orientador de cuidados a partir de um amplo quadro de cuidados do campo da saúde que se estende agora também ao campo das instituições jurídicas.

Os pais são, nesse cenário, responsabilizados pelo “desenvolvimento integral” de seus filhos, com destaque para Pereira e Oliveira (2008). Uma responsabilidade que aproximamos da busca pela eficácia e pela melhor performance característica das tecnociências, já que não se trata apenas de uma responsabilidade pelo desenvolvimento dos filhos, mas por um desenvolvimento **integral** dos mesmos. Tal compreensão do cuidado, inalcançável justamente pela pretensão de totalidade que a perpassa, repercute em uma espécie de culpabilização dos pais sobre uma eventual dificuldade que possa surgir na vida dos filhos. O cuidado de filhos é, deste modo, concebido como uma gestão racional de ações de cuidado.

Os enunciados científicos voltados ao campo do cuidado não se caracterizaram, no entanto, como uma medida exata e eficaz o que provoca, a nosso ver, uma demanda

incessante dos pais por enunciados oriundos do discurso da ciência tomando-os, muitas vezes, como “modos de proceder”. Tal demanda dos pais os conduz a buscar, a todo momento, uma variedade de fontes de informações (contatos com especialistas, leitura de publicações especializadas etc.) que se caracterizam por repetições dentro de um mesmo ciclo de demandas por amparo para o cuidado. Desta forma, a liberdade de escolha que afirmam ter sobre como cuidar de seus filhos resulta em um novo “aprisionamento”, qual seja, o consumo de serviços e insumos voltados a um cuidado ideal.

Como um projeto que busca fundamentalmente resultados, o sentido do cuidado encontra-se hoje igualmente associado a uma ocupação, a um trabalho, o que fez surgir a profissão de cuidador, de grande destaque na atualidade, voltada essencialmente a auxiliar no desenvolvimento das capacidades humanas e no bem-estar dos sujeitos. Nesse cenário, aparece como possibilidade a delegação ao menos de parte do cuidado de filhos aos cuidadores e, de modo mais ampliado, aos especialistas. Se os pais demandam, a todo momento, “modos de proceder” destes profissionais, em muitas situações pode lhes parecer até mesmo mais seguro, no sentido da garantia da eficácia, que os mesmos contratem cuidadores ou outros especialistas para que estes possam, diretamente, gerir ações de cuidado junto às crianças e aos adolescentes. Delegar aos especialistas o cuidado de seus filhos abre também um novo campo de possibilidades para os pais que, deste modo, podem se sentir mais liberados para viver a paternidade/maternidade sem ter que fazer tanta renúncia no que diz respeito à satisfação das suas vontades individuais.

A partir da emergência do conceito de cuidador, não raro vemos também referências a pais e mães como cuidadores. Como cuidadores, precisam, assim como os profissionais, adquirir um conhecimento especializado que os legitime a cuidar de seus filhos para que suas ações de cuidado sejam também concebidas como apropriadas. Ainda que tal conhecimento seja sempre circunscrito, limitado, e que, deste modo, precisem constantemente recorrer aos especialistas em busca de novos aprendizados sobre o cuidado de filhos, como tão bem ilustra o discurso dos pais entrevistados, não parece haver outra possibilidade de bem cuidarem, diante da ruptura no sistema de transmissão que aqui analisamos.

Liberados dos enunciados transmitidos geracionalmente os pais encontram-se igualmente desamparados para o exercício de uma função – cuidar de filhos – que historicamente não aparecia como questão para as gerações anteriores, uma vez que se amparava nas experiências dos mais velhos. No momento em que os pais passaram a considerar tais experiências inapropriadas e pouco eficazes para cuidar de seus filhos, passaram também a se questionar sobre como cuidar. Abriu-se, a partir daí, um novo campo

de demandas que, por sua vez, articula-se à profusão de referências ao cuidado que observamos nos mais diversos âmbitos da vida.

Mesmo quando analisam criticamente esse cenário, os pais, deslegitimados de seu lugar de autoridade, não encontram outro meio de respaldar suas ações de cuidado que não seja nos enunciados científicos. Cabe ressaltar que tais ações remetem sempre a um aprendizado, a uma apropriação de algo novo e, num primeiro momento, “estranho” aos pais. Para bem capacitar os filhos para o futuro precisam estar a todo o tempo abertos ao que está por vir, com destaque para as novas informações que acreditam melhor possibilitá-los a cuidar. Os pais precisam, assim, estar sempre atualizados para se tornarem capacitados para um cuidado que, como vimos, volta-se ao pleno desenvolvimento das potencialidades dos filhos.

Destaca-se, nessa concepção de aprendizado, uma perspectiva do saber segundo a qual sua aquisição não se encontra mais necessariamente articulada ao processo de formação. Trata-se de um saber prático que permite, inclusive, que os pais aprendam com os filhos. Não é pouco comum, por exemplo, que filhos, em contato direto com os especialistas, aprendam sobre aspectos importantes do cuidado e, em seguida, os transmitam aos seus pais. Os pais são, assim, paradoxalmente colocados na posição de aprendizes, o que implica novos modos de viver a paternidade/maternidade e de cuidar.

Desloca-se, deste modo, a figura de pais e mães cuja função junto aos filhos estava inserida em uma cadeia de transmissão entre gerações. Responsáveis pelo cuidado dos filhos, os pais exercem tal papel a partir de uma gestão de ações de cuidado marcada por um respeito à autonomia de todos e pautada pelo ideal da menor interferência na vida dos filhos que, afinal, são capazes de se constituir contando apenas com um auxílio dos pais. Deste modo, o sentido do cuidado de que tratamos nesta tese legitima a aposta de um sujeito que pode livremente se autocuidar, desde que informado sobre o que deve ou não fazer. Assim como o paciente autocuidador de que fala Lefève (2006), a criança seria igualmente capaz de decidir, junto com seus pais, a respeito do cuidado de si.

Os pais seguem ali, como colaboradores, auxiliares, mas a responsabilidade pela vida das crianças encontra-se cada vez mais dividida entre pais e filhos. Estamos, deste modo, em uma importante travessia quanto ao sentido do cuidado de filhos sobre o qual aqui nos debruçamos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.I.M. A “nova maternidade”: uma ilustração das ambiguidades do processo de modernização da família. In: FIGUEIRA, S.A. (org.) **Uma nova família**: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987. p. 55-67.

AMORIM, C.M.; SZAPIRO, A.M. A domesticação das singularidades: reflexões sobre o paradigma da prevenção – o caso da epidemia de HIV/AIDS. **Estud. pesqui. psicol.** [online], Rio de Janeiro, UERJ, ano 8, n.3, p.646-657, 2º semestre de 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-2812008000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-2812008000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 jul. 2015.

AMORIM, M. O detetive e o pesquisador. **Série DOCUMENTA**. Programa de mestrado e doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS)/Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável/UFRJ, Rio de Janeiro, ano VI, n. 8, p. 127-141, 1999.

\_\_\_\_\_. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Formas de saber na cultura contemporânea. In: SZAPIRO, A. (org.). **Clínica da Pós-modernidade**: formas de subjetivação, de violência e de dessimbolização. Rio de Janeiro: Bapera, 2009. p. 9-18.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AYRES, J.R.C.M. **Cuidado**: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC; IMS/UERJ; ABRASCO, 2009.

BABY PLANNERS. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.babyplanners.com.br>> Acesso em: 21 jul. 2015.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOLK, L. Le problème de la genèse humaine. **Revue française de psychanalyse**, p. 243-279, mars-avril 1961.

BOLTANSKY, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRANDÃO, G. Sobre o blog. **Dicas de pais e filhos.** 2012. Não paginado. Disponível em: <<http://dicaspaisfilhos.com.br/sobre>> Acesso em: 2 ago. 2015.

BRASIL. **8ª Conferência Nacional de Saúde:** relatório final. Brasília: Ministério da Saúde, 1986. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio\\_8.pdf](http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio_8.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição (1988).** Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Brasília, 2010. Não paginado. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/EMC65\\_13.07.2010/EMC65.shtm](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/EMC65_13.07.2010/EMC65.shtm)> Acesso em: 21 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Superior Tribunal de Justiça. Recurso especial nº 1.159.242-SP (2009/0193 701-9). In: \_\_\_\_\_. **Jurisprudência do STJ.** Brasília, 2012.

BRITO, L.M.T. De “Papai sabe tudo” a “Como educar seus pais”. Considerações sobre programas infantis de TV. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n.1, p.17-28, jan./abr. 2005.

\_\_\_\_\_. O sujeito pós-moderno e suas demandas judiciais. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.32, n.3, p. 564-575, 2012.

BRITO, L.; AYRES, L.; AMENDOLA, M. A escuta de crianças no sistema de justiça. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n.3, p. 68-73, set./dez. 2006.

BRUCKNER, P. **A euforia perpétua:** ensaios sobre o dever de felicidade. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

CARVALHO, A.M. et. al. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CASTRO, M.G.; CARVALHO, A.N.A.; MOREIRA, L.V.C. (orgs.) **Dinâmica familiar do cuidado:** afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 63-110.

CASTEL, R. **A gestão dos riscos**: da antipsiquiatria à pós-psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1987.

CASTRO, M.G.; SOUZA, H.P. O imaginário sobre mudanças na divisão sexual do trabalho doméstico de pais e mães de distintas inscrições socioeducacionais e gerações – Salvador. In: CASTRO, M.G.; CARVALHO, A.N.A.; MOREIRA, L.V.C. (orgs.) **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012. p.267-327.

CLAVREUL, J. **A ordem médica** – poder e impotência do discurso médico. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CONTE, B.S. Depoimento sem dano: a escuta da psicanálise ou a escuta do direito? **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n.2, p. 219-223, abr./jun. 2008.

COSTA, A. A fábula de Higino em *Ser e tempo*: das relações entre cuidado, mortalidade e angústia. In: MAIA, M.S. (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 29-51.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

DORON, C.-O.; LEFÈVE, C.; MASQUELET, A.-C. (org.) **Soin et subjectivité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

DUFOUR, D.-R. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

\_\_\_\_\_. **O divino mercado**: a revolução cultural liberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

\_\_\_\_\_. Economia de mercado e economia psíquica. In: SZAPIRO, A. (org.). **Clínica da Pós-modernidade**: formas de subjetivação, de violência e de dessimbolização. Rio de Janeiro: Bapera, 2009. p. 123-147.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.



ENAM (ESCOLA NACIONAL DE MEDIAÇÃO E CONCILIAÇÃO). **Cartilha do divórcio para os pais**. Brasília, 2013.

FIGUEIRA, S.A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, S.A. (org.) **Uma nova família: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987. p.11-30.

FOUCAULT, M. A política da saúde no século XVIII. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 193-207.

\_\_\_\_\_. Aula de 17 de março de 1976. In: \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.285-315.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.f

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 12. ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos, volume V: ética. sexualidade. política**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FORMIGA, I. No DF ‘encantadora de bebês’ cobra R\$ 5 mil para ensinar bebê a dormir. Período de ‘educação’ varia, dependendo do ‘mau hábito da criança’, afirma. Ela disse que já recebeu proposta de salário fixo de R\$ 7 mil, mas recusou. **Globo.com**. Distrito Federal, 23 de julho de 2014. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/07/no-df-personal-baba-cobra-r-5-mil-por-mes-para-ensinar-bebe-dormir.html>> Acesso em: 21 jul. 2015.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.333-454. (Original publicado em 1950 [1895]).

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1900-1901).

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-231. (Original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-108. (Original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Uma neurose infantil e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 143-153. (Original publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. Prefácio a *Juventude Desorientada*, de Aichhorn. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.305-310. (Original publicado em 1925).

\_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. Análise leiga e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-171. (Original publicado em 1926 [1925]).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-148. (Original publicado em 1930[1929]).

\_\_\_\_\_. Sexualidade feminina. In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 229-251. (Original publicado em 1931).

\_\_\_\_\_. Conferência XXXIV Explicações, aplicações e orientações – A dissecação da personalidade psíquica. In: \_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.135-154. (Original publicado em 1933[1932]).

\_\_\_\_\_. Esboço de Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.149-219. (Original publicado em 1940[1938]).

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente.** 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GAUCHET, M. **El desencantamiento del mundo**: una historia política de la religión. Madrid: Editorial Trotta, S.A.; Universidade de Granada, 2005.

\_\_\_\_\_. **L' impossible entrée dans la vie**. Bruxelles: Yapaka.be, 2008.

\_\_\_\_\_. **A democracia contra ela mesma**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 79-108.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. Introdução. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (orgs.) **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 1-11.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss**: sinônimos e antônimos. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HURSTEL, F. Autoridade e transmissão da “dívida de vida”: uma função fundamental dos pais. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte, v. III, n.2, p. 163-173, set./dez. 2006.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. 6. ed. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2011. (Original publicado em 1923).

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LAFONTAINE, C. **O império cibernético**: das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Lisboa: Editions du Seuil, 2004.

\_\_\_\_\_. The Cybernetic Matrix of ‘French Theory’. **Theory, Culture & Society**, v. 24, n. 5, p. 27-46, 2007.

LEBRUN, J.-P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

\_\_\_\_\_. **A perversão comum**: viver juntos sem outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC, 2010.

LEFÈVE, C. La philosophie du soin. La Matière et l'esprit, n° 4: **Médecine et philosophie**, Belgique, Université de Mons-Hainaut, p. 25-34, avril 2006.

LEGENDRE, P. **El inestimable objeto de la transmisión**. Estudio sobre el principio genealógico en Occidente. México: Siglo Veintiuno, 1996.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manoli, 2005.

LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MARIA, S. Sobre nós. **Super mãe**. 2012. Não paginado. Disponível em: <<http://www.supermae.blog.br/p/sobre-o-blog.html>> Acesso em: 2 ago. 2015.

MELMAN, C. O Futuro da autonomia – uma sociedade de indivíduos: desafios e perspectivas. In: NEUTZLING, I.; BINGEMER, M.C.; YUNES, E. (orgs.) **Futuro da Autonomia**: uma sociedade de indivíduos? Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2009. p. 53-58.

MELLO, D. F.; LIMA, R. A. G. O cuidado de enfermagem e a abordagem winnicottiana. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 563-569, set. 2010.

MICHAELIS. **Dicionário prático inglês**. 2 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

MICHELSON, M. Quem sou. **Conexão pais e filhos**. 2012. Não paginado. Disponível em: <<http://conexaopaisfilhos.com/quem-sou/>> Acesso em: 2 ago. 2015.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Portal do trabalho e emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília: 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.mtebo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>> Acesso em: 21 jul. 2015.

MONTRONE, A. V. G. et al. Percepções e práticas de cuidadoras comunitárias no cuidado de crianças menores de três anos. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 659-678, dec. 2013.

MOREIRA, L.V.C. et al. A prevalência materna e feminina no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CASTRO, M.G.; CARVALHO, A.N.A.; MOREIRA, L.V.C. (orgs.) **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 151-204.

MOURA, M. CNJ lança cartilha para auxiliar famílias sobre o divórcio. **Conselho Nacional de Justiça**, Brasília, 2 ago. 2013. Agência CNJ de Notícias. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/60524-cnj-lanca-cartilha-para-auxiliar-familias-sobre-divorcio>> Acesso em: 19 jun. de 2015.

MOZDZENSKI, L. P. Desconstruindo a linguagem jurídica: multimodalidade e argumentatividade visual nas cartilhas de orientação legal. **Rev. Est. Ling.**, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 91-106, jan./dez. 2004.

MURAD, F. “A criança tem cada vez mais poder de influência”. Pesquisa da Viacom aponta que 51% dos pais tomam decisão de compra ouvindo a opinião dos filhos e 49% decidem juntos com as crianças. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 8 nov. 2011. Mídia. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/11/08/A-crianca-tem-cada-vez-mais-poder-de-influencia.html>> Acesso em: 21 jul. 2015.

NADALIM, C. Boas vindas. **Como educar seus filhos**. 2013. Não paginado. Disponível em: <<http://comoeducarseusfilhos.com.br/blog/boas-vindas/>> Acesso em: 2 ago. 2015.

OTTAVI, D. Enfance et violence: le miroir des médias vers une culture de l’immaturité. In: OTTAVI, D.; DUFOUR, D.-R. **L’enfant face aux médias**: quelle responsabilité sociale et familiale? Paris: Fabert, 2011. p.5-29.

PARREÑAS, R.S. O trabalho de *care* das acompanhantes. Imigrantes filipinas em Tóquio. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (orgs.) **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 201-215.

PEREIRA, T.S.; OLIVEIRA, G. (coord.). **O cuidado como valor jurídico**. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

PINHEIRO, R. Cuidado como um valor: um ensaio sobre o (re)pensar a ação na construção de práticas eficazes de integralidade em saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R.A. (org). **Razões públicas para a integralidade em saúde**: o cuidado como valor. 2. ed. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS/UERJ- ABRASCO, 2009. p. 15-28.

REGIS, F. C.; KAKEHASHI, T. Y.; PINHEIRO, E. M. Análise do cuidado ao bebê hospitalizado segundo a perspectiva winnicottiana. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, p.39-43, fev. 2005.

RIZZINI, I; PILOTTI, F. (orgs.) A infância sem disfarces: uma leitura histórica. In: \_\_\_\_\_. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.15-30.

ROCHA, Z. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. **Síntese Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 71-90, janeiro-abril, 2011.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SAYÃO, R.; AQUINO, J.G. **Família: modos de usar**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, S.; BUDO, M. L. D.; SILVA, M. M. Concepções e práticas de cuidado na visão de homens. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p.389-396, jun. 2013.

SILVEIRA, A.; NEVES, E. T.; PAULA, C. C. Cuidado familiar das crianças com necessidades especiais de saúde: um processo (sobre)natural e de (super)proteção. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 4, , p. 1106-1114, dez. 2013.

SIMONDON, G. **L'individu et sa genèse physico-biologique**. Paris: PUF, 1964.

SUPIOT, A. **Homo juridicus: ensaio sobre a função antropológica do direito**. Lisboa: Éditions du Seuil, 2005.

SUPIOT, A. **L'esprit de Philadelphie: la justice sociale face au marché total**. Paris: Seuil, 2010.

SUTTER, C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v.39, n.1, p. 74-82, jan./mar. 2008.

SZAPIRO, A.M. O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, UERJ, ano 3, n.1, p.45-57, 1º semestre de 2003.

\_\_\_\_\_. O imperativo da utilidade, a hegemonia da técnica e seus efeitos sobre o humano. In: SZAPIRO, A. (org.). **Clínica da pós-modernidade**: formas de subjetivação, de violência e de dessimbolização. Rio de Janeiro: Bapera, 2009. p. 79-92.

\_\_\_\_\_. O crepúsculo da cidade. In: RHEINGANTZ, P.A.; PEDRO, R. (orgs.) **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/PROARQ, 2012. p. 183-192.

\_\_\_\_\_. Do humano e da técnica: por uma clínica da pós-modernidade. **Rev. Polis e Psique**, v. 3, n.2, p. 4-18, 2013.

SZAPIRO, A.M.; RESENDE, C.M.A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.22, n.1, p. 43-49, 2010.

THÉRY, I. Le temps des recompositions. In: DORTIER, J.-F. (coord.) **Familles**: permanence et métamorphoses. Paris: Sciences Humaines Éditions, 2002. p.55-61.

\_\_\_\_\_. Novos direitos da criança – a poção mágica? In: ALTOÉ, S. (org.) **A lei e as leis**: direito e psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter, 2007. p. 135-161.

VARENNE, H. Love and Liberty, la famille américaine contemporaine. In: BURGUIÈRE, A. et al. (orgs.) **Histoire de la famille**: le choc des modernités. Paris: Armand Colin, 1986. p. 533-562.

VELUDO, C. M. B.; VIANA, T. C. Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p.111-118, abr. 2012.

WHO (World Health Organization). **Constitution, 1946**. Disponível em: <<http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf?ua=1>> Acesso em: 29 jul. 2015.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **A criança e o seu mundo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1977.

\_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

\_\_\_\_\_. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. O medo do colapso. In: **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994. p.70-76.

\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ZELIZER, V. A economia do *care*. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (orgs.) **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 15-28.



**APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.**

## Roteiro de entrevista

Data:

Duração da entrevista:

## Dados do(a) entrevistado(a)

Sexo:

Idade:

Bairro/Cidade:

Atividade profissional:

Idade dos filhos:

- Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isto?
- Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?
- Para você, existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos? Como isto é na sua família?
- Você considera que outras pessoas - ou instituições - são também importantes no cuidado com seu filho?

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **Título do projeto: Reflexões sobre a família contemporânea: um olhar sobre o cuidado**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que pretende investigar que concepções de cuidado perpassam pais e mães na relação com seus filhos, considerando as transformações no interior da família a que viemos assistindo nos dias atuais. A pesquisa constará da realização de entrevistas semiestruturadas baseadas em um roteiro preestabelecido.

A entrevista será realizada apenas com a pesquisadora principal, com duração aproximada de quinze minutos, na qual você será convidado(a) a dar seu depoimento de forma livre, guiado apenas por um roteiro de perguntas. Nossa entrevista será gravada para que depois seja ouvida e estudada pelos pesquisadores sem que sofra nenhuma alteração relativamente ao que foi dito. O uso do gravador deve ser permitido por você, mas quando quiser que desligue é só falar. Após a transcrição das gravações elas serão apagadas.

As informações obtidas serão utilizadas apenas para esta pesquisa e serão analisadas em conjunto com as informações obtidas de outras pessoas, não sendo divulgada a identificação de ninguém. Tudo o que você disser será tratado de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Apenas os pesquisadores envolvidos no projeto terão acesso ao material da pesquisa, não sendo permitido o acesso desse material a terceiros, garantido sua proteção contra qualquer tipo de discriminação e ou estigmatização.

Não há riscos relacionados à execução da pesquisa. Caso haja algum desconforto ao longo da entrevista, você pode recusar-se a responder a qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento.

Em caso de dano pessoal, diretamente causado pelos procedimentos propostos neste estudo (nexo causal comprovado), você tem direito a tratamento médico, bem como às indenizações legalmente estabelecidas (pelas quais a pesquisadora principal se responsabiliza).

A pesquisa não proporciona nenhum benefício direto a você, mas sua contribuição pode auxiliar novos projetos voltados à compreensão do sentido do cuidado nas famílias contemporâneas.

Não há despesas pessoais para você por conta da pesquisa, assim como também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Você terá o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre os resultados da pesquisa que sejam de conhecimento dos pesquisadores. Os resultados desta pesquisa, após sua conclusão, serão divulgados em meio científico, como periódicos, referentes ao tema.

Em qualquer momento da pesquisa você terá acesso à profissional responsável pela pesquisa no endereço: Av. Pasteur, 250, fundos, Praia Vermelha, Rio de Janeiro (RJ) – EICOS - Instituto de Psicologia/UFRJ. Telefone: (21) 3873-5348. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) na Av. Pasteur, 250 – Praia Vermelha – Prédio da Decania, sala 40, telefone (21) 3873-5167 – E-mail: [comitedeetica@cfch.ufrj.br](mailto:comitedeetica@cfch.ufrj.br)

Acredito ter sido suficientemente informado(a) sobre o estudo acima citado que li ou que leram para mim.

Eu discuti com a doutoranda Camila Miranda de Amorim Resende sobre a minha aceitação em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar, se necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) entrevistado(a)

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS-PILOTO.**

## Roteiro de entrevista

ro

Data:

Duração da entrevista:

## Dados do(a) entrevistado(a)

Sexo:

Idade:

Bairro/Cidade:

Atividade profissional:

Idade dos filhos:

- O que significa para você cuidar do seu filho?
- Com você se percebe cuidando do seu filho?
- Você observa alguma dificuldade no exercício do cuidado com seus filhos? Se sim, qual?
- Em sua opinião, há diferença do cuidado do homem e da mulher com os filhos?

## ANEXO A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.

### Entrevista 1

- Fáblio, 40 anos, jornalista de formação (atua como professor), morador do Rio de Janeiro, dois filhos (filha H., 13 anos; filho B., de 10 anos).

Entrevistadora – Pra começar, esta pesquisa é sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

Fáblio – Cuidar dos filhos... É... A gente não consegue se comparar com outros pais... Até consegue, a gente vê na nossa geração (...) que os filhos são muitos centrais na vida, né? Muito importante. Precisam muito da nossa disponibilidade, do nosso tempo livre, sem falar a parte financeira que naturalmente vai para o sustento, mas tudo que a gente pensa sobre o tempo livre que é escasso hoje em dia, né? – a gente trabalha muito então sobre pouco tempo livre – o tempo livre é pensado em função das crianças. Então, eu penso nas férias, nas viagens, nos fins de semana, na programação cultural... A gente passa a viver, compartilhar, mais em função de como eles vão se divertir, do programa que eles vão curtir do que o que a gente gostava de fazer antes de ter filho: sair à noite, dormir até altas horas... Estas coisas meio que desaparecem depois que tem filho. Eu lembrei que a gente fica especialista em cinema infantil, por exemplo, né? Na última década a gente viu todos. Tem que ser um filme que a família toda queira ver. Então um filme só que adulto goste, ficou muito raro nos últimos anos. Mas isso vai mudando, né, os filhos vão crescendo... O B. já está com 10, o mais novo, então não só ele consegue ir acompanhando a gente nos interesses um pouco mais adultos, como a gente tem uma certa liberdade já de se separar um pouco. Mas, ainda pensando mais geral que você perguntou “o que que é cuidar dos filhos” – porque eu só tô indo no detalhe da vida –, a gente se sente muito responsável pela vida deles e até pela personalidade deles. A gente fica muito atento de que sejam pessoas felizes, inteligentes, sensíveis, generosas. A gente tem uma série de expectativas e quando a gente nota um pouquinho eles saindo... assim, um ou outro caso... momentos em que a gente fica na dúvida se eles estão infelizes ou se estão inseguros a gente começa a se perguntar o que está errado. Eu acho que a gente... eu pelo menos me sinto assim, né? A gente se sente muito diretamente responsável por como eles são, como se não houvesse um grau de autonomia aí no sentido de... certas coisas são individuais mesmo. A gente aprende muito com eles, é muito intenso, aprendizado constante, por conta da mudança deles, como eles vão mudando... a gente é pego de surpresa... Acho que isso é meio eterno, não é “os filhos de hoje”. É... que mais? Valorizar muito os momentos de estar junto. Eu pelo menos olho muito para o futuro, penso sempre no que vai vir. Sei que daqui a 10 anos eu não vou compartilhar tanto a convivência com eles. Então eu valorizo muito estes momentos com eles. Mas é um desafio. É um prazer e um desafio. (...) Um observa o que o outro está fazendo e vai se adaptando. Tem pouca conversa aberta “vamos educar assim... então como é que está indo o caminho da nossa educação”. Tem aquelas observações mais diretas do tipo “ah, você falou isso, não devia ter dito isso na frente dele” ou “ele não devia ter visto esta coisa, né?” Um programa que tinha violência, ou “este filme, será que é adequado?”. Não são conversas gerais sobre como educar. São conversas em cima de situações que às vezes dão errado e aí um dá um toque no outro... um discorda do outro, né? Normal... Às vezes eu discordo do estilo dela e vice versa. Ela cobra de mim... ela é mais de cobrar, ela é mais presente. Ela é mais... de cobrar mesmo. Eu sou presente pelo prazer, ela é presente pela organização “tem que fazer isso...” o dever e a roupa

e o banho e... os modos, né? “não fala de boca cheia”... Detalhes que pra mim passam batido. Eu me preocupo mais se estão bem, se estão felizes e a parte de se divertir. E aí isso gera aqueles estigmas, né? Ela diz “sempre eu que cobro, então eu sou a chata, você também tem que falar...” Mas eu falo também, né? Acho que são as diferenças entre homem e mulher, papel de pai e mãe é diferente, né?

Entrevistadora – Eu ia te perguntar exatamente se você acha que existe esta diferença e como é na sua família.

Fábio – Acho que existe. Tenho certeza que existe e acho bom que exista. Sempre que ela questiona “ah, você não faz isso desse jeito” eu digo “que bom, né?” Por que se fossem dois em cima, cobrando, reclamando, os meninos iam ficar malucos. E ao mesmo tempo se fossem dois desligados, meio desleixados em algum sentido que eu reconheço que às vezes eu sou também podia ser prejudicial (risos). Acho importante o equilíbrio, acho importante a diferença. Acho que a diferença equilibra. A mãe mais alarmista, protetora... Ela é muito protetora de achar que eles ainda são pequenos para certas liberdades, para sair sozinhos. E o pai que solta. Então, isso vem de Freud, né? (risos) O pai é o que mostra o mundo e a mãe é a que protege. Eu sinto isso muito nítido. Talvez pela nossa singularidade, né? Hoje em dia devem ter pais superprotetores e mães que soltam também. Não é mais tão definido, mas lá em casa parece que a gente vive o tradicional.

Entrevistadora – Você falou também sobre a questão do educar. Você vê diferenças entre o educar e o cuidar?

Fábio – Ah, difícil, né? Vou pensar em termos práticos. Pra mim é diferente. Eu trabalho com educação, né? Então a creche... quando dizem que a creche é o lugar do cuidar, é só você ficar de olho na criança para ela não se arriscar, não sofrer um... isso é cuidar. Zelar pela alimentação, higiene, não sei o quê. Educar é muito mais que isso, né? Educar são os valores, são os exemplos, são os assuntos, é a cultura... muito mais amplo do que simplesmente cuidar. Pra mim cuidar parece muito básico e educar é o pacote completo. É a formação integral. Tem essa coisa da educação que a gente acredita aqui (local de trabalho), né? Como eu trabalho com educação, a discussão de educação de creche mais avançada hoje em dia diz que a creche também não é lugar de cuidado. Desde o neném... alguns estímulos, o cognitivo... o educar é mais do que simplesmente cuidar. Então, eu definiria o cuidar como o básico para a sobrevivência: alimento, limpeza, sono, saúde, doença e tal. Educar é isso que eu falei: são as relações humanas, são os valores, os princípios, é o exemplo... É... Regras de comportamento. Por que certas coisas podem e outras não podem. E aí eles começam a questionar e aí você não pode simplesmente estabelecer regras, tem que explicar o porquê da regra. E quando você vai explicar o porquê da regra você repara que nem você sabe o porquê. Você herdou o que veio de outras gerações e simplesmente você reproduz. A criança é ótima nisso, né? Isso é uma coisa que eu também noto na gente, um parêntese, né? Como a gente valoriza a inteligência infantil. Ao contrário de outras épocas em que a gente menosprezava hoje em dia a gente se maravilha e percebe que eles sacam muito mais que a gente. A gente fica... a gente vai fechando a visão numa reprodução de atos, princípios, valores e até ideias, né? A gente fica menos criativo... E a criança vê o mundo de outra forma. Ela questiona o mundo. Então a gente tenta incentivar isso. Em muitos sentidos eu aprendo mais com eles... do que eles comigo não é verdade, porque eles também tem que aprender muito com a gente. Mas eu aprendo mais o libertário com eles e eles aprendem mais o social, as regras do jogo. Como funciona o mundo, o governo... é o grau de realidade que a gente tem que dar.

Entrevistadora – Como você vê esta questão da transmissão dos valores da qual você está falando na prática?

Fábio – O tempo todo, né? Eu vejo, primeiro, no exemplo, na forma com o a gente vive. A partir de certa idade eles sacam que a gente é de um jeito e que tem gente que é diferente. Então, por exemplo, eles estudam numa escola muito cara, de uma elite econômica do Rio, mas eles estudam lá porque a mãe é professora lá, então eles são bolsistas. Então é como se eles fossem uma cota social ali dentro diferente dos colegas. Os colegas tem um feriado e vão pra Paris, vão pra Disney, vão esquiar. Eles têm um nível muito mais alto e eles notam que a gente não e eles têm desejos às vezes econômicos e tal e... Por outro lado, a gente valoriza coisas culturais que as mães desses amigos, os pais, às vezes não compartilham. O gosto musical, o gosto cultural, o tipo de filme que a gente gosta não é só o blockbuster americano. A gente fala de Woody Allen. Aí o meu filho ficou fã de Beatles com 7 anos, mas fã assim de ouvir tudo, da gente redescobrir os Beatles por causa dele. Então culturalmente é muito imediata esta coisa da reprodução, o que eles ouvem em casa, o que eles veem a gente curtindo... E aí tem um rompimento. A menina... a adolescente de 13 decidiu ser diferente. Então ela não gosta de MPB, ela gosta de música de último tipo americana, gosta de roupas transadidas que a gente não gosta, pra se diferenciar, mas ela sabe qual é o nosso padrão. Ela está se diferenciando intencionalmente, né? Já a coisa dos valores, dos princípios éticos é menos falada explicitamente, mas é muito forte, porque é no exemplo. Então, chega numa fila e alguém fura, a gente reclama, a gente não fura. Vê polícia e fala “pô, mas o policial não é bom? É corrupto”. “Ah, o que que é corrupto?” “É porque as pessoas dão propina”. Então esses assuntos surgem no dia a dia e a gente tem uma posição firme sobre isso. Então só da gente falar “isso é errado”, “ah, mas isso não ia facilitar a vida?”... Aí fala que o dinheiro gera desigualdade... Então essas conversas surgem, assim. E é interessante... surgem bem no entorno, assim... E como a gente é da área de humanas, educação, social, a gente é mais ligado nisso e eles, ou por adesão ou por reprodução, sabem que esse é o terreno deles... Imagino que outros pais que dão mais valor ao dinheiro, a consumismo, as crianças tomam outro universo. Então acho que passa muito pela vivência do que os pais fazem, do que os pais vivem, da profissão dos pais, dos amigos dos pais. Nós temos muitos amigos. A gente não tem uma família tão presente. Meus pais moram longe, a minha mulher não se dá muito com a mãe... Então nossa família são os amigos. A gente tem uma rede de amigos forte, que frequenta muito e é tudo gente como a gente. De mesma posição cultural, política... até pra gente poder conviver, né? Então as crianças sentem que o universo delas é aquele.

Entrevistadora – Você falou um pouco da relação deles com o consumo. Como é a demanda deles neste sentido?

Fábio – É misturado. Porque ela já é adolescente, né? Porque adolescente chega numa fase que... não só adolescente. Menina tem a coisa da vaidade, da roupa e tudo mais e adolescente tem as tecnologias. Então ela quer o ifone, ela quer o melhor aparelho de celular que todas as colegas têm e ela... mas por outro lado, ela sabe que a gente não tem. Sabe que a nossa renda não permite esses desejos que os outros têm. Então ela pede sabendo que não pode ter. Ela não força a barra. Ela economiza. Ela é super chegada em dinheiro, tem super noção dos valores das coisas, dos preços, aí vai juntando, aí ganha de presente um dinheiro, aí não compra nada e guarda até conseguir comprar o celular dela. Ele é mais sensível ainda as nossas limitações financeiras (risos). Então ele é super assim... um livro que a gente compra ele “ai, quer que eu pague com meu dinheiro?” “Imagina, meu filho, livro a gente vai dar quantos você quiser”. Ele é super preocupado. Então ele não é consumista. Ela é muito mais consumista que ele. Eles são bem diferentes um do outro. Ela é bastante, tem muitos desejos,

mas é pé no chão também. E não é deslumbrada. Ela tem mil amigas ricas. Ela podia sem querer ser interesseira: “vou pra casa de fulana, vou viajar pra Angra...” Não, ela tem as amigas dela de uma forma muito natural e nunca fica pensando... É engraçado isso, ela valoriza a riqueza. O sonho dela é uma mansão, é uma camisola, descer com Nescau por uma escada linda, ela tem até uma cena. Mas na prática ela nunca força a barra pra esse lado que eu acho que é a nossa influência nela.

Entrevistadora – Você falou dos amigos. E a influência de outras pessoas ou outras instituições, como a escola, no cuidar dos filhos?

Fábio – Bom. Primeiro a escola, né? Que é o lugar que eles passam mais tempo e que eles têm a referência dos professores, dos colegas, do social. É muito importante a escola. Muito determinante. E isso a gente tem consciência porque a mãe é professora na própria escola. É professora da minha filha. Então, ela tá por dentro. A escola pra eles têm um significado meio familiar porque a mãe tá lá também. Então é um pouco diferente (risos). Mas mesmo que não tivesse a mãe, né, considerando assim. Eles estudavam numa outra escola e meu filho, por exemplo, quase não tinha amigos, ele ficava isolado. Era feliz e tal, mas na imaginação dele, nas brincadeiras dele. Quando mudou para essa nova escola ele descobriu um grupo de meninos da mesma idade que eram amigos há muito tempo e quando ele chegou foi super acolhido. São todos botafoguenses, todos têm gostos parecidos, e ele virou um super integrado, líder, querido. Então isso faz uma diferença, assim... É o lugar dele, né? Quando sai da família é onde ele constrói suas histórias ali, suas relações. Ele é muito feliz. A escola gera uma série de benefícios para ele. Mas aí tem a escola instituição, né? Quer dizer, a coisa social é legal. A instituição eu questiono, por exemplo, acho que poderia ser melhor na série que ele está. Eu sinto que o aprendizado... Ele tá no 5º ano. Eu sei que a partir do 6º, ele passa a ter geografia, biologia e tal e a escola melhora, o conteúdo fica mais interessante. Mas por enquanto são umas generalidades de decoreba que ele mal se interessa, decora na véspera, vai bem em tudo, tira nota boa em tudo, mas você não vê ele voltado ao conteúdo da escola. Se em casa a gente não fosse tão ligado na educação dele, na informação, na cultura, em gerar pra ele mil oportunidades de aprendizado ele estaria na escola perdendo tempo. A escola tinha que cumprir esse papel e eu acho que cumpre muito pouco. E olha que é uma escola particular, cara. Imagina uma escola pública. Acho que o currículo é defasado, acho a escola totalmente distante da realidade, do que é realmente importante para o ser humano naquela idade. Não fórmula, é... fórmulas químicas de um currículo dos anos 50, entendeu? A escola se transforma muito lentamente perto da sociedade. Mas ao mesmo tempo tem uma coisa mais afetiva que a escola também tem. Além do conteúdo, tem uma afetividade entre crianças e adultos ali, entre crianças e professores. Não é só passar o conteúdo. Eu vejo pela minha mulher. Ela é uma professora super querida porque ela tem uma relação afetiva com os alunos. Vira meio que uma mãezona. Não chega lá só pelo conteúdo. Acho que isso faz a maior diferença. Porque como a gente em casa é muito junto e muito a gente... isso é uma característica da nossa família também. Somos muito os 4. A gente tem os amigos e tal, mas por não ter uma família muito grande e presente tudo é a gente que faz junto. Tem uma coisa de grupo ali, sabe? Muito fechadinho. Então a escola é uma chance deles exercitarem outra relação criança/adulto, de respeito, de obediência, de gosta, não gosta, tem um professor preferido, tem o que conta piada, tem o que é rígido. Eles vão ter que aprender a lidar com isso. É uma escola de relações humanas também. Talvez até mais importante que o conteúdo que nessa idade ainda não faz muito diferença, eu acho, acho que poderia ser melhor, mas nas relações humanas, sim, né? Tanto com os colegas, como com os professores. Os colegas e professores... tem ciúme, tem o preferido do professor, tem o professor que persegue, ou que eles acham que persegue, que é carrasco. Eles têm que lidar com isso. Eles vêm contando



essas histórias em casa. É um mundo... uma janela, a primeira janela que se abre pra eles fora de casa.

Entrevistadora – Eles entraram na escola com quantos anos?

Fábio – Creche. 2 anos.

Entrevistadora – Antes dos dois anos vocês faziam como?

L – Pois é... Minha mulher não parou de trabalhar não. Tinha uma empregada meio babá que dava super conta e... Esse era o suporte que a gente tinha. Não contávamos com família para deixar eles. É isso. Tinha uma empregada que mais se virava como babá por causa da importância que a gente dava a ela. A gente teve algumas experiências de contratar uma e não vai com a cara e não dá certo porque tinha que ter confiança absoluta que ela estava não só cuidando (risos), mas cuidando com afeto e atenta e aí deu certo. Como minha mulher só trabalha de manhã, então ela saía cedo, meio-dia já estava em casa e já estava com as crianças. Ela não ficava o dia todo fora. Ela pega 7 da manhã na escola. Meio-dia vai pra casa e trabalha em casa, preparando aula. Mas, nunca tivemos experiência de deixar eles com outros, não, o que é uma dificuldade pra minha mulher. No início até de deixar comigo. “Ai, meu Deus, será que vai saber cuidar?” Ela duvida até de mim. Hoje em dia já comprovei que sou bom pai (risos), mas no início, aquela fase de neném, frágil, né, a mãe é super tensa em proteger.

Entrevistadora – Hoje acontece de vocês saírem sem eles? Deixam com quem?

Fábio – Hoje tem uma empregada que dorme lá em casa. Ela entrou num curso noturno uma época em que não foi possível, mas, antes disso, e depois, nas férias, quando ela tá em casa a gente sai. E às vezes a gente tá começando a sair e deixar eles sozinhos. A menina tem 13... A gente sai pra perto de casa, com o celular. Tá sendo aos pouquinhos, mas nós estamos começando a... Mas a empregada fica direto. A gente não gosta de pedir muito porque é fora do horário dela. Mas como ela tá dormindo lá, ela mora lá. Então a gente não pede nada de trabalho pra ela fora do horário, mas uma noite que a gente tem uma festa, a gente pergunta pra ela se ela pode ficar com as crianças e a gente paga um extra e vai num casamento, numa festa e tal.

Entrevistadora – Como é a relação deles com ela, com essa pessoa?

Fábio – Boa lembrança. A gente falou sobre com quem eles ficam, ela é uma referência importante, mesmo (risos). Depois de nós dois é a pessoa em casa com quem eles mais convivem. É engraçado porque ela meio que se comporta quase como nossa filha também. Ela é muito jovem e se comporta como mais jovem ainda, mas é muito inteligente e sensível, mas com uma formação incompleta de escola, né, então ela não tem muita cultura, mas tem um instinto... um instinto de, de... principalmente um bom humor e isso a gente valoriza muito. Ela é alto astral, então a gente vê que ela se diverte com as crianças, ela curte ficar com as crianças, e é minimamente responsável. Se a gente não confiasse o básico de segurança, de providência, seria complicado. Mas a gente confia e além disso a gente nota que ela se diverte, gargalha com eles e eles com ela. Eles gostam dela, tem uma afetividade. E aí é uma coisa de Brasil, né? A empregada que é família, mas não é família, então nesse caso a gente tem ela muito próxima da gente mesmo. Então a gente deu toda força pra ela estudar, mesmo que isso quebrasse um pouco a nossa rotina, pra ela se formar, pra ela se fazer na vida, porque

ela ficou muito apegada a gente também. Isso daria outro estudo, né? Como as relações são diferentes. E ela é uma referência interessante pra eles também. Não cultural... ou até também pra eles quebrarem essa coisa também de viverem só no meio... É uma outra experiência.

Entrevistadora – Além da escola, eles fazem outras atividades?

Fábio – Ela faz curso de inglês. Ele faz grafite, porque ele é super artístico, ele escolheu fazer grafite, mas é na escola. Ele faz grafite à tarde, enquanto ela está no inglês que é do outro lado da rua. Ela só atravessa a rua pra ir para o curso de inglês. Ela já fez análise quando era mais nova porque teve uma crise... eu não sei se interessa a sua pesquisa, mas foi... eu acho que interessa sim, porque tem muito a ver com as relações familiares. Quando meu sogro adoeceu... o pai da minha mulher teve câncer e foi muito rápido e ela, imagina, né, sofreu muito. Como a gente era muito junto... minha filha tinha 5 anos na época, e o menorzinho com 2. Minha mulher já era muito chegada e fazia tudo com ela e começou a envolver ela nessa rotina de visita ao hospital, de conversar sobre doença, sobre câncer, e vai morrer, e tá piorando e aquele coisa... E a minha filha que com 5 anos não estava preparada para ver a mãe sofrendo tanto, chorando todo dia e ela não poupava a H. disso porque precisava. Era como se a H. compensasse o sofrimento porque ela estava perdendo o pai, compensado por ter a filha ali. Mas não se tocou do que isso poderia estar causando na minha filha e aí o resultado psicológico na H. foi que ela começou a dar umas “panes” assim. Começou a não querer comer, ela teve uma crise que não queria comer mais nada. Gravemente... a gente botava o garfo e ela não comia e a gente ficava tenso porque a gente não sabia como reagir e a gente reagia com agressividade que era pior e aí ela ficava pior ainda. Medo de escuro, ela não conseguia dormir sozinha no quarto, vinha pro nosso quarto toda noite, foi uma regressão a ponto da gente botar ela numa análise. E ela rapidamente saiu e era legal porque... ela rapidamente melhorou, mas o melhor é que a psicanalista marcava uma conversa com a gente e apontava pra gente “oh, o problema não é ela, é com... principalmente a mãe. É como você tá lidando com ela. Você tá envolvendo ela num sofrimento que é seu.” Inclusive minha mulher achava que essa crise toda da H. fosse porque perdeu o avô. “Ai, ela era muito chegada no avô e tá sofrendo porque ele morreu.” E aí a analista dizia “não, ela não tá sofrendo porque ele morreu, ela tá sofrendo de te ver sofrendo desse jeito”. Ela tava sofrendo pela mãe e não pelo avô. “Então você tem que poupar ela dessas questões adultas, da morte...” um tema tão forte, né, “ela não precisava ter passado por esse sofrimento junto com você”. E aí quando a H. na análise entendeu, rompeu um pouco esse cordão umbilical com a mãe, ela fez o caminho dela super feliz, superou esses medos e tal. Mas tem tudo a ver com... com a gente ser tão junto, essa coisa de misturar os nossos sentimentos com os deles é um perigo. Como eu falei até no início, da gente achar que a gente é totalmente responsável pelo que eles estão sentindo. Não é... a gente não vai conseguir controlar tudo, a gente não tem a chave do sucesso, não existe sucesso absoluto. A gente fica se falando isso, porque é difícil. O afeto é tão grande que a gente mistura as coisas.

Entrevistadora – Você falou um pouco, quando estava descrevendo o caso da sua filha, sobre forçar ela a comer. Como é essa questão dos castigos, de uma forma mais geral?

Fábio – A gente é muito frouxo. Minha mulher é muito exagerada, então ela promete punições terríveis “nunca mais vai falar no celular ou essa semana não vai poder falar”. Aí passa a raiva, chega à noite e... “ah, mãe, deixa eu jogar videogame de novo” e ela “ah, tá.” Então ela perde a credibilidade. Sempre que ela ameaça uma bronca grande eles sabem que não é muito sério. Mas eles são super obedientes. Quando a gente fala “vai pro seu quarto e não vai sair de lá enquanto eu não mandar”, eles fazem. Então os castigos são basicamente esses. São bem

simples, descontados os exageros das promessas da minha mulher que ela não cumpre. Quando a gente consegue cumprir são simples, tipo “vai pro seu quarto e fica lá pensando no que você fez”. Aí normalmente a gente vai lá depois conversar. “Você entendeu por que que a gente achou ruim?” Aí conversa e resolve ali.

Entrevistadora – Mas isso hoje que eles são maiores. E quando eles eram mais novos?

Fábio – Pois é. Existiram os casos que a gente não soube como reagir e reagiu com agressividade.... ah, tenso... batendo não, né? A gente é terminantemente contra qualquer palmada ou coisa física. Teve uma ou duas vezes que eu dei uma palmada no auge da raiva e até hoje minha filha fala “aquele dia... eu fiquei com marca no bumbum por causa disso”. Como eu sei que foi um só na vida, eu não ligo. Quando eles eram pequenos era difícil porque às vezes tinham aqueles ataques histéricos, né? Aí tinha uma coisa de botar de baixo da água fria, isso é minha mulher que tem essas ideias. Aí ligava o chuveiro frio pra ver se acalmava, mas nem sempre dava certo. Ela pequenininha chorava muito, mas aí é neném, né, outra fase. Aí tinha um livro que dizia “deixa chorar”. Uma livro que era “Nana nenê”. Você vai lá, diz que existe e sai e ele continua chorando. Minha mulher ficava com o coração partido, nunca conseguia botar esse método em prática. A gente é muito coração mole nesse sentido, quando vê que eles estão tristes, chorando, a gente não consegue manter. Mas... eu tô pegando essa fase de quando não tem muito argumento, né? Aí vem a idade da birra, da manha e... o que que você vai fazer? Eu acho que nosso sucesso não está na forma de castigar quando eles estão errados, não, tá mais no “normal”, no dia a dia, enquanto as coisas estão bem. A gente sabe... mas acho que a gente não é muito bom em reagir a... nenhum dos dois... à desobediência, ao imprevisto. A gente não sabe muito o que fazer. Então eram meio tentativas desesperadas quando as coisas saiam do controle. Nunca tentativa desesperada de bater, mas tentativa desesperada infrutífera, botar debaixo da água fria ou sacudir... eles estão com muita raiva, a gente também se irrita, e eles se irritam mais. Aí você vai na tentativa e erro, mas sempre uma forma muito incômoda, desagradável, né? Do que aquela coisa de parar, que a gente sabe que é o certo, né? Parar, olhar olho no olho, conversar. Às vezes não tem jeito. Eu acho que eles foram ficando obedientes ao notar que a gente é mais legal quando eles estão numa boa do que quando eles saem da linha e a gente não sabe reagir, a gente se irrita. Não tem a coisa física, mas tem a coisa de se irritar muito. A J. (esposa) pega muito pesado com as crianças no verbal, entendeu? Às vezes ele fala com muita agressividade que eu fico assustado, eu falo com ela pra ela ver o tom por causa de uma besteira. Às vezes ela tá nervosa e ela solta os cachorros e eu acho pesado essa coisa verbal, acho que isso marca também a criança, além do físico. Então eles tem uma certa obediência de medo, principalmente dela. Porque ela é altos e baixos, ela tem as suas crises. E eu resisto mais, sou bem mais paciente, demoro muito mais a sair do controle, mas quando eu saio, eles sabem que um olhar ou uma palavra... “e papai...” eles sabem que quando papai tá puto é porque eles passaram de um limite. Então eu acho que essa linha é interessante também, né? Você não reagir a qualquer besteira. Pra quando você reagir eles saberem que é sério que não é... não é... brincadeira não. Mas talvez uma coisa que na nossa educação pra eles não seja tão boa é a coisa do castigo, da punição, por causa dessa dificuldade de limites, assim, nossos. Saber como reagir depois de tanto tempo, né? Hoje é mais fácil... mas saber formas de educar quando a coisa sai do controle. Nem eu nem ela somos muito bons quando a coisa sai do controle. Não foi fácil. Agora está mais fácil, porque eles estão mais comportados. Não foi fácil em alguns momentos, né, porque não é rotina.

Entrevistadora – Mudando um pouco de assunto, você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e como você pensa hoje?

Fábio – Nossa... Agora é sessão de análise (risos). Agora eu vou voltar pra minha infância. Totalmente diferente e a gente tem muita consciência disso. Quando a gente vira pai na hora a gente pensa “opa, quem foi meu pai, minha mãe...” Pai e filho homem, agora eu sou pai de um filho homem. Principalmente isso do sexo ser igual porque a mãe... eu não sou mãe, então como a minha mãe me tratou, cabe à mãe, eu não posso... nunca vai ser igual. A mesma coisa eu com uma filha, ela é filha. Pra mim muito importante é minha relação com o meu filho, porque eu sei como foi minha relação com o meu pai e eu quero que seja diferente. E é diferente. É diferente intencionalmente porque eu quero que seja melhor. Meu pai não ligava pra filho. Filho era uma limitação pra liberdade que ele queria ter. Então minha mãe cuidava dos filhos o dia inteiro, se dedicava a essas preocupações cotidianas e meu pai sentia que não tinha nenhuma obrigação de nada disso. Porque ele era italiano e bem mais velho do que ela e bem mais velho do que eu... Quando eu nasci ele tinha 40. Então meu pai é da década de 30, na Itália, uma família católica... criança era outra coisa naquela época, né? E ele não teve pai, então eu ainda penso no meu avô. Ele perdeu o pai com 10 anos. Então ele não tinha uma referência paterna, não soube ser pai pra mim, não teve comunicação... não parava nunca pra conversar comigo, trocar ideia do que é ser homem, do que é a adolescência, do que é o sexo, do que é o crescimento... Aquelas coisas todas. Era minha mãe e duas irmãs, então o único homem de casa... os homens eram eu e meu pai. Eu não tive essa presença dele e eu sempre achei tão bonito pai e filho companheiros, carinhosos. Não é nem um plano racional. Naturalmente quando meu filho nasceu eu vi ali um outro menino (risos) na minha vida, e crescendo e sendo tão menino que é tão diferente de menina, e tão parecido comigo em certas coisas. E quando você se vê também na pessoa, né? Se vê projetado ali... te dá uma coisa, uma mistura de orgulho com genética que passou à diante. Então quando eu morrer ele continua e vai à diante, que é muito gratificante. Totalmente diferente, nesse sentido do cuidar. Minha mãe tinha disso... minha mãe cuidava, mas não tinha muito carinho físico. Ela cuidava de providências, conversa, sempre foi muito de conversa, Psicanalista, né? “Então vamos falar sobre (...), não sei o que e tal”. Mas eu por ser menino não me abria tanto com ela, mas ela tinha esse canal. E não tinha muito carinho. E tinha... isso é que é incrível. Por causa da vida dela... a gente nota que o que a pessoa viveu, os traumas que ela tem, os ideais que ela tem, ela joga tudo no filho. Então... isso também parece ser universal, por mais que as gerações mudem, né? Então ela viveu um inferno em casa, os pais se batiam, o pai agredia a mãe. Então quando ela teve uma chance de se casar e sair do Brasil... casou com um italiano e foi embora, meu pai era italiano. Então, na vida dela, criar os filhos bem é dar liberdade para os filhos porque ela não teve isso. Então a referência pra ela de criar a gente bem é criar pra ir pro mundo e não criar pra ficar em casa. Então faltava um pouco esse afeto... é o contrário, aí falta outra coisa, era o excesso de liberdade. Ela queria que a gente fosse. “Vai morar no Rio, vai estudar sozinho, vai se virar”. E a gente foi, mas faltou talvez uma sensação de proteção maior. O pai já cuidava da vida dele e a mãe tinha o cuidado e tal, atenta, mas muito racional, muito verbal e tipo “vai se cuidar, vai se criar e segue tua vida”. Faltou realmente proteção e aí a gente quer dar para os filhos o que nos faltou, né?

Entrevistadora – Essa questão entre proteção e liberdade, como é isso na sua família?

Fábio – Aí eu herdei a coisa libertária do meu pai porque ele é um libertário, independente... Hoje eu entendo mais ele. Não tem aquela mágoa, rancor. Eu entendo o fato dele ter criado os filhos assim embora tenha nos faltado muito, tenha nos faltado um pai. Mas não sei se geneticamente ou se... Por ele ser libertário as partes mais legais da convivência com ele eram os momentos de viagens, de férias, porque aí a gente saía junto. Aí a gente tava junto. Nossos momentos de maior união eram viagens, férias, a gente viajou muito, viajou o Brasil inteiro,

viajou a Europa. Esses eram os momentos que meu pai estava ali e era o que ele gostava de fazer e ele era aventureiro. E eu tenho o instinto aventureiro e passo o instinto aventureiro e independente para as crianças. E a proteção vem muito da mãe, né? A mãe é superprotetora. É o oposto. Nunca saiu do Rio de Janeiro. Nasceu e cresceu no Rio de Janeiro, nunca viajou... E ela teve uma experiência muito ruim com a mãe. De muita agressão, violência, chantagem, sair de casa, brigas, até hoje. É por isso que eles não têm uma avó presente. Então ela também quer ser o contrário, quer ser a mãe diferente da que ela teve. Então ela é carinho, carinho, o tempo todo. É “te amo, te amo” o tempo todo. É muito presente com o carinho, mas ela tem dificuldade em dar liberdade que aí eu sinto que é a minha importância. Eu vou testando ela e testando os limites dela. “Deixa sair, deixa ir, deixa viajar, deixa fazer aquilo”. Às vezes eu sinto que eu tô até exagerando, sabe, porque como eu tenho que ir quebrando esses limites dela senão ela atrasa muito esse movimento das crianças... Às vezes eu proponho uma coisa que nem a criança mesmo tava (risos)... pra fazer uma média. Porque ela não deixa. A palavra final é dela. Isso é uma coisa que mudou muito também, né? Talvez antigamente os pais quando falavam... o patriarcado, né? Ou não, porque mãe em casa sempre foi poderosa, enfim... A palavra final é dela do que as crianças podem ou não podem. Eu sou consultado, troco uma ideia, às vezes ela se convence da minha ideia. Eu fico falando pra ver se ela muda de ideia, mas... Às vezes ela não tá pronta e ela diz não e fica por isso mesmo. Mas eu tento equilibrar e acho que consigo equilibrar bastante. Do mesmo jeito que sou libertário dou muito carinho, carinho físico que eu não recebi tanto. Então... colo, cheiro, beijo, o que é tão importante que eu sinto como preenche a emoção da criança. Vai quando tiver pronto e quando se sentir seguro, sem perder a gente de vista nunca, né? Mas a mãe é o oposto do tipo “vamos morar pra sempre juntos. Você vai casar, vai ter filho e vamos morar na mesma casa”. E isso também não existe. Eu acho que ser feliz é também romper os laços físicos, mas o afetivo permanece. Eu vejo isso com muito mais tranquilidade do que ela. Eu sinto a importância da liberdade, da autonomia e incentivo e invisto nisso o tempo todo.

Entrevistadora – Pra gente fechar, como você resumiria o que é ser pai?

Fábio – (silêncio) Eu trabalho com a palavra, mas tem certas coisas que são difíceis, né? Ah, é um reencontro consigo mesmo, é uma reinvenção da vida, um aprendizado constante da vida e do tempo que passa, das transformações que acontecem. É um estado permanente, né? Você nunca deixa de estar se sentindo pai. É uma ligação muito mais forte que ser filho, né? É isso. É continuidade. Quando eu digo que a gente nunca deixa de se sentir é meia verdade, às vezes a gente começa a acreditar nas palavras que a gente está falando. A gente na vida tem várias funções, né? Então eu tô aqui (no trabalho) eu sou o profissional, eu tô na rua sozinho, às vezes eu me sinto sozinho mesmo. E até por causa da minha infância, da minha vida, as relações afetivas... não é que elas estejam presentes sempre, estão presentes quando eu estou junto com as pessoas. Mas parece que eu relembro quando eu encontro eles de novo... A mãe está com eles na cabeça 24h por dia, eu não. Eu faço outras coisas e meio que esqueço, me desligo, mas assim que encontro parece que renova meu melhor lado. Ser pai é o meu melhor lado, isso é um resumo, assim. O L. que deu certo na vida é o L. pai, os outros estão em evolução. Eu me sinto um pai super legal.

Entrevistadora – Era um desejo seu, antes de ter filhos?

Fábio – Não. Era um desconhecido, eu nem pensava nisso. Talvez eu me sentisse mais solitário. Talvez se eu não tivesse uma mulher que quisesse tanto ser mãe, eu também não faria tanta questão. Jamais imaginaria que era uma coisa tão boa assim.

## Entrevista 2

- Débora, 32 anos, faxineira, moradora de São Gonçalo, dois filhos (filho G., 14 anos; filha G., 9 anos).

Entrevistadora – Eu estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entende o que significa cuidar dos seus filhos nos dias de hoje. Você poderia falar sobre isso?

Débora – Ai meu Deus... É bem difícil. Hoje em dia tá difícil, né? Pela violência que tá acontecendo. Pela diferença também de pai e mãe. Opinião também, né? Igual o meu caso. Eu sou mais liberal e meu esposo é mais... assim é mais repreensivo, mas coisa, né? Mas, como eu posso dizer... ai meu Deus. Ele quer prender mais a criança, né? E é difícil mesmo cuidar hoje em dia da criança, com esse mundo do jeito que tá. Os vícios que tem hoje em dia. Muita droga, muita má companhia. A mente das pessoas hoje em dia tá bem violenta mesmo. E hoje em dia tá bem difícil.

Entrevistadora – Como é que você faz para cuidar dos seus filhos neste mundo?

Débora – Eu não sou muito de conversar, né? Eu falo com eles sobre isso, mas conversar, conversar mesmo, eu não sou muito de conversar muito. Também na escola ensina muito. Uma vez eu levei uma revista, acho que sobre a maconha, e meu filho teve que fazer uma pesquisa na escola e aí eu já sei que ele tá sendo instruído na escola sobre essas coisas também. Ele vê muita reportagem em casa, a gente vê muita reportagem e aí ele já vê as coisas e ele também é bem mais preso. Tem mais consciência sobre as coisas do mundo, sobre o que está acontecendo.

Entrevistadora – Então você acha que a escola é importante pra ajudar a cuidar dos filhos?

Débora – É também. E a área também onde que eu moro também tem muita coisa assim de violência, essas coisas de drogas, ele também sobe e desce o morro, eu moro em comunidade, e também assiste muita coisa, muita violência, então ele tem ciência da situação, que o mundo tá difícil. E também na escola com os professores, eu fico mais tranquila, mas também vigiando, né? De olho também nas coisas que ele faz, aonde ele anda, de onde ele anda. Eu falo, comento com ele “oh, aconteceu isso”, “oh, tá vendo isso”, mas conversar eu não sou muito de conversar.

Entrevistadora – Além da escola você acha que tem outros lugares ou pessoas também importantes no cuidado com seus filhos?

Débora – Tem tios, tias. Graças a Deus tem 2 tios também lá em casa que são bem, assim, experientes, né? Tem mais idade e conversam muito com ele. É o esposo da minha cunhada e o esposo da minha tia. Conversam muito com ele e ele também gosta muito de conversar com gente adulta, né, graças a Deus, gente que tem consciência. E eu também chamo atenção dele de amigos com quem ele conversa, com quem ele anda e aí eu fico bem mais tranquila. Ele é bem estudioso, também. Pela idade dele, ele adora estudar, não gosta de faltar aula. Assim, ele é bem... cabeça mesmo.

Entrevistadora – E sua filha? Quando eles eram mais novos quem te ajudava mais na questão do cuidado com eles?

Débora – Quem me ajudava muito era minha avó, né? Minha avó quando era viva me ajudava bastante, principalmente do menino e depois também quando eu tive a menina minha avó também me ajudou bastante. Hoje em dia quem me ajuda muito é minha prima, minha avó faleceu. Ela conversa muito com ele, diz que é madrinha, conversa bastante com ele também e com ela, né? Mas ela é mais... tem um temperamento mais forte, minha filha de 9 anos. Já puxou o pai. E ele puxou mais a mim que é mais relax (risos). Dizem que a palavra hoje é relax. Ela é mais difícil de lidar um pouco, porque ela tem um temperamento muito forte mesmo. Apesar de ter 9 anos, tem um temperamento bem forte mesmo. A opinião é dela, é assim, é assado.

Entrevistadora – E como é que vocês fazem quando eles fazem alguma coisa que vocês não gostam?

Débora – O pai normalmente chama bastante atenção, né? O pai é igual a ela, tem o temperamento igualzinho ao dela, são os dois. Um coisa mais com o outro assim. Pra chamar atenção, mais é ele, com ela.

Entrevistadora – Fica de castigo? Como são as punições?

Débora – Boto de castigo, estão ficando de castigo. Antigamente eu batia, não tinha muita paciência, não. Eu batia já. Agora não, tenho consciência de violência, né? E ela é mais nova também. Aí com essas coisas de violência, bater não é muito bom, né? A criança se torna também meio violenta. A gente batendo, ensina eles a bater. Então a gente bota de castigo, “vai pro quarto”, corto umas brincadeiras, de se misturar. A gente repreende mais assim agora.

Entrevistadora – Seus filhos ficam com quem, enquanto você trabalha?

Débora – Agora no momento C. (marido) está desempregado, então ele tá tomando conta dela. Ele vai começar a trabalhar e eles vão ficar com a minha prima, essa que eu falei que é madrinha do meu filho.

Entrevistadora – Você acha que tem diferença da forma que pais e mães pensam o que é cuidar dos filhos?

Débora – Cara... Eu acho. (silêncio)

Entrevistadora – Como é na sua família?

Débora – Ai meu Deus, como é que eu vou dizer... O pai, acho que o pai é mais rígido. A mãe é mais... carinhosa, aquele cuidado, aquela coisa assim mais... ai, como é que eu vou dizer? (silêncio). O pai é mais bruto na maneira, no jeito de falar e a mãe não. A mãe é mais carinhosa... E eu também vejo assim diferença de cuidado. Parece que a mãe tem carinho assim mais por um do que por outro, sei lá, não sei, uma diferença. Na minha casa tem um pouco de conflito por causa disso, porque ele (o marido) diz que eu sou mais chegada mais com o mais velho, sou mais carinhosa mais com o mais velho, tenho mais cuidado, mais com o mais velho. E menos coisa com a menor. Mas eu vejo isso também na minha vida, com minha mãe. Minha mãe é mais chegada ao meu irmão do que a mim. É comum, eu acho.

Entrevistadora – Você acha que você é mais chegada ao mais velho?

Débora – Eu não sei se é porque... pelo temperamento dele ser igual ao meu. Ser mais calmo, ser mais... sabe? Ele não é muito de responder. E ela já tem o temperamento mais forte, aquela coisa mais espevitada, igual ao pai dela, o pai dela que é assim, tem o temperamento forte. E aí eu me dou mais, fico apegada mais a ele. Mas eu amo os dois, mas eu sou mais apegada ao mais velho. Ele é mais calmo. Uma vez até ela notou e falou “mãe, você gosta mais do G. do que de mim” e isso, sabe, me chocou. E eu pensei, “gente, é mesmo”. Sou mais apegada, mais coisa, mais com o mais velho. Mas eu amo os dois, eu amo os dois (risos).

Entrevistadora – Você acha que mudou a forma como seus pais pensavam o que era cuidar de filhos e a forma como você pensa?

Débora – Eu acho que sim, né? Acho que antigamente as pessoas prendiam mais os filhos. Acho que... como é que eu vou dizer... os pais de hoje são mais liberais, as crianças de hoje fazem o que quer. Meninas novas, né, não se casam, arrumam filho. Acho que tá bem diferente hoje em dia. Antigamente tinha compromisso de casamento, essas coisas assim, né, acho que tá bem diferente hoje em dia.

Entrevistadora – Na sua família você vê essa diferença?

Débora – Vejo diferença, sim. Na época da minha avó, tinha que namorar em casa. Hoje em dia namora em qualquer lugar, vai namorando, arrumando filho, né? Era mais preso e hoje é mais solto. Minha prima também tem um filho, né? Minha avó se tivesse viva ia ficar apavorada, porque ela teve filho novinha e minha avó repreendia bastante, né? Por causa da época dela, namorou em casa, noivou, casou, tudo direitinho. E nós arrumamos filho antes de casar.

Entrevistadora – Como é que foi, na época?

Débora – Foi um choque. Eu nem contei pra minha mãe. Contei pra minha avó. E minha avó... poxa vida, só Jesus. Me ajudou bastante. Mesmo sendo rígida com negócio de casamento, minha avó me ajudou bastante.

Entrevistadora – Você morava com a sua avó, na época?

Débora – Morava com a minha mãe, mas não tinha coragem, não tinha conversa. Minha mãe não tinha essas coisas, minha mãe não conversava comigo, mas minha avó mesmo que conversava. Eu tinha minha avó como minha mãe. Minha mãe nunca conversou comigo sobre nada, relacionamento, namoro, nada disso. Minha avó que conversava, mesmo assim eu acabei arrumando o menino e minha avó que me ajudou bastante mesmo a criar ele, até quando tava viva, minha avó me ajudou bastante.

Entrevistadora – E você acha que com seus filhos, você faz como? É mais parecida com sua avó, com sua mãe....

Débora – Eu acho que faço um pouco parecido, né? Por eu ser mais apegada a um do que a outro, igual ela é mais com meu irmão do que comigo. Então fica um pouquinho, assim, igual. Eu também não sou muito de conversar. Eu até falei esses dias pra C. (marido), tem que falar com G. sobre negócio de... como é que fala? Da regra, né? Porque ela é meio escandalosa.



Então esses dias eu conversei com ela... esses tempos andei conversando com ela, explicando, mas muito de conversar, conversar, não sou não. Foi de repente. Eu tava... até comecei a falar pra ela, explicando, né, “oh, G., não precisa fazer escândalo... normal... não vai sentir dor nem nada”. E comecei a falar que era fralda, que ela ia ter que usar fralda. Ela começou a sentir umas cólicas e eu falei “oh, vai ter que usar fralda”. Chegou um dia que minhas sobrinhas chegaram lá em casa e falaram “ih, minha mãe me colocou absorvente”. “Que que é isso, mãe?”. Eu falei assim “eu falo que é fralda, mas é absorvente que fala”. Aí comecei a descontrair com ela assim e ela foi começando a aprender as coisas. Mas eu não sou muito de conversar não. Meu marido também não é de conversar. Ele não tem paciência, é bem explosivo, bem mais do que eu, porque eu sou mais calma, né? Melhor falar do que conversar. “Oh, é isso assim, assim”, acabou. Não sou muito de sentar, ficar explicando muito as coisas.

Entrevistadora – Como é que é o tempo que vocês têm com as crianças?

Débora – Só quando a gente vai passear mesmo. Sair todo mundo junto e é muito raro também sair todo mundo junto. Na hora do almoço e do jantar, senta cada um num canto. Uma vez que sentou todo mundo na mesa... É mais de sentar cada um num canto.

Entrevistadora – Você acha que educar é a mesma coisa que cuidar?

Débora – Acho que tem diferença... (silêncio) Ai, ai, ai... Tem diferença, mas agora eu não sei explicar. (silêncio) Ai Jesus... (silêncio)

Entrevistadora – Pra fechar, então, o que é ser mãe pra você?

Débora – Ser mãe é bom, ser mãe é maravilhoso. Gosto muito dos meus filhos, apesar de ter diferença, né? Mas é bom, eu acho que... no momento que eu tô triste, assim, eles são carinhosos. Às vezes eu tinha um pouco de depressão e eles se achegavam bastante a mim, cuidavam bastante de mim. É maravilhoso, maravilhoso, não tem explicação. É maravilhoso.

### Entrevista 3

- Sílvia, 35 anos, advogada de formação (atua como empresária), moradora de Niterói, três filhos (filho P., 7 anos; filhos gêmeos A. e D., 4 anos).

Entrevistadora – Eu estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos seus filhos nos dias de hoje. Você poderia falar sobre isso?

Sílvia – Olha, eu acho que assim... Dar amor, né, ensinar... muito carinho eu acho que é importante. Eu acho que a família é muito importante no cuidado. Cuidar... É dar amor, chamar atenção quando tem que chamar. É... castigo é muito bom, é uma coisa muito boa, eu acho, pra aprender... é... (silêncio). É dar amor.

Entrevistadora – Como é que é na sua família esta questão do castigo, da punição?

Sílvia – Eu procuro tirar muita coisa que eles gostam. Porque o pôr de castigo mesmo pra mim não adianta. Ficar no quarto sentado de castigo não adianta, eles saem, não tem como. Eu tiro. Tiro os brinquedos que eles gostam, não dou o que eles querem. P. deixa de ir a

algum lugar. Um amigo chama pra ir na casa dele sexta-feira, eu não deixo. Não deixo por conta de alguma coisa errada, ele me desobedeceu. E eu procuro fazer isso. Meu castigo é assim, tirar as coisas que eles gostam. Tem um monte de brinquedo guardado (risos). Eu tenho um que não liga, pode tirar o que for que... Cada um tem uma personalidade. Eles são bem diferentes, né? Mas P. eu tô punindo assim e tá funcionando bem. Com A. eu não sei muito o que eu faço. Todo mundo fala que ele é gaiato, sabe? Eu não sei o que eu faço com o A. É o A., é o que me dá trabalho. Às vezes eu dou palmadinha, ele ri, sabe? Ele é assim. Ele fala que eu sou boba, que eu sou feia, que ele não vai dormir comigo porque eu sou brava (risos). Ele chega de madrugada no meu quarto e fala assim “mãe, sai daí que eu vou dormir com meu pai”. Ele é assim. Ele é muito engraçado. Chega a ser até engraçado pela idade, mais pra frente eu não sei o que vai ser. O outro, não, o D. ele é ótimo, muito obediente, se eu botar ele de castigo sentado, esse fica, o D. fica, ele é ótimo, ele é uma gracinha. Muito diferente. Nunca bati, nunca dei uma palmadinha. (risos). No P. eu já dei várias. Mas é assim, eu não sou muito de bater não, sabe? Mas é assim... Com o P. que tá maior eu vi que o que funciona é tirar as coisas que ele gosta. (...) ele fica uma semana sem, computador ele fica uma semana sem.

Entrevistadora – Você falou sobre a importância da família no cuidado, né? Pra você que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com seus filhos?

Sílvia – No momento, a escola e... eu acho que o P. tem também o futebol que ele gosta muito do professor dele, ele obedece ele direitinho. Tem o judô também que ele adora. A minha mãe tá um pouco afastada da gente, problema de saúde e tal, mas minha mãe me ajudou muito, foi muito importante, né? Quando os gêmeos nasceram, com P., né? Só que faz muita vontade, né? Estragou um pouco. Ela ficou muito tempo comigo. Muito tempo. Mas, no momento, é a escola e a gente, né? Quem fica com eles sou eu, eu pra tudo. Sempre eu pra tudo. Eu tinha uma babá muito boa que cuidou do P. até os gêmeos nascerem. Aí ela cuidava do P. e fazia o serviço de casa porque era só P. E eu ia trabalhar. Aí os gêmeos nasceram e eu mudei. Eu passei ela pra ficar com os gêmeos e contratei outra pessoa pro serviço de casa. Aí quando tava perto deles fazerem um ano, ela me pediu pra sair. Foi quando minha vida enrolou. Passaram umas 10 pessoas na minha casa. Umás 10 pessoas e não acertava ninguém, eu trouxe gente de Miracema e não acertava. Aí eu não tive jeito, eu não tive solução, tive que parar de trabalhar. Porque eu deixar meus filhos com pessoas que eu não conhecia, embora ficassem na creche, mas P. saía na parte da tarde, porque ele já estudava no Marília, no jardim Marília. Aí eu tive que parar, não tive jeito.

Entrevistadora – Como é que foi essa decisão pra você?

Sílvia – Foi complicada. Foi muito complicada... até hoje, sabe? (risos). Até hoje eu sinto muita falta porque eu sempre trabalhei. Desde que eu comecei a minha faculdade, eu comecei a trabalhar, a estagiar. Então até hoje pra mim é muito difícil. E falar assim “eu não trabalho”. Hoje o P. já me cobra “mãe, você não trabalha?” Sabe? Ele me cobra. Fala “eu vejo todas que todas as mães trabalham e você não trabalha”. Eu digo “pois é, mas eu vivo por conta de vocês, né?” E eu não vejo assim... nem tão cedo eu poder voltar a trabalhar. Porque eu ainda prefiro ficar em casa com eles do que ter que sair e deixar com gente... porque eu não tô podendo contar com a minha mãe. Tem a tia M. que não para, né? Então não tem opção.

Entrevistadora – E a família do seu marido?

Sílvia – Não. Não tem contato. Minha sogra não tem contato nenhum com as crianças. Ela é assim... nem aniversário ela liga, sabe? Não é aquela avó presente... Eu falo assim “qual é o

nome da sua avó?” Eles falam o nome da minha mãe. “E da outra?” Aí fica um olhando pro outro (risos). “Quem é a outra?” Aí falam a avó do filho da minha irmã, sabe? Vovó L. Falam vovó M., que é irmã da minha mãe. Não tem contato. Minha sogra nunca me ajudou. A tia M. me ajudou muito com os meninos pequenos, né, e a minha mãe.

Entrevistadora – E a creche, ou escola, eles entraram com quanto tempo?

Sílvia – Os gêmeos entraram com 10 meses. Foi quando a C. (babá) saiu. A menina que eu tinha saiu e eu logo coloquei na creche e estão até hoje. Coloquei eles integral na creche porque eu tinha que trabalhar. P. entrou quando eu descobri que estava grávida dos meninos, eu coloquei P. pra ele ir acostumando. Ele até entrou com 7 meses, minha mãe ficou com ele até 7 meses. Só que ele tinha tanta bronquite, tanta bronquite, que o pediatra falou que ele não poderia frequentar creche. Foi quando eu arrumei essa menina que era muito boa, muito carinhosa e tal. Ficou com ele até eu descobrir que estava grávida de gêmeos, aí eu coloquei só pra ele ir acostumando, pra ele ir pra escolinha, pra não ter aquele impacto “chegaram as crianças e eu vou pra escola... e eu tô saindo de casa” (risos). Só pra ele não sentir muito, aí eu fiz isso.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre o que pais e mães pensam que é cuidar dos filhos? Como é na sua família.

Sílvia – Olha eu acho que sim, porque aqui... Praticamente eu que faço tudo com os meninos. O L. (marido) sai muito cedo, chega muito tarde e ele não tem muita paciência, não. Pra bagunça. E aqui em casa é muita bagunça, sabe? E ele fica logo nervoso... Eu acho que tem sim. Mas aí que tá, ele dá muito carinho, ele conversa. Aqui em casa existe bem essa divisão, apesar de eu achar que não deveria ter. Aqui em casa tem. Eu que estudo, eu que sento, eu que estudo pra prova, eu que vejo as coisinhas deles, a merenda eu que tenho que mandar. Eu que ponho pra tomar banho todo mundo. Essas coisas. Quando o L. chega já tá todo mundo de pijaminha, bonitinho, prontinho pra dormir (risos). Eu que deito com eles, porque eu tenho que deitar pra eles dormirem, conto história, essas coisas.

Entrevistadora – E a parte dele, qual é?

Sílvia – A parte dele? (risos) Acho que é ensinar futebol na televisão (risos). Não, ele é muito assim... O L. No final de semana ele cozinha, porque eu não sei cozinhar. Faz comida pras crianças. (...) é pouco, né, o papel dele com as crianças é pouca coisa. E eu cobro, cobro bastante. Ontem, por exemplo, num restaurante eu já tinha levantado 15 vezes e ele não levantou nenhuma vez. Isso gera discussão, a gente até briga muito por causa das crianças. Briga, assim, um pouco, porque a gente não consegue conversar. Eles não deixam, entendeu? As próprias crianças não deixam. Às vezes ele chega, a gente quer conversar, a gente precisa conversar, tá pulando, as crianças ficam em cima, aí eu fico logo nervosa. Ele fala que a culpa é minha, às vezes, de deixar. Isso acontece bastante.

Entrevistadora – Como é que é essa questão da culpa pra você?

Sílvia – Não me sinto culpada. Acho que até me dedico muito, sabe? Eu deixo de fazer... Eu vivo pra eles, não faço mais nada. Não faço mais nada... É difícil eu sair... eu não saio pra deixar... Eu não deixo eles com o L. Não deixo, porque ele não fica. Ele fala “eu não vou ficar com os 3”, mas eu fico. Um dia que eu deixei que eu fui ver um apartamento aqui nessa rua, foi coisa de 15 minutos, quando eu voltei tava o L. dormindo, o A. com a mão dentro da pia, a

água já vazando e o P. e o D. tomando banho embaixo. O banheiro todo molhado. É assim... (risos). É complicado pra caramba. Mas... vai melhorar, né? (risos)

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Sílvia – Acho. Minha mãe, ela... Acho que minha mãe foi muito ausente, assim, na minha infância. Eu fui criada por babá, por sinal uma pessoa que eu tenho o maior amor até hoje, sabe? Sou madrinha do filho dela... Mas o que eu me lembro, assim, foi tudo com babá... eu estudava sozinha... Minha mãe trabalhava, minha mãe trabalhava muito. Eu fui criada por uma babá. Até meus 12 anos. Com meus filhos eu tento estar mais presente. Tento manter com eles um diálogo muito bom, converso com P. negócio de namoradinha, P. já tá com esse negócio de namoradinha e tal, fica me perguntando... Gosta de uma menina. Eu tento ter um diálogo muito aberto com ele porque ele não fala com o L. O L. tenta... Eu conto as coisas pro L., o L. tenta puxar assunto e ele recusa, sabe? Eu tento ter um diálogo muito aberto, porque eu acho que isso pra frente é muito importante. Minha mãe não tem diálogo, nunca teve diálogo de nada com a gente. De sexo, de droga, nunca falou... Eu até falo “você teve muita sorte, hein?” Porque os filhos todos, né? Minha mãe nunca teve diálogo com a gente. O meu pai sempre foi mais presente do que a minha mãe. Minha mãe sempre foi muito fechada, ela falar “eu te amo”, sabe? Ela não fala pra gente. Isso eu falo com os meninos todos os dias, toda hora. Ela sempre foi muito fechada. Não deu muito... Acho também porque ela não recebeu muito, sabe? Então acho que quando a pessoa não recebe carinho, não consegue dar. Eu tento fazer diferente. Eu tive, assim, meu pai sempre foi muito mais carinhoso. Ela não. Tem meu avô muito bronco, minha avó também. Ela sempre foi muito fechada. Muito.

Entrevistadora – Você acha que cuidar e educar são sinônimos?

Sílvia – Eu acho que tem uma relação, né, mas são coisas diferentes. O cuidar, é o cuidar, o dia a dia, ver as coisinhas, ver se está limpinho, unha, essas coisas, né? Agora o educar é diferente, é bem diferente. Educar inclui tudo, assim. Em tudo eu acho que você tem que (...) em alguma coisa, orientar. Eu passo na rua, eu vejo as coisas erradas, eu mostro. Explico as coisas pra eles. Eu acho que é diferente.

Entrevistadora – Pra você o que é ser mãe?

Sílvia – Ah, ser mãe é tudo, é maravilhoso, muito bom. Acho que foi minha... foi a melhor... Eu achei que eu nunca ia ser mãe (risos). Eu achei que eu nunca fosse casar, então eu achei que eu nunca fosse ser mãe. Pra mim acho que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Você vê a pessoa crescendo dentro de você, sabe? Te chama o tempo todo. Às vezes dá... a gente fica estressado e tudo, mas é muito bom. O carinho, o amor deles, você vê que é tudo muito puro, verdadeiro, sabe? É uma coisa sem explicação. É uma coisa sem explicação. É emocionante mesmo. Ser mãe eu acho que só quem é mesmo que sabe, né? Eu tenho até vontade de ter mais, mas, são as condições, né? Tudo muito caro, colégio, educação, pra ter mais e não poder dar... Então, é bom parar, né?

Entrevistadora – Eles fazem mais atividades, além da escola?

Sílvia – P. faz judô desde os 4 anos e faz futebol, tem uns 2 anos. A. e D. eu coloquei no futebol, eles não quiseram, coloquei no judô, eles não quiseram. Eles estão fazendo xadrez. É, na escola, porque eles me pediram pra fazer xadrez. É até uma coisa legal, porque é um

tabuleiro grande, sabe, e põe no chão, e... eles estão adorando. Acho até bom pra concentração, o professor é bem legal. Eu não sei jogar xadrez, né, eles estão jogando. Ainda bem que um tem o outro (risos).

Entrevistadora – E em casa, você com eles no tempo livre? O que vocês costumam fazer?

Sílvia – Olha, todo final de semana eu vou pra essa pracinha aqui (aponta pela janela). Lógico que em dia de sol, quando não tá chovendo. E... à noite é difícil eu sair. Mac Donald's ... É muito difícil eu ir ao restaurante. Quando eu vou, eu vou naquela Casa do Carangueijo, onde tem uma área pra criança. É o único lugar em Niterói que tem área pra criança. Final de semana passada eu fui, amanhã eu até combinei já. Porque lá eles se divertem, tem recreadora, é legal. E aniversário, né, que tem de montão. Pra mim... nada (risos). Porque eu não tenho com quem deixar, pra onde eu for eu tenho que carregar. E também eu falo, eu não visito ninguém, não vou na casa de ninguém. Minhas irmãs final de semana geralmente elas vem pra cá. Porque uma não tem filho e a outra tem um só, né? Aí a gente se reúne. Elas estão sempre aqui. A gente sempre almoça domingo juntas. Eu falo “eu não posso ir pra casa de ninguém, porque os meus tocam o terror e eu fico morrendo...”. Assim, quebram as coisas, mexem em tudo, aí eu não relaxo. Na minha casa eu relaxo, que aí eles fazem o que querem, né? Tem os brinquedos... Não tem que mexer nas coisas de ninguém. Então eu prefiro ficar aqui.

Entrevistadora – Você mudou a sua casa, depois que você teve filho?

Sílvia – Mudei. Eu morava num apartamento de 2 quartos quando eu tinha P. e depois que os gêmeos nasceram não dava porque dormia todo mundo no mesmo quarto: o P., os gêmeos, a empregada, eu amamentando... dormia todo mundo junto, embolado. E o L. sufocado, né? Porque no início eu tive que ter bastante ajuda. Era uma de manhã, C. ficava durante o dia e depois outra dormia. Era assim, uma alta rotatividade (risos). A minha mãe ficava, ajudava durante o dia, mas durante a noite, não, aí tinha uma que entrava à noite. Tinha o P. com 3 anos também. Ele ainda mamava, usava fralda, né? Acordava à noite. Aí era aquele negócio. Mamava, tinha que ferver a mamadeira, né? Eram muito pequenininhos, muito sensíveis, né? Prematuros. Aí eu tive muita ajuda um bom tempo. Bom tempo, não, acho que foi até uns 4 meses, 3, 4 meses. Aí depois ficou só a C. Ela passou a dormir e eu contratei uma pra fazer o serviço de casa. Eu voltei a trabalhar quando eles tinham 6 meses. Hoje eu não vejo perspectiva de voltar a trabalhar. Só se eu arrumar um emprego muito bom, que me pague bem pra eu poder pagar uma pessoa que compense... Porque A. e D. tem mais um ano de creche só, depois vão ter que ir pra escola. Vão ficar mais tempo em casa, então pra você deixar na mão de uma pessoa que você não conhece, só um emprego muito bom (risos). Que compense isso. Mas quando tiverem mais independentes eu pretendo voltar porque não dá, né, eu não vou ficar por conta de casa, mesmo porque eu não sei fazer nada. E eu também sinto muita falta do trabalho, das pessoas, né, a gente tinha aquele relacionamento bom, de tomar um choppinho uma vez por semana, eu sinto muita falta. No início eu sofri muito, sofri bastante, tinha dias até que eu chorava, mas... não tem o que fazer. Hoje também eu trabalho com o L. Eu tenho uma empresa com o L., mas na verdade eu trabalho em casa, né? Resolvo algumas coisas só, mas pouco vou lá. Coisa pouca que ele deixa pra eu fazer, o resto ele resolve.

#### Entrevista 4

- Sandra, 39 anos, babá (informal), moradora de São Gonçalo, duas filhas (A., 12 anos; E., 10 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. Você poderia falar sobre isso?

Sandra – Oh, é complicado. Muito complicado. Ainda mais hoje em dia, né, que a violência tá muito aflorada. Hoje em dia é muito complicado. Tem que ter sabedoria pra colocar o filho no caminho certo e... Hoje em dia é muito difícil cuidar de filho e educar os filhos, né? Hoje em dia é muito difícil. É muito complicado, mas a gente vai empurrando com a barriga (risos). Vai levando até onde der... Tem que ter amor, muito. Paciência, muita paciência e muito amor. Porque senão os filhos tomam um caminho que não tem volta, né? Eu sei que eu vejo muito adolescente aqui... aqui tem muito adolescente, muita criança. Então a gente vê. Tem crianças aqui de 10, 11 anos que vai para um caminho que não tem mais volta. Então, hoje em dia é muito difícil criar filho.

Entrevistadora – Você falou de educar e de cuidar. Você acha que é a mesma coisa?

Sandra – Educar, eu acho que educar é... Acho que a gente tem que ter educação escolar, na escola, educação familiar. Tem que ter respeito pelos outros. E cuidar... aí eu cuido... acho que até demais. Porque a minha filha ela tem 12 anos, né, a mais velha. Então ela até às vezes fica meio revoltada porque ela diz que não tem... ai como é que se diz... espaço. Porque eu não deixo ela ir pra shopping com amiga, eu não deixo ela ir nem na padaria sozinha, mas é porque eu cuido, porque eu sei que hoje em dia tá tudo muito perigoso, mesmo, né? Então eu cuido muito. Cuidar acho que eu cuido até demais. Tenho um zelo até, até demais, que sufoca. Sufocante. Eu acho que é isso... eu acho que é isso... cuidar eu acho que é isso, né? Educar eu já acho que é um pouco mais complicado. Porque eu tive uma educação... Eu tive uma educação diferente da educação que tem hoje em dia. Porque a educação eu que eu tive... antigamente a gente... os mais velhos falavam e a gente calava. Hoje em dia os mais velhos falam, as crianças estão passando por cima, não querem nem saber de calar, ouvir, né? Antigamente, não, os mais velhos falavam e a gente obedecia. Hoje é difícil. É difícil educar uma criança hoje. Eu tento, sabe? Eu tento educar, mas que é complicado é.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença da forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Sandra – Muita. Muito grande. Muita, ih! Não tem nem o que comparar. As minhas filhas fazem coisas que eu jamais faria... responder pai e mãe. Eu, eu... Elas respondem, muito. Acho que... eu não fazia isso, eu não fazia. Não respondia a minha mãe, não respondia aos meus avós. Até hoje em dia, se eu vir uma pessoa que tem a idade mais avançada que a minha, eu não bato de frente, eu não respondo. Ela fala e eu obedeco, eu abaixo a cabeça. Eu posso até estar certa, mas eu abaixo a cabeça. Agora elas? Ainda mais a mais nova. É tão topetuda. Eu tento passar isso, mas é tão complicado. Elas acham que... elas acham que, não sei, que o mundo não dá voltas, sei lá. Ai, é tão difícil adolescente hoje em dia, gente, tá muito difícil. E eu tento fazer o máximo, sabe? Mas tá muito difícil, muito difícil. Eu me desdobro, mas não fica igual. Aí o que é que eu tô fazendo? Eu levo... eu tô buscando o caminho de Deus. Porque o caminho do mundo, não dá, não, só tem coisa que não presta.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre o cuidar do pai e da mãe?

Sandra – Se tem diferença? Tem. Muito grande (risos). Muito grande porque a mãe é sempre a vilã. É porque mãe é que sempre diz “não”, né? A mãe sempre diz “não”. O pai, não, o pai eu acho que é mais... ah, eu acho que o pai é mais... como é que se diz? Ah, mas também aqui em casa eu que fico em casa o dia todo com elas, né? Então ele chega tarde. Então ele nunca fala “não” pra elas. Ele nunca diz “não”. Aqui o “não” só quem fala sou eu, então... é uma diferença muito grande. Eu sou sempre a vilã. Daqui eu sou sempre a vilã e ele é sempre o mocinho. Mas é uma diferença muito grande. A mim compete a segurança delas, a educação delas do dia a dia. Porque ele quase não tem tempo. Ele fica com elas o dia todo mesmo só uma vez por semana, né? Pra mim é quase tudo. Eu que fico o dia todo com elas. Pra mim compete tudo. É tudo, é tudo comigo aqui em casa. Tudo. Qualquer coisa é “mãe”. Apesar delas serem malcriadas, serem respononas, aqui é tudo comigo. O pai é mais... como é que eu vou dizer... ele é mais ... Acho que pra elas é, tipo assim, ele é mais festeiro. Ele é a festa e eu sou... como é que eu vou dizer... (silêncio). É mais ou menos isso, ele é a festa e eu sou a não festa, vamos dizer assim. Aqui em casa é assim pra elas. É tudo eu. É tudo. Trabalho, dever, se tem que estudar pra prova, reunião escolar. É tudo. Tudo sou eu. Tudo sou eu. Apesar dele levar a mais nova pro colégio, porque ele sai no horário, tudo sou eu. Eu vou buscar, a mais velha... eu vou buscar a mais nova e às vezes eu levo a mais velha porque (...) e eu vou levar. E eu vou encontrar ela, porque ela sai muito tarde, quem vai buscar também é a mãe.

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas ou lugares são também importantes no cuidado com as suas filhas? Escola, familiares, vizinhos?

Sandra – Sempre fui só eu. Até quando elas eram menores, eu nunca fui de sair e deixar com ninguém. Se eu fosse sair pra mercado, ou pra resolver alguma coisa, eu levava. Nunca deixei... nunca pude deixar com ninguém. Ninguém, assim... nunca tive ajuda. Até porque eu moro distante da minha mãe, da minha irmã (moram no mesmo município). Não tem nem como elas ajudarem, né? Tanto quanto... Aqui... Se eu tiver que sair, eu levo, porque eu também não confio de deixar em casa sozinha. É eu, ele, e Deus só. Eu, o pai delas e Deus, só. Não tem ninguém que eu possa dizer “ah, me ajuda”.

Entrevistadora – Mas você acha importante a escola ou outros lugares ou pessoas no cuidado com as suas filhas?

Sandra – Ah, assim... a escola é uma importância muito grande, né, porque é o futuro delas, né? Acho que a família pra elas também é tudo. Porque assim, a gente mora distante, então... eu moro distante da minha mãe, da minha irmã... aí às vezes a gente fica um mês, até um mês sem se ver. (...) Mas elas cobrar muito. Todo final de semana “ah, eu quero ir pra casa da minha avó, eu quero ir pra casa da minha tia”. É uma importância muito grande, né, porque família também é tudo, né? Família também é tudo na vida, né? Família também... Sem ela a gente não é nada, não é ninguém, né?

Entrevistadora – O que vocês fazem no momento de lazer?

Sandra – A gente joga videogame (risos). Fica todo mundo jogando videogame, ou assistindo televisão, ou conversando, mas a maioria das vezes a gente fica jogando videogame, os quatro jogando videogame. Fica todo mundo jogando videogame. Aí é uma bagunça só, né? Às vezes também a gente costuma ir no shopping, a gente vai na feirinha, às vezes sai e anda à toa. Quando sai, sai os quatro juntos.

Entrevistadora – E em relação a castigo, punição, como é na sua família?

Sandra – Eu deixo de castigo. Não vai pra rua, não joga videogame, fica dentro de casa. Tem castigo, tem que ter castigo, porque se com o castigo já é difícil, imagine sem. A mais velha é rua, porque ela adora uma rua e aí eu tiro. Agora a mais nova é videogame e aí eu tiro. E também fica dentro de casa, não vai pra rua. Tiro o que elas mais gostam. Isso também é uma tarefa minha. O pai delas sai cedo, chega muito tarde... aí nos domingos que está em casa, o dia que fica o dia todo em casa é no domingo, aí é tudo tranquilo. Mas no dia a dia, a tarefa do castigo é comigo.

Entrevistadora – O que é ser mãe pra você?

Sandra – Ai... Ser mãe pra mim? Ai... é uma alegria muito grande. Porque tem suas compensações... É uma preocupação também muito grande. É uma emoção também muito grande, porque eu adoro ser mãe. Apesar de sempre dizer que eu não queria ser mãe, mas eu adoro ser mãe. E minhas filhas são tudo na minha vida. Acho que elas são... acho que nem um pedaço. Elas são a maior parte de mim. As minhas filhas. Porque por elas eu vou até o fim do mundo, por elas. Eu adoro ser mãe. Adoro. Apesar de ser cansativo, mas eu adoro ser mãe. Mãe é mãe. Mãe é mãe. Não tem outra coisa pra dizer. Apesar de ser uma palavra pequena, né, mas tem um poder tão grande, né?

### Entrevista 5

- Cláudia, 39 anos, do lar, moradora de São Gonçalo, três filhos (filho C., 18 anos; filho N., 8 anos; filha S., 6 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Cláudia – Cuidar dos filhos é você proteger... Infelizmente mimar, porque a gente mima. É... você sempre quer o melhor para os filhos. A gente educa. A gente chama atenção, a gente põe de castigo, mas tudo para benefício deles mesmos. Pai e mãe... o meu mais velho, então, é uma tristeza “Mãe é chata, mãe é implicante”. Tá namorando, começa a achar que é implicância minha, que eu tô com ciúme dele, mas não é. É pra proteger, né? Fica mais na casa da avó do que em casa, porque lá é mais perto da casa da namorada. Quando tá em casa é uma pentelhação com os irmãos, porque os irmãos são menores. Devido à diferença de idade muito grande, ele pega implicância. Briga toda hora, a gente tem que ter paciência, tem horas que a gente explode, bota um de castigo, bota outro. Mas, acho que tirando assim... os aborrecimentos, as dores de cabeça, é a melhor coisa que Deus já fez, né, dar a dádiva pra mãe pra ter filho. Eu gosto dos meus filhos, amo meus filhos, acho que depois que a gente é mãe que a gente entende o amor que a nossa mãe tem pela gente. E muita coisa assim que a gente fala na adolescência, aquela aporrinhação que fala que mãe é chata, que mãe é isso, que mãe é aquilo... A gente só entende aquela proteção de mãe, quando a gente é mãe. Eu acho assim... não sei se é porque eu fui criada por minha avó então, a minha mãe e a minha avó é uma só. Eu tenho minha mãe, mas eu nunca tive aquele amor de carinho de mãe, de beijinho, sabe? Essas coisas sempre foi minha avó que me deu. Criou a mim e mais seis irmãos. Criados por uma senhora que hoje em dia ela tem 87 anos. É mãe, é avó, é madrinha acho que



de 2 ou 3 dos irmãos. Então eu acho que é um amor assim... eterno mesmo, uma coisa assim que não tem como você dizer o quanto de amor, isso não tem como você dizer. Eu pelo menos penso assim. Se bem que tem muitas mães que não fazem a mesma coisa, se não não tinha tanta criança jogada fora, nas lixeiras, esses abortos loucos aí que o pessoal faz, muita gente perde até a vida, né, fazendo esses abortos.

Entrevistadora – Você falou sobre a questão dos castigos, da punição. Como é que é isso na sua família?

Cláudia – Depois da tal da Supernanny é uma beleza, né? Eu coloco no quarto de castigo, sem televisão, sem videogame, sem nada. Aí geralmente devido a negócio de idade, a menor às vezes até passa de seis um pouquinho porque é teimosa, é malcriada, você pensa que tá dentro de casa, você põe de castigo, daqui a pouco já está aqui fora, “ah, tô lá na tia J.”, sai sem eu ver, entendeu? O mais velho, não, porque como ele foi filho único durante 9 anos não teve esse problema. Também minha avó ajudou eu criar para eu poder trabalhar, então não teve esse problema de negócio de castigo. Só pegava final de semana, ficava menos tempo comigo. Agora eles não, eles ficam o dia inteiro. Se tiver que pôr de castigo... brigam muito, eu boto um afastado no quarto pra eles não ficarem se pegando. Aí eu falo “tá de castigo, não vai pra rua, não vai pra casa de fulano, não vai brincar com sicrano e é aquilo”. Mas eu não bato. A não ser assim... passou, extrapolou, vai tomar uma chinelada, vai tomar correada e é aquilo, mas eu não espanco, nem nada disso, não. Eu nunca gostei de apanhar, mas eu apanhei foi muito. Nossa, eu apanhei muito... (risos). Minha mãe quando tava em casa, Jesus, era o tempo todo “pá”. Batia muito porque devido a eu ser mais velha, ela achava que... eu com 6, 7 anos, ela achava que eu tinha que tomar conta do meu irmão de 4. Então eu apanhava muito por causa disso. Minha irmã... eu fiz 10 anos, minha irmã nasceu, que é a caçula. Tinha que tomar conta, tinha uma responsabilidade que não era da minha idade. Eu lavava muita fralda, eu lavava muita roupa, ajudava a criar minha irmã, praticamente. Então, assim, eu acho que criança tem que brincar, entendeu? Criança, a idade da criança é pra brincar, não tem que ter responsabilidade de trabalhar pra ficar ali... ajudando pai, ajudando mãe é uma coisa, agora sustentar... é igual a criança de 10, 11 anos que já ajuda no sustento da família, né, mas porque tem necessidade. Graças a Deus meu marido trabalha, meus filhos graças a Deus não tem aquele compromisso de trabalhar pra comer, porque é o pai que paga, o pai sustenta. Meu mais velho até hoje não começou a trabalhar ainda, porque enquanto o pai sustentar... eu já falei pra ele “terminar os estudos, você vai procurar um trabalho, porque não é só de flauta e de dormir e comer que a vida é feita”. Fica com esse negócio só de namorar e estudar e acha que tá de vida ganha. Não vai ter papai e mamãe pra vida toda. Mas, fora isso, nunca tive problema não, com relação a castigo, não.

Entrevistadora – Você falou sobre a sua educação. Você acha que existe diferença entra a forma que seus pais pensavam o que é cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Cláudia – Ah, faz, faz muita diferença. Muita diferença porque mãe dá disciplina, mãe... se tiver que punir, ela vai punir naquele jeitinho, naquela dose certa. Tem umas que extrapolam, mas na dose certa e avó não. Avó não dá disciplina, avó passa a mão. Se alguém for lá dar um tapa “não faz isso com a criança”, “não faz isso com o menino”, “ah, deixa pra lá”, “não faz isso, não, é criança”. Eu sei porque fui criada por minha avó, minha mãe sempre criticou muito porque ela achava que a criação dela estava errada. Só que não estava errada. É porque ela não punia, ela não colocava de castigo, ela não dava os tapinhas, ou as correadas que minha mãe dava. Ela não dava. Quando minha mãe pegava pra bater, ela tirava, entendeu? Hoje meus filhos não tem isso, porque meus filhos são criados por mim, não por minha mãe.

Mas eu não posso fazer assim neles (levantar a mão) perto dela, mas ela fez isso comigo, entendeu? Aí eu falava pra ela assim “engraçado, quando você fazia comigo, minha avó entrava na frente, me puxava porque...” ela não dava um tapinha... ela dava mesmo, pra machucar... às vezes ficava marcado. Aí... e ela brigava muito com meu pai, meu pai era daqueles mulherengos e aí ela ficava com raiva dele e depositava a raiva dele, não sei, tudo na gente, né, quando era criança. E ela nunca foi assim, aquela mãe carinhosa, que pegava, que beijava... não comigo. Sempre com o menor, com o caçula. Ela achava que minha avó passava mais a mão em mim do que no outro. O outro era muito doentinho, muito magrinho e aí ela ficava mais coisa com ele, hoje em dia ele é um homem de 2 metros e cinco, um homem grande, aquela coisinha miúda cresceu. Hoje em dia não tá nem aí nem pra uma, nem pra outra, nem dá pelota, não liga. E agora graças a Deus ela... depois dos netos... ela não faz o que fazia comigo, né? Mas fora isso eu não tenho... Eu tenho certas mágoas de crianças, não vou falar que não tenho porque tenho. Quando a gente fala, assim... começa a lembrar que as crianças hoje em dia falam assim “ai, mãe é chata”. A gente pede alguma coisa e fala “ai, mãe é chata”. Aí bate o pé “ai, mãe é isso”. O adulto tá coversando, a criança entra, na minha época não entrava. Minha mãe olhava pra minha cara eu já sabia que era pra sair de perto, não precisava nem mandar sair. Hoje em dia eles entram e querem participar da conversa de adulto que não tem nada a ver com eles, a gente chama atenção e aí sai batendo pé “ai, mãe é chata, mãe é isso”. Se falasse “minha mãe” aí “bum”, já ia, já. Hoje eu dia em falo com ela... a menor é outra. Falo assim “S. não pode”. Quando adulto está conversando, a gente tá conversando... não pode, isso é feio, é falta de educação. Daqui a pouco vem e faz a mesma coisa. Antigamente, eu achava assim que a criação era mais rígida, né? Era mais rígida. Não é igual hoje em dia. Os filhos hoje em dia... não sei... não deve ser nem por criação, mas acho que o tempo vai mudando e... não sei o que atrapalha, que não é a mesma coisa. Hoje em dia o respeito, quando tem que ter respeito... hoje em dia não é mais a mesma coisa. Pai fala com filhos, os filhos, oh... fuma, bebe em frente de mãe e pai, fala palavrão. Na minha época não tinha nada disso. Na minha época... e eu não sou nem tão velha, mas não sei se é porque foi... a avó criava de um jeito, a mãe criava de outro e o pai nem “tchum”, né? Ele estava presente, mas ausente ao mesmo tempo, porque ele nunca... Lá em casa era assim, mamãe batia e ele passava a mão. Aí brincava de bola, levava pra passear, brincava de... Era a parte gostosa da relação ali. Mas... hoje em dia também é evangélico, graças a Deus, é um ótimo pai, aparece quando quer... ótimo avô também, não tenho o que falar do meu pai. Eu tive uma criação... eu tive infância, graças a Deus, brinquei muito, mas em relação à criação de mãe o bicho pegou. Quando ela não tava em casa “oh, bença”, era só maravilha.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença do cuidado do pai e do cuidado da mãe?

Cláudia – Tem. Tudo lá em casa é “a sua mãe”. Por exemplo “pai, posso ir ali?” “fala com a sua mãe”. É... “pai me dá um dinheiro?” “ah, esse aqui eu não posso, não, pede a sua mãe”. É... “pai, eu posso ir ali na casa de fulano de tal” “é com a sua mãe”. “Posso ir na casa da tia fulana de tal, posso ir no cinema?”... qualquer coisa relacionada a pedir é “a sua mãe”. “É a sua mãe que resolve”. Se eu falar assim “não, ué, você é o pai”, “ah, mas se você deixar, eu vou falar que não?” É assim. Não tem aquela coisa assim “não, eu pai já falei que você não vai, você não vai. Mesmo se sua mãe deixar, você não vai.” Lá em casa nunca vi isso, entendeu? Se eu falar assim, “ela vai”, ela vai. Mesmo que ele fale que não. Mas se eu falar “ela vai”, ela vai. Não tem aquela... ele não tem aquela autoridade de pai. É pai porque sustenta, tá ali perto, dá carinho, eu dou um tapa ele vai lá e dá beijinho, mas não tem aquela disciplina de “não, não vai”. Com os pequenos não. Com o mais velho falava muito mal também. Lá em casa geralmente quem manda é a mãe. Não tem... ele e as crianças não tem briga, porque não briga, não chama atenção. Brinca muito. Eu já falei pra ele, é pai, não é

amigo, não é coleguinha. Brinca de tapinha, um vem dar, o outro vem e dá outro, o outro vem dá outro. Daqui a pouco o bicho pega porque o meu do meio, ele fica nervoso, que ele quer bater e não pode porque é pai, né? Eu falo pra ele “seu pai, ele tá brincando com você”. “mas eu não quero brincar” Ele fica irritado. E... ela não, ela adora, ela ama aquele pai de paixão, não sei se porque é menina, é mais agarrada com ele e o outro mais é comigo. Mas... é um ótimo pai, um ótimo marido, graças a Deus, responsável, não briga com as crianças, não é de ficar batendo em criança, chamar atenção no que eu fizer. Fala que eu sou chata, que eu tô errada, que filho cresce... (...) Mas fora isso. Ele só cobra assim, ele quer... chega do trabalho, às vezes as crianças já estão dormindo, ele sai muito cedo de casa, ele sai quatro e quarenta pra trabalhar, então, o horário que ele sai eles estão dormindo, geralmente. A menor tá acordada, “tchau pai, beijo pai”, ela tá acordada, aí acorda, fala com o pai e “bum”, dorme de novo. O outro, não, o outro acorda não vê o pai, ferrou “mãe, quero ver o pai”. Aí quando ele chega mais cedo, igual... hoje ele chegou mais cedo, ele tá em casa. Ele pergunta “cadê o dever?”, se teve aula, porque tá em greve, né, já faz uma semana. Pergunta se teve aula, como é que foi... “tem que estudar pra ser alguém na vida. Tem que estudar pra você ter um bom trabalho e não sei o quê”. Ele cobra. É por isso que o mais velho ainda está estudando. Porque eu acho que se não fosse isso, ele já teria largado. Porque ele já falou assim “ah, vou parar de estudar, porque eu não aguento mais”. Eu já falei “não, você vai fazer 18 anos agora em agosto (...)” Porque eu falo pra ele “negro, pobre e sem estudo?” Pessoal fala logo que é bandido. Não, tem que estudar, entendeu? Eu acho que a única coisa que a gente pode dar pros nossos filhos é uma boa formação, né? Um bom estudo, uma boa educação. Fora isso... Dinheiro a gente não tem pra dar. Podendo correr atrás... o que a gente pode dar de melhor pra eles é isso.

Entrevistadora – Vocês costumam sair juntos?

Cláudia – Sim, a gente sai. Olha, por acaso a gente vai pra cinema. Agora a gente tava querendo... tava querendo, não, a gente vai arrumar um final de semana pra ir, pra levar eles para o parque. Levo pra passear, pra comer pizza, essas coisas, né, programa de família. Geralmente eles saem mais comigo, não tanto com ele. Quando sai todo mundo junto é aniversário, é casa de parente. Em casa a gente inventa uma coisa pra comer, eu faço pipoca. A gente fica mais em casa mesmo. Ele trabalha a semana toda, final de semana ele fica mais na rua do que em casa. Quando tá em casa, tem que ficar em casa mesmo.

Entrevistadora – Você acha que a família, a escola ou outras instituições ajudam no cuidado com os filhos?

Cláudia - Não tive ajuda de ninguém. Só eu e ele mesmo. Eu, quando trabalhava fora foi antes do do meio nascer, trabalhei muito, trabalhei até no 6º mês de gravidez dele, depois parei. E logo depois dele com 8 meses de nascido, né, eu tava grávida da mais nova e não sabia. A diferença é de um ano, né, de um pro outro. Ela quando nasceu ele tava com 1 ano e 6 meses. Então, eu não pude voltar a trabalhar. Aí ele falou assim “não, você não vai voltar a trabalhar, você espera as crianças crescerem”. Esses dias mesmo eu tava falando que eu não aguento mais ficar dentro de casa. Quero ter meu dinheiro de novo (risos). Ele falou assim “vai sentir falta nada, boba, tudo que você quer, você tem”. A gente como pobre, a gente vive uma vida confortável, a gente não paga aluguel, temos dinheiro pras nossas coisas, as crianças têm videogame. Como filho de pobre... quando a gente quer, a gente pega o dinheiro e sai mesmo, a gente vai pra pizza. Carrega a filha da vizinha. Eu, pelo menos, eu não posso me queixar. Mas a única coisa que eu sinto falta é voltar a trabalhar. Não por faltar alguma coisa, mas por ter minha vida de volta, né? Aquela liberdade que a gente tem quando a gente trabalha fora.

No primeiro, eu trabalhava direito. Trabalhei até os 9 meses de gravidez, aí tive o bebê, né, fiquei 6 meses em casa, aí voltei ao trabalho e ainda levava ele pro trabalho porque eu morava perto. E... não parei. Só parei depois que meu segundo nasceu. Logo depois eu engravidei dela e aí “agora não tem jeito, agora tem que parar de trabalhar”. Eu ficava com medo de deixar com qualquer um. Aí eu falei, se com um já era difícil, com 3, então, piorou, né? E o C. já tava com 9 anos quando o N. nasceu. Ele já tava grande, ele ficava mais com a minha avó. Ele já tava grande, minha avó tava com saúde. Hoje em dia ela tá velhinha. Nesse início ela ficava, ela ficava com C. Ela ficava com ele pra mim de segunda à sexta. Eu pagava escola pra ele e de mais três irmãos. Na época a diferença de idade... Meu filho vai fazer 18. Eu tenho um que vai fazer 20, 19, o meu com 18 e um irmão com 16. Quase escadinha. Aí pagava o colégio pra eles que ficavam com a minha avó também. Aí pagava pra todo mundo, né? Trabalhava muito, chegava muito tarde em casa, às vezes passava lá dava um beijinho nele (...) Ela morava no Mutuá e eu morava aqui. Aí todo dia ir levar e pegar ele pra mim ficava ruim. Aí ele ficava com ela. Mas depois que o outrozinho, o segundo nasceu, aí parei. Não tinha porque ficar lá, né, eu ficava em casa.

Entrevistadora – O que você acha da questão do cuidar e do educar. É a mesma coisa?

Cláudia - Não. Cuidar é aquela coisa, você cuida para que a criança não machuque, pra que tenha cuidado com si mesmo, pra que... vamos dizer assim, quando a criança é pequenininha você tem que ter todo um cuidado, para não cair, para não se ralar, para não ter mais danos, qualquer coisinha que cai você leva pro médico, você fica apavorada. E educar... há uma grande diferença. Porque educação é você formar um cidadão, é você... tem que tentar orientar para que ele siga o melhor caminho, para que ele cresça sem vícios, sabe? Do bem, não (...), não seja uma pessoa mesquinha. Eu falo muito isso. E egoísmo, gente, Deus me livre, porque lá em casa devido a ser diferenças grandes de idade deles, tudo ele acha, o mais velho acha que é dos pequenos. Ele tem um ciúme, um egoísmo, que diz que tudo é dele. “É meu”. Eu falo pra ele “não, o que é seu é deles, vocês são todos irmãos”. Então, graças a Deus, meu filho vai fazer 18 anos e não fuma, não bebe, não vai pra baile, entendeu? Não tem esse negócio de sair... Não sei se por causa daquele medo, daquela criação “não, você não vai”, do medo dele. Outro dia minha vizinha falou que eu criei meus filhos igual uma mulherzinha. Não é criar igual uma mulherzinha, é que a gente tem medo. Naquela época já era difícil, agora, então, é mais perigoso ainda. Então eu acho assim que se você deu uma boa criação pro seu filho, uma boa educação, ele vai simplesmente falar assim “não, isso é errado, eu não vou fazer isso”. A criação e a educação acho que a diferença é nisso. Porque a criação você cria, você alimenta, você leva pra médico, você veste, você calça, você vai criando. É como se fosse criar um bichinho. Agora educação, não, você tá educando você tá criando um cidadão, fazendo que ele seja um adulto feliz, responsável, né? Tem diferença, sim. Tem gente que cria filho igual (...). Joga lá e deixa. Mas não é assim que a banda toca.

Entrevistadora – Como é que é criar um cidadão no dia a dia?

Cláudia – Nossa... Olha, só Jesus na causa, porque você criar... levantou de manhã, deu café, “olha, tá errado. Acabou de tomar café, tirar a mesa, vai lá, lava lá, lava os talheres”. A pequenininha eu já tô botando pra lavar a louça, tô mesmo. Tô ensinando a ela... ensinando que a vida não é mole, que ela não vai ter mãe pra vida toda. Aí no decorrer do dia eles vão... quer brincar, esse negócio de não ter aula, aí já vai jogar videogame. Aí eu falo “tudo tem sua hora. Tem hora de brincar... tem hora... pega um livro e vai estudar”. Ela adora rabiscar, porque não aprendeu a ler ainda, fez 6 anos agora. Não aprendeu a ler e aí fica naquele negócio de junta lá, junta cá. Aí daqui a pouco larga aquilo ali, aí vai brincar com outra coisa,

vai brincar com outra coisa. Falo pra ela voltar e digo “assim não pode. Pode juntar, arrumar suas coisas, depois você vai embora pra rua. Vai brincar com L., vai brincar com quem for, mas junta isso aí. Não quero bagunça, não quero sujeira”. E o outro é mais calmo, o outro brinca... o negócio dele é videogame. Eu desligo falo pra ele que tem hora, que não é assim. “Mãe é chata, mãe é isso, sai batendo perna”. “Sou mesmo. Pode chorar, pode brigar. Eu tô fazendo isso hoje em dia pra amanhã vocês não falarem assim: ‘ah, deixou eu fazer tudo o que eu queria’”. E não é assim. Meu mais velho também “vai limpar a casa do cachorro”, vai... “Ai, tem que ser tudo a hora que você quer”. É claro, porque daqui a pouco deu a hora do colégio, tomou banho, almoçou, vai. E a sujeira fica lá. Não sai de lá sozinha, não vai andar. Então assim, no dia a dia eu tento, né, todo dia um pouquinho... aquele chamar atenção, aquele puxão de orelha que a gente dá, mal ou bem a gente já tá moldando um pré cidadão, né? Pelo menos eu penso assim.

Entrevistadora – Pra gente fechar, como você definiria o que é ser mãe pra você?

Cláudia – Ai, Jesus... Ser mãe... eu acho que é tudo que a gente tem, assim... É a base de tudo. É a mãe quem te elogiou, quem cuidou de você, te amamentou... Eu acho que ser mãe... Eu não vou te dar o exemplo da minha mãe, hoje em dia é uma flor, mas na minha época que eu achava que eu precisava mesmo quem segurou minha onda foi minha avó, ela foi minha mãe. É, né? Ela é tudo pra mim. Acho que mãe é tudo. É a base, é tudo.

Entrevistadora – Você queria ser mãe?

Cláudia – Queria. Eu trabalhei muito tempo de babá. Eu trabalhava de babá com 10 anos. Aí, eu cuidava da minha irmã, minha mãe chegava do trabalho, eu ia pra escola... primeiro eu estudava de manhã, estudava de sete e meia às onze e meia, ela tava grávida da minha irmã ainda. Aí eu trabalhava, tomava conta de C., que era uma criança gordinha enorme, eu nem aguentava com ele direito no colo. Subia uma escadaria de 3 lances, eram 3 andares. Uma vez eu tomei um tombo, virei o pé com ele no colo, cara eu chorava de dor. Mas também todo dia aquilo ali, eu trabalhava lá de segunda a sexta. Que era uma exigência da minha mãe. “Não, você vai ficar com ele, porque a mãe dele tá no mercado...” Ela tinha mercado embaixo e ela morava lá em cima, no último andar. E eu trabalhei muitos anos com criança. Trabalhei com ele que foi o primeiro, eu tinha 10 anos, aí depois eu trabalhei aqui no Alcântara. Sempre trabalhava muito de babá. Peguei uma casa que eu fazia tudo, ainda tomava conta de um bebê, acho que de um ano. E... sempre trabalhei muito tempo com criança. Toda casa que eu trabalhava... hoje vai fazer 7 anos que eu trabalhei. Foi antes do N. nascer. Hoje em dia já tá um rapaz, né? Mas na época ele tinha 7 anos. Aí ficou durante aquele período todinho... trabalhei lá 7 anos, a mãe dele faleceu. Aí ele já tava com... já tava bem grandinho, o pai dele arrumou outra mulher, eu falei assim “agora já tá na hora de ir. Já sabe o que é certo, o que é errado, eu já ajudei a criar, agora vou meter o pé”. Aí engravidei de N., fui e saí. Mas... sempre trabalhei com criança, sempre tinha vontade de ser mãe. Aquele negócio de brincar de boneca... Só que na prática é uma coisa, né, na teoria é outra. Você olha assim... igual a uma vizinha que teve bebê agora, fez 15 anos e já é mãe. Tá com um mês o bebê. A menina com 15 dias já foi parar no hospital porque estava com muito catarro, com muita gripe, ela já nasceu gripadinha, espirrando, e eu falei pra ela “olha, criança não é boneca”. “Ah, tia”. “Não, criança não é boneca. Você tá criando sua filha, como se ela fosse uma boneca”. Emperequeta ela todinha. Linda, linda, como se fosse uma boneca. Depois joga no colo e sai. Debaixo do sol quente, foi pro salão fazer cabelo e a menina sentia o cheiro daquele negócio, daquela química toda, porque tava no colo. Não pegou um carrinho pra botar a criança. Logo depois a bichinha foi parar no hospital novamente. Esses dias tava 6, 7 horas da noite na rua, com a

cabecinha sem uma touca, sem nada, com o ouvido descoberto. Eu falei assim “essa menina não tem nem 2 meses. Você vai chorar muito por causa dessa criança. Isso daí não é boneca”. Queria porque queria ser mãe. Queria ser mãe, aquela coisa. “Não faz isso. Não faz isso porque você é muito nova. Não faz isso”. “Ah, eu quero”. Mas... ser mãe é tudo. Eu falei pra ela uma coisa que minha mãe falou uma vez pra mim “Você só vai saber o que é ser mãe, quando você tiver seus filhos.”. Que até então você tem aquele carinho e tudo, mas você não sabe o que é ser mãe ali na pele, de você perder noites de sono, de você... seu filho tá com uma febre, você não dorme. Qualquer coisinha, fez “ah” você levanta. Pode ser a idade que for. Entendeu? Não tem essa. Meu mais velho teve suspeita de dengue eu sai doida daqui pro Alcântara. Ele queimando em febre todo mole, um homem grande daquele... que é maior do que eu. Todo grande e a gente sem saber o que que é, faz exame e nada. Até que deu uma suspeita de dengue. Tem... 2 meses atrás. Eu fiquei doida. Os pequenos quando caem... É... um raladinho não, mas uma febre alta, que você dá remédio e nada de abaixar, fica 2, 3 dias de febre, aí você procura médico, médico faz exame. Às vezes é uma coisa boba, é uma garganta, é um ouvido, mas até você saber o que é, você fica preocupada. Eu sou mãe coruja mesmo, entendeu? Amo meus filhos, independente de como são. Tudo do mesmo pai e da mesma mãe, mas são totalmente diferentes, não tem um igual ao outro. Um tem um temperamento, outro tem outro. Um é calmo, outro é levado. E... ser mãe é tudo, mas... tem que ter saco, tem que ter paciência, tem que ser humilde, entendeu? Porque você acha que você... É um amor, assim, incondicional. Não tem aquela... “ah, eu gosto de fulano um pouquinho, gosto de sicrano um tantão”. E tem outra. O pessoal fala que a mãe quando tem mais, assim, de 2, 3 filhos, ela gosta dos filhos diferente. Mentira. Fala assim “ah, gosta mais de um do que de outro”. Não existe isso, entendeu? Eu, pra mim, gosto dos meus 3 igual. “Ah, não, você gosta mais de um do que de outro”. Eu falo assim “não, gente, não é”. Pode assim... você ter... nem preferência. Fala mais no nome de um, porque você convive mais com aquele um, do que com os outros. Ou aquele um te dá mais trabalho, não dizer que seja diferente, não é. Amor é tudo igual, de filho, de mãe, é tudo igual. Mãe gosta dos filhos igualmente. Não tem aquele negócio “ah, minha mãe gosta mais de mim do que dele”. Não. Eu achava que minha mãe gostava mais do meu irmão do que de mim. Ela falava assim “tá maluca”. “Não, a senhora gostava mais dos meus irmãos do que de mim”. Hoje em dia eu vejo que não tem nada a ver não. Quando a gente é mãe e os filhos nascem o amor já flui ali, já é concreto. Porque quando tá na barriga, não, você fala assim “ai, vou ser mãe daqui a pouco”. Você sabe que vai ser mãe porque tá aqui dentro, porque tá mexendo. Mas quando nasce, nossa. É um amor incrível, que parece que não tem mais tanto. Com todos os percalços, com todas as dificuldades...

### Entrevista 6

- Paulo, 50 anos, analista de sistemas, morador de Niterói, um filho (G., 8 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

Paulo – Assim, é... principalmente na parte educacional eu participo bastante, procuro saber dele todos os dias quando ele chega do colégio como foram as aulas até para trocar uma ideia. Fico sempre pedindo a ele pra ele prestar muita atenção nas aulas, pra ele ter atenção, pra ele poder fazer boa prova, mas quem acompanha mesmo os exercícios, quem acompanha mesmo as atividades, até porque tem um pouco mais de tempo no período da tarde é S., minha esposa. Ele estuda de manhã e à tarde ele chega em casa, é a hora que ele estuda. Eu acompanho mais,

assim, à noite querendo saber... puxando dele, buscando dele quando tem alguma atividade. Então, quando tem alguma redação, alguma coisa do colégio, eu procuro ajudar ele. E assim, gosto muito de envolver ele na parte esportiva. Exercício... então incentivo muito ele no final de semana a gente andar de bicicleta, levo muito ele aqui em São Francisco pra gente ficar no calçadão andando de bicicleta... jogar bola... ele faz parte de uma escolinha de futebol. Quando eu posso eu vou ver. A mãe leva e traz durante a semana. Eu fico incentivando muito... até porque ele tá um pouquinho gordinho... mas ele fica... pra não ficar meio que parado, só no videogame. Porque hoje em dia as crianças estão todas com essa questão do videogame... vai pra casa do amiguinho ou então o amiguinho vem pra cá. E a gente fica, tanto eu quanto a S. incentivando ele nesse tipo de coisa, entendeu? Prática esportiva... pra estar se relacionando com outros colegas... Assim, então eu participo muito nisso. Em relação a cuidados pessoais dele, higiene, tudo, a gente tem uma pessoa principalmente de segunda a sexta. Essa pessoa fica direto com ele. Cuida da roupa dele, cuida de tudo dele. Então quando ele chega do colégio, ela já coloca ele no banho porque eu e S. não estamos aqui... Coloca ele no banho e investiga se tá... aquela coisa, né? “Você lavou bem o cabelo? Fez higiene pessoal?” Aquela coisa toda. E alimentação também ela que cuida. Então essa parte toda, ao longo de segunda a sexta, é por conta dela. Eu como chego muito tarde, como você vê, à noite... ele já tá de pijama praticamente. Às vezes me esperando pra brincar de videogame que é aonde a gente interage um pouco à noite durante a semana. Final de semana é sempre aquela coisa... alimentação até nem muito saudável, porque quando fica com pai e mãe, aí quer ir no Mc Donald’s, quer comer uma pizza, esse tipo de coisa... Mas, assim, no geral a gente... tanto eu quanto ela, a gente fica muito em função dele. Dando atenção tanto na educação, tanto na parte de entretenimento. Ele gosta muito de cinema. Quando ele... “ah, pai, quero ver um filme com você”. Aí a gente marca, vai no sábado. Eu levo ele. Aí a gente vem discutindo, né, vem falando sobre o filme... puxando dele o que que ele entendeu, de que parte ele gostou mais... então a gente troca uma ideia. E a gente tem uma relação até, assim, de amizade. Procuro passar pra ele, assim... qualquer situação que ele tenha ou que ele esteja vivendo, qualquer coisa, fale sempre com a gente, tentando não esconder nada... desde pequeno a gente vem conversando com ele sobre isso. Vê a gente como amigo não aquela coisa de pai e mãe. Nunca apanhou... a gente nunca... Quando era muito pequenininho fazia malcriação, ficava de castigo “um minutinho pra pensar na cadeirinha” que tem até hoje lá no quarto, mas hoje não. Hoje é muito bate papo. Quando fica um pouco nervoso a gente chama atenção e tudo... mas é uma relação muito de amizade mesmo. Eu e ele, entendeu? E assim, é muito engraçado porque pai e mãe é bem dividido, né? Quando tem uma coisa assim, do tipo... começa a ficar com uma ponta de febre, corre pra mãe. Quando é alguma coisa de esporte na televisão ou alguma coisa de atividade... é videogame, não sei o quê, corre pra mim. Então é muito engraçado isso. Até a S. brinca: “As coisas boas é o pai. Agora na época que tinha que trocar fralda, dar banho, fazer esse tipo de coisa... é a mãe”. Então quando tá doente é a mãe que fica... o tempo todo. E comigo ele já tá numa idade assim muito legal. A gente tá progredindo bem. Conversando... a gente conversa muito. Ele gosta de bater um papo. “Pai senta aqui do meu lado, vamos conversar.” Ele sabe que à noite quando eu chego eu gosto de ficar vendo o Jornal Nacional, aí ele tá vendo desenho, ele tira, deixa eu ficar vendo o Jornal Nacional. Só que durante o jornal ele fica me atrapalhando, porque ele fica conversando, mas a gente interage bem. Nessa parte da educação é bem dividida entre a gente no sentido que eu falei.

Entrevistadora – Você falou, então, que na sua casa existe essa divisão, entre pai e mãe, no cuidado com o G.

Paulo – Nesse contexto até a E. que toma conta dele... que é menina que toma conta dele, ela está inserida neste contexto, porque ela tem uma participação profunda nisso. Por causa da

alimentação dele... porque a gente fica o dia todo fora durante a semana. Saindo cedo... eu saio cedo antes de ele acordar. A S., não, deixa ele no colégio. E... tem um transporte que deixa ele aqui. Ela que pega ele lá embaixo. Quer dizer... porque a S. já está no trabalho e eu também. Eu chego à noite e ela chega um pouco mais cedo é onde ela acompanha mais a parte de estudo, do colégio dele, né? E eu fico um pouco mais com a parte boa, parte de diversão. A parte de entretenimento dele... Cinema... qualquer coisa, entendeu? Mas eu gosto de participar principalmente de nota, quando ele vem com o boletim... andou tendo nota não muito boa em matemática. A gente sentou, conversou. Em período de prova ele vai ter que se dedicar. Não tem videogame, ele tem que ficar mais concentrado. A professora... veio uma notinha que ele anda conversado muito na sala. Aí eu sento com ele e converso, entendeu? Não só a mãe... eu gosto de participar. Aí eu fico perguntando como foi a aula, e o colega tal, e a professora... Puxando assunto... se deixar não responde nada, então a gente só quer, né, interagir nesse ponto.

Entrevistadora – E a questão dos castigos? Como vocês fazem?

Paulo – Por incrível que pareça, essa semana... no final da semana passada, ele fez uma malcriação com S. Aí a mãe mandou ele lá pra dentro do quarto pra ele pensar no que ele tinha feito. (risos). Mas... não... a gente nunca... Ela falou que falou que foi engraçado que ele não tá nem acostumado, ele entrou no quarto e ligou a televisão. Aí ela foi atrás dele e falou “não. Eu falei que você viesse pro quarto pra você pensar no que me respondeu. Desliga a televisão. Fica sentado pensando. Quando você chegar a uma conclusão e você achar que tem que me pedir desculpa, você me procura.” Aí ela falou que levou um tempo, ele veio, pediu desculpa. “Olha não é só simplesmente pedir desculpa. Você pensou no que você fez?” Porque ele respondeu a ela meio agressivo. Mas agora... pouco tempo, entendeu? Mas ele é um menino muito tranquilo, entendeu? Quando tá com galera, com outros colegas, aí não tem jeito... se mistura. Aonde a gente procura também estar orientando ele. Semana passada foi aniversário do colega, S. levou ele pra pizzaria. Eu ainda não tinha chegado do trabalho. Aí quando... eu já sabia, a gente falou por telefone. Aí eu falei com ele “oh, cara, você sempre foi uma pessoa bem tranquila, não é porque você vai tá com o L., com M., que é o aniversariante, e outros colegas do seu colégio que você vai ficar correndo no restaurante.” Eu tava prevendo isso... Então... “lá não é lugar pra isso. E outra: o garçom veio, a pizza é do teu gosto, então você pega um pedaço. Nada de ficar levantando, fazendo aquelas besteiras que você sabe que seus colegas fazem... eu não quero você fazendo isso”. E a S. levou ele. Só que a mãe pediu pra que as outras mães ficassem lá numa outra mesa e acabou a S. ficando. S. “oh, a gente tem conversar com seu filho, porque ele deu um chute na porta do banheiro... ficou correndo, brincando com as crianças lá dentro do restaurante (risos)... eu olhei pra ele, ele percebeu, ficava quieto, mas foi muito difícil porque quando tem um grupo muito grande, acaba se envolvendo e acaba fazendo besteiras”. Mas a gente fica conversando... Cheguei em casa e falei “Poxa, cara, qual é? Tá me decepcionando e tal...” Aí ele fica com aquela carinha assim... Eu vejo que é coisa de criança mesmo, não é uma coisa tão... má, tão ruim assim. Faz parte de ser espoleta, né? Também a gente não pode ficar... Se não você vai deixando a criança muito diferente das outras, né? E aí tem esse lado que não consegue... que se envolve muito quando a brincadeira tá legal.

Entrevistadora – Você falou bastante na importância dessa pessoa que trabalha com vocês no cuidado com seu filho. Além dessa pessoa, você considera que outras pessoas, ou instituições, sejam também importantes no cuidado com ele?



Paulo – Assim... O colégio dele tem uma filosofia... que é aqui o Maia Vinagre... não sei se a diretora... é uma senhora, né, bem de idade... e ela é fundadora do colégio, então o colégio tem umas atividades... e a S. no início achou meio rígido, inclusive da parte educacional... mas que a gente hoje vê com bons olhos. O comportamento dele e dos colegas ajuda na educação. Ele tem uns coleguinhas que falam “tio, bom dia”. Coisas assim, pequenas, né? Que hoje em dia tá até difícil entre os adultos, que eles fazem... algumas coisas que a gente percebe que vêm do colégio. Uma coisa interessante que eu não sei se tem em todos os colégios... pelos menos uma vez por semana lá eles cantam o hino nacional de manhã. Ficam todos em forma... Coisa que antigamente tinha, né? Eu lembro que na minha época de criança tinha que ficar em forma todo dia. Ouvir o hino, a bandeira subir, e depois a aula. Então, eles têm isso lá, entendeu? Então, assim, eu acho que ajuda. Então, assim, começa a ter algumas identificações... por exemplo, a nossa seleção brasileira... aí começa, né, pátria, aquela coisa... o colégio também aplicou um tipo de estudo que é voltado pra conhecer seu município. Então ele se interessa por museu, se interessa por... Solar do Jambeiro, que ninguém conhece muito aqui em Niterói. Pontos turísticos de Niterói. O ano que vem vai ser o estado, principalmente a cidade do Rio de Janeiro. Então o colégio assim que, assim, né, tem uma influência grande. A questão da E. que eu falei. A importância dela é porque... ele está com 8 anos e ela está aqui... desde que ele tinha 7 meses que ela cuida dele. Então, assim, ele considera como se ela fosse, assim, uma segunda mãe pra ele e ela também se preocupa muito com ele. Quando ele está doente... quando ele deixa pra estudar depois... pra ter os horários direitinhos, ela fica cuidando muito. Assim... mima, porque desde pequenininho... Ele chega, tira o tênis aqui, joga o tênis pra lá e tal, ela vai lá, se abaixa... se eu vejo, “não, G., pode pegando o tênis e colocando lá dentro. Sapato lá dentro. Tira essa meia e bota pra lavar.” E ela faz. Então tem esse lado que eu falo “E., você tem que começar a cortar isso tipo de coisa...” E ela mesmo eu tive que cortar muita coisa com ela porque... mamadeira... por ela ainda tava mamando. Chupeta... foi tudo muito mais tarde.. Comidinha na boca, sentar do lado... “Ah porque ele não come.” “Não come porque não deixa ele... deixa ele com fome... a hora que der, ele vai comer”. Então, assim, mima muito, porque eu acho que desde pequenininho foi criando... e ela tem uma filha e o sonho dela era ter um menino, então... Se apegou muito a ele, né? Então por isso que eu digo que ela é muito importante porque desde os 7 meses ajuda muito a gente em relação à criação dele. Mas também estraga muito, por outro lado que estou falando, mas ajuda muito. Em relação a outras pessoas, às vezes a irmã de S., em época de período de prova, por ela ser professora, S. combina, ela vem aqui. Uma dificuldade em alguma matéria... matemática e tudo. E ela tem um jeito porque ela lida com crianças nessa idade, ela vem ajudar. Mas no geral a gente sempre foi muito família também, né? Tanto pai, quanto mãe. Ele tem a relação toda com os primos, com tios, com avó, com avô... então eles, assim, acabam todos interagindo com ele, na educação de uma forma geral, né? Brincando, orientando, explicando... minha mãe, por exemplo, sempre foi professora, aí coloca assim pra ele: “não, meu filho, se você quiser, vovó ajuda.” Quando vê alguma notícia, alguma revista, alguma matéria, ela recorta, traz pra ele. Então, assim, a família acaba interagindo também na educação dele. Dando suporte.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Paulo – Em relação à atenção e carinho não. Eu acho que inclusive ajuda, né, eu tive isso. Principalmente em relação à família, aquela questão da família, né... o que que representa a família... os primos, irmão, irmã, avó, avô... a importância, o cuidado, o respeito, né? Interagir... as brincadeiras... Então isso tudo ele tá vendo porque ele convive, ele tá crescendo com isso. E isso pra mim na formação, eu acho muito importante. Eu acho que a gente

consegue se relacionar aí fora com outras pessoas por causa dessa base que a gente tem. Até mesmo quando surge algum problema de não identificação e tudo, não fica aquele... aquela coisa é resolvida, a gente resolve entre a gente e vida que segue. E aí eu acho que eu consigo passar isso pra ele, entendeu? E ele vê isso também. Porque a gente vive o tempo todo isso, né? Quando tem oportunidade no final de semana ou quando pode viajar lá pra roça... tá todo mundo junto, né, ele vê... no feriadão ele já fica contando “ah vai a L., vai o D...” Os primos mais próximos, né, então ele vê isso. A família da S. é um pouco menor, é pequena, mas a gente também faz questão de praticamente todo domingo almoçar na casa da minha sogra. Eles tomam conta de uma... tipo um sítio, né, então eles ficam muito lá, eles não podem estar saindo. Então, aos domingos a gente tá sempre lá e como ela tem só mais uma irmã casada e um irmão que vai casar agora, só tem um sobrinho. Então lá, a família é bem pequena. Só tem ele. Ele tem cinco aninhos, então, brinca muito com a gente. Mas não tem assim, como a nossa, da parte de pai que é muito grande. Eu acho que a minha formação em relação à família ajuda muito a criar ele no sentido... voltado pra isso, entendeu? Dando essa importância.

Entrevistadora – Você não vê, então, muitas diferenças no cuidado com filhos entre a sua geração e a dele?

Paulo – Não, não vejo. Na minha idade... tô com 50 anos com um filho de 8 anos. É uma... Tem algumas coisas que realmente pra acompanhar é difícil, né? Ficar jogando bola, por exemplo, na areia da praia. Não dá mais. Mas, assim, não vejo tanta diferença. Eu, pra falar a verdade, assim... isso que eu tô falando, no geral. Mas em relação ao meu pai, por exemplo, eu tive uma dificuldade porque eu perdi ele muito cedo, com 14 anos. Ele faleceu... eu acho que quando eu tava começando a me relacionar bem com ele, ele foi embora. Me deixou, assim, saudades até hoje. Mas, assim, a minha mãe, os meus tios, as minhas tias, a formação deles, o que eles passavam... a avó N. (matriarca da família), por exemplo, que a gente via, né, aquele carinho todo... É... tudo que a gente pegou, eu passo pra ele, entendeu? Ele vê isso hoje, a minha relação com os primos, com todo mundo, como é essa relação. Então eu não vejo, assim, grandes diferenças de quando eu era pequeno, da minha educação, pra dele, entendeu? A gente tá seguindo o mesmo... não sei se é conselho, se é jeito... assim, não tem método, né, a coisa fluiu normalmente.

Entrevistadora – Você falou agora sobre educação. Pra você, cuidar e educar são sinônimos?

Paulo – Acho que é diferente. Porque o cuidar, você pode cuidar bem, mas na hora de educar... eu acho que educar é preparar ele assim pra se relacionar... preparar pro mundo, como diz, né? E o cuidar é aquela preocupação, mesmo, do bem-estar, de como lidar... mas a educação, né... Assim, parece que um tá fundido no outro, mas existe uma diferença. Se você cuidar e não souber educar, ele pode crescer e não ser uma pessoa... um ser humano que a gente espera que conviva bem dentro de um relacionamento, entendeu? Eu acho que existe uma diferença. Na minha opinião... eu acho que isso tem que andar bem junto, paralelo. Pra fazer com que as duas coisas funcionem bem. Se você cuidar e educar bem ele passa a ser um adulto legal.

Entrevistadora – Pra gente terminar, o que é ser pai pra você?

Paulo – Olha... assim... eu acho que na vida a gente tem momentos felizes e um dos momentos mais felizes da minha vida foi o nascimento do G. Eu tava filmando quando ele nasceu e o médico “aqui, pai, é a sua cara. Não tem como negar...” Aquela coisa toda, a

câmera até deu uma tremida porque na hora eu tava muito emocionado. Mas... a gente vai participando do crescimento que são vários momentos. Desde quando ele tá bebê e precisa de um cuidado maior... Aí não precisa da educação, é um cuidado, né? Porque é bebê, tem que cuidar. E chega um momento que ele começa... aquele serzinho começa a crescer e aí onde vem a educação junto. Mas assim, ser pai é uma coisa... eu acho muito bacana principalmente na interação que a gente tem com a criança e o convívio que você vai tendo... o tempo vai passando você vai vendo que aquele ser humano, aquela pessoa vai tendo um pouco de características do pai e da mãe, né? É como se você tivesse moldando... aquela coisa do teu jeito, né, ou o que você acha que tem que ser. Mas é assim... cada dia é... quando você abre a porta e você chega em casa e depara com a pessoa... com seu filho, né? Que você abraça, que você beija... tudo é muito gostoso. Nossa... é muito bom. É uma experiência que eu não tinha... apesar de ter tido mais velho, já com quarenta e poucos anos, é uma experiência muito boa, muito emocionante... Chega a ser assim, indescritível, entendeu? E a relação de amor, com a esposa, com o filho... é diferente... é um negócio, assim... até a esposa também sente uma diferença em relação ao nascimento da criança, em ter um filho. É muito bom. Não sei nem explicar direito... Mas é show, é show, é muito legal.

### Entrevista 7

- Alberto, 57 anos, psicanalista, morador do Rio de Janeiro, cinco filhos (filho F., 32 anos; filha B., 23 anos; filho D., 20 anos; filho R., 17 anos; filho M., 9 anos)

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

Alberto – O que você tá chamando de cuidado?

Entrevistadora – O que você quiser...

Alberto – Eu acho que tem uma... Eu lido com essas questões o tempo todo, eu sou psicanalista, então... Eu acho que o deslocamento da posição da mulher na sociedade, apesar de ser extremamente favorável, cria uma série de complicações pra todos nós e os pais e mães que não se modernizaram, não entendem a vida dessa maneira nova, sofrem muito e os filhos sofrem mais ainda. Cuidar dos filhos hoje é literalmente abandonar posturas antigas e partilhar esse cuidado. O que não está acontecendo na sociedade... Basta ver o número de crianças... na classe mais baixa... obesas, porque já não tem aquela mãe em casa cozinhando, lavando... A mãe tá trabalhando, então tá todo mundo no miojo. Então, assim, é uma tarefa nova. Mesmo pra mim... meu primeiro filho eu praticamente criei sozinho... é bastante diferente hoje. Mesmo a gente que já era pai moderno, a gente tá tendo que se repensar como... cuidadores, né? As mulheres têm que consentir que elas têm um novo papel... Muitas pessoas que eu atendo aqui (no consultório) são mulheres reclamando que tem que bancar o marido, entendeu? E “ah, ele não paga...” Mas o marido... Tem uma que fala “ele só leva as crianças na escola”. Isso é uma inversão em relação há 15 anos atrás, não vamos muito longe. Então, as mulheres hoje têm que entender que elas são diretoras de indústrias, grandes médicas e cirurgiãs, chefes daquilo... elas têm que entender isso modernamente. São mulheres do século XXI que querem ser amadas e tratadas como as avós delas. Isso não tem mais. E permitir... se permitir... que aquele mito do amor materno da Badinter não é tão assim e que dá pra todo mundo amar os filhos. Agora evidentemente os cuidados maternos primários... a gente sabe que por melhor que seja o pai, eu me considero um excelente pai,

participante... meus filhos moram comigo, todos, é legal. Agora tem uma hora que precisa da mãe. Não devo esperar que o Estado vai nos ajudar muito. Até porque a mulher vai ser sacaneada e não vai ser feito. E os maridos estarem atentos... Não cabe a discussão do casal, mas... nunca coube. O casal que se discute e pensa os filhos acaba cometendo muitos erros. Tem que ser pai e mãe absolutamente parceiros no cuidado e na educação... Misturar as coisas não funciona. Já vi os homens também tendo que lavar, passar, cozinhar, fazer papinha, levar na escola, se interessar, perguntar pro pediatra, levar no médico... então é uma coisa muito legal, muito sadia pros filhos... então cuidar hoje é dividir a tarefa do cuidado. Eu acho, né? O mundo ideal é assim. Espero que todo mundo comece a pensar nisso.

Entrevistadora – Na sua casa é assim?

Alberto – Sim. Pelo fato da R. (esposa) ser psicóloga e eu psicanalista a gente tem a mesma tarefa: o consultório. A gente... eu sou uma pessoa muito participante, então eu faço a minha parte legal e ela faz a parte dela bem legal.

Entrevistadora – Você falou sobre educação e cuidado. Você acha que educar e cuidar são sinônimos?

Alberto – Eu penso que, assim... tem uma hora que o filho vai falar “mãe” e a mãe sabe fazer. Desculpa, mas a gente não tem esse dom ainda, não vamos conseguir pelo menos nas próximas décadas... eu acho legal... até passar pro filho “oh, que legal que é todo mundo cuidar de todo mundo, né?” Mas... Agora, educar é outra coisa. Educar você tem uma série de ideias, de regras sobre si mesmo, sobre o mundo... que você possa dividir e passar pros filhos, né? As pessoas não entendem hoje, que, assim... você vê que as pessoas hoje falam no elevador, no celular, berrando. Então, assim, é preciso a gente reconsiderar algumas regras da existência. A coisa do capitalismo ter perdido tanto nisso, ele começou a negociar... Na minha época de escola se eu fosse com uma meia preta e com um cinto dourado eu não entrava e levava uma bronca do meu pai. Hoje se acontece isso o Conselho Tutelar vai lá e processa a escola... Então, assim, não é por bondade só, tem uma coisa certa... o comércio... “oh, agora vocês não são mais tão reprimidos...” e eu acho que isso desnorteou um pouco as pessoas, entendeu? E a gente não pode esquecer que cada um tem um lugar: o pai é o pai, filho é filho, mãe é mãe. A gente não... nós não somos iguais definitivamente. E respeitar as diferenças é educar. Agora tem certos agenciamentos que a mãe tem o dela e o pai tem o dele... Acho que a coisa funciona bem assim. O pai administra a lei, né, o pai é o senhor da lei, mas os pais têm que entender que eles não são a lei, eles só administram. Tem muito pai que acaba achando que ele fez a lei e a lei... e mãe é aquela que fala “pô, cara, alivia o cara aí. Oh, ele pediu um negócio que já falou comigo...” acho que assim funciona bem. E que os pais não fiquem só dando esporro nos filhos porque... Agora, volto a repetir. A mulher hoje tá num papel que... na década de 70 e 80 a gente lutou muito por isso, né? Eu confesso que, na realidade, eu tenho um modelo bem diferente porque, por ser psicólogo na época que eu fui, tinham três homens... Quando eu me formei, de 500 alunos tinham 3 homens. Então, assim, eu sempre lidei muito com mulheres, as mulheres foram minhas mestras. Então me deu uma diferenciada, entendeu? Hoje quando eu vejo as mulheres governadoras, reitoras, presidenta, que era o que faltava, eu acho muito legal, mas eu ainda acho que a sociedade ainda vai dar muita porrada na mulher. Se não der por um lado, vai dar pelo outro. Principalmente no aspecto do cuidado. Como que você pode trabalhar 8 horas e ter o mesmo nível de cuidado que tinha a Dona Benta? Não vai dar. Não sei se você sabe, mas se você for pegar as “Reinações de Narizinho” do Monteiro Lobato, aquela velhinha, de cabelo branco, a Dona Benta... Sabe quantos anos ela tem no livro? 50 anos. E naquela época ela era uma velhinha,

Dona Benta. Hoje em dia uma Dona Benta do nosso tempo tem 100 anos, 95, é a dona Canô, entendeu? Então, essa modificação, essa perda de diferença entre as gerações muda tudo. As mães ficam muito parecidas com as filhas, você não sabe mais quem é quem. Os pais todos... os pais e os filhos, muitos que eu convivo, vão ao samba juntos e isso cria um ambiente perigoso no sentido do cuidado e da educação, sabe? As mulheres mais velhas estão muito adolescentes, gritam no bar... Então, assim, acho que esse ambiente hoje, se a gente prestar muita atenção, é fantástico. Se a gente não prestar atenção... Agora virou moda nos Estados Unidos adolescente se suicidar. E aí, como é que faz? Isso já foi moda no Japão. Só tô falando em relação ao cuidado que a gente tem que ter... No Japão em dois mil e pouquinho, 2004 eu acho, foi promulgada a Lei anti suicídio. Engraçado falar isso, né? Você ter uma lei que... Mas a lei anti suicídio não é uma bobagem. Assim, é pra não (...). Está proibido achar que suicídio é legal porque os adolescentes estavam se matando. Aí eu me pergunto o seguinte: onde estavam os pais desses adolescentes? Que pais são esses? Porque eu tenho pais aqui... eu tenho mãe aqui que ela tem 34 e a filha tem 18. Elas vão juntas pro shopping, pra balada e mais ou menos namoram as mesmas pessoas. Nesse sentido a educação... é disso que eu tô falando. A gente tem que aceitar esse lugar novo sem tanto preconceito. Se não a gente vai criar uma confusão enorme no mundo. Na prática, na realidade eu sou um cara de esquerda, eu morei em Santa Tereza, então assim... a gente sempre foi meio libertário, entendeu? Cuidou do filho... Eu acho uma caretice você falar “ah, o homem não faz...”. Faço, sim, eu sei fazer tudo. Sei fazer papinha, ficava até mais gostosa do que a da minha mulher, sei fazer mamadeira, sei trocar a fralda, levo no médico. Nenhum filho meu suporta ir ao médico sem a minha presença... Porque é isso mesmo... tem que estar lá pra falar “deixa que eu vou segurar a onda”. Então, assim, eu acho que agora eu tô numa fase mais madura mesmo não preciso de mais nada, eu como pai. Não preciso mais ter filho, não preciso mais me formar, não preciso mais ter um consultório, não preciso de mais nada. Agora eu só faço o que eu quero. Então a minha maturidade mudou muito a relação e o Miguel é uma criatura fantástica e a gente não tem grandes problemas. Agora nosso último problema geral é como pagar R\$ 3.000,00 para uma empregada e aí a gente não vai ter mais dinheiro, então a gente teve que mandar a empregada embora e a R. foi... Terça e quinta ela tá no consultório e terça é um dia apertado, então, eu abri mão um pouco. Eu atendo... sei lá. De 20, eu tô atendendo 4 pessoas na terça porque aí eu fico com o M. Eu pego ele, eu levo ele no judô, eu faço as coisas dele. Senão a gente não tem como sobreviver. Agora vai entrar uma diarista terça e quinta que vai resolver um pouco, mas a tarefa da casa é nossa. O problema da casa é nosso. Não é da minha mulher. Então assim, a minha mulher não tem problema com a casa. Nós temos o problema com os filhos, com a casa, com o que for e acho isso bastante sadio no dia a dia. Não me sinto sobrecarregado, nem ela. Só que... a vida é muito dura. Quando o M. nasceu moravam comigo todos os filhos, todos quatro, e a gente teve que gerenciar isso. Então, assim, nós tínhamos uma babá por conta do M. e tínhamos uma empregada pra casa. Tinha um custo absurdo por isso. Recentemente a gente tentou ter uma empregada, ficou muito caro, pra segurar a onda do M. O M. é uma pessoa muito autônoma, então... mas isso não justifica ele ficar sozinho. A gente até então tinha, tentava ter. Agora a gente tá tentando se virar com uma diarista terça e quinta. E vai dar certo. É só a gente diminuir um pouco o ritmo também.

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com seus filhos?

Alberto – Totalmente. Totalmente. Segundo Dr. Freud não existe nada melhor para uma criança do que outra criança. Então, assim, quanto mais contato ele tiver com os amigos, ficar na escola... A escola dele, ele está no São Vicente, estimula... tem coral, tem não sei o que... tudo o que ele puder fazer, ele vai fazer. Eu acho que o pior pros filhos mesmo são os pais. Os

pais têm que deixar, um pouco, eles acontecerem no mundo... sem interferência. A B., minha filha, ela é uma... sempre foi uma criança fantástica. Ela é muito parecida com M. Sempre estudou, sempre fez tudo sozinha, entendeu? Eu não indico nem o analista. Vai viver... vai descobrir você por si só... qual o seu analista... do seu grupo... Então, meu princípio é de não interferência.

Entrevistadora – Vocês têm o auxílio de outras pessoas no cuidado com os filhos?

Alberto – De vez em quando a mãe da R. Mas, assim, mais a B. mesmo que tem muito carinho pelo irmão e a B. desde muito cedinho nos ajudou. Com 16 anos ela saía da escola para ficar com o M. Os outros ajudam, mas a B., era assim... fora a gente, o nome do responsável é o da B. Ela é muito responsável. (...) Na UFRJ, falei com ela “B. você parece a diretora da faculdade e não aluna”.

Entrevistadora – Pra você, existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos? Como é na sua família?

Alberto – Eu acho que a divisão tem que ser inteligente. Não é exatamente uma divisão. É pegar a tarefa e ver como ela vai ser realizada. Eu acho que quando a gente cuida dos filhos é fundamental que os pais entendam que ele tem que dar todo apoio, inclusive emocional, pra mãe. Então não dá pra ficar de sacanagem... chegar em casa 4 horas da manhã porque foi jogar sinuca. A não ser que ela tenha o mesmo direito. Então se ela falar “olha, eu vou chegar 4 horas da manhã porque eu fui... sei lá, jogar bingo”, tudo bem. Porque na realidade a falta de apoio emocional à mulher causa muitos transtornos. Depois ela vai ser xingada com histérica, como quem não dá conta. Então, no momento em que os pequenos são muito pequenos, na boa, não tem como dar leite pra eles. E realmente tem coisas que mãe faz em 5 minutos e eu não faço. Nesse momento eu acho que a divisão de tarefas é... “fica fazendo isso que o resto eu vou... me pede que eu faço pra você”. Até que a mãe vai encher o saco dos filhos, ela não aguenta mais ser mãe, e deixa ela ir, então... “Oh, agora vai que eu seguro ele”. Então eu acho que mantendo um equilíbrio, a coisa funciona bem. Dá pra suportar...

Entrevistadora – E quando eles fazem alguma coisa errada. Como é o castigo na sua família?

Alberto – Na minha casa a vida inteira só em atos extremos. Aí eles vão tomar uma bronca que eles não vão esquecer o resto da existência, entendeu, e pronto. Acho que a maior ameaça que eu posso fazer aos filhos é falar “oh, eu não vou mais ser amigo seu dessa maneira” e aí eles meio que paralisam. Eu acho que tem que ser... Eu acho, assim... Por eu ser uma pessoa de esquerda, e coisa e tal, eu me considero um dos caras mais disciplinados que eu conheço. Mais do que qualquer general do exército. Nunca tive patrão, nunca tive chefe. Eu só tenho consultório. Nunca fiz nada na vida a não ser ter um consultório, entendeu? Então, assim, eu que sei que horas que eu tenho que chegar aqui, eu que sei que horas que eu tenho que sair, eu sei o que eu tenho que estudar, eu sei que horas que eu posso sair de noite, que horas que eu não posso sair. Eu nunca tive ninguém pra falar “oh, me dá um atestado aí porque eu tô doente”. Então... acho que essa disciplina... A disciplina virou uma palavra endemoniada por causa da ditadura militar, porque os caras usavam esse jargão, falavam de uma disciplina que nem eles tinham. Mas eu acho que a disciplina é legal. Você ser disciplinado, você ter coerência com a sua tarefa, você cumprir a... Então, assim, se você pensar nesse conjunto... Eu me lembro quando o E., meu filho, foi reprovado. Eu conversei com ele e falei “olha só, bicho, vou te falar uma coisa. Eu não falo pra você que tudo que você faz o responsável sou eu? Então quando você é reprovado eu também sou responsável. Então vamos juntos, vamos

superar juntos, entendeu? Vamos criar um plano pra a gente andar pra frente...” E assim foi. Ele disse “oh, vou ficar tanto tempo nessa escola e depois eu volto pra essa e...” Cumprimos e hoje E. está na UFRJ fazendo Engenharia da Computação. Então, eu acho que tem que ter um nível de cumplicidade muito legal, eu acho que você tem que pensar bem na hora de ter um filho. Com quem que eu vou ter... e o que .... Eu não tenho carro, por exemplo, eu nunca quis ter um carro porque eu tenho um bando de filhos. Não dá pra ter carro. Agora, eu não me queixo de nada... Não sei se por sorte eu tenho filhos muito legais também, a gente nunca teve... assim, cada um tem uma característica totalmente diferente, entendeu? Cada filho é de um jeito, mas... O M., assim, na boa, sem exagero, o M. é uma criança muito legal. A B. era uma criança muito legal, você não sabia da vida dela... A hora de estudar... Ele fala “oh, aí, gente, dá licença porque eu tenho minha hora de estudar, tenho que fazer meu trabalho de casa, eu vou fazer”. Ele é uma criança muito alegre, então... a gente não tem... talvez por pensar nisso o tempo todo, a vida inteira... a gente não tem muita questão pra brigar. Mas se tiver de brigar, eu vou brigar. E se tiver que dar uma bolachada, eu vou dar uma bolachada. Se me irritar, quem vai pagar a conta são eles. Eu aviso pra eles “não me irrita, porque se me irritar eu vou pra cima de vocês”. Não tô nem aí.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma de que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma que você pensa hoje?

Alberto – Bicho, aí o bicho pegou. O bicho pegou porque eu tenho 7 irmãos e a minha irmã imediatamente após a mim é down. Então, assim, eu sambei geral. Por eu ter toda uma personalidade bastante marcada e coisa e tal... era assim “você não precisa porque você é um cara muito legal, muito forte” E eu era um pequeno demônio. A minha mãe que morreu há uns 15 dias, ela falava uma coisa... meu irmão que fica falando “ah minha mãe falava ‘eu tenho 8 filhos e só o G. que deu trabalho’”. Então, assim, eu fui expulso de todas as escolas que eu estudei. Inclusive da primeira faculdade, mas aí já é porque eu era militante. Então, assim, eu sou absolutamente contrário a qualquer tipo de autoridade déspota. E me ferrei muito por causa disso. Sempre fui muito maluco. Fui morar sozinho muito cedo, morava em Santa Tereza. Discutia a sexualidade feminina, essas coisas, então... Os meus pais fizeram... a única coisa que eu tenho um registro muito forte que meus pais fizeram por mim, assim, muito legal... eles me respeitaram a vida inteira integralmente. Nunca encheram meu saco. Nunca. Só falavam “oh, você vai ser preso”. Eu falava “mãe, eu vou ser preso.” (...) Era uma época muito dura, muito careta, muito hipócrita e... acho que em grande parte ela foi superada. Era uma época muito dura pra todo mundo. Pras mulheres... era uma época duríssima pras mulheres. Os anos dourados foram anos de chumbo, na realidade. As mulheres vinham de uma onda de repressão inominável. (...) era tão brabo essa época... isso aí minha mãe jovem, né... (...) Eu acho que essa época foi muito complicada e eu fui meio largado mesmo. Mas acabou que serviu a favor. (risos) Entre o que eu fui cuidado, lá com a idade que o M. tá, passou maio de 68, né? Eu tinha 9, 10 anos. 11, 12 quando Che morreu. Assim... então, o mundo começou... houve uma questão forte com a educação ali. (...) propondo um mundo sem escolas. Houve um movimento contra a escola. A escola era um caos... um achincalhe com a mulher completo. E esse movimento eu acho que ele foi fundamental pro que a gente vive hoje. Tanto que o mundo deu um boom... acabou aquela coisa de dar porrada... de professor... de aluno ter que levantar... E as escolas começaram... CEAT e outras escolas... Houve um movimento de renovação, de falar “olha só, não interessa o tênis do cara, interessa o que ele tá aprendendo”. E eu acho que foi fundamental no mundo pro momento em que a gente tá vivendo. É claro que o capitalismo sacou isso e fez umas concessões muito ruins. Então... eu me lembro até no EICOS, Michel Thiollent, que além de professor ficou meu amigo, e o Thiollent falava uma coisa... “G., aqui no Brasil é o único lugar do mundo que

eu fui que as crianças mandam nos adultos”. Porque era a coisa da “Casa-Grande & Senzala”, mesmo. De ter uma babá geralmente negra que era escrava dos pais e escrava dos filhos. Acho que isso também mudou um... não na classe alta, que eu vejo muito ali no Caiçaras as mucamas com seus pequenos reis. Agora eu acho que a educação... A coisa da quebra... da morte da escola, o boom... isso deu uma mudada. Aquela coisa de dedo na cara... os professores se tornaram... Veio uma geração de professores muito mais generosos, até na faculdade. A própria UFRJ... Aroldo Rodrigues... Eu lembro dos ratinhos (...) mas aí você perdia nota no MEC. Imagina a escola não ter um laboratório com ratos, gatos e cobras? Eu acho que a educação fez com que o mundo desse uma mudada a favor. Meu pai era militar, imagina. Mas eu gostava do meu pai... meu pai era uma figura muito engraçada, entendeu? Ele gostava... era visível que ele gostava dos filhos. E meu pai era vasco, eu flamengo e eu era de esquerda, ele direita, mas se eu faltasse ao almoço de domingo ele ficava tristíssimo. Porque olha... Eu falava “companheiros, nós da CUT...” Era uma porrada (risos), mas meu pai, ele tinha uma... meu pai era sargento da FAB, suboficial... E quando ele foi a guerra, ele e os amigos que foram... o governo deu direito a eles de fazerem um curso e chegarem a coronel e meu pai não fez. E uma vez eu perguntei “Pai, por que você não foi ser coronel?” “Eu preferia ser o rei dos cachorros do que o cachorro do rei”. Ele tinha esse timbre. Ele tinha uma coisa de, sabe, “vamos fazer pela gente mesmo”. Então eu acho que mesmo dentro do autoritarismo dele... que era grande, ainda mais com as mulheres, ele tinha um lado que ele achava legal os filhos progredirem. Agora, pras mulheres não era fácil... minha mãe era uma horror com as minhas irmãs. Um horror. Era uma moral horrorosa. “Como que elas podem ficar na praia?” Ela brigava comigo. Eu falava “mãe, a praia é pública. Elas estão lá se banhando, vão pegar o ônibus e vão voltar pra casa”. “Elas vão virar prostitutas”. “Mãe, esquece isso”. Então, assim, eu acho que o bicho pegava muito pras mulheres. Muito. Homem comer todo mundo era o maior barato e mulher dar pra alguém era uma puta safada... Ainda hoje é. Ainda hoje você vê garotos aqui, em 2013, falar “ah, essa garota é uma dadeira” “o que que é isso, cara?” ou “ah! Eu tenho um dadinho”. E aí as meninas tocam o cacete e eles ficam absolutamente acuados. As meninas... é um modismo... massissamente... cada uma tem sua namorada. Isso muda tudo, entendeu?

Entrevistadora – Pra encerrar, como você definiria o que é ser pai?

Alberto – Oh, o Dom Hélder Câmara... em 1969, ele... a gente ainda tava meio preso e a gente pediu pra ele “olha só, Dom Hélder, vai ter o dia dos pais e a gente precisava mandar uma mensagem pra as pessoas só que se a gente botar a cabeça pra fora a gente vai preso de novo”. Ele falou “não, meu filho, você vai lá...” isso saiu na Igreja inteira. E ele escreveu uma frase assim “Pai, que bom que a sua mão incite ao voo, mas que ela jamais ouse tomar o lugar das asas.” (silêncio) Nunca mais esqueci disso. Ser pai é ter a responsabilidade de levar seu filho a voar e ter a integridade de saber que as asas são dele... eu adoro ser pai. Se eu pudesse tinha mais filhos. R. abortou. Eram trigêmeos, imagina? (risos) Chegar na escola com a grana pra pagar é um desespero. Você ter R\$ 10.000 para pagar uma escola é um desespero. Então ser pai pra mim é isso. Eu acho ótimo ser pai. “Ah, filho dá trabalho”. “Se eu dou trabalho, quanto mais meu filho”. Agora eu acho que se a gente não tomar um cuidado extremo... extremo... no futuro a gente vai entrar numa confusão sem medida... Ou o governo começa a ditar claramente a responsabilidade de quem tem filho... quer dizer, não são esses programas malucos de contenção de trepada das pessoas, mas assim... “vai ter filho. Quem vai ser o responsável?” Porque você pega aquele livro do MV Bill, ninguém tem pai. Os pais todos morreram adolescentes. Então, ou a gente toma uma atitude dura, dura mesmo, cortar na própria carne ou a gente tá ferrado. Porque é uma máfia de pessoas sem pais, entendeu? E as mulheres, malucas, que agora podem muito, já estão tendo filhos sem pais. Vão lá no banco



de sêmen e têm filho. E não rola... isso aí não funciona. Se não tiver o pai, a coisa... Não no sentido... até no sentido simbólico mesmo... pai precisa representar a lei. Assim, eu tenho uma menina aqui que é filha de uma decisão da mãe e da namorada e ela tem um problema seriíssimo. Ela fala assim “quem me desejou? Eu não fui desejada por ninguém, só pela maluquice da minha mãe. Esse cara que botou o sêmen lá, ele não desejava ninguém. Então, eu e nada é a mesma coisa.” E aí? Como é que segura ela, para ela não se matar? Ela já tentou suicídio uma vez e vai tentar outra. E a mãe “ah, mas a gente dá tudo pra ela”. Mas tem essa questão do humano “quem me desejou? Quem é igual a mim?” O fato de ter um filho eu acho que é uma sacanagem com o filho. Entendeu? Porque é uma solidão absoluta. É o que eu vejo no consultório... o tempo todo. “Quem me desejou?” Essa que é a pergunta que a gente faz. Por isso que é inexplicável... eu tenho aqui alguns casos de pai que se divorcia da mãe e se divorcia dos filhos. “Eu era uma ótima filha, estudava, amiga dele... Aí eu encontrei alguém numa festa que falou ‘ah, mas o fulano? Fulano é pai da fulana e da beltrana.’ ‘Ele é meu pai’ ‘Ah, ele nunca falou que tinha outra filha’”. Então assim, eu acho que ser pai e mãe é um grande barato, não deveríamos abrir mão. Mas não dá pra ir pra noitada, nem comprar um carro, nem ficar viajando todo ano, entendeu? Então essa frase de Hélder Câmara acho que deveria servir pra todo mundo. Você que tem que levar... cuidar do voo do seu filho, mas depois que ele voar, bicho, a asa é dele. E eu trato meus filhos assim, “oh, agora somos amigos, então o que eu puder colaborar eu vou colaborar, mas sem interferência.” Eu odeio dar opinião na vida dos outros. Não gosto nem na do M. “ah, pai, eu não vou fazer isso não, vou fazer aquilo” “ah, não, então arque com as consequências”. E é isso... M. é realmente uma criança fantástica. A B. também foi. A B. é uma menina fora de série, chata pra caramba... fala pelos cotovelos, igual o M. e está sempre ocupada em ser a magnífica B.

### Entrevista 8

- Cristina, 40 anos, enfermeira, moradora de São Gonçalo, um filho (J., 9 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Cristina – Cuidar... bom, cuidar hoje em dia é meio complicado. Por quê? A gente quer ter o cuidado com os filhos... a gente procura ter cuidado com os filhos, mas, assim, na verdade a gente trabalha... eu, por exemplo, trabalho pra caramba. A gente tem que encaminhar tudo muito bem encaminhado, porque senão fica uma coisa muito solta, sabe? A gente cuida, cuida, cuida, mas na verdade acha que tá sempre faltando alguma coisa. E acho que sempre vai ficar faltando. Por mais que não falte, vai ficar faltando. Porque o cuidar hoje em dia é diferente do cuidar de antigamente. Às vezes a gente quer proteger, a gente sabe que tem que ter proteção, que tem que ter tudo, mas às vezes a gente extrapola até nisso. Por excesso de cuidado e pela falta que a gente faz em casa. A gente não tem... a gente quer proteger, mas ao mesmo tempo tem que trabalhar, tem que deixar com outras pessoas e aí, às vezes, quando tá em casa você quer superar isso e acaba piorando acho que um pouco a educação... Não sei como, mas acho que atrapalha um pouco a educação. Porque eles ficam soltos... quando você tá perto você quer suprir aquilo e na verdade não é só isso. Porque nada supre toda presença e mais tempo todos os dias, a verdade é essa. Pra ter um controle maior das coisas... eles querem controle e às vezes a gente não tem esse controle pra dar porque você não tá ali sempre pra ver. Quando tá em casa, às vezes te irrita, porque quer chamar atenção. E faz coisas pra chamar atenção que acabam te irritando, você acaba gritando. Mas acho que criança procura isso... procura um limite. Ele sempre procura um limite para alguma coisa. Às

vezes você tá fora do seu limite e você não consegue equilibrar isso, né? Hoje em dia é mais difícil, pela exigência de trabalho, pela globalização. Eles têm muito mais informação do que antigamente as crianças tinham. Hoje ele é muito mais informado do que há 5 anos atrás, há 10 anos atrás. Então a exigência é maior. É tudo muito prático pra ele, tudo muito fácil pra ele. Se eu não tô ali, ele vai lá no computador e vê. Se eu falo uma coisa, ele me questiona porque ele já viu na televisão, já viu no computador. “Mãe, porque você não tem mais um filho?” “Não, mamãe já passou da idade de ter filho, mamãe não quer mais ter filho, você dá muito trabalho... mamãe não pode ter filho porque já passou da hora e está velha” E ele: “Não, mas eu vi numa revista... eu vi na televisão, que a mulher pode ter filho até não sei quantos anos. Então, você também pode ter.” Então é uma coisa que eles estão globalizados. No colégio, é a internet... então, é uma cobrança maior ainda. Aí a gente fica naquela “ah, eu vou proteger”, a violência tá aí... não tem como proteger... a gente tenta proteger de um modo, mas na verdade eu sei que é uma coisa paliativa. A proteção dele é entre aspas... a gente até tenta conduzir, mas as possibilidades pra ele são muito grandes, nos dias de hoje. Ficar um período maior fora de casa dificulta muito. Eu vejo isso porque às vezes eu fico mais em casa “ah, vou deixar de trabalhar um pouco”. Então no período que eu fico mais em casa, ele controla mais. Até o meu marido... “oh, você tá muito tempo fora. Tá muito tempo fora, o menino precisa de você”. Realmente quando eu fico um pouco mais de tempo aqui, dentro de casa, muda. Muda um pouco o contexto da coisa.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Cristina – Sim. Porque... acho que até por conta do temperamento dele. O temperamento dele é mais... ele é mais agitado, é mais exigente, ele é mais... e cobra mais e... Da minha educação não. Acho que eu era mais tranquila... é o temperamento dele. É bem diferente do meu. Meus pais me deram uma boa educação e tal, mas nunca ficaram em cima de mim. Sempre me deixaram mais a vontade, em tudo, desde criança. A gente sempre foi controlado em relação a isso. Obediência... Mas em relação ao J., por mais que eu fique mais em cima dele do que meus pais ficaram em cima de mim é mais complicado. Hoje é mais complicado, porque hoje é diferente. Tem que ficar em cima mesmo, porque senão... Eu fui bem diferente. Era mais independente, mais controlada, mais responsável. Não sei se é porque é menino, amadurece mais devagar. Não sei se é o temperamento... eu acho que é o temperamento mesmo. Ele é muito temperamental. É diferente de mim, do meu irmão e da minha irmã. Éramos mais controlados, mais espontâneos, tranquilos... sempre mais independentes.

Entrevistadora – Pra você, é diferente a forma que os pais e as mães pensam o que é cuidar dos filhos?

Cristina – Totalmente... totalmente... mãe é mãe. Mãe é mãe e mãe vai ser sempre mãe, em qualquer época, em qualquer situação, mãe vai ser sempre mãe. Cobra, mas protege. Pai não. Pai, apesar de ter muita ligação, já vê a coisa de outra forma, já vê diferente. Como por exemplo... Acho que nas pirraças, quando é meio malcriado, a gente tem sempre uma desculpa “ah, não, tá fazendo malcriação, mas é porque ele tá muito sozinho...” A gente sempre atribui alguma coisa que possa relacionar. Pai não. “É porque ele é sem vergonha mesmo, porque ele não quer fazer mesmo...”. É diferente. A visão do pai e da mãe é diferente. A mãe sempre procura uma justificativa, o pai não. Fez aquilo, é aquilo. “Não, ele é assim, fez isso, é isso. Acabou.” Pode até pensar depois “não, assim, realmente você tem razão... realmente é por causa disso”. Mas no momento... no momento da situação é aquilo.

Entrevistadora – E em relação às tarefas com a criança?

Cristina – Então... pelo fato de eu trabalhar e ele também, a gente divide... a gente divide assim “oh, hoje você vai ficar cuidando disso, vai levar o J. pra passear, vai levar o J. pra sair porque eu não tô em casa”. Aí a gente se reveza. Mas em relação a estudo, eu que fico em cima. Eu não tenho paciência... não tenho, acho que não tá entendendo... grito, grito mesmo. Grito, assim, não... o J. tá me tirando do limite... “J., senta aqui, vamos fazer...” Devagar. “Senta aqui, vamos estudar.” “Ah, não vou agora, não”. “J., estou te pedindo pra você vir.” “J., agora eu não tô te pedindo, agora tô te mandando. J. vem logo” “Ah, eu não vou não. Não vou estudar mais não. Não quero.” Ele afronta. “Eu não quero, eu não vou, já falei pra você que eu não vou.” Aí começa a gritar. “Você vai me bater?” Eu nem cheguei perto. Aí aquilo vai me irritando, vai me irritando de uma forma... Aí eu tenho que fazer um show, um carnaval, uma gritaria pra ele poder chegar e sentar e fazer. Aí depois que eu grito, berro e dou uns tapas nele, aí ele senta e faz tudo e pede pra fazer mais. Ele gosta de matemática. “Passa mais problemas de matemática pra mim?” Mas isso tudo... já me estressei, já fiz um carnaval, já gritei, já me descabelei, já peguei chinelo, pra ele poder sentar aqui e fazer. É sempre um estresse em relação a isso e eu tenho que fazer isso porque o pai é mais estressado e assim... com ele, não tem conversa. (risos) Ele nem faz. Ele nem pede pro J. estudar porque ele sabe que J. é assim, me estressa desse jeito. Ele teria o mesmo estresse, só que o estresse dele é maior do que do outro que ficaria mais estressado também. Então, assim, atribuição pra ele, eu prefiro mais que vá, leve J. pra sair... que aí ele fica mais tranquilo. Estudar mesmo só comigo.

Entrevistadora – Além de vocês dois, você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com seu filho?

Cristina – Tem. Ele fica com uma senhora aqui e ela me dá uma ajuda boa. Dá uma ajuda boa porque ela fica com ele. Mas na verdade assim... ela conversa e tal, mas ela deixa ele fazer o que ele quer. Então, ele... ele é assim... o J., ele gosta de ter o controle de tudo. Aqui em casa ele não tem muito porque comigo e com o pai dele é diferente, mas ele gosta de ter o controle. E ele controla ela. Totalmente. Controla ela... ele pinta aqui em casa quando ela tá aqui. E ela esconde isso... ela deixa ele fazer o que quer, deixa pintar, deixa ele fazer tudo, deixa ele fazer tudo. Aí quando está quase perto de eu chegar, ela vai, arruma tudo que ele fez, aquela bagunçada toda que ele fez, pra gente chegar e não ver nada. Fica tomando conta. Ele fala que não vai... “não vou fazer isso. Faz isso pra mim, pega isso pra mim.” Por mais que eu tenha conversado com ela, ela deixa ele fazer isso com ela. Eu falo “G., não é assim. Você não pode fazer isso. Você não pode deixar ele fazer o que ele quer. Ele não tem idade pra isso”. Ele tem que ter uma pessoa com autoridade que fale isso pra ele. Ela tem autorização pra isso. Não... ela libera ele pra fazer tudo, depois só limpa. Às vezes quando ela não está mais aguentando, ela me liga, lá pro trabalho. “G., J. tá fazendo isso. Eu não tô mais aguentando. Já falei com ele”. Mesmo assim, por telefone, ele não obedece. Com o pai também não, porque sabe que tá longe, sabe que não tá aqui perto. Ela me ajuda muito, mas assim, em relação à educação, a controlar um pouco mais ele, não. E os avós também. Sempre foram muito devagar, por parte de mãe. E... lá também. Lá... ele controla tudo lá dentro. Assim, na verdade só tem ele de criança... Tudo ele controla, manda mesmo em todo mundo.

Entrevistadora – E a escola e outras instituições?

Cristina – Escola... A gente tem ficado... Tava me escondendo dever... Eu sei que é da idade. Ele tem 9 anos, eu converso com as mães que tem filho nessa idade e elas falam que é isso

mesmo. Aí esconde dever “ah, porque a agenda... não trouxe a agenda pra você ver”. Aí eu fui... “ah a agenda tá aonde?” Uma semana a agenda sem aparecer. Não tá lá nem aqui. Aí quando eu olhei a agenda, cheia de bilhete. “J. não tá fazendo dever e tal” Não trazia nada pra mim. Aí eu fui lá no colégio, conversei com a diretora, com a professora... fui eu e O. (marido). Aí chamaram ele pra conversar. Ele parece... Ele, assim, ele é bem interado. Ele é uma criança bem... ele interage com todo mundo, ele é bem relacionado. Então, essa coisa... Eu acho que ele às vezes... não sei se ele é porque ele é só, porque aqui ele é muito só, só tem ele, não tem mais ninguém. Por conta disso, ele gosta de chamar atenção. Aí lá na diretoria... ele gosta de chamar atenção na diretoria, ele gosta de lá... gosta dessa situação: o pessoal tá vendo ele, as pessoas estão ali por causa dele, a gente foi lá, falou, explicou a situação... que o colégio não é barato, que é caro, que ele tinha que dar valor, que isso, que aquilo... E ele gosta disso. Ele gosta dessa situação que o pessoal tá vendo ele, eu acho, de repente. E ele tá sabendo que as pessoas estão ali por causa dele. Aí tem um senhor que foi o que fundou lá o colégio, um velhinho, que disse “ah, eu vou conversar com ele toda semana”. Ele tá indo toda semana cobrar essa conversa com o senhor. Quer conversar com o homem de qualquer jeito. A gente percebe que ele tem essa... ele gosta. Quando ele tá com a gente... a gente sempre sai muito. Estamos sempre saindo muito, só que a gente tem mais contato com adulto. Essa convivência dele desde bebê, desde que nasceu, com muito adulto, com conversas... ele quer tá ali, ele quer tomar conta, ele quer dar o palpite dele. Sempre assim... Ele quer estar ali no meio de todo mundo chamando um pouco de atenção. Ele quer conversar, quer se meter na conversa, quer se meter na história. Coisa que não é tão de criança. Acho que se tivesse mais criança, não seria tão assim. Na verdade, a gente se relaciona com ele... como uma pessoa comum. Não como uma criança. A gente conversa com ele... então a conversa minha com o pai dele é conversa de três. Na verdade, tudo que acontece aqui em casa é de três. Não tem dois só, tem três. Eu, ele e o pai. Todo final de semana a gente vai à praia juntos. A gente gosta muito de praia, então sempre vamos à praia juntos. Então quando eu não tô, ele vai com o pai na praia. A gente viaja junto. A gente tá sempre em família. Fazendo alguma coisa de lazer em família.

Entrevistadora – Como vocês lidam com a questão do castigo, da punição?

Cristina – Isso que intriga muito a mim e ao pai porque ele parece que não liga muito. Eu acho que no fundo, no fundo, ele liga, mas, assim, ele não demonstra pra gente que liga muito pra nada. Nenhuma forma de castigo. Sabe por que eu acho que ele não liga muito? Porque ele repete sempre a mesma coisa. Ele ganhou um tablet... acho que já tá há dois meses sem pegar no tablet dele. Parece que não liga muito. “Ah, você nunca mais deixou eu pegar, né?” “Você não tá melhorando, você não vai pegar”. E não tem, porque eu não dou. “Ah, não tem problema, não. Depois eu vou ter mesmo, depois que eu sair do castigo”. Entendeu? “Ah, eu não tenho um brinquedo.” “Você não tem por que, J.?” “Ah, porque eu quero.” Parece que não liga muito. E às vezes fica difícil você punir com sair, porque dia de trabalho e dia que ele tá de castigo... mas final de semana, quando a gente pode estar junto, a gente vai. Se ele tá de castigo, tem que ir junto. Porque senão também tá me punindo e o marido que trabalha também. Então, é uma coisa, assim, que ele sabe... ele fez besteira quinta-feira. Ele tava pegando lanche na cantinha e eu disse pra ele que não queria, já que eu posso mandar lanche pra ele, que é mais saudável. Aí ele vai lá na direção pra mulher me ligar “porque não levou... porque a batata estava salgada, porque ele não quis...” Alguma coisa ele inventa pra não querer o lanche que a gente manda. Aí ela vai e liga. “Ah, porque J., não sei o quê, tá querendo o lanche, porque ele falou que não tá bom... veio bolo e toddynho... não tomou, não quis. Porque ele disse que não gosta de bolo de coco”. E ele viu eu colocando. Aí você fica sem graça e diz “não pode, S., porque ele não vai ficar com fome”. E ela “Ah, mas ele

também não pode ficar com fome, né?” “Não, mas ele levou.” “Não, mas ele tá falando que a tia G. esqueceu de colocar na mochila”. Eu falei “então libera.” Aí ele tava pegando lanche sozinho. Quando eu fui ver, tava uma conta imensa lá que ele não tava me mostrando. Aí eu resolvi com ele, paguei. Peguei o direito dele, que ele ganhou. “Tá vendo esse dinheiro aqui. Vamos fazer a conta dos lanches, de tudo que você gastou. Bota aí.”. Falei pra ele pra botar no papel. Ele viu o valor da conta. (...) Ainda fala assim “poxa, então vai sobrar não sei quanto, né, então posso comprar outro lanche, né?” E aí eu cortei no colégio. Falei: “não dá lanche pro J., a não ser que a diretora venha aqui pedir”. Eventualidades acontecem, né? Enfim... Ele foi lá, pegou dois lanches... Aí eu peguei o dinheiro na carteira pra pagar “oh, com isso aqui você tá pagando dois lanches e mais esse aqui pra você comer hoje” Aí tá. Aí eu fui trabalhar. Aí depois a G. me ligou “Você deu R\$5 para o J.?” Eu falei “Ué. J. não tem dinheiro, como está com R\$5?” Aí eu liguei direito pro colégio. “J., pagou hoje?” Ela foi lá dentro. “Não pagou.” Pegou o dinheiro pra pagar os dois (lanches), comeu e não pagou. Aí voltou pro castigo de novo. Aí hoje (domingo)... Hoje tá em casa. Vou ter que dar uma volta com ele, porque também passa a semana inteira no colégio... Aí o castigo voltado a sair, fica difícil. E o restante parece que não faz muito efeito.

Entrevistadora – Pra você, educar e cuidar são sinônimos?

Cristina – Eu acho que um completa o outro. Educar... você direciona mais pro lado pedagógico mesmo. De educar... de direcionar ele pra ser uma boa criança. Ter uma boa educação, ser educado, não fazer isso. Mostrar o que está certo e o que está errado perante a sociedade. E cuidar, não, cuidar é pessoal. Cuidar é o cuidado que você presta à criança, é a relação que você tem com ela. É todo aquele lado mais afetivo, mesmo. Você estar junto. O que você tá transmitindo... é o amor... é o estar junto mesmo... é o cuidar, é o acolher. Hoje o educar é mais difícil, porque não depende só da gente. O educar é toda uma sociedade. O educar não depende somente de você. Você direciona. Mas aí a criança (...) fica vendo o que você faz... no cotidiano, o que ela vê no dia a dia. Antigamente o meu pai falava “você não pode fazer isso. Quando você vir uma mulher grávida, você levanta pra ela sentar.” Hoje em dia não tem isso. Então hoje em dia ele não vê isso. Aí ele pergunta: “Por que eu tenho que fazer isso, se fulano não faz? É assim mesmo?” Ele vê o contrário nos exemplos e questiona. E o questionamento dele tá certo, porque ele não tá vendo aquilo. “Por que que eu tenho que fazer?” Aí você justifica “tem que fazer, porque é o correto de fazer, a sua idade é essa.” Aí você demonstra. Você mostra pra ele o que tá certo e o que tá errado. Mas, assim, criança questiona, ele questiona tudo. Até porque ele tem que aprender o que tá certo e o que tá errado. Ele tá vendo que aquilo tá errado. Na cabeça dele, ele sabe que aquilo tá errado, mas o porquê fulano faz e eu não posso fazer, aí é com a gente. A gente tem que mostrar, mas se ele vai fazer ou não, é com ele.

Entrevistadora – O que é ser mãe, pra você?

Cristina – Ser mãe... ser mãe acho que é... em relação ao filho... acho que é você tá sempre se superando, né? Na minha visão acho que é isso. Eu sempre quis ser mãe, eu sempre quis ser mãe, mas eu não achava que era tão difícil... não achava que era tão difícil, ser mãe. Porque você não é mãe só agora. Desde que você se torna mãe, você é mãe pra sempre. Então, não é só no hoje. Você vai ser mãe pra sempre. Desde que você se torna mãe, você vai ficar preocupada pra sempre... é tudo pra sempre. Esse pra sempre é difícil, mas é prazeroso. Eu acho que as dificuldades são grandes. A gente tenta buscar apoio sempre na família. Acho que a família é o mais importante. A gente sempre se apoia na família. A família acho que é essencial. A família é sempre essencial. Então, a gente se apoia na família.

## Entrevista 9

- André, 48 anos, representante comercial, morador de São Gonçalo, dois filhos (filha T., 19 anos; filho B., 12 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

André – Eu acho complicado hoje... complicado porque tem uns que não gostam de estudar, tem o negócio dessas drogas aí. Tem que ter cuidado no colégio... saída de colégio. Então, acho mais complicado. Eu, no passado, não tinha isso, né?

Entrevistadora – Com os seus filhos, você tem algum dificuldade nesse sentido?

André – Até que eu não tive muita, não. Não tive porque estudaram e... tinha sempre gente pra levar e trazer. Então, foi menos perigoso. Mas você vê bastante nas portas de colégio.

Entrevistadora – Você falou sobre ter gente pra levar e trazer. Você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com seus filhos?

André – Tivemos muita ajuda da minha mãe. De todos dois. Então ficavam com a avó. A avó levava pro colégio, ia buscar. Quando não, eu tinha uma rota pra levar e trazer, então foi mais tranquilo. A avó contribuiu muito por morar perto (mesma casa, andares distintos). Tivemos também babá. O B., quando pequeno, teve duas babás que ficavam com ele durante o dia. Acho que... até os três anos. Depois ele já entrou na creche, aí não precisava mais. Teve uma, depois teve uma outra. A primeira saiu porque era muito nova, aí trabalhar, estudar, não tava dando. Depois teve uma que também é parente de A. (esposa). Era a tia dela que ficava com ele. Sendo da família ajuda mais ainda. Até a pessoa que teve aqui foi uma pessoa muito boa. Uma menina muito boa, ficou com ele aí até ele completar 2 anos. Depois veio a tia dela até 3, ele entrou na creche e não.... em horário integral. Então ele saía de casa às 7 e só voltava às 7 da noite. Ele é bom, ele é bom aluno... Difícilmente, raríssimo... se ficou, ficou uma vez em uma matéria só. Mas ele tem passado direto. Boas notas. Ele é tranquilo. Ele estuda direitinho. Essa escola que ela tá ajudado muito. Acho que tá ajudando. Ele ficou mais tranquilo, entendeu? Ele agora tá mais responsável, não precisa você ficar forçando ele a fazer trabalho, a fazer o dever de casa. Ele pega e faz. Aí agora eu tô ocupando mais o espaço dele com inglês, duas vezes por semana. Ele tá no inglês de manhã. Ele acorda de manhã, vai pro inglês, voltou, se arruma e vai pro colégio. Então, ele é bem ocupado. Ajuda bem. T. não fazia curso de inglês, né? Mas estudou no mesmo colégio. É o MV1. Então, eles puxam bem, educam mesmo. Qualquer coisa você é informado. Aí você tem que comparecer, de preferência eles querem que vá os dois, o pai e a mãe. Mas é difícil. Ou vai um ou vai outro. Só umas vezes deu para ir os dois, mas depois não deu mais. O meu horário é mais flexível, o dela não. Às vezes quem vai sou eu.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa?

André – Ah, tem. Antigamente a gente... os pais prendiam mais as crianças. A gente só conseguia sair de casa aos 15 anos, 16 e com muita restrição. Hoje, não. Hoje ele tá com 12,

ele já sai. Ele já vai, pega ônibus, vai pra rua, volta. Ele agora mesmo saiu, foi lá pro horto. T. já sai há bastante tempo sozinha e eu não conseguia sair, não. Minha irmã, então, piorou. Hoje libera mais. Acho que libera até bem mais do que era. A liberdade hoje é maior, mas também o perigo é maior. Mas, não tem como você prender. O jeito é você... arriscar. Educar ele “olha só, você tem isso no mundo. Não faz isso, não faz aquilo na rua, não conversa com ninguém. Vai pro seu destino, faz o que tem que fazer e volta.” Pra não parar em lugar nenhum. É isso aí, porque a violência tá em tudo quanto é lugar. Mas, graças a Deus, nunca tive problema com nenhum dos dois.

Entrevistadora – Quando eles fazem alguma coisa errada, como vocês agem? Como é o castigo na família de vocês?

André – Ah, eu... Eu tiro o que eles gostam. Ele gosta de videogame, eu não deixo jogar. A outra gosta do computador, tiro o computador. E... é isso que eu faço. Funciona. Se voltar a fazer eu... de novo. Tiro tudo e tiro... assim, castigo de 2, 3 dias. “Não mete a mão, não mete a mão”. Eu ponho no quarto, se eu falar pra não sair do quarto, não sai. Só pra fazer as necessidades deles. Não sai. Às vezes a mãe quebra, mas eu mantenho.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença do cuidado do pai e da mãe?

André – Ah, a mãe passa mais a mão na cabeça. Isso com certeza. Eu não passo, não. E eu vejo os homens não passando, mas as mulheres... Se a gente sair, ela vai e tira. Você volta e já não tá mais no castigo. T. faz uma coisa de errado e aí quer sair. Eu “não vai sair” aí daqui a pouco a mãe “deixa, deixa, deixa”. Aí eu virei as costas, ela já saiu. Ela “ah eu deixei” “então, você assume tudo. O que acontecer é contigo”. “Então tá”.

Entrevistadora – E em relação à divisão de tarefas no cuidado com os filhos?

André – Todo mundo faz tudo. Desde que eles são pequenos. T., quem cuidou mais de T. fui eu do que ela, desde bebê. Quando acabou a licença dela, ela tinha um horário de trabalho e eu tinha outro. Então eu levava T. pra casa da minha mãe, eu vinha buscar. Não morávamos aqui. Passamos quase um ano fora, depois que voltamos pra cá. E nesse um ano, ela saía pra trabalhar... eu que dava banho, eu que arrumava. Trazia ela pra cá. Aí saía do trabalho, chegava de noite, vinha pegar e levava pra casa. Eu saía depois dela e chegava antes dela. Quando ela chegava já estava praticamente tudo pronto.

Entrevistadora – Você acha que cuidar e educar são sinônimos?

André – Acho que são sinônimos. Acho que se você tá cuidando, tá fazendo bem pra criança, você tá educando. E vice-versa. Se você educa, você tá cuidando dela.

Entrevistadora – Pra gente terminar, o que é ser pai pra você?

André – Ser pai... Tem aquele “ser pai, ser mãe é padecer no paraíso”, eu não acho. Eu acho uma felicidade. Dar uma continuidade na sua vida... você tá dando uma continuidade com seus filhos. Se você não tiver um filho, você... vai parar em você. Não vai ter família. Agora você tá dando continuidade, tá botando dois seres no mundo... Seu sangue vai continuar. Eles vão vir a ter filhos, você vai ser avô. Eu acho que é continuidade.

Entrevistadora – Você vê essa continuidade neles?

André – Vejo. A outra só pensa em namorar. Hoje não está namorando, mas já namorou duas vezes, em casa. Você ouve essas conversa com ela. A mãe dela conversa até mais do que eu sobre isso. Eu acho bom. Vão querer casar, querer ter filhos. Ela é mais agitada, ele já é mais tranquilo. Ele vai demorar mais. Ele hoje ainda... ele hoje ainda tá muito ingênuo. Mas ele é uma criança esperta. Ele é calado, mas ele é esperto. Ele custa a se abrir com você, mas quando ele se abre, ele fala. Falar com ele é mais fácil, não sei se por causa da idade. Ela não. Ela é difícil até com a mãe. É o jeito dela. Ele é muito mais tranquilo. Ele fala, ele senta, conversa. Ela já não senta. Ela só se você chamar. Ele vem espontaneamente, senta, começa a conversar... Ele pergunta do assunto, o que é, o que não é. Ele hoje tá participando de um problema... é... vou dizer até de família porque eu convivo com um amigo meu que é até padrinho dele e que o filho hoje se meteu em problema, tá até preso e ele tá sempre ligado no assunto, quer saber o porquê que foi, como tá, onde ele tá. O rapaz hoje tá no presídio e ele todo dia praticamente ele pergunta “cadê o F., o que que tá acontecendo com ele, por que que ele foi, aonde ele estava?”. Aí a gente explica a ela “olha, ele estava no lugar errado, na hora errada com a amizade errada, por isso que ele tá lá”. A gente participa ele. E ele pesquisa na internet. Ele senta pra ver. Ele vai lá e cutuca a internet e vê.

### Entrevista 10

- Jorge, 52 anos, comerciário, morador de São Gonçalo, um filho (S., 6 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

Jorge – Hoje em dia tá meio complicado, porque hoje em dia o que que acontece... eu tenho esse meu filho, né, casei em 2000, a gente não esperava ter esse neném, mas ele nasceu. Então o que acontece... a situação dele, é... ele tem resposta pra tudo, então é difícil... quanto mais televisão... só quer ver coisas que não são legais pra ele, por exemplo, se você colocar Disney para ele, ele não quer. Ele só quer assistir novela, se amarra em novela, e... tá complicado mesmo, porque tem que ser aquilo que ele quer, não aceita... por exemplo, se eu digo “não”, ele não aceita, ele contesta, por exemplo “mas por que não quer deixar?”. Ele quer assistir novela, a tal de Balacobaco, aquela outra novela que acabou agora, a tal da Salve Jorge, só quer assistir aquilo ali, só coisa... arma, ele é apaixonado e eu nunca dei arma pra ele. Brinquedo... ele é apaixonado, entendeu? Quando ele vê PM ele fala, “quero ser igualzinho aquilo ali”, aí eu falo, “filho, aquilo ali não é pra você”. Não tá fácil não. Imagina assim, por exemplo... lá em casa sou eu e minha esposa. Meu filho é criado por pai e mãe, agora eu fico imaginando aquela criança que não tem uma retaguarda de um pai e uma mãe, aquela criança que não tem religião... como é que vai ser essa criança? Tem que tá sempre levando para a Igreja, sempre, sabe,.. “ah não quero ir pra Igreja.” “Vamos pra Igreja sim, senhor”. “Não quero ir pro colégio.” “Vamos pro colégio sim, senhor”. Tudo ele questiona: “hoje não quero ir pro colégio, não.” “Você vai pro colégio sim, senhor”. Tá complicado, entendeu. Desde pequenininho a gente sempre... se fosse “ah, depois de maior”, não... mas desde pequenininho sempre teve opinião, tá entendendo. É de uma opinião que eu não sei de onde que ele tirou.

Entrevistadora – Como é que vocês lidam com o castigo, a punição?

Jorge – Bom, eu, por exemplo, quando minha esposa briga com ele, “coitadinho” vem pra mim, “papai...”. “Tua mãe falou, tá falado”. Quando eu brigo com ele “mamãe, papai



falou...”. “Não, seu pai falou...” Tá entendendo? A gente não tem esse negócio de... Castigo com ele, nessa idade, ele não sabe... bota ele de castigo, ele não fica. Por exemplo, a mãe dele fala, “a gente não vai ao shopping...” A mãe dele passa em frente ao shopping, ele tá acostumado com shopping. Passa na porta do shopping. (...) fez malcriação. “Ah, depois eu te levo”. Ele não tem aquele negócio de... Você fala com ele assim “S., você...” Ele faz qualquer coisa de errado... “ah desculpa, papai. Desculpa, mamãe.” Mas ele pensa que desculpa vai anistiar ele de outras coisas, tá entendendo? Tudo ele pede desculpa... Você vê. Ele sabe que tá fazendo errado “papai, você me desculpa?” “tá desculpado, mas você não vai...” “mas você não me desculpou?”. Ele acha que pedindo desculpa ele vai poder fazer... vai poder ir em tal lugar. E se você prometer alguma coisa pra... tipo assim “oh, quarta-feira a gente vai levar você no shopping”. Hoje é domingo. Chega segunda-feira ele acorda “que dia é hoje?” “mas não é quarta-feira, não?” Até chegar o dia. Ele não esquece... tudo a favor dele, benefício dele ele... se lembra de tudo, ele faz tudo. Outra coisa errada também, por exemplo, chega no armário, ele quer escolher a roupa, ele quer escolher o sapato dele. Tudo ele quer... Gente, na minha época não era nada disso. Eu não deixo e a mãe dele também não deixa... mas não adianta que ele quer, ele faz uma birra... A gente vai, convence ele “S. não dá”. Às vezes ele cisma de colocar camisa de manga comprida. “Você vai sentir calor, não dá. Tá vendo ali? Tá sol. Só quando tiver chuva.” Aí ele vai e aceita, mas por ele, ele escolhe sapato, ele escolhe a roupa. E é de uma opinião só. Não adianta você querer convencer ele porque ele quer te convencer que a roupa é dele, ele tem que escolher e ele tem que vestir a roupa que ele quer vestir. Sapato, tudo é a mesma coisa.

Entrevistadora – Você falou que na sua época não era assim. Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Jorge – Muito, muita... Uma diferença assim ó, uma diferença enorme, pô! Porque primeiro só fui criado por minha mãe, não fui criado por meu pai. Meu filho tem pai e mãe presente, presente todos os dias, desde que acorda até a hora que vai dormir, tá? Então que eu me lembre... minha esposa fala “ah, você só vê problema”. Eu me lembro, porque eu não tive uma vida fácil. Porque primeiro que a minha mãe trabalhava e eu morava com minha tia, e minha tia apesar de ser minha tia me tratava muito bem, mas não era igual a sua mãe. A minha mãe falava aquilo ali, a gente saía, por exemplo, a gente ia num aniversário, a gente chegava no aniversário sentadinho, ficava bonitinho. “Mamãe, posso ir lá?” “Pode sim.” Eu ia lá e voltava. S. tá aqui, daqui a pouquinho tá lá na rua. Aí você grita “S.” “Desculpa, mamãe. Desculpa, papai”. Daqui a pouco quando você vê S. já tá lá do outro lado. Teve um aniversário, ele tinha três anos de idade, tava eu e a mãe dele aqui e ele brincando com as outras crianças, sendo que a gente não percebeu... a festa era aqui e a gente só de olho nele. Daqui a pouco S. sumiu, foi pra rua, só que eu pensei ali tava fechado. Não... ele foi pra rua. Naquele dia se tivesse que acontecer qualquer coisa, acontecia, porque ele não tem medo de nada. Sabe o que é de nada? De nada. Se disser: “Vou deixar você no escuro.” Não tá dizendo nada pra ele. Outra coisa também... Se você tá de carro, então, mandou ele entrar, ele vai embora. Ele não tem aquele negócio, entendeu? Ele não medo de nada. Tudo que tem na cabeça dele ele faz. “S. não pode, S., como é que você fez isso aqui?”. Na escola... “Cadê S.?” “Ele tá ali”. As crianças brincando, ele deu a volta foi pro outro lado. “Onde ele está?” Já no portão do colégio conversando lá com não sei com quem. Sempre fala com todo mundo. Por exemplo, se eu for levar ele no colégio ele vai de casa até... “Ô, seu fulano, tô indo pro colégio. Oh, esse tênis aqui é novo... Olha minha camisa nova!” Gente, eu morro de vergonha. Aí que a mulher fala “Viu, quem mandou a gente ter filho velho? Agora não tem jeito”. Pelo que eu percebo também... Na sala dele parece que colocou só criança da mesma idade dele.

Olha, a professora tá de cabelo em pé. Ela disse que nunca viu uma turma tão... assim tão autêntica, tão... sabe? A professora não tá aguentando. O que que acontece no colégio? No colégio acho que são vinte alunos, dez meninos e dez meninas. Uma seleção que eles fizeram lá. Inclusive amanhã vai ter até uma reunião lá da turma dele. A professora dele, da turma em si, ela disse que nunca pegou uma turma daquela. Ela quer explicar no quadro, um tá dando opinião... Hoje em dia as crianças já têm a opinião formada, você tá entendendo? Você não ensina... Ele aparece com essas músicas da época agora, da moda, de funk, canta tudinho... “S., onde você aprendeu isso, se lá em casa a gente não ouve esse tipo de música?” A gente escuta assim de longe, mas como que ele consegue falar as letras certinhas? Só coisas que... entendeu? As músicas boas ele canta direitinho, mas, se você deixar... No colégio não pode tocar esse tipo de música. Em aniversário que a gente vai, pode até tocar, mas a gente passa tão pouco tempo que não dá tempo dele aprender. Como que ele aprende, eu não sei. Principalmente essa música da Anitta... Aonde? Não tem como? “Se você não ouve na casa de sua avó, em casa, na casa de sua tia..” A gente não ouve esse tipo de música. Não sei como ele aprende. Como essa criança consegue... E fala... Quanto mais tiver aquela letra repetindo, aí mesmo que ele fica igual o gravador, fica só lekleklekleklek.... “S., não troca a parte, não? Fica só leklekleklek?” A gente nem ouve esse tipo de música.

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com seu filho?

Jorge – Por exemplo, a Igreja vai ensinar a ele educação religiosa, pra saber o que é o certo, o que é o errado. No colégio, apesar de ser pouco tempo que ele passa no colégio... não tem como acrescentar. Ele vai levar o de casa. Aquilo que ele vê em casa, ele vai ser no colégio. Se no caso ele ver... Você tem que ter limite. A pessoa tem que ter limite com a criança. Então, do jeito que eu tô vendo... Pra gente é e não é difícil colocar limite nele. Eu digo, assim, por exemplo, em casa eu consigo, minha esposa consegue. E no colégio? Eu não sei se a professora dele vai conseguir dar limite pra ele se ela tá com mais dezenove, entendeu? Tudo que ele faz... ele praticamente enlouquece aquela turma onde que ele estuda.

Entrevistadora – E outras pessoas? Você considera que outras pessoas, além de você e da sua esposa, foram/ são importantes no cuidado com ele?

Jorge – Sim. Tivemos uma amiga que ela vai lá pra casa, ela passava roupa, limpava nossa casa... quando eu vou trabalhar ela fica com ele, mas como eu estou licenciado eu tô ficando mais tempo com ele. Praticamente não, não tem muita gente além de nós dois. Minha esposa trabalha e eu fico com ele. Então conforme a gente foi sentindo que ele tava ficando muito com adulto... O que que acontece... então, ele estuda de manhã cedo. De tarde, segundas, terças e quintas-feiras, ele fica na casa de uma senhora que toma conta de mais dois meninos. Então, ele convivendo com criança, pra ele ficar mais... Senão ele ficava muito assim... Ele chegava do colégio: televisão. Depois eu fazia dever com ele... Achemos melhor essa moça que toma conta de mais duas crianças... Nas terças e quintas ele tem natação, então não daria pra ficar. Pego ele no colégio e levo pra natação. Agora tem que fazer outras atividades também pra sempre encher ele de atividades, pra ele ficar mais responsável. Ele já sabe que o dia de ir na casa da dona C. é segunda, terça e quinta. Os outros dias que são quarta e sexta-feira é dia de natação.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos?

Jorge – Tem. Por exemplo, ele com a mãe... ele apronta mais com a mãe. Ele apronta muito mais com a mãe. Comigo ele apronta também, mas só que comigo, como se diz, eu já pego mais pesado com ele. Apesar que a mãe dele pega também, mas só que comigo ele respeita mais. Com a mãe... Vamos colocar assim na escala de um a dez. Eu, oito, com a mãe, seis.

Entrevistadora – Vocês dividem as tarefas em relação a ele?

Jorge – A tarefa é a mesma. Por exemplo, ela trabalha no posto de saúde. Ela ontem foi trabalhar e ele passou o dia todo comigo, o dia todo. Então, quando ele passa comigo eu sinto que... com ela é diferente, bem diferente. Não sei se porque é mãe, o filho pega mais, entendeu? Ele apronta mais com a mãe. Já é da criança mesmo, a criança já sabe. Por exemplo, quando vai pra casa da avó dele, ele se transforma. Ele tá comigo é uma pessoa, quando tá com a mãe dele é outra pessoa. Quando os dois estão juntos, ele é uma outra pessoa. Ele é conforme o ambiente que ele está. Por exemplo, ele ontem foi pra Igreja com a tia. Ele se comportou igual uma outra criança, ele sabe que não pode, chega e não faz. Agora comigo e com a mãe dele... ele já percebe. Ele tem um dom de dominar... já sabe o que é certo... tanto que ele sabe que está errado que ele já chega perto de mim “desculpa”. Tudo pra ele é desculpa. Ele acha que desculpa é... tudo que ele fez de errado, fala “desculpa” e apagou. Ele pensa que é assim.

Entrevistadora – Você acha que cuidar e educar são a mesma coisa?

Jorge – Não. Totalmente diferente. Cuidar é tomar banho, almoçar. Agora, educação, não. Educação já é diferente. Tem que ter hora pra almoçar, hora pra jantar, lugar de almoçar... Por exemplo, minha esposa reclamava comigo que ele jantava e almoçava vendo televisão. Quando ele era pequenininho a gente acostumou isso. Só que agora pra tirar, não tem como, entendeu? Já é educação. Já não consigo mais fazer isso. Mas, por exemplo, ontem. “Você tá de castigo, sem televisão”. Então, ele almoçou comigo ontem. “Vai almoçar, desliga a televisão.” É totalmente diferente. Cuidar é uma coisa e educação é... os dois andam praticamente juntos, mas você tem que saber separar, senão... Educar é mais complicado. Cuidar é mais fácil, porque... banho, levar pro colégio... agora educar é mais difícil, difícil mesmo. Porque o que acontece? Eu quero que ele faça as coisas certas, só que ele acha que tem que fazer o que ele quer. “S, você tem que fazer o que é o certo. Esse é o certo. Isso aqui é errado” Mas... tá complicado... hoje, atualmente, tá complicado. Não sei se... Minha esposa “ah, quando ele tiver 7 anos, 8 anos, vai melhorar...” ele pode até melhorar, mas se você não começar a puxar daqui, puxar dali pra ele poder ir reto... porque depois quem vai chorar vai ser a gente, entendeu? No colégio... ele chega do colégio imundo. Duvido que eu podia chegar em casa sujo. Tudo bem que eu não tinha a idade dele, 6 anos, mas... eu me lembro com a idade de 6 anos, estudava na primeira série, tinha laçinho bonitinho, roupinha, minha... ele se deixar, ele sai descalço. Duvido... “Então é melhor você sair de casa já descalço”. Chega a meia... a meia tem que jogar fora. Não tem jeito. Meia branca a gente não compra mais. Só compra meia colorida. Mesmo o menino de sandália chega lá é a primeira coisa que ele faz... Se ele olhar pra alguém descalço, pronto, fica descalço. Como é que eu posso interferir se ele diz que o amiguinho também tá? Ele não é o único, tá entendendo, então ele tem que acompanhar o que tá...

Entrevistadora – O que é ser pai, pra você?

Jorge – Ser pai... Ser pai é... muita gente, por exemplo... eu não tive pai, eu não tenho nem como ter uma referência, entendeu? Mas eu me espelhei muito nos outros, por exemplo,

minha mãe foi pai e mãe pra mim porque quando eu morava no Rio com minha tia tinha uma vida foi bem regada, porque meu tio era bombeiro, a gente morava no Humaitá perto, praticamente do lado, do Corpo de Bombeiros. Então eu tinha uma vida bem... Aí houve, vamos dizer assim, uma discussão entre minha mãe e minha tia, minha mãe saiu do serviço e me trouxe para Niterói. Olha, senti o mundo desabar, porque lá tinha luz, tinha televisão. Puxa, vim pra Niterói na época de 1960 e pouco, não tinha luz, não tinha nada. E minha mãe... “olha, sou seu pai e sua mãe. Tudo que você fizer de errado, você vai responder... porque eu tenho que trabalhar.” Então aquilo ficou na minha cabeça tão... nessa época eu tinha... 6 anos. Fiquei assim... lá eu estudava num colégio bom, aqui fui estudar em colégio público. Então foi uma... bem diferente, mesmo de S. S. tem tudo. Tudo que você imagina S. tem. Agora ele quer laptop, ele quer tablet. Já sabe falar tudo. Só quer coisa boa. Ele não se conforma se chegar com cocoricó, coisa assim “não, papai, isso aqui é coisa de criança.” (risos) A gente fala que quando a gente puder... “papai vai ter que trabalhar para poder te dar as coisas, não é conforme você quer”. Porque hoje em dia é tudo consumo, você liga a televisão, consumo, você vai na rua, consumo, você vai no shopping, consumo. A gente dá o que a gente pode dar pra ele. Eu não dou coisa pra ele... só se, vamos dizer, no aniversário dele... a gente não faz. Só de um ano. Depois de 2, 3, 4, 5 anos... fica difícil porque... Hoje em dia é muito complicado, porque você liga a televisão e a televisão informa só pra ir consumir, você vai na rua, no mercado, só pra consumir. Ele quer ir empurrando o carrinho só pra ir colocando as coisas. “Não é assim, S., isso aí a gente não precisa.” “ah, mas precisa, sim”. Então, tudo pra ele é festa. Sempre o lado dele. Ele não vê “papai você tem dinheiro? Pode comprar?” Quando eu vejo que não é uma coisa absurda “pode”, mas às vezes “oh, papai não pode.” Também ele não é criança de se jogar no chão, não. Não tem isso não.

### Entrevista 11

- Mauro, 42 anos, faxineiro, morador do Rio de Janeiro, cinco filhas (A., 20 anos; R., 17 anos; E., 15 anos; B., 13 anos e G., 10 anos).

Entrevistadora – Pra começar, esta pesquisa é sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias de hoje. O que você poderia falar sobre isso?

Mauro – Cuidar... tem que dar uma educação boa, né, estudo bom. Estudo bom que eu falo, tipo assim, colégio... não tem educação melhor que estudo. E também tem que dar um ensino. Respeitar os outros... Acho que é uma boa vantagem a pessoa... ser respeitado por uma criança. A gente não pode desrespeitar uma criança e a criança tem que respeitar a gente, não é isso? Acho muito bonito isso. Todo mundo ser igual. “Vamos dar uma educação aos nossos filhos.”. Bater, a gente não pode bater. Em criança a gente não bate. Tem que educar com carinho... acho que o carinho é o melhor a dar a uma criança... uma educação boa.

Entrevistadora – E quando elas fazem algo errado? Como é o castigo na sua casa?

Mauro – Bota de castigo. Tem o castigo. Não pode bater. “Tá de castigo. Oh, não faz isso. Não tem isso, não tem isso. Não vai sair. Televisão? Não tem televisão. Tá cortada a televisão. Não pode ver televisão”. Castigo que a gente dá é esse. Bater a gente não pode bater que nós não somos... nem em bicho a gente não bate... O que a gente fala pras crianças é isso. Faz alguma coisa errada “oh, não vai sair. Quer sair com as amigas, não vai sair”. “Por que, pai?” “Não, não vai sair, porque você não...” Tem gente que não educa. Não tem educação “ah, eu vou fazer por cabeça minha”. Lá em casa é assim. Se eu chegar e falar pra elas assim,

“oh, não vai fazer isso”, não vai. E acabou. Eu acho que a educação que a gente pode dar... (...) a gente tem que dar uma educação assim. Não pode bater, não... “Já fez o que você tinha que fazer?” “Não.” “Então você não vai”.

Entrevistadora – Você acha que educar e cuidar são a mesma coisa?

Mauro – Eu acho que não. Cuidar é uma coisa e educar é outra. Cuidar é... estar olhando... tá com as amigas. Tem muita amiga que hoje em dia... a gente não tem amigo aqui no Rio de Janeiro. Principalmente aqui, nós não temos amigos. Não somos daqui, somos da Paraíba. Nordeste... e a educação lá no Norte foi uma e aqui é outra. Eu não bato, não... às vezes minha esposa fala “mas, fulano...” Pra bater, eu não quero bater em criança. Prefiro educar assim. Se tiver fazendo coisa errada, eu corto... não tem saída. “Ah, eu quero passear mais as amigas” “não vai”. Eu acho que a gente tem que educar assim, criança a gente tem que pegar e falar. “Olhe, é isso, é isso mesmo. Não pode, não pode”. “Ah eu quero fazer isso”. “Não pode”. Acho que toda vez, a gente tem que fazer isso. Eu gosto mesmo... às vezes eu chego... quando eu quero ficar com as minhas filhas... “Pai, vamos sair?” “Bora... Já fez as coisas de casa? Já arrumou a casa?” “Não.” “Então esquece saída. Quer passeio? Passeio só quando arrumar a casa. Arrumou a casa, agora pode sair, pode passear, pode ficar com as suas amigas.” Aí outro dia mesmo cheguei e saí com... tava a turma toda, a mulher... aí passei bom tempo, passei o dia todo fora... fiquei fora, agora tem que descansar um pouquinho de sair, do passeio. Eu acho que a educação que a gente tem que dar a nossos filhos, é isso. Porque às vezes tem muita gente... “ah, meu pai é mau, meu pai é ruim”. (...) É o filho mesmo. É o filho que faz o pai ficar ruim pra ele. Eu agora, eu acho.. eu acho que o que eu tenho que falar das minhas filhas é isso. O que eu posso falar pras minhas filhas é isso... continue fazendo o que eu sou. Eu sou um... nós somos fracos, porque nós não temos... Porque quem trabalha não tem riqueza, mas graças ao meu bom Deus, o que tenho em casa é só de trabalho meu. Porque tem muita gente... “trabalhar pra quê? Tem minhas amigas aí que dá...” Eu corto tudo. As amizades que elas têm eu corto. Só a família delas e pronto.

Entrevistadora – Você falou que a sua criação foi muito diferente da criação de hoje. Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais cuidavam dos filhos e como você cuida hoje?

Mauro – Meu pai... quando eu tinha 1 ano e 6 meses, meu pai largou minha mãe. Minha mãe foi minha mãe e meu pai, tudo de uma vez só. Cuidava de mim, cuidava... de tudo dentro de casa, pode-se dizer. (...), comida. Era ela pra tudo, pra trabalhar e pra cuidar de mim. Meu pai graças a Deus, nunca... Graças a Deus, Jesus já levou ele. Minha mãe perguntava assim “Ah, se seu pai tivesse vivo, você morava com ele?” Não morava. Não larguei minha mãe pra morar com ele. Ela foi quem me cuidou de tudo. Ela sempre... ela gostava de querer dar umas batidinhas, mas... porque eu merecia, né? eu sempre aprontei umas coisas... Pessoal do Norte é diferente do daqui. Ela trabalhava, eu aprontava em casa, porque sempre gostei de aprontar as coisas. Nunca fui malvado. Hoje as minhas filhas não são assim porque graças a Deus eu já coloquei no meu pensamento o que eu passei, pra elas não passarem o que eu passei. Minha mãe sempre... ela batia na gente. Nas minhas filhas, eu não bato, não. Eu só reclamo. Acho que a reclamação que dou pra elas é melhor do que bater. Eu nunca bati nas minhas filhas. Elas me obedecem. Se eu reclamar, elas me obedecem. Se minha mãe reclamasse comigo, eu obedecia na hora, depois que ela virava as costas eu ia fazer pior do que eu tinha feito da primeira vez.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre o cuidado do pai e da mãe?

Mauro – Tem. Assim, a mãe... às vezes eu reclamo com as minhas filhas, boto elas de castigo, e ela “não, vamos tirar do castigo. Você tem que bater” Eu digo “eu não posso bater”. Ela “mas por que você não bate?” “Sabe porque que eu não bato? Porque quando eu era pequeno eu apanhei muito da minha mãe. Imagino que se eu bater nas minhas filhas, quer dizer que eu tô lembrando o que eu deixei pra trás... Bater, assim, chegar a bater, não. Minha educação sempre... eu nunca bati nas minhas filhas. Já teve erro de uma das minhas filhas, mas graças a Deus hoje tá tudo bem. Esse assunto eu não posso te contar, não. Esse assunto eu prefiro que fique de fora. Deixei a minha filha pensando e graças a Deus eu nunca bati nela. Às vezes... discutimos, mas foi poucas vezes... também ela ficou no canto dela e eu fiquei no meu. Hoje ela tá na casa dela. Casou e tá na casa dela.

Entrevistadora – E em relação à divisão das tarefas ligadas as suas filhas?

Mauro – Minha esposa faz mais. Minha esposa sempre reclama mais, isso porque ela tá em casa, né? Eu sempre tô trabalhando. O trabalho dela é em casa com as crianças. Colégio... “ah, preciso ir no colégio” “vai lá que eu tô um pouco cansado”.

Entrevistadora – Outras pessoas são importantes no cuidado com suas filhas?

Mauro – Não. Sempre fui eu e minha esposa. O cuidado sempre foi da minha esposa e... comigo. A família dela mora toda aqui, mora tudo vizinho aqui. Precisou, mas nunca cuidaram de ninguém. Minha esposa que toma conta delas. E eu fico com a parte mais pesada, que é o trabalho. (...) Conversa, tem muita conversa. Por causa delas, mesmo, né? Ela fala “mas, você tem que chegar junto, bater.” Eu digo: “não, bater, não.” Eu já apanhei muitas vezes. Agora, se eu bater nas minhas filhas, eu tô fazendo o que eu passei antes. Gosto muito das minhas filhas. Sou fiel mesmo as minhas filhas, mas... sobre negócio de bater, não. Se tiver negócio errado, eu reclamo.

Entrevistadora – E a escola, você acha que é importante no cuidado com os filhos?

Mauro – Muitas escolas sim, muitas não. Aonde minhas filhas estudam, ajuda bastante ... Dá ensinamento. (...)

Entrevistadora – Além da escola, você acha importante que elas frequentem algum outro lugar?

Mauro – Só escola mesmo. Frequentar outra coisa, elas nunca frequentaram e também daqui pra frente, acho que não, também não. Ficam em casa, cuidam da casa. Varre casa, né? Arrumam tudo. Muitas vezes elas ficam na casa da irmã que casou agora. A de 17 já tá casada. Em vez de casar a mais velha, casou a encostada na mais velha. Com 17, já tá casada. E a mais velha disse “não quero casar agora não, pai. Tá muito cedo”. Tem 20 anos, hein? E não quer casar agora não.

Entrevistadora – Pra fechar, pra você o que é ser pai?

Mauro – Ser pai tem que ter muita cabeça pra pensar. Pensar... na vida. Ser pai a gente pensa muito. Às vezes a gente pensa “ah, fulano tem vida boa”. E não, não tem. A gente sabe os gastos que tem uma família pra criar...

## Entrevista 12

- Rogério, 34 anos, faxineiro, morador do Rio de Janeiro, dois filhos (filho A., 11 anos; filho, L.F., 4 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Rogério - É isso aí... é uma boa, né... saber educar os filhos direitinho numa maneira que você sabe falar com ele sem machucar, sem bater, essas coisas né? Porque educando direitinho que os filhos vão compreendendo, né? Graças a Deus eu tenho os meus, mas graças a Deus nunca... Eu falo com eles isso e isso e eles já compreendem. Aí é tudo assim. Graças a Deus dentro de casa é tudo unido, do jeito que eu quero é tudo resolvido direitinho. E é isso...

Entrevistadora – Você falou em educar. Você acha que educar é a mesma coisa que cuidar?

Rogério – Assim... É quase assim... Educar é mais ideal, não é isso aí? Fica quase a mesma coisa. É a mesma coisa quase.

Entrevistadora – Você acha que é diferente a forma que seus pais pensavam o que é cuidado e como você pensa hoje em relação a seus filhos?

Rogério - Hoje pra eles está sendo melhor porque... igual, eu não tive muito estudo, assim, essas coisas, né? Hoje eu estou podendo dar muito estudo pra eles, porque eles estudam em escola particular todos dois. E graças a Deus eu tô dando o que de melhor que o pai... só tem que dar o de melhor pros filhos, né? E eu tô dando hoje pra eles pra um dia eles compreender o que o fiz por eles. Eu tô dando melhor pra eles do que meu pai deu pra mim. Tô dando mais melhor pros meus filhos, porque... minha mãe era separada do meu pai e eu peguei... eu quem dava sustento pros meus irmãos dentro de casa, sabe? Hoje eu tô achando melhor o jeito que eu tô fazendo. Do que meu pai já deu pra mim, sabe? Minha mãe pra mim foi uma mãe ideal porque ali na hora ali ela tava junto comigo pra batalhar junto comigo para manter as coisas dentro de casa com meus irmãos. Meus irmãos era tudo pequeno, né? E meu pai deixou minha mãe e quando deixou... separou... já deixou pequeno. O último que eu podia... era... tinha 9 anos, pra 10 anos por aí. Tampa serviço no mato, essas coisas e ajudava dentro de casa.

Entrevistadora – Pra você existe diferença no cuidar dos filhos do homem e da mulher? Com é a na sua família?

Rogério – É, dentro de casa é assim, né? Eu reconheço o lado da minha mulher quando vejo que ela está muito ocupada, muito assim... Dou uma ajuda também. Eu lavo uma roupa assim quando eu vejo que ela não está podendo. Porque mulher sempre adoce às vezes, né, está sentindo uma dor de dente... essas coisas... lavo uma louça, essas coisas... porque às vezes você não pode esperar só pela mulher. Você tá vendo que ela tá ocupada com outra coisa você podendo fazer não vai... só na frente da televisão, vendo uma televisão, essas coisas. Com as crianças a mesma coisa, eu sou um bom pai, eu sento e converso com eles. O mais novo brinca comigo, o mais velho também é a mesma coisa. Sempre tem que dar um carinho pra um, tem que dar um carinho pro outro, né? Se eu dou um dinheiro pra um comprar uma coisa, tem que dar pro outro também. Porque senão se torna ciúme, né? É ciúme, né?

Entrevistadora – E quando eles fazem alguma coisa errada, como você age?

Rogério - Eu falo numa boa é... “não pode, não pode fazer isso, não pode bater no irmão e eles param, né?”. Obedecem. A mãe também fala também essas coisas, assim é “olha não pode fazer isso com o seu irmão e tal”. Comigo os dois obedecem tudo direitinho. Obedecem tudo direitinho.

Entrevistadora – Você e sua esposa têm ajuda de alguém pra cuidar deles?

Rogério – Não, graças a Deus, é só eu mesmo que batalho e dou o meu sustento dentro de casa. Minha esposa não trabalha não. Ela só dentro de casa. Vai levar eles na escola, a escola fica pertinho. Escola particular fica pertinho e assim... só minha esposa e tem assim a irmã da minha esposa. Tem a mãe da minha esposa e tem uma irmã que mora em Sepetiba. Minha mãe mora no Norte, em Campina Grande. De vez em quando minha sogra vem fazer uma visita. Pronto, hoje eles foram pra lá, foram pra casa da avó. Moram numa distância assim daqui (prédio no Rosas, na Barra da Tijuca – bem próximo do Barra Shopping) pro Barra Shopping.

Entrevistadora – E a escola? Você acha que a escola é importante pra cuidar dos filhos?

Rogério – Oh, escola, meu menino tá... Eu tenho um mais velho agora tá na 6ª série. O mais novo agora no ano que vem vai pro 1º ano. Ele tá numa boa, né. Ele tá na 6ª série, virou pra 6ª série nunca... passou em todas. Eu cobro. Tem que cobrar, não falta, tá... Assim, né, porque tá pagando, né, se faltar aí... só uma maneira, assim, de adoecer e não poder ir. Aí não vai.

Entrevistadora – Fechando... o que pra você é ser pai?

Rogério - Isso aí, pra mim é uma boa, né? É uma boa porque se eu não tivesse uma esposa hoje, né... Eu bebia e se eu não tivesse uma esposa hoje o que eu tenho eu não poderia ter, né? A bebida e a pessoa também solteira, essas coisas, isso aí também... eu vou ganhar muito amigo aí joga conversa na cabeça da pessoa e você termina caindo naquela. O que tenho hoje graças a Deus agradeço muito a minha esposa porque tem muitos que não agradecem, mas... Agradeço muito porque se eu não estivesse com ela eu não poderia ter o que eu tenho hoje.

Entrevistadora – E os seus filhos?

Rogério - Eu tive uma filhinha também. Mas só que meu cunhado caiu de moto e minha esposa tava no mês de ganhar e teve aquele susto e o cordão umbilical enrolou no pescoço e não teve jeito. Foi um pouco difícil, né, porque... Eu esperando a filhinha, assim, né? Ia ser casal desse outro, o mais velho de 11 anos. Vai fazer o quê, né? Teve que passar por isso e... Mas às vezes nunca esquece, né, às vezes sempre... Deus não quis coisar aí aconteceu isso, meu cunhado caiu de moto. Sabe como é, noitada... cara novo, noitada, aí... mais o amigo, aí... passou no quebra-mola e a moto deu aquele (..) Ele ficou pra trás, a cara dele se arrebentou toda. Minha esposa quando viu foi aquele susto. Mas tá bom, não tive ela e agora quando veio, veio esse outro rapazinho de 4 anos. É o L. F. É uma bênção também.

Entrevistadora – Antes de ter seus filhos, você queria ser pai?

Rogério – Queria, queria... Minha esposa até demorou um pouco, eu pensava que nem ia ter. Mas é... a ansiedade era... a vontade do pai, assim, é ter um filho, né? Você quer ir pra um



canto, vai junto com o pai... É uma boa. Um dia que você tem suas coisinhas tudo fica com eles, né? Porque tudo que um pai faz por um filho é... um dia fica pra eles também, né? Tem que cuidar das coisinhas que o pai deixa, essas coisas, né? É uma maneira, né?

### Entrevista 13

- Mônica, 33 anos, analista de vendas, moradora do Rio de Janeiro, duas filhas (M., 15 anos; M.C., 6 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Mônica – Cuidar dos filhos requer dedicação, tempo, responsabilidade... E o que eu posso, assim, é investir tempo mesmo, tá? Hoje em dia a mulher trabalha, e trabalha fora, tem ritmo acelerado de trabalho. Então, assim, eu procuro estar sempre nas reuniões da escola dela. Ela está sendo alfabetizada esse ano. Ela tava com muita dificuldade, então ela tá fazendo... uma aula de reforço na escola. Então, assim, eu tô ajudando muito a coordenadora. Então, assim, em 2 meses foi visível ver a mudança. Melhora na M.C. Mas assim, foi esforço meu e do meu marido, F. Dos dois. Nós compramos jogos educativos... então a gente mudou. Ah, “little mammy”, quatrocentos reais... Com cem reais nós compramos vários jogos didáticos e ela conseguiu, assim, formar as palavras... É boliche com garrafinha pet com os fonemas, então... coisa barata, jogo da memória que eu fazia aqui no trabalho e levava. E hoje, assim, ela tá lendo muito bem. Foi dois meses de sacrifício. Minha casa virou... minha geladeira tinha jogos da memória, no banheiro... Todo lugar que ela passava tinha os fonemas das palavrinhas pra gente incentivar. Porque aí eu conversei com meu marido. Eu falei “F., alfabetização a M.C. só vai ter uma vez na vida. Nem no ensino médio, nem no ensino fundamental, nem na faculdade, ela não vai ser alfabetizada. Então é o momento da gente investir nela”. E aí é isso que a gente tá fazendo. Tem que conversar, tem que brincar muito, ela quer saber de tudo, ela quer saber de perguntar, desenhar muito sobre família. Aqui às vezes ela vem, ela vê os meninos, ela desenha, ela pergunta se tem namorada. Ela quer desenhar os meninos com as namoradas, se tem filho, ela quer saber de tudo. Ela pergunta muito. Pergunta como é morrer, como se morre. E... é isso. Eu acho muito importante a gente participar, tanto o pai, quanto a mãe, entendeu, ir dando atenção às vezes a uma besteira que eles querem falar. Às vezes a gente tá cansado do trabalho e “ah, não, filha, fala amanhã.” Isso faz muita diferença. Parar um pouquinho, a gente ouve... Porque se a gente não der atenção, não ouvir, não permitir ouvir deles, eles vão acabar, assim, crescendo e não sendo nossos amigos, porque a gente vai deixar de ouvir e eles vão contar pros amigos. Aí chega lá na frente a gente vai querer cobrar isso “ah, você não é minha amiga, você não é meu amigo?” Mas porque desde cedo a gente não deu essa proximidade pra eles.

Entrevistadora – Você falou que você e seu marido conversaram pra investir na alfabetização da M.C. agora. Isso é comum entre vocês?

Mônica – Não. Olha, antes, não. Mas depois... a gente faz terapia, né? Tanto eu, quanto ele. Então, assim, depois... A M.C. ela tem um temperamento, assim, muito forte, então ela acha... às vezes ela quer se achar um pouco os pais e nós os filhos. “Mãe, eu que mando nessa casa?” “Mãe, vocês tem que me respeitar?” Aí eu falei “não, todo mundo tem que se respeitar, mas você tem que obedecer”. Respeito é uma coisa, obediência é outra. Então, assim, a terapia

ajudou muito. Já há mais de seis meses que a gente tá fazendo... Então, por ela ser a filha caçula e ser a primeira filha também do F., do meu marido, é mais mimada, muita vontade, então, assim, ela já sabe como ela vai conseguir as coisas. Então a terapia ajudou a gente, assim... tá ajudando a gente a impor limite pra ela. Tipo assim... a não só resolver as questões sozinhas. Envolver o pai nisso para que juntos a gente assim... possa também ter a mesma resposta. Porque eu falo “M.C. não vai”. “M.C., você não...” Nós fomos ao sul com ela, ela não se comportou, aí agora nós vamos sozinhos e ela vai ficar. “Mamãe eu não vou de novo porque eu não me comportei”. Então, assim, quando eu voltei de viagem eu deixei ela de castigo e expliquei pra ela “você vai ficar de castigo porque você não se comportou lá na viagem.” “Por quê?” “Você fez isso, isso e isso.” Aí a terapeuta, assim, conversa com a gente que é bom... “C., se foi ao shopping e não se comportou, quando chegar em casa coloca ela de castigo e informa pra ela o motivo.” Evita bater (...) Antes tudo era uma palmadinha aqui... Então, agora tá diferente. Eu corto Discovery, na festa da amiga não vai. Ela fica chorando. Então, assim, tá doendo mais nela. E antes eu acabava que resolvia as coisas sozinha. Eu falava “não”, F. falava “sim” e ela falava “eu gosto mais do meu pai. Só tem que existir pai no planeta”. Ela fala que não tem que existir mãe, só pai. Então, assim, agora a gente chegou nesse acordo, então tudo que a gente vai resolver, resolve junto, até os trabalhinhos de casa. Ele fica meio que furioso, mas é meio a meio. Porque vem bastante na alfabetização, pra fixar... “F. faz sua parte... você ajuda ela a ler”. Aí hoje eu fiz um pouco de manhã e ele tá fazendo o restante à tarde. Porque ele precisa também acompanhar a dificuldade dela, o que ela já evoluiu. E a terapeuta fala “C., homem gosta mais de deixar esse serviço pra mãe, mas envolve ele nisso.” E eu tô envolvendo e agora já aceitou.

Entrevistadora – O que levou vocês à terapia?

Mônica – Então, foi a M.C. mesmo que levou. Eu decidi... foi um dia que eu tava vindo com ela do médico trabalhar, nós passamos no shopping e a M.C. se escondeu várias vezes. Assim, eu perdi ela duas vezes no shopping... aquilo me irritou muito. E meu marido, assim, achava comum. Achava comum “ah, C., ela é criança. Ela se escondeu... ah, ela fez de bobeira”. Não, ela nunca fez isso. Então, assim, ele sempre achando que ela ainda tinha um aninho, dois aninhos, que o que ela fazia era engraçadinho. (...) Eu passei mal, aí eu fui pro Barra D’Or, porque eu tava com muita dor de cabeça, minha pressão aumentou porque eu achava que eu não fosse mais conseguir encontrar ela, então eu falei “Caramba, M.C. tá precisando de um limite que, assim, a gente não tá conseguindo dar”. Por quê? Eu queria fazer algo e meu marido, não, era contra. Eu não achava normal e ele achava super normal. Então, assim, eu queria dar o limite e ele “não, isso é coisa de criança, vai mudar”. E, assim, cada vez mais. Três, quatro, cinco anos ia se agravando. Aí eu sou assinante da “Crescer”, fico lendo muitas matérias sobre crianças assim e o pediatra também dela já tinha me alertado. Quando a gente levava ela na consulta, ele vai tirar a roupinha, ele coloca no lugar e ela “não, tio, eu quero aqui.” E ele “não, mas o tio vai botar aqui”. “Não, mas eu quero aqui que a roupa é minha”. Ela realmente tem uma personalidade muito forte e então eu pensei “vou pra terapia, pra eu conseguir lidar com o jeito dela.” Então, assim, aí fui. Meu marido vai também, a gente faz terapia de família, ela tem dias que também vai comigo. E assim, melhorou muito. Muito. Porque eu fui buscar uma ajuda, porque eu já não tava conseguindo mais. Conciliar meu horário de trabalho, alfabetização, o temperamento dela e nosso ritmo do dia a dia e... ter que colocar ela de castigo e não ter pena, porque a gente fica com pena. Eles choram... ela sabia contornar tudo e tava chegando uma hora, assim... Aí coloquei na minha cabeça “é melhor ela chorar agora do que eu chorar mais tarde”. Antes a gente ficava com pena. Eu colocava e o F. “Não, ah, tira, tadinha, vai começar o filme”. A gente fica com pena. Então assim, a gente começou... passa vergonha mesmo, na rua. Porque tá sem limite, total. Só fala o que quer. Às

vezes vinha aqui no trabalho, tem uma moça que tem o olhinho bem pequenininho, puxadinho... ela “nossa, eu vejo sua fotinho na mesa da sua mãe” e ela “mas como, seu olho nem abre. Seu olho é muito pequeno, você não enxerga”. (risos) Aí eu converso “M.C., não fala assim”. “Você não tem dente...”, quando vê uma pessoa com mais idade “seu braço é todo mole, muito velho”. Entendeu? Então são coisas... ela fala assim pro meu pai “você já tá com a cara velha, porque você não morre?”.

Entrevistadora – Como vocês lidam com isso?

Mônica – Então... E ela sai falando assim... Aí eu converso e falo com a terapeuta. Ela olha e sai falando as coisas que vem na cabeça dela. Assim... meu pai achou engraçado, mas e quando fala pras outras pessoas? Uma vez eu soube que ela falou assim “por que não morre logo?” (...). Aí a psicóloga disse que nem tudo ela pode falar, aí a gente conversa. “ah, você tem cara de coelho”. Aí às vezes ela quer falar e ela agora me olha. Eu digo “filha, nem tudo que a gente pensa a gente pode falar, se você acha que ela tem cara de coelho você não fala nada. Espera e fala baixinho no meu ouvido”. Antes ela falava. Aí eu pegava, dava um beliscão nela, às vezes estava no consultório. Aí ela “ah, seu perfume tá muito fedorento”. Aí a pessoa via que eu dava um beliscão e falava “não, não, deixa”. Tá, mas a gente fica com vergonha. Ela pode dizer... aí eu levava ela no banheiro, aí eu brigava com ela, aí quando ela chegava ela falava pra pessoa “eu tava lá no banheiro, mas é por causa de você”. Isso me irritava, eu não achava normal. Por isso que eu fui... o padrinho dela é psicólogo, já vinha observando esse comportamento. Mas ele até mesmo por ser padrinho dela, ia falar sobre questões que a gente poderia não gostar, aí ia acabar se envolvendo muito, aí que não ia ajudar mesmo. Foi quando ele indicou essa pra gente e a gente vai. Assim, eu tô vendo que os resultados, sabe... às vezes... minha irmã mesmo fala que “ah, terapia é bobeira. Ih, é ruim, hein, tem que dar umas chineladas, não sei o quê”. Mas, assim, eu fico torcendo pra chegar às terças-feiras que é o dia da terapia, pra eu poder ir, e eu falar o que se passou na semana e ela poder me orientar, e eu aplicar isso em casa. Ficou muito bem também quando o F. começou a ir. Porque eu fiquei 2 meses fazendo sozinha. Era mais difícil de aplicar. Porque se só a mulher vai, você tentar aplicar isso em casa e o marido não vem junto, não dá. Porque, assim, é difícil porque eu vou querer aplicar aquilo que ela está me ensinando e ele tá dançando outra música. Então, assim, foram dois meses muito complicados, até que falei “oh, F, não dá”. Ele resistiu, ele achava que era palhaçada. Que a gente tinha nossos pais, que nossos pais não precisam ir, que era muita palhaçada ficar gastando dinheiro com terapia tendo que gastar dinheiro com outras coisas. Assim, ela passou a ir pra natação porque a terapeuta indicou. Porque ela precisava ter contato... ela só gosta de brincar com menino. Então a terapeuta falou “C., coloca ela em outra atividade fora da escola que ela possa se envolver com outras crianças.” Hoje eu mudei ela de escola a pedido dela mesma. Ela ficava em creche, o dia inteiro, e ela falou “mãe, eu não quero mais ficar no integral, quero ir pra escola, não quero mais”. Ela cansou. Cinco anos direito, aí nós colocamos ela numa outra escola que tinha mais disciplina, aí ela tinha mais amigas meninas... porque ela não gostava de brincar com menina. Até hoje ela gosta assim, mais de brincar... porque ela gosta muito de brincadeiras radicais. Menina é muito calminha, assim, pra ela, então... Agora ela tem mais amiguinhas. Mas depois que o F. passou a ir também, nossa, porque daí ele começou a entender. Porque, assim, do jeito que tava indo ia chegar a um ponto que a gente não ia conseguir ter mais domínio. É por isso que “chega”. A gente vê o que vê, aí na televisão, mas assim, já desde a infância.

Entrevistadora – Você falou que ela estava na creche há 5 anos?

Mônica – Foi. Foi com um aninho, antes de um aninho. Porque eu trabalhava, já, no mercado imobiliário, já, deixava ela lá às seis e meia da manhã... ela era a primeira a chegar e a última a sair. Isso também... por um lado foi bom porque ela ficou muito independente, assim, mais cedo. Ela passou a comer sozinha, a querer tomar banho, a sair da fralda muito cedo... Só que por um outro lado foi ruim porque ela, assim... ficava muito ausente. E a gente acabava... recebendo educação das professoras. E assim muito mimo, porque ela foi muito pequenininha pra creche. Muito mimada. Ela não gosta de peixe, então quando era o dia de peixe a tia da creche mandava fazer uma outra comida pra ela. Tanto que a diretora da creche ama ela de paixão, ela foi até daminha do casamento dela, então eu falo “ah, você estragou minha filha”. E ela “ah, mas eu adoro sua filha”. Parecia que era filha dela também, mas fazia muita vontade. Ela já é mimada. Aí a M.C... Assim, ela mudou de escola esse ano, ela sentia muito, ela tava fazendo xixi nas calças, mas aí a professora conversou comigo... Mas era tudo porque estava impondo limite nela e ela não aceitava, né? Falava que a escola era chata, que ela queria mudar de escola, agora ela ama a escola. Mas tudo foi questão de adaptação, entendeu? Ela não pedia desculpa. Coisa também que a terapeuta conversou com a gente “C., ela tem que pedir”. E a gente falava “M.C. pede desculpa”. E ela não pedia. Aí eu falava “filha, você gostaria que sua amiga (...)” “não” “então pede desculpa” “desculpa” baixinho. Agora eu falo “ninguém ouviu, tem alguém ouvindo aí? ‘naõ’”. Na festa mesmo, eu fiz, ela ficou meio constrangida, ela falou uma coisa pra secretária lá da minha irmã “ah, você é muito baixinha e feia”. E ela “sou não, sou linda”. “Só você que acha você linda, você é muito feia”. Eu falei “filha, pede desculpa pra tia K.” Ela falou bem baixinho, eu falei “fala alto porque ninguém tá ouvindo”. Eu falei pra minha irmã “tá ouvindo?” e ela “não” e ela “desculpa” e eu “mais alto” e ela “desculpa, K.” Mas pra ela poder aprender, porque ela também não gosta de pedir desculpa. Isso tudo eu vou vivendo, vou anotando, aí quando chega na terça-feira na terapia, aí eu vou passando a limpo, aí eu falo com a Dr. R. e ela “C., então é isso, o caminho é esse. Não, porque você pegou mais firme aqui, então vamos fazer desta forma...” Então ela tem orientado muito a mim, ao meu marido e a educação da M.C. Assim... precisa mudar muita coisa, mas já mudou 50%.

Entrevistadora – Além da importância da creche na vida da M.C., que você já destacou, outras instituições ou outras pessoas são também importantes no cuidado com suas filhas?

Mônica – A minha mãe já faleceu e não conheceu nem M.C. e a minha sogra também. Ela não tem avó. Só tem as minhas irmãs, porque aí quando eu dou plantão final de semana, às vezes lançamento feriado e tal minhas irmãs mais velhas ficam com ela. M.C. não gosta muito que minha irmã bote ela de castigo, porque ela é muito levada e ela fala “eu não quero ir na casa da tia tal”. “E por que não?” “Porque lá ela me bota de castigo”. “E o que você fez?” “ah, eu fiz bagunça” “se fez bagunça, tem que ficar de castigo”. Mas a irmã do meu marido também gosta de ficar com ela, fica se a gente tiver que fazer alguma viagem, alguma coisa. Agora em julho vai viajar só nós dois... a gente faz todas as programações com elas e aí agora em julho a gente decidiu voltar ao sul sozinhos. Minha mais velha vai estar viajando de férias e a pequena vai ficar com a tia. Aí ela tá toda feliz que vai pra casa da tia, que vai ficar com os primos e aí a gente tá indo no final de semana. Porque a gente nunca foi. Eu falo pra ele que nós somos muito novos, M.C. já tá maiorzinha, com 6 anos. Aí ela aceitou numa boa. A irmã dele ajuda e minhas irmãs, nossa, ajudam bem. É a cunhada, as irmãs e eu tenho também duas amigas muito próximas que moram no meu condomínio que ajudam também. Elas não trabalham, têm filhos também, então... quando confunde alguma coisa... Às vezes passa mal na escola, precisa buscar, eu ligo, autorizo, elas vão, buscam, como se fossem tias também. A natação também tá fazendo toda a diferença. Na verdade, eu tava em dúvida entre o balé e a natação. Aí eu até pensei no balé por ela estar mais com meninas. Só que M.C. gosta muito de

água. Eu falo que ela é a menina aquática. Todos os brinquedos de água nos passeios... tá tudo relacionado, assim, a água. E nós moramos em um condomínio que tem uma piscina muito grande e ela não quer ficar na piscina infantil, ela só pula na piscina de adulto. Outro dia ela até apavorou o salva-vidas. “C., a M.C. se salvou, eu não tinha nem chegado perto ainda.” Uma boia furou e só ficou a outra. Então ela foi afundando e foi fazendo força até ela ir pra borda. Aí a gente viajando, também, ela queria pular do barco. “Ela sabe nadar?” Eu falei “não”. Então, assim, ela não tem medo, na praia ela vai... Ela tem uma prancha que eu comprei pra ela e ela “mãe, eu não quero ficar só aqui na areia”, porque ela quer ir lá no fundo. Aí eu falei “não vou botar no balé, primeiro tem que fazer natação”, porque ela é muito afoita, ela não tem medo e não sabia nadar. E nossa... tá... já fica muito tempo debaixo d’água, já vai de um lado a outro na piscina. Já tá com fôlego... não põe mais o dedo no nariz porque antes ela mergulhava... em pouco tempo ela já aprendeu e ela tá adorando a natação. Quando eu vou botar de castigo eu falo “não vai pra natação” e ela “não, mãe, faz tudo que você quiser”.

Entrevistadora – Os castigos hoje, então, são mais voltados a tirar o que ela gosta?

Mônica – É. Porque não adianta... antes eu achava que... na minha época, tudo era uma chinelada. “Fez isso, vai apanhar”. A gente apanhava mais. Hoje não. No início, tanto minha filha mais velha quanto ela apanhavam mais, mas, assim... M.C. não tem solução. Você bate e daqui a pouco ela tá fazendo a mesma coisa. Tem que ser alguma coisa que ela gosta. Tem que tirar o Discovery, agora ela fica baixando jogos... ela quer um tablet. Ainda tem isso, eles estão super avançados. “Eu quero um tablet que eu quero jogar um pouco”. Meu marido foi... vai comprar um tablet e vai ser isso. Quando não se comportar, não tem tablet. Outra coisa que eu faço também. “Não tem banho quente”, porque ela não suporta tomar banho frio. Então pra ela tomar banho frio é um castigo. Aí eu falo “oh, vai tomar banho frio”. “Não, mãe, por favor”. Então eu vou começando a observar algumas coisas que ela gosta muito pra poder castigar ela.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre pais e mães no cuidar dos filhos? Como é na sua família?

Mônica – É... até semana passada eu conversei isso na terapia, porque assim... eu vejo assim, meu marido é apaixonado pela M.C., assim como eu, mas tem coisas que eu fico imaginando, assim, às vezes eu paro e fico pensando, assim “caramba, hoje se acontecesse alguma coisa que eu não existisse, se só existisse F. na vida da M.C., ele não vai na farmácia comprar nada de farmácia pra criança.” Aí eu vou no banheiro, não tem mais o xampu, não tem mais o condicionador, e o cotonete? E o remédio do ouvido, que ela tem um remedinho no ouvido? E o otorrino que eu marco e ela faz lavagem no ouvido? E os prendedores de cabelo? Aí eu falo... Hoje eu falei “F. o condicionador e o xampu da M.C. que eu anotei pra comprar?” E ele “ah, hoje eu fui no supermercado e eu só comprei as coisas de merenda” Porque ele acha que tendo as coisas de merenda, tendo o que comer, tá bom. Eu falei “e as coisas de farmácia?” E o médico? Ele não marca pra ir no pediatra. Eu marco, ele leva, ele é o maior paizão, ele até me surpreendeu, tá? Porque eu achei que ele não fosse me ajudar e ele... pelo contrário, quando ela era menor ia no médico eu ficava até com vergonha porque ele ia tirando a roupa dela, fazia tudo que a enfermeira tava mandando e eu ficava olhando nervosa. Eu fico nervosa. Ele parecia até a mãe e eu o pai. Mas tem coisas que... uma mãe é insubstituível. A paciência de sentar e dar comida, de ensinar o trabalhinho. Eu sei que eu tenho uma didática diferente... não sou professora e também não tenho muita paciência pra ensinar. Mas, assim, se eu não tiver paciência pra ensinar, quem vai ensinar? Tem os trabalhinhos de casa. Ele fala

“poxa, a professora passa muito trabalho de casa, né? Isso tem que dar na aula”. “Não, F., a professora não tá jogando responsabilidade pros pais, ela tá dividindo”. Tem trabalho de aula e trabalho de casa. Mas eu já percebi que F. não tem muita paciência. “Que que é isso?” E ela “violão”. “Escreve aí, vai ‘violão’”. Eu já não “‘v’ de vela, ‘i’ de índio, ‘o’ de óculos, ‘l’ de lua, aquele que vai lá em cima, porque ela confunde o ‘l’ com o ‘e’”. Aí ele “viu, você tem mais paciência, você que tem que ensinar”. Mas, assim, não adianta. Aí dorme do sofá vendo desenho, eu vou lá pego, boto na cama, ele já dormiu. A hora da mamadeira, porque ainda toma mamadeira... Então tem isso tudo. E vê que tem que comprar roupa.... Roupa se eu não... eu tenho que comprar e ele “ah, que lindo”. Ele foi comprar o sapato da escola e um era um número e outro era o outro. Ela reclamando que tava apertado e ele “não, eu comprei (...)” Aí quando viu era diferente. Não tem esse cuidado. Eu já não, eu abro a caixa, olho. Igual a roupa, eu compro, ele não. Tá vendo que tá chegando o inverno “vamos comprar uns casacos?” e ele “pô, mas não chegou ainda”. “Mas vai chegar, aqui tá mais em conta, vamos comprar.” Então, assim, eu acho que tem coisas que... sei lá, já é de mãe. A mãe é insubstituível mesmo e tem coisas que não dá. Então, as tarefas do pai, as tarefas da mãe... Eu comprei uma blusa pra mim “mãe super maravilha”. Os meninos aqui falam... Eu sou a única mulher do meu setor, são todos meninos, então eu sou a única deles que sou mãe, que trabalho... tem só um que é casado. Então tem horas que eu me sinto a mulher maravilha. (...) Chego aqui e os meninos “E aí, o que que você já fez hoje?” “Eu já acordei de manhã, fiz almoço, botei M.C. na natação, voltei, botei a outra pra escola, ela chegou, vi se tem dever da escola, tem 25 palavrinhas que é o ditado durante a semana, aí fiz com ela, tomei banho e... vem e é transito... chego em casa dez, onze horas da noite. Aí meu marido chega primeiro aí fica com ela. Antes a gente botava ela pra fazer o trabalho à noite aí a coordenadora também não quer mais, porque ela estuda à tarde. Ela estuda a tarde toda e a gente botava ela pra fazer trabalhinho à noite, ela ficava com pavor, não vai querer. Então, deixa a noite ela dormir, porque de manhã já acorda, faz o trabalho. Aí comprei... vivo o tempo todo com a blusa. Aí agora mandei fazer uma “quanto mais M. e M.C. melhor”. Igual da coca-cola? Aí mandei fazer, porque elas gostam muito de tirar foto, aí a gente vai fazer um book com a blusa escrito isso pra poder tirar foto com elas. E o que eu tenho de folga eu procuro... Esse ano também uma coisa na terapia que ela me ajudou... tirar o ano pra fazer umas viagens com elas. Não dava tempo... tava muito focada do trabalho, trabalho, trabalho. Mais o trabalho e menos um pouco assim... a família. Então com a terapia que eu comecei no final do ano passado, esse ano tá me levando a mudar esse ritmo, porque as meninas estavam sentindo e me cobrando. Então esse ano eu cortei... nada de festa de aniversário, festa mesmo, foi só um bolinho e aí nós fomos viajar. Vou levar no Beach Park... Fizemos algumas viagens, fomos ao Sul... então, assim, a cada 2 meses a gente vai escolhendo, assim, um roteiro, aí a minha mais velha vai a Disneylandia, e a M.C vai (...), “mas quando chegar sua vez você vai”, a minha mais velha vai sozinha com as amigas, é o momento delas de 15 anos. E aí eu vou pro Sul, para o Beto Carreiro, vai todo mundo junto, e isso está sendo muito bom porque a gente tá passando mais tempo juntas.

Entrevistadora – Você colocou mais as funções da mãe. E o pai? Quais as funções principais do pai na sua família?

Mônica – Então... o pai antes ele achava que... “ah, eu trabalho muito”. Meu marido tem 2 empregos. “Ah, eu trabalho muito, tô cansado”. Aí eu não reclamava nunca. De um tempo pra cá eu comecei a reclamar. “C., você tem que deixar de fazer pra ele ter um pouco essa responsabilidade”. Então, assim, tinha festa de aniversário, eu pegava e comprava o presente, agora, não, agora já é com ele. Eu mando ele e nem ligo “F., oh...” Teve a feira de ciências na escola porque foi dia do meio ambiente. Ele é corretor de imóveis, então tem o horário mais

flexível que o meu. “Eu não posso estar presente, é importante que você esteja lá”. “Ah, mas como assim, você me avisou em cima da hora” “Ah, mas tem que ir”. M.C. ficou super feliz quando ele chegou lá. No dia do índio, teve uma tribo indígena na escola, ele foi. Então, assim, na reunião eu vou, porque se não, ele não consegue me transmitir o que foi falado, ele não consegue no final da reunião conversar com a professora. Fica aquela fila de pais querendo saber, ele já acha que isso é mais pra mãe. Mas agora eu tô começando a delegar. Marco otorrino, pediatra, e ele vai. Escreve, grava no celular e me fala. Os trabalhos de casa... Hoje ele está com ela. Levou pra dar almoço, comprou uma sobremesa (...) e deixei os joguinhos didáticos também pra ele brincar. Então, assim, ele vai muito ao cinema com ela, ele vai muito mais do que eu. Todo filme que estreia, ele pega, leva ela, vai sozinho. Eu levo muito a pecinha de teatro. A gente sempre pega esses cuponzinhos do clubinho e a gente vai muito aqui no Barra Square. Eu vou muito sozinha com as minhas amigas também. Mas eu tô começando, assim... Ele sempre foi muito participativo, de cuidar, dar banho, dar comida. Sempre foi muito presente. Mas agora ela tá crescendo e ficando mais levadinha, ele começa a querer correr um pouco. Ela agora quer aprender a andar de bicicleta sem rodinha. Ela “pai, eu quero aprender”. (...) Vai levantar uma rodinha e deixar a outra até ela equilibrar. Ela quer andar de bicicleta sem rodinha, porque a irmã com seis anos já sabia andar. Como ela pergunta... “minha irmã sabia, eu também quero”. Aí eu já dei essa missão pra ele. Porque também se deixar... não é espontâneo, não. Levar no médico... tem as consultas de rotina. E eu converso também com ele. Assim, antes a gente conversava, acabava falando as coisas na frente dela. Hoje a gente já tem uma outra orientação “procura não falar na frente dela”. Então, assim, à noite a gente espera elas dormirem, M.C. tem muita mania de dormir no meu quarto. A terapeuta também já tá começando... “oh, é no quartinho dela...” A gente comprou um outro apartamento, a gente decorou do jeito que elas quiseram pra que elas, assim, quisessem ter vontade de estar no quarto. Televisão nós colocamos, o adesivo elas escolheram, a cor... tudo elas escolheram. Pra que a M.C. pudesse ter mais vontade de estar no quarto dela e menos no meu, porque ela achava que meu quarto era o quarto dela. Que é um momento também de conversar. Então... “oh, F., é isso, isso e isso, tem que ver a agenda”. Eu cobro muito isso dele. “Eu vi a agenda e, olha aqui, ‘segredinho para o papai’”, é presente do dia das mães”. Aí eu falei com ele “não é segredinho pra mamãe”, aí ele falou “tá, mas você sempre vê.” “Eu sempre vejo, mas você também tem que ver”. As provas quando chegam... hoje eu deixei uma prova lá que ela errou algumas coisas de matemática. Eu falei “oh, você vai rever com ela coisinhas bobas”. Assim... a gente não pode cobrar muito porque é alfabetização, vai mostrar pra ela a falta de atenção “aqui, oh, você colocou o número na ordem errada”. Entendeu? Eu deixei lá. Aí ele não faz uma carinha, assim, muito boa, mas não tem jeito. Porque senão eu fico assim super sobrecarregada.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Mônica – Muita coisa mudou. Muita inovação, muito mais informação... em relação a isso mudou muito. Mas lá em casa, assim, eu preservo muito a educação que meus pais me deram. Eu tenho uma filha de 15 e M.C. de 6, elas não me chamam de “mãe”. Elas me chamam de “senhora”. Eu não admito. Algumas pessoas falam “ai, credo, você tem 33 anos e a M. fala ‘senhora’, parece até que você é uma velha”. Eu falei “não, eu não admito.” M.C. já foi crescendo ouvindo a irmã me chamar de “senhora”. Eu falo “M.C.” e ela “o que é?” “O quê? Não ouvi direito.” E ela “senhora”. Porque assim, eu não chamo meu pai de “você”. Eu aprendi chamar “oi, pai, o que o senhor falou? O senhor me ligou?” Eu não falo “você me ligou?” Eu não admito. Ah, antes eu ir dormir “bença pai, bença, mãe”. Hoje elas não falam isso, falam “tchau, mãe, boa noite.” Aí às vezes esquece... “Pô, vocês não foram falar

comigo.” Aí às vezes assim pra gente tá orando juntos, eu falo, “gente, aí, foi dormir, conversou com Papai do Céu?”. A M.C.: “não, eu tô com preguiça.” Eu faço elas acordarem. “Então vamos conversar com Papai do Céu”. Assim... ensino a elas, assim, o capricho. M.C. é mais cuidadosa. O capricho, assim, de ter o zelo com as coisas. Ela não é caprichosa com os brinquedos, mas com as roupas, sim. E ela ensina isso pra irmã “mãe, olha o armário dela. Ela tem 15 anos e olha o meu que tenho 6”. Ela gosta, assim... de comparar (risos). Mudou, acho assim que as crianças hoje estão... tem criança que parece até que é um adulto. Por causa da forma de se vestir... M.C. fica cantando uns funks e eu pergunto “filha, onde você ouviu isso?” “Ah, é na minha condução. As colegas cantam”. Aí eu falo “filha, essa música não é bonita”. “Por que? É muito engraçada.” Da Anitta... essas coisas aí que a gente vê. Aí eu falei “mamãe não ouve.” Algumas músicas eu até gosto e às vezes eu até ouço porque a minha filha mais velha gosta. Então eu quero ouvir pra ver o conteúdo, entendeu? Porque às vezes a batida é legal, mas e o conteúdo? “O que você tá cantando?” Eu falo isso muito pra minha filha mais velha. Falo pra M.C. Canta sem saber. Outro dia ela cantou... qual foi a música... os meninos ficaram rindo, porque acharam engraçado, mas ela pequena, nem... assim, não tem noção. “Filha, isso é muito feio. Essa música Papai do Céu não gosta. É muito feio você cantar isso. Não pode cantar” E ela “mas as minhas colegas cantam. Eu vou tampar o ouvido?” e eu falo “deixa eles cantarem, mas você... a mamãe não quer que você cante.” Aí às vezes eu pego ela cantando e falo “não pode”. Eu tava até vendo uma reportagem falando de um menino de 8 anos que quer ser MC. E a mãe dando a maior força e tudo. Aí tinha... advogados ponderando porque, assim, a letra da música... a mãe não tava achando nada de mais a vontade do menino ser MC, mas a letra da música, não foi feita pra uma criança, era muito forte, falava sobre tráfico. Aí eu falei... “nossa, essa criança hoje tem 8 e assim... qual o incentivo que dá pra estudar?” Porque às vezes a gente fica subestimando, até, a inteligência deles, achando que ... “ah, meu filho não é capaz...” Eu vejo pais assim na escola, na reunião, reclamando muito que tem muito trabalho de casa. E a professora... não há maneira melhor pra eles aprenderem do que assim... fixar. Aí ela falou uma coisa que eu fiquei assim pensando. Caramba, dá um Iped na mão deles. A minha filha sabe funções no meu celular que eu não sei. Ela baixou um jogo de um boneco que eu não tô conseguindo nem excluir. O bichinho toda hora pede comida. Caramba... às vezes a gente fica subestimando, assim, a inteligência deles em relação à escola “ah, é muito trabalhinho, a gente tem que ajudar... fazer uma sombrinha pra eles copiarem por cima pra facilitar” e na verdade tá prejudicando. Eles sabem tudo do computador. Sabem tudo de videogame. Então às vezes assim tem muita coisa que acontece que a gente vai observando que a culpa é nossa também.

Entrevistadora – O jeito dos seus pais te criarem é diferente do jeito que você cria as meninas?

Mônica – Não. Minha filha mais velha fala “mãe, você é muito carrasca” e não sei o quê. Mas não... porque eu cobro muito delas, assim, botei roupa na máquina, então como ela só estuda de manhã, antes dela ir pra explicadora, quando chegar em casa, eu quero que ela tire a roupa da máquina e que ela estenda. Porque ela é muito assim, se eu não pedir, ela também não faz. Eu falo “M., isso tem que ser espontâneo”. Aí eu levo pro lado profissional. Aí eu falo: “Quando vocês crescerem e tiverem o trabalho de vocês, aí vocês só vão fazer aquilo que o gerente de vocês delegar? E o espírito de equipe? ‘Ah, você terminou o seu, então, tchau, eu vou embora’. Você não vai virar pros seus amigos ‘gente e aí, eu vou ajudar’. Até mesmo oferecer... compartilhar com o outro.” É isso que a gente foca muito aqui, eu falo muito isso pros meninos. A gente tem muita parceria. Porque o que eu vejo, às vezes, nos adolescentes é isso. Fiz a minha parte, ninguém precisa de ajuda, só querem saber quando tem alguma coisa em troca... Então eu também converso sobre isso, tanto uma como a outra, porque como irmã mais velha a tendência é a menor se espelhar na outra. Então eu procuro, assim, reproduzir



com elas aquilo que minha mãe, meu pai, investiram na minha vida. Eu falo... vocês não precisam trabalhar pra me ajudar, pra ajudar o papai. Aqui em casa vocês só estudam. Então, assim, eu cobro muito, sabe? Até a M.C. agora ela tá vindo com nota baixa porque tá com dificuldade em português nos fonemas, trocando alguns fonemas que eram comuns e ela fala “mãe, tirei 100”. E eu falo “não, filha, não precisa tirar 100, não, mas 75, 85,90” Só pra também não ficar a nota 100. Porque a minha filha mais velha ela tinha medo, quando vinha com nota baixa ela rasgava a prova. Então, como eu já passei por essa experiência eu não quero repetir. Ficar falando “eu só quero nota acima de 8,5, 9”. Quando tirava menos, ela escondia. Então, assim, eu não quero falhar agora com M.C. “Não, filha, 70, 75 tá bonitinho, mas é bom ser um pouquinho mais. Não precisa ser 100, não” Pra não ficar focada e acabar ficando nervosa. Mas é isso... eu procuro passar pra elas o que... Deixo a M.C. perto quando eu tô cozinhando. Porque eu ficava muito em cima da minha mãe, botava um banquinho, ficava olhando minha mãe cozinhar. Tudo o que ela pergunta eu vou falando “é assim, assim, assim”. Ela faz a mamadeira dela, faz a maior lambança. Ela bota o leite, bota o Nescau, mistura. Só não deixo ela mexer no microondas. Ela “tá prontinho”. Tudo sujo. Ela quer lavar banheiro, aí normalmente tem a moça que faz lá a limpeza pra mim, mas quando eu tô, eu deixo ela esfregar pra ver como é que é.

Entrevistadora – Essa moça que você falou, ela ajuda com as crianças, ou é só pra casa?

Mônica – É só pra casa, mas teve uma que ficou até a M.C. fazer um aninho. Quando eu tava grávida, ela ajudava. Aí depois que ela foi embora, porque M.C. foi pra creche, mas até hoje a M.C. tem contato com ela. Ela fala “ah, tia R.” A gente passa na rua dela, a gente ainda mantém esse contato. Ela vê a foto no face... Minha irmã também mora perto dela, a gente passa lá pra ver, chama pras festinhas. Então, como ela ainda tem muito contato, ela não esquece.

Entrevistadora – Você acha que cuidar e educar são sinônimos?

Mônica – Cuidar e educar... Olha só... Eu acho que... Eu acho que são diferentes. Eu acho assim... Quem ama educa. Então, assim, se eu amo, então eu tenho que cuidar, eu tenho que educar, eu tenho que disciplinar, eu tenho que falar “sim” quando tem que ser “sim”, “não” quando tem que ser “não”. Porque tem gente que só cuida “ah, eu quero que a minha filha (...) tá sempre arrumadinha, numa boa escola, numa escola bilíngue, faz vários cursos...” Faz isso e aquilo e na verdade não tem educação. Não se importa muito assim em educar. Às vezes a gente tá na festinha e a gente vê criança que perde na brincadeira e que a mãe “ah, me dá o brinde da fulana” Ela não para de chorar porque ela perdeu. Não para de chorar, quer até ir embora. Então, assim, a criança não aceita perder. Aí me pediu várias vezes, eu dei, mas se for minha filha eu não deixo. Se perdeu, quando tiver outra brincadeira, você vai lá e tenta ganhar. M.C. tava brincando numa festa e eles pediram “uma nota de 100, perfume de bebê e não se o quê” e eu não tinha nada e ela falou assim “vocês não tem nada pra eu ganhar”. Aí pediram um cotonete. Ela foi dentro do banheiro (risos) e pegou uma escova de lavar vaso sanitário. Por quê? O cotonete lá em casa tá no banheiro e aí ela começou a procurar dentro do banheiro. Ela veio com a escova e todo mundo ficou rindo muito “ela ganhou, um cotonete de elefante”. Ela ficou super feliz (risos) e a festa toda riu. Porque ela queria achar o cotonete dentro no banheiro. Aí como ela não achou, ela veio com isso que tava lá. Foi muito engraçado. Parou a festa e aí o animador “não, porque essa trouxe um cotonete de elefante”. Ela ficou super feliz porque ela ganhou um copo com canudo e eu falei “viu, filha”. Ela já tava triste porque a gente não tinha nada pra fazer ela ganhar. Mas eu falei assim... “tem que entender, tem que saber ganhar e tem que saber perder”. Então, assim, tem essa diferença, né,

não adianta também só cuidar e não educar. Não mostrar pra elas o que é o certo, o que é o errado. Então ela sabe que... quando tá no mercado e abriu o biscoito e deixa o saco pra lá... Eu falei “filha, olha só, vamos ficar com o saquinho do biscoito que a gente precisa pagar.” Esses dias a gente tava na Leroy e nas compras veio um telefone que a moça não passou, não tava na nota e aí a gente tava lanchando, eu fui conferir e falei “ih, caramba, a moça não passou o telefone”. Aí eu voltei lá e a moça me agradeceu mil vezes. E ela “mãe, por que você devolveu o telefone? Não vai levar o telefone?” “Não, porque a mamãe não pagou.” “Mas tava na sua bolsa.” “Não, mas a tia passou e esqueceu de bater o telefone, então eu não ia levar o telefone sem pagar”. Aí eu falei pra ela “era como se a mamãe tivesse roubando o telefone, levando sem pagar”. E ela “ah, tá, e aquela tia que ia ser presa?” Aí eu falei “é, porque na hora o chefe lá da tia ia brigar com ela.” Porque ela não ia entender... “porque na hora de contabilizar ia ter saído mercadoria...” entendeu? Aí ela falou assim “ah, tá.” Então, assim, são alguns princípios... você vai na loja não pode sair sem pagar, não pode esconder... às vezes é uma bala, é um chiclete, não dá, tem que pagar. Então são coisas, assim, que é educação. Se a gente não ensinar, não educar, não disciplinar, eles não tem como fazer sozinhos.

Entrevistadora – Pra finalizar, o que é ser mãe pra você?

Mônica – Ah, ser mãe, assim, é tudo. Eu gosto muitas coisas, assim, das minhas filhas. E... eu fui mãe muito nova, eu fui mãe com 17 anos, então... ser mãe, assim, é um amor incondicional. Você abre mão de muita coisa, abre mão de muita noite de sono, seu sono nunca mais vai ser o mesmo. Eu quando minha filha tá com febre eu durmo (...). Todo mundo vê minha cara de arrasada quando eu chego aqui. Quando era bebê eu colocava a mão na barriga e no nariz pra ver se tava respirando. Então, assim, é você viver por eles. Eu vivo por elas, me sacrifico muito, trabalho pra caramba por conta delas. Eu abri mão de fazer minha primeira faculdade pra quando minha primeira filha já tava um pouquinho maior, pra depois da alfabetização. A minha pós-graduação foi bem depois que a M.C. nasceu. Pra poder dedicar tempo pra elas. E eu não imagino mais a minha vida sem as minhas filhas, entendeu? Eu procuro ser exemplo de mãe pra elas, eu falo pro F. que a gente precisa ser referência de pais, referência de casal, referência de amigo, de irmão. Elas precisam, assim, vê em nós... Através das nossas atitudes com as nossas irmãs, com a nossa família, o comprometimento com o nosso trabalho, para que elas possam, assim, ser discípulas mesmo. Reproduzir no futuro delas aquilo que elas aprenderam com a gente. Porque... muitas pessoas até falam “nossa, vai casar, tá maluco! O cara que tem filho hoje, tá doido! 25 anos ter filho!” Eu fico triste porque na verdade não é aquilo que ele queria falar, mas foi aquilo que ele vivenciou. Então, assim, não viu um casamento saudável dos pais, de repente era a mãe separada do pai, os pais não davam importância, de repente foi criado pelos avós... cada família é uma família, então, assim, quando eu vejo, eu penso que a gente precisa plantar boas sementes, pra colher bons frutos, entendeu? Então, é isso que eu procuro passar pra elas. Ser cada vez melhor. Me superar. Eu posso ser melhor? Posso. O que eu posso fazer pra ser uma mãe melhor? Eu procuro... eu compro tudo quanto é livro pra eu ler, assino a Crescer. Pra poder ficar... compro livro demais, assim, de auto-ajuda, compro no site da Saraiva, empresto. Não fico retendo pra mim, não, saio compartilhando com todo mundo. Ontem mesmo eu cheguei pra uma amiga “oh, vem cá, esse livro é muito bom. Você não tem filho, mas vai ter, tem marido”. Porque fala da família como um todo. Então, assim, procuro passar minhas experiências pra elas. Cada mãe é uma mãe, cada filho é um filho, mas assim sempre acontece as mesmas coisas “ah, só muda o endereço”. Porque assim, todas vão passar pela mesma fase, então, assim, um vai aprendendo com o erro do outro. O que serve de experiência pra mim, eu troco com outra e o que eu ainda não passei... e assim vai... E é isso... é tudo, tudo. Tenho as minhas duas, não

pretendo ter mais. Não, acho que as duas, assim, tá muito bom. Tô doida pra que elas cresçam, forme a família delas... Eu escrevo cartas para dar a elas quando aprenderem a ler e a escrever. A mais velha eu já dei e estou fazendo a mesma coisa com a mais nova. Li esses dias na Crescer que é importante fazer isso, mas já fazia porque tinha vontade de ler coisas da minha mãe. Aí escrevo pra elas sobre quando começaram a andar, a falar... Tenho esse lado também. Minha filha mais velha escreveu uma música pra mim quando era criança e disse que cantaria nos seus 15 anos. Eu vou fazer o contrário e fazer uma música “de mãe pra filha” pra ela e cantar na comemoração dos 15 anos dela. Acho que ela nem se lembra que falou que ia fazer isso. Agora ela vai ter uma surpresa.

#### Entrevista 14

- Tatiana, 35 anos, jornalista, moradora do Rio de Janeiro, uma filha (E., 8 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Tatiana – É muito amplo, né, cuidar dos filhos... mas eu acho que... o que eu penso muito no meu dia a dia... enquanto eles são muito pequenos, dependem de você, você tem... o cuidado é muito... limpar, alimentar, você tem que fazer aquela criança se desenvolver, né? E a partir de uma certa idade... a E. tá com oito... acho que o cuidar... a criança já se vira muito nesse sentido do cuidado físico que seria de você estar alimentando, dar banho, trocar fralda, já não tem mais nada disso. Eu penso muito o cuidar como uma questão de carinho e você preparar... o que eu penso muito é tentar prepará-la pra vida. Cuidar acho que não pode ser uma coisa de “ah, eu abracei meu filho, eu cuido. Ele tem que ser limpinho, tem que ser certinho”. Eu penso muito o cuidado de você estar sempre próximo, disponível e tentando ajudar o seu filho a ele crescer e se desenvolver sozinho. Acho que seria o mais importante... não super proteger demais.

Entrevistadora – Você vê diferenças entre o cuidar e o educar?

Tatiana – Acho que as duas coisas são cuidado, mas acho que a gente acaba usando o cuidado pra essa coisa que eu comentei de mais... “ah, eu cuido. Eu cuido muito da minha filha. Vejo se ela está com a orelha limpa, se ela tomou banho, se ela almoçou, se ela jantou”. E o educar acho que acaba sendo mais amplo. Na verdade eu não sei nem se em português as duas palavras se complementam (risos)... O educar acho que é você ter uma relação bacana, tentar que seu filho seja uma pessoa... ajudar ele pra que ele seja uma pessoa legal, mostrar o que você acha certo e o que você acha errado. Acho que todo pai e mãe, não sei, quer que seu filho cresça e seja uma pessoa de bom caráter, que saiba se virar na vida, que seja... eu penso muito assim, que seja independente, tenha equilíbrio emocional, porque eu acho que não adianta só “ah ela cresceu, é adulta”. Você vê por aí um monte de adulto cheio de problema, cheio de dificuldade que não consegue crescer, se desenvolver na vida porque de repente não teve uma base, né, não sei... Aí é um problema individual de cada um, muito complexo... (risos) Tento muito dar esse suporte. Acho que cuidar e educar acabam entrando juntos, né, no dia a dia, não tem muito como separar. Eu trabalho, né, sempre trabalhei desde que ela era bebê. Quando acabou a licença a maternidade eu voltei a trabalhar, ainda que em diferentes situações. Hoje eu trabalho por conta própria. Então, eu consigo ser mais presente. Antes, até um ano atrás, eu trabalhava com horário certo, com chefe... então eu tinha menos... Eu tento

ser o mais presente possível nos momentos que a gente está junto no sentido de “ah, estou com meu filho, passei o dia com meu filho”, mas na verdade não sentou com seu filho nem um minuto, você não ouviu o que seu filho tinha para dizer. Então eu acho que, por exemplo, no dia a dia o que funciona muito com a gente é a hora de dormir, engraçado. Desde que ela era bebê eu tinha a coisa da musiquinha, agora ela já não quer mais que eu cante porque eu canto muito mal... (risos) Aí depois ela foi crescendo eu lia uma história, agora ela mesma consegue ler, então o que está acontecendo... ou eu leio uma história ou às vezes ela lê pra mim. Agora ela tá com um livro grande que ela está achando o máximo ler um livro grande sem figuras, então ela lê todo dia, mas é um momento assim: faz xixi, escova os dentes e deita. Nessa hora é engraçado que sempre surgem questões. Questões das mais diversas. Desde que: por que Deus existe? Desde... porque aconteceu uma coisa na escola que ela não gostou ou que foi muito legal... então, acho que eu tento muito estar disponível para ouvir esses momentos, entendeu? E aí a gente acaba desenrolando muitos diálogos disso. Muitos momentos assim “ah, vou sair pra levar no inglês”. Você sai às vezes você está correndo, né? Tem dia que a gente... lógico. Mas tem dia que a gente vai conversando... aí puxa um assunto, puxa outro... Penso muito, no dia a dia, nessa coisa da disponibilidade que nem sempre é fácil, porque a gente está em casa, mas às vezes a gente está pensando em mil problemas de coisas de trabalho, do que tem pra fazer em casa. Eu tento sempre reservar um pouquinho... a coisa do dever de casa... ela é super tranquila, vai super bem na escola, mas ela gosta, assim “mãe, tô com uma dúvida. Senta aqui um pouquinho” Às vezes eu sento e aí do dever surge um outro assunto... nessas conversas vão aparecendo mil coisas, né, mil questões.

Entrevistadora – Pra você, existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos?

Tatiana – Acho que acaba tendo um pouco... Eu acho que é meio cultural, talvez... Acho que o amor... o tamanho do amor imagino que seja o mesmo. Acho que o pai é sempre apaixonado e louco pelo filho da mesma forma que a mãe. Acho que acaba ficando, na nossa cultura, muito em função... em cima da mãe, principalmente essa coisa inicial dos cuidados físicos, né, sei lá, tô chamando assim... O C. (marido) até ajudava bastante, dava banho, dava não sei o que... quando era bebê, mas acaba que... primeiro que no início depende muito da mãe. Alimentar é a mãe, né? O que é um cuidado super principal que no começo você precisa ter, não tem muito jeito. Aí eu acho que... aí acaba... Aqui em casa hoje em dia, o que eu sinto, eu não sei em todas as famílias como é... mas nesse momento... já teve momentos que eu acho que foi muito dividido o cuidar e o tempo disponível e tal, mas nesse momento o C. tá numa fase de trabalhar muito. Então acaba que hoje em dia tem ficado mais comigo. Principalmente esses cuidados assim “ah, fez o dever?”. Ele chega em casa, ele senta, conversa com ela. Ele tem essa troca também da coisa do educar, do estar sempre conversando. Mas, se fez o dever, foi ao inglês, se fez alguma besteira em casa (risos), se almoçou ou não almoçou... acaba hoje em dia ficando muito mais comigo. Acho que tem a questão cultural... Acho que o Brasil ainda tem uma coisa muito da mãe assumir determinadas funções que em outros países como os Estados Unidos ou na Europa já é diferente. Acho que talvez até por não ter uma... aqui acaba tendo um terceiro elemento, muitas vezes empregada ou avó... que lá não tem. Então eu acho que lá é muito mais dividido. Aqui ainda acho que acaba pesando, na maior parte, pelo que eu vejo dos casos, para a mulher. Quando a gente morou em Curitiba, já teve momentos que eu trabalhava o dia inteiro, em horário mais puxado e ele entrava mais tarde. Então ele que levava na escola todo dia, ia passeando com ela... Tinha uma pedra mágica que ela pulava e era grande e ela lembra disso até hoje. Então tinha uma divisão maior... melhor e maior. Hoje tá mais... nesse momento, tem ficado mais comigo. Mas eu acho que é muito em função do trabalho mesmo, não por...

Entrevistadora – E em relação a castigo, punição, como ocorre na sua família?

Tatiana – Uma coisa que a gente combina é assim: nunca um desautoriza o outro. O C. é mais rígido do que eu com determinadas coisas. Ele acha que às vezes eu sou mole e eu acho que às vezes ele é rígido demais, sempre tem essas questões. Mas, por exemplo, se ele falar uma coisa com ela, mesmo que eu ache que é um exagero, eu nunca... Vamos supor “ah, se não fizer isso vai ficar...” Porque a gente tenta muito na conversa... os dois, na verdade, ele e eu, mas tem horas que não adianta. Então você acaba... “então não vai ver tal programa que você gosta”. Às vezes o C. é muito mais... Assim, o limite dele para botar punição é bem mais curto que o meu. Às vezes eu acho que é exagero, mas eu nunca falo isso na frente dela. Depois eu falo com ele “você exagerou, né, a menina só fez isso...” Aí ele fala “ah, você também é muito mole, você deixa isso, isso, isso...” Mas o combinado é esse. A gente nunca desautoriza o outro, a resposta sempre tem que ser dos dois... Claro que se ele não tiver em casa e ela perguntar: “posso ir na pracinha?” É óbvio... é uma coisa simples, entendeu? Mas se for uma questão que a gente acha maior, a gente tem que conversar e a resposta é dos dois e a punição é parecida, assim... o que a gente conversa é isso. Vai no diálogo e aí se não tá adiantando no diálogo, vai e corta. Mas é raro, assim... já teve época dela ficar de castigo. Logo no começo eu botava sentada um pouquinho pensando... aí hoje em dia, na idade que ela está, acaba sendo mais cortar alguma coisa que ela gosta. Acaba ficando “ah, eu não fiz o programa tal” ou então “não pode ir no lugar tal”, mas é super raro, na verdade, acaba se resolvendo no diálogo. Só tem que ter paciência. Funciona bem. Bater, assim, palmada... nunca aconteceu. É até uma questão que eu sempre levando com as minhas amigas que tem filhos... Eu não acho assim que “ah, deu palmada, é violência, então a criança vai ficar traumatizada”. Eu acho uma besteira na verdade, porque eu acho que sinceramente uma palmada não vai traumatizar ninguém. Não se espanca uma criança que é um absurdo, né? Mas o que eu acho, como mãe, é que se eu for dar uma palmada é porque eu perdi o controle. A verdade é essa... Porque chega uma hora... tem hora que a criança te enlouquece. Chega uma hora que você já falou, já brigou, não resolveu... você dá uma palmada, ou seja, você que é o adulto se descontrolou. Você tem que ter o controle da situação com seu filho. Então, assim, eu sou contra a palmada neste sentido. Não porque eu acho que vai ser uma criança violenta, vai sair batendo nos outros... Porque todo mundo na nossa época levava palmada e ninguém sai por aí espancando ninguém por causa disso. Eu tenho facilidade de ter controle. A E. é uma criança tranquila, também, assim... não sei com toda a criança eu teria, né? A experiência que eu tenho é só com ela, então... A única coisa... uma coisa só que me tiram assim de... é o cansaço. Quando ela era bebê, essas coisas de criança pequena... ela dormia muito mal, ela realmente dormia especialmente mal e eu ficava realmente exausta. Aí tem umas horas que você perde a paciência... Aí me foge um pouco da... Aí você vê que perde a paciência por uma coisa de exaustão mesmo. Mas essa coisa da criança ficar pedindo ou falando, até que eu tenho... Tem umas coisas que você tem que repetir todo dia, né? De repente passa, aí vem outras questões, porque as questões vão mudando... (risos). Mas assim... eu repito. Aí daqui a pouco eu volto na mesma coisa “já falei que assim não, porque isso e aquilo...” Eu tenho uns limites, óbvio, como todo mundo e tenho uns limites muito fixos, como essa coisa de cansaço. Isso eu me lembro. Ela bebê, tinha horas que eu perdia um pouco... entregava ela pro C... “Pelo amor de Deus...” Eu não aguentava mais, estava exausta, sabe? O cansaço me pega, mais do que a ele. Ele dorme menos... eu tenho uma necessidade de sono grande e a E. nessa fase, assim, foi mais difícil.

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas e instituições são também importantes no cuidado com sua filha?

Tatiana – Eu acho outras pessoas da família maravilhoso, embora aquela coisa do avô e avó que estraga... eu acho que é o papel deles. Eu acho que o papel de corrigir é da mãe e do pai. O papel deles é só dar amor e brincadeira e tal... A não ser que seja de repente uma criança... que não foi o caso da E. pela distância no início e hoje em dia também... que fique... divida... que a avó fique o dia inteiro com a criança. Aí eu acho que essa avó... os pais têm que conversar e meio que ela tem que entrar em algumas regras, senão fica uma coisa louca. Mas se não for... E a babá, eu acho que é legal... Eu nunca tive, assim... A gente sempre teve uma pessoa que me ajudava durante a semana até pela questão do trabalho, né, de eu trabalhar. Eu preciso ter... tem horários, por exemplo, que ela chega da escola e eu não estou em casa. Vários dias. Então, não tem como. Agora, eu acho muito ruim essa coisa também da... Eu vejo, assim, tem amigas minhas que tem uma condição financeira ótima e tal e assim tem babá horista, babá durante a semana, babá de fim de semana... Eu acho demais. Acho que você perde um pouco a intimidade com seu filho, com sua família. Como você senta no restaurante... acho a coisa mais estranha do mundo... você, seu marido e a babá? O que você conversa com seu marido? A mãe também não pode pegar a criança um minuto no colo? Você vê no shopping várias assim... a mãe andando do lado e a babá empurrando o carrinho. Acho um pouco estranho, acho que perde um pouco essa conexão... Agora sem dúvida nenhuma é um alívio em algumas horas, né? Então, eu acho que dentro de um limite é legal uma pessoa que possa ter ajudar... essa coisa também no início... a gente fica muito querendo ser super heroína... “ah, eu vou fazer tudo, eu vou...” E realmente, você faz tudo, mas tem uma hora que você tá cansada. Se você tem uma avó para entregar um pouquinho... vai dormir um pouco, entendeu? Seu filho não vai ser carente por causa disso. A gente fica numa coisa de querer ser super mãe, de querer fazer tudo... Eu acho a ajuda das pessoas ótima. Até de amigos. Lá em Curitiba a gente tinha até um caso, assim... que é mais difícil... era uma amiga nossa... porque a gente lá não tinha família, né? Até hoje ela vem aqui pro Rio, fica aqui em casa e tal... A E. ficava com ela bebê, assim... 9, 10 meses. Às vezes a gente... pra ter um tempinho assim só nós dois. A gente saía, deixava a E. lá com a mamadeira, ela ficava... (risos) Claro que isso é só com pessoas que você confia, mas eu acho válido. Logo que a E. nasceu, meus pais ficaram lá um período. Minha mãe ajudou bastante. Aí tinha uma moça que trabalhava lá em casa, mas ela ia de segunda à sexta. Ela ia, trabalhava, ficava um pouco com a E. enquanto eu trabalhava. Nessa época a gente morava em Curitiba, ela nasceu em Curitiba. E tinha essa amiga e meus pais, quando iam, mas até que meus pais iam bastante. E essa amiga que ajudava a gente, assim... De vez enquanto dava umas desafogadas. E só. Era bem pouco. Tanto que a E. era super acostumada a sair com a gente, botava ela no carrinho e ia. E aí ela dormia em bar... Porque a gente queria sair também um pouco e não tinha como. Então, assim sempre foi... o que eu acho também bom pra criança. Lembro que meus pais faziam isso com a gente, comigo e com meu irmão, e era super tranquilo... dorme em qualquer lugar. Depois aqui no Rio a gente tem, durante a semana, uma moça que trabalha, mas que também vai pra casa dela todo dia. E tem também os avós, mas é sempre uma coisa mais... às vezes pega na escola, tem dia que ela dorme lá quando eu vou atrasar à noite. Mas eles viajam muito também, não é sempre, não é todo dia, não. Todo dia é a gente mesmo e no caso, durante o dia, a empregada, né? Meus pais agora estão bastante presentes, porque moram mais perto hoje em dia, mas eles são aposentados, os dois, e viajam pra caramba. Meu irmão mora no sul... então eles também vão lá visitá-lo. Não posso contar, vamos supor “toda segunda e quarta ou toda terça e quinta busca a E. não sei a onde”. Não, não tem como, entendeu? É quando eles podem, quando eles estão aí, eles ajudam. E os pais do C. é difícil, né? Quando eles vem também são super... quando a E. vai pra lá, passa férias lá, 15 dias eu deixo com a minha sogra. Super presente, ótima, mas a distância não tem como superar...

Entrevistadora – Você falou que ela faz inglês. Ela faz mais alguma atividade?

Tatiana – Ela começou inglês agora que ela está com 8, nunca tinha feito não. Ela tava fazendo natação e aí cansou e amanhã vai começar no balé. Vai ficar no inglês e no balé. Fora do horário da escola, ela fica em casa com a empregada. Sai normalmente meio dia e quinze pra escola, com a condução, e ela chega dez pras 7, mais ou menos. Aí ela tem as atividades do inglês de manhã e o resto do tempo fica em casa. Não sobra muito tempo não... (risos) Fica em casa, às vezes elas vão volta e meia muito pra essa praça que fica aqui do lado... Tem uma outra amiga, muito amiga dela que mora... tinham duas, uma se mudou... que mora aqui pertinho. Aí às vezes elas marcam, brincam aqui na praça de manhã. Elas brincavam até mais, porque não tinha inglês, ela fazia só natação. Então ficavam 3 manhãs. Então elas iam muito pra praça... A N., que é essa amiga dela, vinha muito aqui. Ela ia também, um pouco de manhã... sempre iam brincar. Esse ano que tá um pouco mais apertado, sobrando menos tempo. No prédio é que não tem criança. O prédio é pequenininho, aí essa é a parte ruim. Final de semana a gente costuma sair direto. A gente vai bastante ao cinema, a gente adora. Principalmente filme infantil a gente vai. Às vezes ao teatro... teatro a gente tem ido menos até. Praia, a gente vai bastante. A gente tem que sair também pra comer fora, porque eu não cozinho nada... sou uma negação na cozinha. A gente sai bastante pra comer fora. Sempre os três. Vai muito nessa praça aqui também pra ela brincar e tal. O resto é festa, casa de amigo... normalmente ela vai sempre com a gente. A não ser que seja uma festa à noite, mais tarde, aí ela não vai. Quando é uma coisa assim, a gente programa com meus pais, se eles estiverem aí, né? Às vezes ela fica também na casa de uma amiguinha de escola... geralmente acaba ficando com meus pais ou com as irmãs do C., dependendo.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Tatiana – É até engraçado... Eu acho que eu sou uma mãe muito parecida com que minha mãe foi. Minha mãe também trabalhava... acho que muita mãe antigamente era dona de casa, e tal... minha mãe também trabalhava. Até trabalhava também por conta própria. E sempre teve também bastante diálogo. Minha mãe sempre foi bem tranquila, assim... Uma relação bem tranquila. Acho que fica até um pouco parecido, sabe? Acho que não mudou tanto não. Mudou, assim, sempre mudam, talvez, de repente, algumas preocupações... preocupação com os filhos acho que sempre existe, o que vai mudando é quais são. Por exemplo, não tinha antigamente a preocupação com... seu filho tá na internet, com quem que ele tá falando... Eram outras, né? Mas até acho que eu fui criada de uma forma bem parecida com o jeito que a E. é criada.

Entrevistadora – Como vocês lidam com essas questões da internet?

Tatiana – É... Eu tento, né, acho que todos os pais tentam, apesar de não ser muito fácil... tento ao máximo criar nela a importância da confiança. Desde “ah, mas a gente combinou isso, então a gente vai fazer isso.” Desde questões bem menores, né... “te prometi isso, então eu vou cumprir. Você prometeu, você vai cumprir”. Pra tentar ir criando essa relação de confiança, né? Mas, você não pode simplesmente confiar totalmente em uma criança de 8 anos, até porque internet, essas coisas, tem um adulto ali, é muito fácil você enrolar uma criança de 8 anos, né? Então, assim, a gente estipula, por exemplo... hoje ela até tá com um computador, tem o computador dela. Porque eu trabalho direto, trago o meu pra casa, o C. comprou um e aí “posso jogar fora ou dar pra alguém?” “não, então deixa com ela”. Mas, assim, primeira regra, por enquanto, é que ela usa com a gente em casa. Só quando a gente tá

em casa. Ela não tem permissão pra ficar usando o computador quando a gente não tá, quando tá sozinha e tal. E a gente coloca também aquele negócio de sites permitidos. Sabe aquele negócio de você permitir... Porque tá muito louco... Eu acho engraçado porque tem, por exemplo, várias amiguinhas delas que são minhas amigas do facebook, que me chamaram pra ser amigas... elas já têm facebook. Eu, assim, fico bem quieta, porque ela não se interessou de ter, ela sabe que existe, ela futuca o meu às vezes, vê algumas coisas, mas não se interessou ainda de ter. Porque eu não acho legal, entendeu. Essas coisas das tecnologias me apavoram um pouco. Que nem celular. Tem várias crianças da idade dela que já tem celular. E ela fica “ah, mãe, eu queria um celular.” “Não”. “Eu só vou poder ter um celular quando eu tiver 30 anos?” “Não, de jeito nenhum”. “Você vai ter celular a partir do momento que você começar a sair sozinha, porque vai ter um motivo pra ter celular, pra te encontrar (risos). Se você quiser falar comigo, se você precisar de alguma coisa. Mas agora, uma criança precisa de celular pra quê?” Eu tento... mas é difícil... a gente sempre fica meio sem saber como lidar, se tá fazendo o certo, se tá sendo muito... “ah, mas todo mundo pode”. “Mas você não é filha de todo mundo, você é minha filha”. Será que eu tô fazendo certo, será que eu não tô... Mas eu limito. Essa questão de tecnologia... de computador e tal me preocupa bastante porque eu já ouvi várias histórias horríveis e... até documentários que você vê, que você lê... Isso assim eu tenho medo... Tem muito pai, muita mãe até da turminha dela que eu vejo que tem muito medo, assim, do filho crescer. Você sente que fica querendo... eu não tenho nenhum em relação a isso. Eu acho até... até por ela ser filha única... que a gente cumpre bem esse papel de deixá-la se virar. Agora eu tenho muito medo dessas coisas de... por exemplo, pedofilia é uma coisa que eu tenho muito medo. Então, é.. internet... outro dia queria descer e subir sozinha no elevador do prédio, não sei o quê... Eu não gosto, entendeu? Não sei... não sei quem entra... e às vezes eu falo “não fala com ninguém que... se alguém falar pra você ‘ah, vem aqui...’” Por exemplo, essa praça aqui onde ela brinca. A gente fica sentada e elas, óbvio, correm a praça toda e é uma praça grande. Claro, criança tá na praça, vai brincar, vai correr, mas eu sempre falo pra ela... tem umas portinhas, umas coisas assim, que vai pro banheiro. “Se alguém te chamar ali, nem que seja rapidinho, não vai.” Você tem que ir ensinando pra não... você não pode prender a criança, dizer assim “não, você não vai na praça”, porque é ridículo, né, criança tem que ir na praça, tem que correr, tem que gastar energia, tem que, né, ser saudável, mas tem que mostrar que tem muita gente ruim, né? E adulto é muito fácil, né? Se você fizer “ah, vem aqui, você é bonzinho...” Você trata bem a criança, não sei o que, você consegue qualquer coisa da criança. Essa é minha maior preocupação. Sei lá... um adulto na internet... Outro dia ela chegou da escola perguntando o que que era anal. “Mãe...” Mãe, não, pai, graças a Deus (risos). Deixei pra ele responder, falou pai... “Pai, o que que é anal?” E o C. “ah, é tudo que vem do ânus... quando a gente faz cocô, tem aquele buraquinho...” Aí parou a curiosidade. “Mas, E., como você ouviu essa palavra?” “Ah, foi a M. que perguntou”, M. é uma amiguinha dela da escola. E a professora falou o quê? “Ah, ela chamou ela e explicou”. “E onde é que ela viu?” “Ah, ela viu no youtube”. Imagina o que tem no youtube... a criança acaba deixando de ser criança. Tem etapas pra saber o que que são as coisas. Eu converso com ela numa boa, assim, ela sabe como é que os bebês nascem... agora confesso que se perguntou ao pai essas perguntas assim mais difíceis de responder eu vou deixar o pai responder (risos). Mas eu converso. Ela pergunta. Volta e meia vem umas curiosidades assim e eu tento fazer mais ou menos umas coisas que eu já li e que até uma amiga minha que é psicóloga deu as dicas e tal... quando for responder... às vezes a gente quer também ser muito explicadinho e acaba falando demais pra criança, né, o que ela nem tava tão curiosa. Eu tento ir até aonde... perguntou aquilo, eu respondo aquilo. Se perguntar mais eu vou um pouco mais. Acho que o C. tem mais facilidade pra responder, acho que ele vai um pouco mais natural do que eu.



Entrevistadora – Pra fechar, o que é ser mãe?

Tatiana – Ser mãe é ter um amor que não tem tamanho. É difícil até você descrever, é... muda a sua vida de uma forma...você começa olhar o mundo, as pessoas, com outros olhos. Acho que ser mãe é tentar fazer o melhor sempre. Apesar que nem sempre a gente consegue. Acho que toda mãe tenta acertar, tenta... Não consigo imaginar uma mãe, tirando esses casos aí de gente louca, que não queira o melhor para o seu filho. A gente, né... Tentar fazer o melhor por aquele serzinho que vai crescendo e que vai ficando independente, que faz parte de nossa vida e vai fazer sempre... tentar fazer o melhor sempre. Mas, assim, a maternidade muda muita coisa na gente. É engraçado isso.. Até uma amiga minha que fala... ela tem dois filhos... “ah, todo mundo que não tem filho sabe educar tão bem, né?” É bem isso. Sabe todas as regras... E a gente vê que um monte de coisas a gente quer fazer certo e acaba não fazendo. Um monte de vezes a gente tem dúvida. A dúvida e a insegurança estão presente sempre... mas é a melhor coisa do mundo.

Entrevistadora – Como é que você tenta aplacar um pouco essas dúvidas e inseguranças?

Tatiana – Eu tento seguir um pouco assim... porque eu acho que não tem fórmula, né? Primeiro que cada mãe é uma, cada criança é uma. Eu tento seguir muito assim aquela coisa cafona, mas do coração mesmo... o instinto. Na nossa relação às vezes uma coisa não tá funcionando aqui, vamos tentar melhorar. Tem coisas que na teoria são muito boas, mas na prática, na sua vida, na sua casa, não funcionam... eu tento buscar um equilíbrio, sabe? O equilíbrio das coisas e tem aquela coisa do amor, né? Você sempre tenta... acho que tudo na melhor intenção. Ir observando... Acho que uma coisa que... isso eu acho legal, também, uma coisa de você tá sempre observando muito. É aquilo que eu falei da atenção. Não é atenção de você simplesmente ver... mas você tá olhando mesmo pro seu filho. E provavelmente se eu tivesse um outro filho, seria diferente a relação, seriam diferentes as questões. Que eu vejo amigas e tal... Tem coisas que são parecidas pra todo mundo, mas cada criança é uma criança. A E. mesmo é uma criança que às vezes eu finjo que não vejo quando ela faz alguma coisa errada, acho graça... Porque ela é tão certinha que me preocupa isso. Ao contrário de outras... eu vejo pela escola. “Ah, eu não consigo botar essa criança sentada pra fazer o dever”. Gente, E. faz e enquanto ela não termina ela fica... se eu atrapalhar ela, ela fica irritada... então às vezes eu puxo pra exigir menos, entendeu? “Ai, deixa isso assim mesmo”. Às vezes eu falo porque precisa. Então é aquilo, né, a relação de cada um, de cada criança. Sempre gostei de gente. Gosto muito de gente, de pessoas diferentes, acho que minha profissão tem muito a ver com isso. Mas acho que depois de ser mãe eu comecei a olhar pras pessoas com outro olhar, comecei a ter mais... sei lá, até compaixão de algumas coisas... Isso eu acho que mudou muito... de me colocar mais no lugar do outro. Eu tento fazer isso até em relação a ela. A observar mais as pessoas... a me colocar mais no lugar das pessoas... acho que mudou muito isso.

### Entrevista 15

- Renata, 40 anos, do lar, moradora de Niterói, uma filha (L., 8 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Renata – Cuidar dos filhos, entendo... vou falar no geral, tanto na parte dos estudos, da educação mesmo de casa... como lidar com as crianças de hoje... muita informação... E eu tento conviver com isso de forma bem prática, tento aprender também porque a gente erra a beça, né? Mais ou menos isso.

Entrevistadora – Como seria isso no dia a dia?

Renata – Mostrando mais a parte de como lidar com as pessoas, a parte de educação... Respeitar os outros e respeitar o espaço comum... Escola, por exemplo, é um bem pra todos. Não é porque aquela sala de aula é dela que ela vai sair fazendo bagunça. A sala é dela, mas todo mundo usa, tanto a turma da tarde, como da manhã... Então, respeitando as professoras, as pessoas... Dentro de casa também. Rotina... acho importante a criança ter rotina. Tem que ter horário pra tudo, acho que não é legal ser “a hora que eu quero”. Respeitar os limites e também respeitar os limites da criança também. Não encher ela de informação numa hora só e querer que ela saiba tudo. Respeitando também até a própria maturidade, né? Vai crescendo, você explicando. Mas a gente erra também... às vezes eu posso estar indo por um caminho e estar totalmente errada, chega lá na frente eu vou ver... não tem bula... é mais ou menos assim... da forma que minha mãe me criou também. Respeitando as pessoas... acho que o primordial hoje... hoje ninguém mais quer saber de educação básica. Educação básica é dentro de casa, né? Respeitar os outros, ter educação pra comer... sentar na mesa. Quando a criança chega no restaurante e começa a fazer aquele auê é sinal de faz em casa também. Então acho que é por aí mesmo. O básico mesmo da educação, o bêabá... é respeitar os outros, saber comer... se comportar numa mesa. Tudo bem que ela não precisa saber etiqueta, mas o básico precisa saber. Se comportar. Botar as pernas dentro da mesa. Sentar na cadeira, sentar direito. Não ficar largada de perna aberta em cima de mesa... igual eu vejo em restaurante criança fazendo aquele auê. Eu acho feio. Eu falo mesmo “ah, lá, L., olha que coisa feia”. Não é assim, né? Sentar direitinho, moçinha... O básico mesmo da educação, normal. Conforme a maturidade dela a gente vai acrescentando.

Entrevistadora – Você tá falando sobre educação... você acha que cuidar e educar são sinônimos?

Renata – São próximos. Cuidar da criança... é alimentação dela, cuidar da saúde dela, levar ao médico... tô cuidando dela... fazer uma prevenção. Fazer aqueles exames de rotina... exame de sangue, é... levar no médico, mesmo. Não é só porque dá doente que vai, não. Igual eu vou. Eu vou no médico porque eu faço minha rotina todo ano. Ela também. Levo... vou levar agora nas férias, que a gente tem um tempinho maior... aí leva pra fazer check up. Aí todo ano faz... pra ver como está o colesterol... tô cuidando, tô cuidando... a gente tá fazendo uma medida preventiva aí. E educar é essa forma de ensinar. Ensinar a ela, mesmo, como se comportar na rua, na casa dos outros, na escola... e dando educação, né, respeitando as pessoas como eu já tinha falado.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Renata – Tem. Minha mãe era um pouco mais rígida. Eu sou... eu tento ir com o mundo de hoje, né? A gente vai conforme a música (risos). Minha mãe era um pouco mais rígida, não podia muita coisa. Hoje eu já tento falar com minha filha de uma forma que pode muita coisa, mas dentro dos limites. Minha mãe era aquela coisa de “não pode” e não quer explicar o porquê que não pode. E a gente tinha que absorver isso da melhor maneira possível, né? Então

eu acho que mudou sim. Hoje eu crio minha filha de uma forma... também tentando mostrar a ela o que pode e o que não pode, mas dentro de uma modernidade, digamos assim, dentro do mundo atual. Estamos em 2013, né? Vou ensinando a ela, mas também não perdendo a base. Porque hoje em dia não pode bater em filho. Minha mãe sempre quando foi preciso dava uns tapinhas. E eu nesse ponto sou meio igual minha mãe, aí de repente a gente pega um pouco de lá de trás. Por que que não pode bater em filho? Não é bem assim. Lógico que você não vai espancar. Mas de vez em quando uns tapas na mão eu acho que não é nada de mais. Não é grave isso não. Acho que... tem hora que a criança tem que ver que você tá... às vezes só falar não adianta. Tem que falar mil vezes pra poder entrar na mente. Eu fiz muito isso com L. quando era menor. Quando ela tinha uns dois, três anos a gente tinha que falar “não pode mexer aí” “não pode”. Isso aí tem que entrar na cabeça com um aninho, dois aninhos... aí aquilo que eu tô te falando... com a fase, com a maturidade, vai crescendo... aí a forma de você falar “não pode” é outra.

Entrevistadora – Você enfatizou as mudanças do mundo de hoje. Pra você, o que mudou?

Renata – Informação. Internet. Muitas das vezes os filhos não vêm mais a mãe pro que quer, não. Ela vai lá e já sabe, descobre sozinha. E quebra a cara muitas vezes, né? E eu tento falar isso com a minha filha. “L., oh, a internet tá aí. Realmente você bota ‘Tio Google’, ele te responde tudo, mas só que eles não te dão a base... a experiência que a gente tem. Você tem que confiar em quem? Em mim. Eu e seu pai. Somos a sua referência. As dúvidas, você vai saber, você pode até botar no Google, jogar lá o que você quer saber e ele vai te dar uma resposta, mas a resposta que ele vai te dar você às vezes não vai entender. Então, você vai ter que perguntar a quem? A mim e a seu pai. Se você perguntar a suas amigas, elas são crianças igual a você... elas não sabem igual a você... elas vão te responder igual a você, o mesmo pensamento. Ou seja, não sabem de nada. Então quem tem que te responder? Perguntar a seu pai e sua mãe que vão te responder com uma base certa, uma experiência já vivida, já sabendo o que é.” Então é por aí. Então eu acho que a diferença é isso: a internet. A internet veio mesmo pra arrasar logo. Boom! E você fica naquele meio... naquela chuva de que como vou lidar com isso. É bem por aí. Na nossa época não tinha isso... celular, telefone em casa... Eu vim ter telefone em casa tinha meus 16 anos. Minha mãe foi ter o primeiro telefone... Não tinha essas facilidades. Hoje, não, criança com 9, 10 anos... da idade da minha filha, com celular na escola. Eu já não gosto muito dessas coisas. Eu acho que a tecnologia tá aí, mas vamos com calma. Pra que L., hoje, com oito anos de idade, estar com celular na escola? Ela não tem celular, não vai levar celular. Nem tablet, nem nada. Ela não tem e-mail, facebook, não tem. Mas tem muita amiguinha dela que tem. Eu já educo um pouco diferente, acho que não tem necessidade. Ela vai ter. Na hora certa ela vai ter o e-mail dela, o facebook dela... Ela vai ter um negócio desse que eu que vou ter que ficar supervisionando? Vai me dar trabalho. Não quero nada trabalhoso pra mim. Quando ela tiver maturidade pra ter o negócio dela, aí ela vai ter e vai administrar sozinha. Lógico que de vez em quando a gente tem que dar uma olhadinha, mesmo com 16 anos, né, porque esses adolescentes eles acham que é dono do mundo (risos).

Entrevistadora – Como é a questão do castigo na sua casa?

Renata – Hoje ela não leva mais tapinha. Muito difícil... É aquilo que eu tô falando... Vai crescendo eles vão entendendo que a coisa é diferente. Então é muito difícil ela levar um tapa meu. Pode até perguntar a ela, que ela vai te falar. Mas já levou bastante quando menor, levava mesmo. Hoje não leva mais... difícil... hoje é mais castigo, mesmo. Tipo... adora uma internet, né? Adora ficar lá no youtube vendo aqueles negócios dela de Carrossel, jogo da

Barbie. Então eu tento tirar por aí. “Não, oh, você gosta? Tá sem”. Adora ir pra escola na companhia de uma amiga. “Mãe posso? Vamos chamar fulana pra ir pra escola comigo hoje?” “Pode”. Mas se ela fez alguma coisa “Não, você hoje vai pra escola, eu e você. Não tem amiguinha hoje não. Você vai encontrar com a sua amiga lá na escola”. Então eu tento tirar aquilo que ela gosta realmente. Por aí. Hoje o castigo dela mudou. Hoje é difícil dar um tapa nela, muito difícil. Mas... eu tento tirar o que ela gosta. DF... adora um dfzinho. Tiro o dfzinho. Assim... tentando tirar o que ela mais gosta. Esse é o castigo dela hoje.

Entrevistadora – Pra você, existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos? Como é na sua família?

Renata – Não. Eu e L. (marido) pensamos bem parecido. A gente... O que eu penso normalmente ele pensa também. Ele só é às vezes assim... ele é mais calmo que eu... a personalidade, né? Eu sou mais explosiva. Ele é mais tranquilo. Então às vezes meu jeito de chegar em L. e chamar atenção dela, às vezes é um pouco agressivo... eu já vim lá de dentro gritando “Ô, L., como é que é? Seu pai já falou, você não tá obedecendo não?” Ele já não é assim. Ele fala “filha...” daquele jeito mais manso. Então, eu acho que a diferença é essa. Mas o objetivo é o mesmo. A gente pensa bem parecido. Ele também não gosta de bater... aliás, pai não bate, né? A Cuca é a mãe. A mãe é a Cuca (risos). Eles não batem, não. Eles falam mais mesmo... eles têm mais aquela coisa de falar, conversar. Mãe, não, mãe é mais de agir, de fazer e acontecer. Mas, assim, o objetivo é o mesmo. No fundo é bem parecido. Eu e ele a gente pensa bem igual. Ele também foi criado de uma forma... igual a mim, né? Aquilo meio tradicional, não pode nunca nada. Então acho que a gente... bem parecido... tenta educar a L. mais suave, né?

Entrevistadora – E em relação às atividades com ela?

Renata – A gente faz tudo junto. Quando a gente vai, assim... viagem. Normalmente é férias do pai. Todo ano a gente procura fazer uma e ela vai junto. L. é muito grudada, tipo assim... mercado, atividade de mercado e hortifruti ela vai junto. A gente faz muita coisa junto, eu e L. L. não tem... Assim ele é bem tranquilo como eu te falei. Ele não tem aquela coisa de... “ah, eu tenho um hobby, eu jogo bola toda quarta-feira”. Meu marido não tem esse hobby. Ele não joga bola toda quarta-feira. Ele joga bola nas férias, quando tá num hotel... nas férias, curtindo, aí tem um jogo, ele vai lá jogar o futebol. Mas naquele momento ali de férias e tal. Outras coisas ele não tem. Então é bem junto mesmo. Tudo que ele faz, a gente faz... ela vai junto. E ela acaba... e eu também não tenho essa coisa de hobby. Eu não tenho essa coisa de “vou fazer isso” e ele também. Então a gente é bem... bem assim entrosado, bem de comum acordo. Aqui em casa funciona assim. Mas tem família que tem, né? Cria-se outro espaço também. Que eu acho até importante... ter um hobby. De vez em quando é bom pra espalhar. Queria que L. tivesse um hobby de vez em quando... (risos) Vai desestressar lá na sua bola... mas ele às vezes desestressa em mim. É o preço que a gente paga, né? (risos)

Entrevistadora – Em relação aos cuidados com ela, existe alguma divisão entre vocês?

Renata – Não... Ah! Levar pra escola. Só eu faço, é um exemplo. Porque ele trabalha, eu não, então... Cinema no feriado, às vezes feriado só em Niterói, como teve agora segunda-feira. Eu levei pro cinema com as amiguinhas, ele trabalhando... Então, essas coisas assim só eu faço. Agora final de semana, não. Se tiver que ir no cinema, vai eu, ela e ele. Mas dia de semana... às vezes é um feriado isolado em Niterói, como ele trabalha no Rio, aí eu que levo. Levar pra escola, só eu. Reunião de pais, só eu. A não ser, assim, férias, em outubro. Se tiver uma

reunião em outubro, ele faz questão de ir. Mas quando não, normalmente... eu de frente com a escola. Eu tô todo dia na escola. Quando ela era pequena, era eu também durante a semana. Ele voltou a trabalhar, aquela licencinha normal... Ele voltou a trabalhar. Mas quando chegava à noite ele fazia questão de... “ah, não, a mamadeira deixa que eu faço”. Trocar fralda... “Ah, não, eu vou dar banho. Eu vou ficar com ela no sofá”. Isso ele fazia, quando ela era pequena, neném. Aí conforme vai crescendo... Inglês, por exemplo, quem estuda... quem faz dever de inglês com ela é ele. Toda quarta-feira ela tem aula de inglês. Volta dever a beça e quem faz com ela é ele. Quarta-feira à noite ele chega do serviço “vem, filha, vamos fazer o dever de inglês”. Quer dizer, essa tarefa eu já deixei também um bocadinho pra ele. Os outros deveres quem faz mesmo sou eu, então... (risos) ele fica com o inglês que eu também não domino essa área... ele domina legal, ele senta com ela, explica. Então essa parte de inglês é com ele. Mas a maior parte sou eu mesmo. Porque eu tenho mais tempo, né?

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com sua filha?

Renata – Acho até importante ter babá e tudo, quando você tem situação financeira pra isso. Acho que não é nada demais ter babá, desde que você consiga pagar ela, que tenha situação financeira pra isso... pô, é uma ajuda e tanto ter uma babá. Porque às vezes criança pequena estressa, né? Só quando você passa por isso, você vê. É bom ter uma babá, só que... quem tem condições pra isso... eu não tive. Eu não tive babá. Era eu cuidando dela e a ajuda que eu tive quando ela era menor foi da minha sogra, da avó, por morar perto de mim me ajudava mais até do que minha própria família. Minha mãe mora em Itaipuaçu, então, longe... Minha mãe não ficava muito aqui. Não era muito de vir. Ela vinha duas vezes por semana, no fim de semana... então, quando ela era menorzinha quem me ajudou muito foi minha sogra. Aquela coisa do banho... Mesmo porque L. nasceu prematura. Ela ficou um mês na UTI. Então, quando ela veio pra casa, ela já tinha um mês de vida. Eu tinha que ter um cuidado maior. O medo maior pra mim também, porque era minha primeira filha. Então, aquela coisa toda... Mas, assim, a ajuda quando ela era pequena... ajuda normal também de sogra, de avó... dar o primeiro banho... quem deu foi minha sogra e eu ficava ali olhando, aquela coisa... até eu aprender, pegar mais jeito. Normal, também, depois vai crescendo... e eu... normalmente sou eu mesmo de frente e quando a gente precisa de ajuda, assim... fiquei doente, vou ao médico... aí minha sogra me ajuda por morar perto, é melhor que pedir minha mãe pra sair de lá de longe... Quando eu fiquei doente em 2011, fiquei uma semana internada. Quem cuidou foi minha sogra e minha cunhada... e o L. junto porque ele também ficou... pegou licença no trabalho... Então é mais a gente, mesmo, assim, sem muita gente de fora. Não tenho empregada e nem nunca tive babá também. Mas quem tem... não acho incorreto, não. Acho certo, acho bom ter, acho uma ajuda e tanto ter, mas aí conforme o bolso de cada um (risos). Quem pode tem. Na escola, o cuidado, assim... a escola cuida. A escola também é... a base é de casa, mas a escola colabora, né? A escola junta. Eu acho que a escola tem que colaborar também com a educação de casa, né? Tem gente que tem mania de achar que a escola que educa. Não, a educação vem de casa. A escola é uma soma, um somatório, mas eu acho que a escola ajuda, sim. A socialização deles... Ela estuda desde 2 anos de idade, com 2 aninhos eu botei ela. Então ajudou muito a conviver com outras crianças, a socializar, a dividir... Essas coisas todas, a aprender tudo, né? Eu acho importante a escola, sim. A escola... ela soma. Ela fazia balé, mas depois ela parou. Fez jazz também, mas aí parou. Aí agora eu quero botar ela na natação, mas vou esperar o segundo semestre por causa do frio, né? Porque agora vem essa época de frio e aí... deixar pra setembro, ela fazer natação. Minha mãe uma vez por semana vem aqui, ontem mesmo ela veio. Então ela tá acostumada a estar em contato com a minha

mãe e de quinze em quinze eu vou lá também. A gente procura fazer assim pra ela ter contato com os tios, primos, avós... normal.

Entrevistadora – O que é ser mãe pra você?

Renata – Ah, acho que ser mãe é isso mesmo. Cuidar, mesmo... Isso que eu tô fazendo mesmo, o cuidado, a educação. O cuidado de administrar as coisas com ela... não é tudo que chega, que absorve. Não é tudo que aparece que ela tem... não é assim... mesmo que às vezes a gente tenha condição de dar. Por que dar? Tem que parar pra pensar, né? Controlar, entendeu? Tem que ter limites... Eu acho que é isso... o que eu faço, eu acho que é ser mãe: cuidar, proteger e ao mesmo educar, né, que é uma tarefa difícil. Por isso que eu só quero uma, que é muito complicado... (risos). Parei por aí. Até agora a gente não quer mais, não. Eu não quero e ele também fala “não”, então, vai ficar só ela mesmo. Como eu também tô nos quarenta, meu tempo cronológico... relógio daqui a pouco tá batendo, né? É por aí.

### Entrevista 16

- Ricardo, 46 anos, engenheiro eletrônico, morador de Niterói, uma filha (B., 8 anos).

Entrevistadora – Estou fazendo uma pesquisa sobre como os pais entendem o que significa cuidar dos filhos nos dias atuais. Você poderia falar sobre isso?

Ricardo – Cuidar é... eu entendo que cuidar é educar... é cuidar da educação, da ética... orientar em relação à educação e à ética. Tanto no sentido da educação da matemática, do português e tal... e a ética no sentido do que ela pode fazer e não pode fazer, no sentido do que é dela e o que é do amiguinho, o que ela pode desejar ter... dela saber que o que ela não tem não vai influenciar no sentido dela ser menos ou mais feliz em relação a isso. Eu penso muito nesse negócio de “ter”, né... (...) falando do Shrek. “Pô, mas ela preferiu ficar com o monstro, né?” e eu falei assim “é, eles são felizes, eles foram mais felizes dessa forma”. “Então o mais importante é...” ela mesmo conclui assim “legal é a pessoa ser feliz do jeito que a pessoa é”. Pô, pequenininha... ela devia ter uns 6 anos quando ela falou isso. “A pessoa é feliz do jeito que ela é e do jeito que ela gosta de ser”. “É isso aí, filha”. Então, essa coisa de não levar as coisas que não são dela pra casa, a coisa de respeitar... E educar... o que eu vejo assim em relação ao conhecimento, né? Local, idioma, leitura... Tem um programinha que é em espanhol, né... é um programa latino. Então ela fica vendo que tem essas músicas latinas e ela não sabe nada. Mas vendo, ela vai acabar pegando. E... a minha família é boliviana, mas ninguém fala espanhol perto dela. Eu só falo espanhol quando estou com meus pais.

Entrevistadora – Você acha que educar e cuidar são sinônimos?

Ricardo – O cuidar acho que fica mais a parte física, né? Não se machucar, tomar cuidado com o cachorro. E o educar é perceber o que é certo, o que é errado... Assimilar conhecimentos.

Entrevistadora – Você acha que existe diferença entre a forma que seus pais pensavam o que era cuidar dos filhos e a forma como você pensa hoje?

Ricardo – Antigamente os pais mandavam, determinavam... “é porque é. Faça isso porque eu quero”. E hoje tem o questionamento: “por que que eu vou fazer?” Hoje a criança não aceita

mais fazer uma coisa só porque é determinada. Ela questiona e questiona muito. Até a maneira de falar é diferente. Hoje a criança fala: “ah, pai, não quero fazer isso que você tá querendo. Ah, isso é muito chato.” É diferente de antigamente, né? Pelo menos a minha relação com meus pais era diferente. Meu pai era mais tradicional, minha mãe já tinha uma cabeça mais aberta. E acho que isso também tava relacionado ao fato dela ficar mais próxima da gente. Ela até escolheu trabalhar meio período, só pra ficar mais perto da gente. Também teve muito filho, né? Quatro filhos... A gente brinca que eles são loucos.

Entrevistadora – Pra você existe diferença entre o que os pais e as mães pensam que é cuidar dos filhos? Como é isso na sua família?

Ricardo – É... porque as pessoas são diferentes, né, não conseguem ser iguais... pode até pensar parecido, mas a forma de agir é diferente. A criança, no caso a B., percebe o que ela pode fazer com um e o que ela pode fazer com o outro. A V. (esposa) é mais cabeça aliviada... se ela se chatear com alguma situação que a B. fez, ela vai castigar e ela leva na boa. E eu não sei trabalhar essa parte de dar bronca, de brigar e ficar bem. É uma coisa que eu até tento trabalhar melhor com ela. Tem certas coisas que sabe... tem certas coisas que ela pode comigo, outras ela vai conseguir com a V. Ela sabe que com a V. pode fazer certas “malcriações”... e comigo pode fazer certas “malcriações” também. Ela sabe com o que que um vai esquentar a cabeça e o outro não. Eu não esquento a cabeça se tirar alguma coisa do lugar, desarrumar, largar... V. já gosta das coisas mais arrumadas. Eu não me ligo muito nisso. Minha chateação é em relação a outras coisas. Então, ela percebe. A criança percebe isso.

Entrevistadora – E em relação à castigo, punição?

Ricardo – A gente tem o costume de tirar as coisas. Pode ser um programa infantil que ela gosta, Carrossel, tirar um brinquedo, uma roupa... e até o próprio doce que ela gosta a gente tira. A gente não tem a prática de bater. Lógico que tem aqueles dias que você tem vontade, mas... segura e não faz... Que... poxa... Eu percebia isso em relação a algumas crianças... por que que algumas crianças tem mania de bater? Você vê muito garotinho de 2 anos batendo... mas por que uma criança pequenininha de um ano e meio, dois anos, no meio de outras crianças, está batendo? Ela percebeu isso. Ela aprendeu isso. Em algum momento, o pai bateu. Então a criança... pô, quando fica chateado... o cara que fica chateado bateu, então você já ligou... pô toda vez que ficar chateado, bate também. Então, desde pequenininha a gente já não tem essa criação de bater, né? Agora o castigo sempre rola e quando ela percebe que o castigo... por exemplo, essa semana foi fazer pulseirinha... esse negócio de aniversário. Aí tirou a pulseirinha. Aí eu falei “pô, você não vai mais levar a pulseirinha, não”. E ela “tudo bem, também não quero...” Ela já meio que desdenhou... Aí eu falei “tudo bem, então eu vou te tirar outra coisa... você tá achando que vai ficar assim?” Como na casa de dona G. (avó materna)... ela só vivia fazendo bagunça na casa e falou “aqui você não manda”. “É, aqui eu não mando. Mas aqui você não vem mais, então.” Aí ela percebeu “não posso falar assim com meu pai”. E o castigo... a gente procura fazer uma coisa que não seja, assim, negativa, né, pra que ela não ligue a uma coisa de falta de carinho. Então, assim, rola o castigo, mas... teve uma vez que rolou um castigo em relação ao programa “não tem programa hoje”, mas levei um bolo de chocolate. Aí V. virou e falou “pô, você dá castigo, mas dá bolo de chocolate?” “Pô, o castigo é não ver o programa. Ela já está sem ver o programa. O castigo tá lá. E o chocolate... ela tem que lanchar.” É uma situação pra ela ver, né... “O meu pai me castigou...” permaneceu o castigo porque ela queria ver o programa, mas não tem falta de carinho. Ela até depois do bolo falou “não suspende o castigo, não, você está castigada”. Ontem também... ela

esqueceu o livro, esqueceu a agenda, esqueceu um monte de coisas e eu fiz ela fazer umas cópias lá.

Entrevistadora – Você considera que outras pessoas ou instituições são também importantes no cuidado com sua filha?

Ricardo – A escola contribui muito, a escola é uma referência pra ela. As professoras todas foram uma referência pra ela, a desse ano também é. Ela percebe... ela coloca os professores como pessoas muito importantes. Fora da escola são os pais, dentro da escola é a professora. Até com a gente mesmo. “Oh, tem que fazer tal coisa”. “A tia falou que não”. Aí a gente... meio que não concordando, né, mas a tia tá certa... E a gente percebeu que se a tia falar pra ela fazer certas coisas, ela faria. Ela obedeceria mais a tia, porque a tia falou. Eu até falei quando eu tava numa reunião de pais... eu, V. e a coordenadora, eu falei... “A B. tem como referência a escola e a professora e seria interessante se vocês mandassem ela fazer. Por que ela vai fazer. Se vocês mandarem ela fazer, ela vai fazer. Se eu falar, ela vai fazer porque me agrada.” Agora ela tá na aula de teatro. Ela gosta de fazer atividades... jazz, teatro, dança, ela gosta disso... Se deixar, ela só vai fazer o que ela gosta. Ficar lá só fazendo leitura, escrita... ela não gosta, não gosta... ela gosta de coisas mais ativas. Ela não é uma pessoa viciada em joguinho. Ela tem um D.F., né? Quem joga mais D.F. é V. Ela não fica vendo televisão direto... ela gosta de atividades. E por ela gostar de atividades e a escola não falar o que ela tem que fazer, fez com que ela se atrasasse em relação aos outros alunos... mas o professor não falou. Ela tem com referência também a família. Tanto do meu lado, como do lado da V. Ela acha muito interessante a V. (tia), a V. (tia)... Falei com V. “Pô, ela passou um dia com você e ela já quer ser arquiteta?” Ela tem muito dessa referência da família... mais do lado da V., porque do meu lado ela é a sexta neta, sétima neta. Então não fica muito próxima, né? E o fato de ela ser única neta lá, dona G. e seu J. (avós maternos) fazem questão dela ficar lá...e eles pedem pra levar, pra deixar, pra ela dormir lá. Engraçado esse lance de castigo... foi ano passado. A B. nunca dormiu na casa da minha mãe, porque não dava... ela nunca dormiu. Na dona G. já dormia. E aí chegou um momento da gente ir embora. V.: “vamos embora, vamos embora” e B. ficou lá com o primo de São Pedro D’Aldeia e a prima que mora com meus pais. E aí “vamos embora, vamos embora” e nada, e ela lá... aí eu falei “então você vai ficar aí, hein!” Aí descemos. Eu e V. descemos e V. desesperada “Ai, V., tadinha da minha filha. Vamos pegar ela. Vai deixar ela aí, ela vai chorar a noite inteira...” E saímos assim mesmo. Largamos, né? Seria o castigo: deixamos ela lá. Mas lógico que a gente ia buscar. Aí liguei pra minha mãe... “mãe, tô subindo aí pra pegar B.” “Não, depois que você falou que ela ia ficar aqui, o H. e a A. (primos) abraçaram ela, já estão vendo a cama e ela vai dormir aqui”. Bom, aí o castigo foi por água abaixo, porque ela se divertiu lá e acabou dormindo lá. Ela nunca tinha ficado, engraçado... Não rola, não sei porque... É porque lá também... ela tá acostumada... não sei se é ela ou se é coisa da nossa cabeça... de ficar todo mundo paparicando ela e lá não tem isso, mas ela levou numa boa. Minha mãe também não fica muito atenta pra isso, né? Mas quando ela era pequenininha tinha muito mais... Hoje ela tá mais independente. Já teve vezes que minha mãe buscou ela na escola, minha mãe fez questão de “ah, o que você quer comer?” Melhor comida é da dona G. “Ah, eu gosto do feijão da minha avó.” Minha mãe não se importa com isso... “tá beleza... mas o que que você quer comer?” “Eu quero macarrão.” Tenta agradar... pra ela se sentir bem ali. Antigamente eu pedia a Dona G. e minha mãe pra cuidarem dela, pegarem na escola. Depois da minha mãe ter caído numa dessas ruas por aqui, eu não peço mais. Quem vem muito é dona G., a V. (tia) que é muito ligada com a gente... e... só. A V. tá trabalhando, não tem tempo mais de pegar na escola. A B. nunca teve babá, empregada.... a V. não trabalhava. A V. passou um bom tempo sem trabalhar. Voltou a trabalhar agora, depois de 8, quase 9 anos sem trabalhar. Isso foi legal



pra B., pra B. acho que foi bom ter essa possibilidade e tal. A proximidade da mãe... poder ficar perto, fazer as coisas pra ela e tal. Isso foi legal. Pra V. não foi... ter que ficar dependente, né? A gente via que pra ela não era legal. A volta ao trabalho da V... logo na primeira semana ela sentiu... tá tudo diferente... e foi diferente até pra mim. Porque... tinha coisas que eu nunca fazia... preparar a B. pra sair pra escola. É diferente de preparar no fim de semana. No fim de semana você tem tempo pra sair... você não tem pressa pra sair de manhã. Que é diferente de dia de semana. “Vamos embora, vamos arrumar, toma café da manhã, veste seu uniforme, vai pentear o cabelo...”. E aí tem que preparar... pra eu também trabalhar. E a B. percebeu essa diferença. Tá indo pro trabalho, já pensando no trabalho, né, com ela no carro. E ela sentiu porque é diferente da V. E ela percebeu isso. “Com minha mãe é diferente... tô saudade da minha mãe. Quando tinha excursão minha mãe ficava com as outras mães pra ver o ônibus sair.” E a V. até me perguntou “você viu o ônibus?” “Eu, não, pô”. O ônibus ia sair oito e meia, eu deixei ela lá sete e meia, como é que eu vou ver?” É aquele lance... A gente pensa mais ou menos igual, mas tem atitudes totalmente diferente. “Pô, eu não vou ficar esperando o ônibus...” Mas a V. e outras mães ficam esperando o ônibus. E tem pai também que é assim. Tem pai que fica esperando o ônibus e tal... só que... é aquele lance de se preocupar com outra coisa, né? V. falou: “pô, mas você não voltou lá pra ver?” “pô, eu ia voltar pra casa?” Tomar meu rumo, né? Então acho que ela sentiu isso, mais por falta da mãe. Porque melhor, ela fala que é melhor agora. A V. não tinha preocupação no café da manhã com ela. Ah, sim, café da manhã tinha as mesmas coisas. E eu tenho a maior preocupação em variar... variar mesmo, perder tempo pra fazer o que ela pedir. Tipo “o que você quer comer hoje de café da manhã?” Eu já programo na noite anterior. Parece que é pra mimar, mas é porque, pô, o café da manhã às vezes fica chato quando tem sempre a mesma coisa. E pra criança era isso... Eu me lembro que uma das minhas chateações quando criança era isso, né? Pô toda hora... Nescau e... Então, se tem essa variedade, ela anima. E eu considero o café da manhã uma refeição importante. Acho que tem que variar. Pode ser sanduichinho, biscoito, fruta... acho que tem que variar. Pra ela ficou melhor porque antes V. determinava. Eu já não. Acho que aquele lance de pai e filha, né, de querer mimar, assim, tem essas coisas... Tem preocupações minhas, que a V. não se preocuparia. Eu me preocupo. Então... é diferente, é diferente... pra ela... B. mesmo falou “ficou melhor, mas eu sinto falta da minha mãe”. V. parou de trabalhar quando teve ela. Ela tinha uma ótica e já tava pensando em ter filho... Eu brinco que a V. só faz o que ela quer. Ela casou quando ela quis, ela teve filho quando ela quis, determinou que só vai ter um filho mesmo. Eu queria ter outro, acho que a gente sufoca muito tendo um só. Uma decisão que a gente teve, da B. ser filha única, é de não cuidar dela como se fosse filha única. Não dar tudo... 3 mochilas... ela tem 3 mochilas pra ir pra escola... um exagero, um desperdício... a gente tem muita preocupação em relação a isso. Não vou dar 3 chocolates de uma vez só...tem que ser um só por dia, pra sentir isso... tem, mas tem que dar valor ao que tem. Aí a V. fechou a loja quando teve B. Quando foi voltar, aí teve um lance da cabeça dela mesmo. De não querer voltar, de não se adaptar... de não conseguir se encaixar no mercado. Isso foi prejudicial, porque foi um lance, assim, que eu não concordava e acho que foi uma experiência até negativa pra B. “Pô, minha mãe não trabalha... tranquilão... é normal não trabalhar”. Ficar dependente financeiramente em relação ao pai, ao marido... Hoje os casais mudam, né? Antigamente se separar era diferente. Hoje a gente vê na classe da B... assim... uma coisa normal, pais separados. Era diferente no meu tempo... se tivesse um ou dois... Hoje é uma coisa normal, de repente pode ser até a metade da turma, é uma coisa comum. Você vê isso até em amizade, né? Então... como é que fica? Vai ficar dependendo? Acho que isso pra B. não seria legal. Essa referência... Sobre a escola, acho que é muito importante. B. adora essa escola, ela chega aqui sete e meia da manhã. Cinco e meia da tarde, ela ainda tá curtindo. Ela adora a escola, só que ela gosta muito de fazer o que ela quer. A gente tenta orientar ela, tenta conduzir pra ela ver aquilo que ela pode fazer, a hora

que ela pode estar dispersa e naquilo que ela tem que ser mais concentrada. A escola é muito do “deixa que ela vai se encaixar. Cada um tem seu tempo”. Eu não concordo com isso. Cada um tem seu tempo, mas ela tem que saber o que tem que fazer. Hoje em dia... você tem tempo no trabalho. Às vezes você tem que fazer alguma coisa, fica muito sobrecarregado, mas tem que fazer. Se o patrão mandou fazer, tem que fazer, tem que executar. Se não executar, você é chamado atenção, ou tem até a própria perda do emprego. Tem que fazer... E mesmo que a realização do serviço for muito difícil, a realização dele pois dá uma animada... uma coisa interna, né? De você ter conseguido executar. Acho que o mesmo se aplica na escola. “Ah, mas é criancinha”. Tá, mas, pô... É criancinha, mas é de criancinha que tem que ir aprendendo. Pensamos em tirar ela da escola, mas a fono falou pra não tirar porque poderia ser um pouco traumático pra ela, poderia ser até difícil e as consequências poderiam ser até o contrário do que a gente tá querendo. E foi bom a gente não ter tirado porque ela adora a escola, as amiguinhas são muito legais e a gente tem contato com os pais também... são mais ou menos parecidos com a gente. Seria difícil pra ela se adaptar. E a gente teria mais trabalho pra ela se adaptar do que o trabalho que a gente tá tendo pra ela conseguir se equiparar a turma. Mas a gente bota a real mesmo nela. A gente fala claro o que que ela tem que fazer, o que ela não tem. As obrigações dela na escola e que o valor da escola é caro. A escola é cara e eu não sou maluco de rasgar dinheiro. Tem dias que eu falo assim bem claro, mesmo. Parece que eu tô falando com um garoto de 15 anos. Não tem “minha florzinha, filhinha...” É B... e com palavras sérias mesmo.

Entrevistadora –Pra fechar, o que é ser pai?

Ricardo – Ser pai é tentar fazer que elas sejam melhores que a gente, né? Eu tenho como modelo meu pai... fazer que elas desenvolvam mais do que a gente desenvolveu, que a gente possa conduzir dessa forma de ser uma pessoa melhor... e é importante isso... é uma responsabilidade muito grande, com certeza, eu vejo que tem gente que não tem essa preocupação. São mais ausentes e tem outros que são como a gente, que chegam junto mesmo, que querem ficar junto.